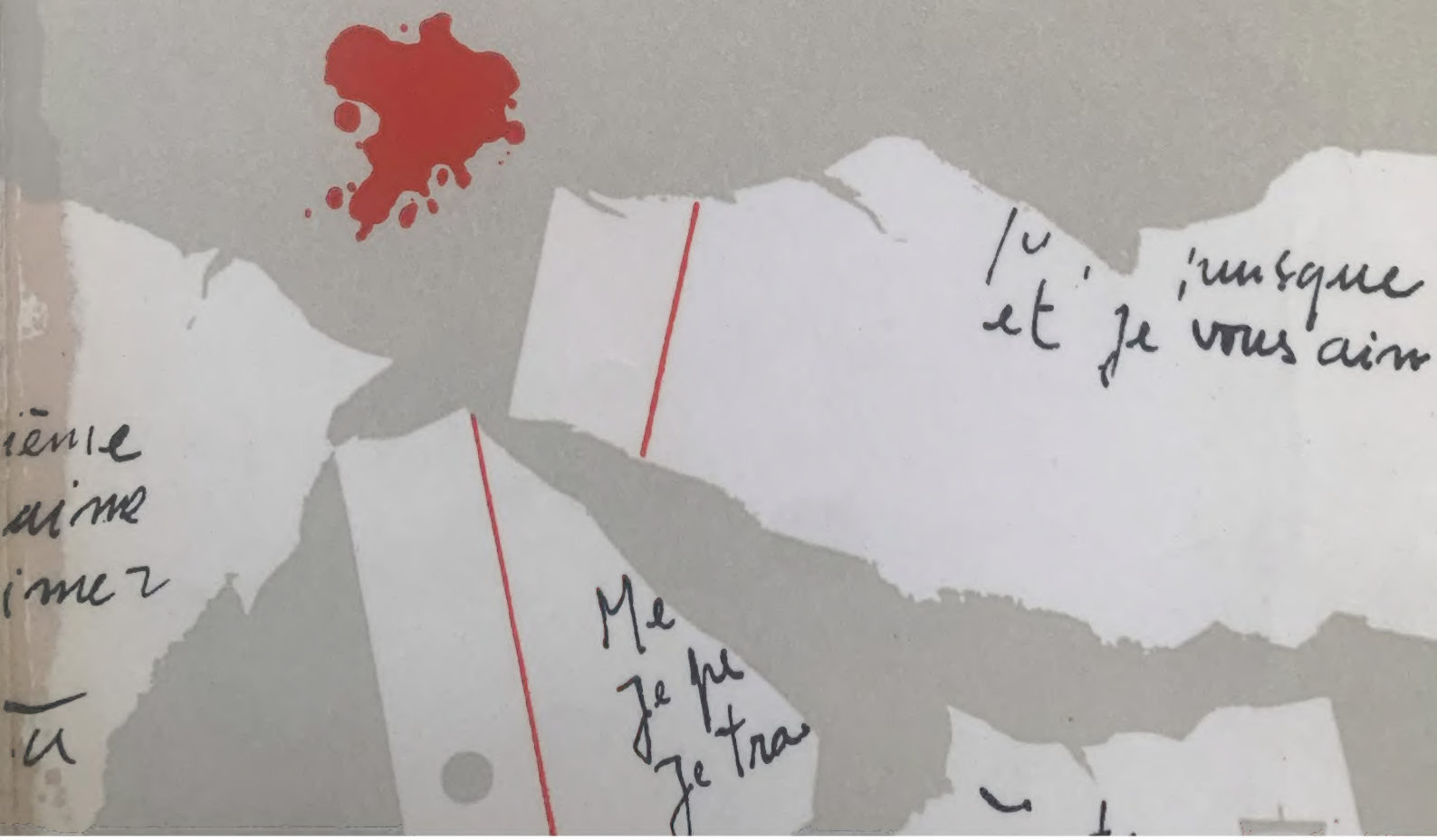
roger peyrefitte

# AS AMIZADES PARTICULARES



ROGER PEYREFITTE

# AS AMIZADES PARTICULARES

TRADUÇÃO DE
LIBERTO CRUZ

EDITORA ULISSEIA
LISBOA

Era a sua primeira cerimónia de despedida. Naquele momento, Georges já não estava muito seguro de a acabar com honra. Com o coração oprimido, apoiava-se na porta do automóvel que ia levar os pais. Sentiu chegarem-lhe as lágrimas aos olhos.

— Vamos — disse-lhe o pai —, aos catorze anos já se é um homem. O estudante Bonaparte não tinha ainda a tua idade quando, ao perguntar-lhe um professor de Brienne[1] quem ele julgava que era, respondeu:

«Um homem!»

Muito lhe importava saber que o estudante Bonaparte se tomasse por um homem! Quando viu desaparecer o carro na esquina da rua, pareceu-lhe que estava abandonado, sòzinho na terra. Mas nesse momento ouviu os gritos dos novos camaradas e a sua angústia acalmou-se como por magia. Queria passar, aos olhos daqueles endiabrados rapazes, por um papa-açorda? Ralava-se pouco de ser um homem, mas muito de ser um rapaz.

Entrou no colégio acompanhado pela religiosa que lhe tinham dado por vigilante. A animação que reinava em todos os lados acabou por o distrair. No primeiro andar

---

[1] Brienne — Le Château. Escola militar onde estudou Napoleão. *(N. do T.)*

tornou a ver as fotografias de grupos de alunos que decoravam as paredes do corredor. Mas que ideia tinha a boa irmã ao conduzi-lo à enfermaria? Ah! levava-o aos aposentos dela. Por cima da porta, que ela abriu, releu o letreiro que divertira os pais: «A irmã-enfermeira está: *Aqui. Ausente. Ocupada. Na capela. Na rouparia. Na cozinha*». A ficha indicadora marcava: *Ausente*.

— Restabeleça-se das primeiras emoções — disse a religiosa — e espere-me nesta sala. Eu própria vou tratar do seu enxoval. Repare, a palavra que eu marco é: *Rouparia*.

Georges sorriu por ela lhe falar como a uma criança. «Se ela me fotografasse, pensou, não deixaria de me dizer: *Olhe o passarinho*.» Tudo isto lhe restituíra inteiramente a confiança: tinha-se reencontrado.

Debruçado à janela, olhava o pátio interior. À esquerda ficavam a entrada do salão de festas e a sala de estudo, com as salas de aula atrás e o dormitório em cima. À direita, o pavilhão dos mais pequenos. Em frente, as duas portas da capela encimadas por uma cruz trabalhada; e, sob um alpendre, um grande sino cuja corda baloiçava. Por baixo da enfermaria estendia-se o refeitório donde se desembocava na grande escadaria que conduzia ao gabinete do Superior.

Este pátio, com árvores, ruas, a relva recentemente cortada e um tanque de conchas no centro do qual se erguia uma estátua do Menino Jesus, pretendia, sem dúvida, parecer-se com um jardim. As árvores mais importantes eram lilases e ciprestes e havia ainda as flores das finas dálias e das sécias. O buxo estava cortado de esguelha: algum padre em férias ocupara-se desse trabalho. Os repuxos que rodeavam a estátua eram muito modestos: os padres poupavam a pressão da água. Georges pensava no grande jardim da sua casa, com a fonte, o deus Termo, os maciços, os canteiros e a estufa ao fundo, muito aromática. O jardim do colégio, sobre o horizonte das aulas de estudo, era como o das «Raízes Gregas», de Lancelot:

deixava aos outros as «vãs cores» pois destinava-se apenas a tornar «as almas sabedoras».

As almas! Era, com efeito, para bem da sua, que Georges ali estava. O pai quisera completar-lhe, pelo internato, o que ele chamava a sua formação moral. Censurava-o por ser muito mimado em casa e ter um êxito demasiado fácil no liceu. Considerava, além disso, que um rapaz de boa família devia passar pelos reverendos padres, visto que o tempo dos preceptores tinha acabado. E Saint-Claude, que só recebia internos, parecera igualmente, naquela solidão montanhosa, o colégio ideal para o bem do corpo.

Os professores que se encontravam nas ruas, sorrindo a uns, cumprimentando outros, não tinham um ar terrível. Georges recordava-se das visitas que acabara de fazer ao Superior, ao ecónomo e ao prefeito, em companhia dos pais. O Superior, cujo nome era nobre, como o dele, tinha gestos compassados, uma eloquência pomposa e o olhar distante. Inclinava a alta figura, quando fazia perguntas. Perguntara a Georges em que igreja de M..., cidade donde o novo aluno era natural, fizera a sua primeira comunhão. Alegrara-se por ter sido na Catedral, onde tivera a felicidade de celebrar uma das suas primeiras missas. Recordações clássicas ligavam-no também àquela cidade: «À Faculdade, se não ao Liceu», dissera sorrindo; fora ali que preparara a sua licenciatura em Letras — fazia saber assim discretamente que era licenciado.

O ecónomo, não menos imponente, com a sua figura e a barba negra, assoara-se com grande estrondo; o lenço era enorme, como uma toalha, e dobrara-o exactamente pelos vincos. Assinara o recibo do trimestre, mantendo-se apenas inclinado; devia ter reumatismo.

Quanto ao prefeito, era ainda maior que o Superior e o ecónomo, sem dúvida a fim de melhor vigiar toda a gente. Fizera-o visitar a casa de alto a baixo. Tinha mostrado a Georges o seu lugar de estudo, na camarata. Apresentara-o às religiosas e encarregara a irmã-enfermeira de cuidar dele particularmente. Nos chuveiros — duche todos os sá-

bados — puxara a corrente de uma das cabinas para mostrar que era verdade; molhara a manga. Ao despedir-se dissera: «Entre nós, o vosso filho estará como em casa.» E tinha-lhe dado um exemplar do regulamento.

Georges tirou o canhenho da algibeira e leu na primeira página: *Regulamento Geral: Uma educação essencialmente cristã; sólida cultura do espírito e do coração constituem o duplo objectivo que se procura atingir. A preguiça inveterada, a insubordinação persistente, conversações, escritos, leituras ou acções reprovadas pela fé ou pelos costumes, são casos de expulsão.*

Desde o limiar, eis estes bons padres transformados em arautos de armas, oferecendo a paz ou a guerra. Seriam realmente tão guerreiros?

Georges percorreu os artigos respeitantes às notas, aos lugares, aos boletins, à correspondência, ao parlatório, às saídas. Deixou de lado os «Estatutos da Congregação» e examinou os «Estatutos da Academia». Nunca pensara ser membro de uma congregação, mas sonhava algumas vezes ser um escritor, membro da Academia Francesa. Não havia academia no liceu, e a de Saint-Claude permitia-lhe praticar. Para propor a sua candidatura, era preciso apresentar cinco temas de Francês com nota excepcional.

Em M..., Georges era o primeiro em Francês. Que valiam os alunos dos padres? Tinham, como ele, lido às escondidas todo o Anatole France? Todo? Para falar verdade, metade; as obras deste autor são numerosas e os títulos enfadonhos.

A página seguinte continha o «Regulamento dos dias úteis». Começavam bem cedo os dias úteis!

«5 h. e 30: Levantar.» Como é que se podia levantar tão cedo?

«6 horas: Meditação em estudo.»

Georges via-se já imóvel, a cabeça entre as mãos, ocupado a meditar — a meditar em quê?

«6 h. e 20: Missa.»

Tantas missas em perspectiva!

Georges nunca teria ouvido tantas.

«7 horas: Estudo.»

«7 h. e 30: Pequeno-almoço. Recreio.»

«8 horas: Aulas...» Recreio. Estudo. Almoço. Recreio. Aulas. Recreio. Aulas. Merenda. Estudo. Leitura espiritual. Deitar.

Que mistura! Mas o deitar logo a seguir ao jantar compensava, em suma, o despertar ao canto do galo. Em casa, Georges só se levantava às sete horas, mas não se deitava antes das dez ou onze horas da noite: o que vinha a dar no mesmo.

Isto quanto «aos dias úteis». Havia também o «Regulamento das quintas-feiras e domingos», que variava segundo as estações, reduzidas a duas: *a) Inverno; b) Verão.*

Via-se, mais adiante, o emprego do tempo em certos dias:

«Primeiro trimestre: Outubro:

«3. — Segunda-feira. — Dia de abertura das aulas: 19 horas, bênção do Santíssimo.»

Georges olhou o relógio: a bênção era dentro de vinte minutos.

«4. — Terça-feira. — Começo das aulas: composição francesa, retórica do sexto ano... Retiro do começo do ano.» O ano prometia com a composição francesa: uma boa ocasião de mostrar imediatamente quem era. Mas o que era este retiro, que ocupava quatro dias, com o seu regulamento particular: instruções, terços, conferências e bênçãos?

Novembro começava por esta indicação: «Visita aos cemitérios. Durante toda a oitava, missas pelo repouso da alma dos defuntos benfeitores.»

Em seguida:

«3. — Quinta-feira. — Saída mensal.»

Georges só voltava a ver os pais nesta data. Era preciso, dissera o Superior, deixar as crianças, tanto quanto possível, na sua atmosfera de estudo e de recolhimento.

Georges fechou o caderno de efemérides. Tanta disciplina não chegava sequer a assustá-lo. Todos aqueles ra-

pazes que acabara de ver deveriam obedecer-lhe como ele, e não pareciam de maneira nenhuma perturbados. Conheciam, sem dúvida, o meio de ir e vir através das regras, com a mesma desenvoltura que através do jardim. Agora que os pais tinham partido e não havia ali nenhum professor, vários alunos davam-se ares de querer oferecer ao regulamento um primeiro desafio; alguns fumadores, reunidos junto de uma árvore, atiravam baforadas de fumo para as ramadas. Um rapaz tinha cortado uma flor e um camarada mais velho procurava tirá-la empurrando-o para o buxo. Riam com prazer. Encostavam os rostos um ao outro e pareciam ter nisso prazer.

O aparecimento de um padre perturbou a festa: os fumadores esconderam o cigarro na palma da mão, enquanto os lutadores foram tranquilamente ao seu encontro.

Georges viu passar, exactamente por baixo da sua janela, a coroa branca do padre, entre os cabelos brilhantes dos dois companheiros.

Gostaria de lançar ali qualquer coisa, mesmo no meio, a fim de mostrar que tinha boa pontaria e que para um novato não lhe faltava audácia.

Estava inteiramente conquistado pelo colégio. Mas iria ele conquistá-lo por sua vez? Recapitulou as suas vantagens. Primeiro, era inteligente: eis um ponto incontestável. Tinha uma memória excelente, considerava-se capaz de falar do que quer que fosse, e pensava ter esclarecido todos os mistérios sobre os quais um rapaz da sua idade se podia interrogar. Depois, era tão lesto e vigoroso como qualquer outro, embora fosse pouco amante de jogos e de lutas. Enfim, achava-se belo. Um rapaz que se considerava belo! O vidro reflectia-lhe a imagem e recordava-se do retrato engraçado que as primas lhe traçavam no «Caderno de Confidências»:

*Georges de Sarre. Aspecto geral: bem desempenado. Rosto: oval, sem pretensões. Cabelos: castanhos claros, sempre perfumados com alfazema. Tez: mate com algumas manchas. Olhos: castanhos, tão depressa quentes como*

*frios. Boca: sentimental. Nariz: direito... E filho de um marquês.*

No vidro, Georges olhava também a sua figura, que o recomendaria seguramente mais do que a sua origem. Sobre a camisa azul de tecido Oxford, usava uma gravata de seda vermelha. Sorriu ao recordar-se que esta cor era, segundo as primas, a do amor. Estendeu as pernas para ver os sapatos novos, de um calfe especial, e as meias de losangos vermelhos e azuis. Quanto ao uniforme, correspondia o mais elegantemente possível a esta vaga indicação do prospecto respeitante ao enxoval: «Como vestuário, um fato completo de cheviote azul-marinho (calção ou calça).» Georges tinha querido uns calções, mas a mãe preferira as calças. Dizia ela que era mais próprio para um aluno do terceiro ano; e, afinal, as calças ficavam-lhe bem.

Um trangalhadanças atravessava orgulhosamente o pátio. Ia tocar o sino, chegara a hora da bênção. A este primeiro sinal da sua nova existência, Georges, apesar de tudo, sentiu de novo o coração oprimido. Este começo de aulas doravante consumado era diferente dos anos precedentes. O toque do sino acabava de destruir o passado.

Os últimos retardatários abandonavam o pátio. Tinham cessado todos os gritos. Georges perguntou a si próprio se se havia de juntar à turma, mas achou mais simples nada dizer. Era como se ele substituísse a irmã-enfermeira. Devia estar pronto a deitar os doentes nestas camas do fundo; mas não houve crises de desespero em ninguém, nem entre os alunos nem entre os pais, nem entre os professores. Todavia, Georges ficaria até ao fim para testemunhar que a entrada se tinha dado sem novidade.

À direita apareceu a fila dos pequenos, e a dos maiores à esquerda. Uns e outros penetravam na capela por uma porta diferente. Não eram os mesmos rostos de há pouco. Levavam já uma máscara. Alguns pais apressavam-se. O som do órgão elevava-se.

Georges tinha visto passar todo o colégio. Entre os rapazes, haveria alguns que seriam seus amigos. Censurava

o liceu por só lhe ter dado colegas e não duvidava que o internato fosse o reino da amizade. Estava certo de que neste mundo fechado nada se assemelharia ao que conhecera até agora. Lamentava ter ficado de parte tempo de mais; desejava encontrar-se já no meio dos outros.

A irmã tê-lo-ia esquecido? Teria caído no baú? Estaria na bênção do Santíssimo? Poderia dizer-se que a transmissão de pensamento fazia-a aparecer imediatamente. Acendeu a luz e entregou a Georges a toalha, o copo de metal e o talher; depois deixou-se cair numa cadeira.

— Ah! — disse ela. — Asseguro-lhe que não perdi o meu tempo. Mas fui interrompida muitas vezes na preparação das suas coisas. A propósito, reparo que faltou à bênção por minha causa, e eu faltei por sua causa. Diremos uma pequena oração em intenção um do outro.

«Depois de ter deixado o seu enxoval na rouparia, arrumei os fatos no armário do dormitório, na prateleira que tem o seu número. Não levei os livros para a sala de estudo por não saber qual é o seu lugar. Ficaram junto da mesa-de-cabeceira. Encontrará, no lugar que lhe indicarão, uma caixa com provisões para a merenda; conserve-a sempre fechada à chave, tal como o estojo de *toilette*: aqui não há ladrões mas há indiscretos.

Acentuava as pausas com um aceno de cabeça.

— Enfim — acrescentou —, puseram o seu baú e a mala no sótão, não sem lhe terem atado uma etiqueta, porque é preciso pensar em tudo, meu rapaz. É claro que fiz a sua cama, mas, como sabe, aqui passa-se sem criada de quarto. Aprenderá depressa, não há nada mais fácil. Nos primeiros dias farei uma inspecção para verificar se ficou mal feita.

As portas da capela abriram-se: tinha acabado a bênção. Os alunos atravessavam de novo o jardim a caminho do refeitório. Ao sair, a irmã deixou o aviso: *Na cozinha.* Georges seguiu-a pelos intermináveis corredores.

— Vai sentir-se bem em Saint-Claude — dizia-lhe. — Toda a gente gosta disto. Este Verão o Monsenhor passou

cá uma semana. Os seus colegas são excelentes rapazes e os professores muito sabedores e uns santos. Só tem de ser muito ajuizado e estudar bastante para dar prazer aos seus pais e a Deus.

Georges desceu as escadas. Ouvia aumentar o barulho do refeitório. Aproximava-se o momento em que se ia apresentar aos olhos de todos — qual dos companheiros reparara nele, num dia tão tumultuoso? Já não era um espectador. Entrava no espectáculo. Ràpidamente, arranjou o nó da gravata. Alisou os cabelos, embora não tivesse nenhum no ar. De manhã pusera muito fixador.

O refeitório, que vira de tarde, ganhara outro aspecto com aquelas cabeças de jovens que o enchiam e, nas extremidades, com o imponente grupo dos professores colocados sobre um estrado. Georges parou um momento, intimidado pelos olhares. Depois dirigiu-se ao enorme prefeito, que viu de pé ao fundo da sala. O Superior, que presidia sob o crucifixo, do lado da entrada, tê-lo-ia reconhecido? O prefeito, pelo menos, não o tinha esquecido e disse-lhe amàvelmente:

— Eis finalmente o nosso retardatário!

Conduziu-o ao lugar e apresentou-o aos colegas, deixando a estes o cuidado de se apresentarem eles próprios. Georges sentou-se. Admirado por não ver toalha, colocou cuidadosamente, sobre o mármore, os talheres de prata. Não lhe estenderam a mão e ele também não o fez. Os pratos tinham mossas; jarros de vinho, garrafas de água, um cesto com pão e uma terrina fumegante guarneciam a mesa. Georges foi arrancado das suas reflexões pelo vizinho da esquerda, que lhe pediu para repetir o nome pois não o percebera bem. O seu era Marc de Blajan.

Travaram um conhecimento mais amplo. Marc era de S..., cidade vizinha daquela onde Georges habitava. Tinham-nos posto juntos, talvez por causa disso, ou antes por causa da partícula. Mas Georges esperava que Blajan não fosse filho de marquês: por mais interessante que isso fosse teria depreciado o título. Tinha o nariz partido,

cabelos ralos e usava óculos ordinários; a saúde não parecia famosa; era magro, pálido. As férias quase não lhe tinham dado proveito; já tomava drogas — guardava, na gaveta, um frasco de farmácia e uma caixa de cápsulas. O contraste era completo com o vizinho da direita, que Georges acabava de conhecer: tratava-se do jovem brincalhão que colhera a flor e brincara no buxo. Respirava vida e força. Georges gostava do seu riso, dos olhos azuis, dos cabelos pretos, do ligeiro viveiro de sinais escuros que lhe avivavam o rosto.

Era assim Lucien Rouvère, tal como acabava de se apresentar.

Depois da sobremesa, um toque de campainha do Superior impôs o silêncio. No púlpito, colocado a meio, um aluno leu, de pé, o primeiro capítulo da *Imitação de Cristo*:

*...Trabalhai para separar o vosso coração das coisas visíveis; porque aqueles que seguem o apetite dos sentidos mancham a alma e perdem a graça de Deus.*

Em seguida todos se ergueram e voltaram para o Superior, que rezava a «acção de graças». Georges estava atrás de Rouvère. Via-lhe a nuca fresca que cheirava a loção.

O dormitório, tal como o refeitório, tinha um aspecto diferente do que vira durante o dia. Mas aqui era o silêncio que reinava, dando a essa assembleia de rapazes um carácter hierático. Georges sabia que teria sempre os mesmos vizinhos, segundo uma regra destinada, parecia, a facilitar a vigilância. A sua cama era a penúltima — a de Rouvère a última — ao fundo, à direita, encostada à parede, junto aos cacifos.

Foi ver as suas coisas ao número 25. A irmã havia posto uma cortina para as preservar do pó. Sabia fazer as coisas bem: sabia agradecer a generosa dádiva que tinha recebido. Os livros estavam cuidadosamente empilhados contra a espécie de cofre muito baixo que servia de mesa-de-cabeceira. Mas, segundo o que Marc dissera, os manuais do terceiro, que Georges já comprara, não lhe serviam de

nada: o programa, ali, era diferente. São assim as casas religiosas! Precisam sempre de se distinguir.

Alguns alunos, como Rouvère, a quem a reabertura das aulas não tirava o sangue-frio, deram um pouco de vida ao dormitório, indo lavar os dentes nos lavabos. A água das torneiras ressoava nas bacias de chapa. Georges começou a despir-se, vendo os outros fazerem o mesmo. Distinguia costas, troncos, braços nus, bronzeados uns, brancos outros. Vestiu o pijama. Alguns usavam uma simples camisa de noite; havia as duas escolas. Georges deslizou nos lençóis. Nunca se deitara no meio de tanta gente.

Rouvère voltara dos lavabos e despia-se. Em vez de se virar, tinha-se voltado, todo nu, para Georges. Enfiara as calças do pijama mas não conseguia pôr as pontas do cordão do mesmo tamanho. Por fim, de um salto, sentou-se na cama que prèviamente abrira. Com a cabeça graciosamente inclinada, roía as unhas. Georges lamentou que aquilo fosse, pelo que ouvira dizer, uma mania de criança viciosa. Ajoelharam-se todos sobre os respectivos edredões, enquanto o vigilante dizia, em voz alta, uma oração, cujas primeiras palavras eram: «O sono é a imagem da morte.»

A única luz que brilhava agora era a de uma lamparina. O padre, em passos silenciosos, passeou um pouco, depois eclipsou-se; o quarto dele era contíguo e a entrada dava para uma enorme passagem aberta no dormitório. Puxou a cortina duma janela interior, colocada por cima dos lavabos, mantendo assim os dorminhocos sob a sua vigilância. O seu desaparecimento deu início a um cochichar discreto. Começavam as conversas.

Que bons eram os lugares de Georges e dos vizinhos, afastados, à medida dos desejos, de ouvidos inimigos! Marc fez-lhe conhecer uma vantagem suplementar: o vigilante não poderia ouvi-los nem surpreendê-los, pois vê-lo-iam chegar — a porta, invisível para quase toda a gente, ficava na extremidade de uma diagonal que ia até às camas deles. Blajan traçou, no ar, a figura geométrica do dormitório. Em seguida perguntou:

— És bom aluno?

— Tive o primeiro prémio do curso, o ano passado — respondeu Georges.

— O prefeito foi amável em pôr-nos juntos — disse Marc, rindo. — Fui eu o laureado do quarto ano em Saint-Claude. Como vês, os padres sabem o que fazem. Estudam cuidadosamente os lugares: nós nunca copiaremos um pelo outro e além disso teremos sempre um estímulo. Vocês devem ser diabòlicamente bons no liceu, com os vossos professores agregados. Aqui será necessário que sejas da academia. É menos estúpido do que ser congregante. Eu sou académico há um ano e apresentar-te-ei se quiseres. Mas, embora seja muito praticante, recuso-me a entrar na Congregação: é o covil de todos os que têm razões para não se fazerem notados. Isso desgosta-me.

Georges ficou contente por Blajan ter acabado as suas histórias. Ansiava por ver se Rouvère estava acordado. O rapaz, no seu canto, só o tinha a ele para conversar. A luz da lamparina caía-lhe sobre o rosto; tinha os olhos fechados, mas abriu-os, como se tivesse sentido o olhar de Georges. «Boa noite», disse sorrindo e estendeu-lhe a mão; voltou-se para o outro lado, com a cabeça meio enterrada nos lençóis. Georges não costumava deitar-se tão cedo. Não conseguia adormecer. Pensava na reabertura das aulas e nos dois vizinhos: Blajan, um mundo que era já o seu, e um laureado. Orgulhava-se mais da escolha do prefeito no que dizia respeito a Rouvère. Fora, de todos os colegas, o primeiro a quem apertara a mão. Este sinal do destino correspondia à sua escolha. Diria a Lucien que não se impacientasse porque podia originar a apendicite.

Pensou depois noutra coisa: na véspera, à noite, a mãe fora beijá-lo à cama. Dissera-lhe: «Amanhã, o meu querido Georges estará longe.»

Como ela estava realmente longe! Mas as férias, o liceu, a casa, pareciam a Georges ainda mais distantes.

Via o seu quarto enorme, com o tapete espesso em que fazia ginástica, o cadeirão donde o gato persa lhe seguia

os exercícios, com um olhar cheio de indiferença, a estante dos livros — mas eram os da biblioteca paterna que lia à noite —; as duas gravuras inglesas: *O rapaz de azul* e *O rapaz de vermelho*, que ornamentavam a cama; o relógio pequeno, que evocava o século em que teria sido, não estudante, mas pajem do rei, como aquele jovem cavaleiro de Sarre cujo retrato se podia observar no salão.

Teria acreditado, alguma vez, que o colégio desligá-lo-ia tão depressa de tudo isso? Já não tinha saudades, a partir daquela noite, do conforto e do luxo, tal como não sentiria saudades da sua bicicleta. Segundo as palavras do prefeito, ali é que era a sua casa.

Sonhava. Sonhava com um sino... Era o sino da catedral de M... ou o sino da igreja da aldeia durante as férias, talvez o sino do palacete à hora das refeições, ou talvez apenas fosse o despertador. Sùbitamente, Georges sentiu-se sacudido pelos ombros. Sem compreender o que lhe acontecia, viu o rosto dum padre por cima do seu e percebeu que lhe diziam: «Vamos, vamos, de pé!»

Ainda muito espantado, ajoelhou-se para ouvir a oração: «Oh meu Deus, é pelo efeito da Vossa vontade que eu torno a ver a luz...» Blajan fazia-lhe um sinal amigo. Georges lançou um olhar a Lucien que lhe sorriu. Saltou da cama, calçou as pantufas, despejou os bolsos do fato azul, escovou-o ràpidamente — tinha princípios — e arrumou-o no armário. Escolheu um fato à golfe e dirigiu-se para os lavabos.

Todos os lugares estavam ocupados. Esperou. Cada um dos colegas tinha uma maneira própria de se lavar. Este molhava-se pouco, furtivamente; aquele ensaboava a cabeça debaixo da torneira, parecendo um bolo armado, todo coberto de espuma; outro esfregava a cara, como se quisesse arrancar-lhe a pele; um outro, pelo contrário, parecia modelá-la delicadamente.

Georges terminara finalmente. Estendeu a toalha na barra da cama e, depois de humedecer os cabelos com loção, pôs o espelho sobre o edredão para se pentear.

Via Lucien Rouvère. Este vestia-se, como se despira, com um soberano desprezo pelas conveniências. Georges procurou ver onde se encontrava o vigilante; estava lá muito ao fundo. Rouvère sabia-o bem, com certeza. No fim de contas, que havia de mais natural que não desse atenção ao vizinho? Eram rapazes: Georges acabaria também por não fazer caso disso.

Na aula só teve de seguir Blajan para saber qual era a sua carteira, no meio da sala, ficando Rouvère à esquerda, mas ainda no fim da fila.

Entre os mais velhos, era o próprio Superior quem dirigia esta «meditação» consagrada geralmente ao santo do dia. Nessa manhã fez apenas uma curta alocução familiar. Depois de desejar as boas-vindas aos seus auditores, lembrou os deveres que tinham para com Deus e eles próprios, para com os professores, os pais e os colegas. Convidou-os a assistir com fervor à missa que se iria celebrar — a primeira do ano escolar, a missa do Espírito Santo. Anunciou que o retiro, que começaria naquela tarde, seria pregado por um eminente padre dominicano, e exprimiu o desejo de que cada um tirasse todo o proveito desejável. Falou dos cadernos de retiro que deviam ser entregues aos professores.

Georges examinava os companheiros colocados diante dele, sem dúvida alunos do quarto — a turma começava nesse ano — com os maiores ao fundo. Vistas de trás, as cabeças divertiam-no. Ele, que tinha horror aos números, pôs-se a contar: enumerou as ovais e as redondas, as pequenas, as médias e as grandes. Ordenou-as por cores. Calculou quantas usavam risco à direita e quantas à esquerda, ou os que penteavam os cabelos para trás como ele. Uma delas, que era morena, tinha um remoinho branco; outra, castanha, arvorava madeixas loiras. Georges nunca reparara nisso entre os colegas do liceu.

Sentia-se mais perto destes rapazes vendo-os escutar, no silêncio religioso, propósitos que deviam deixá-los tão indiferentes como ele e fazer-lhes apreciar melhor os seus interesses comuns.

Na capela, os mais crescidos ocupavam a direita do coro, no transepto, em frente da turma dos pequenos. Georges encontrou-se colocado na sexta fila. Admirava a bela figura do Superior na sua casula vermelha. Só o altar-mor tinha o privilégio da campainha e da matraca, assim como o da capa para os acólitos. Nos altares laterais, situados uns nas tribunas, outros nas absides, alguns professores diziam missa, cada um ajudado por um aluno. Tantas missas encarnadas por todos os lados! O colégio começava na cor do amor. À entrada da nave, os meninos do coro, agrupados à volta do órgão, preparavam-se para cantar. De repente, o padre que os dirigia começou a marcar majestosamente o compasso, como se o coro inteiro se fosse fazer ouvir, mas foi um solista que entoou, suavemente, estas palavras estranhas:

*Vem, Espírito do Amor,*
*Desce hoje na minha alma.*
*Vem, Espírito do Amor,*
*Vem: ela pertence-te para sempre.*

O coro respondeu e toda a gente continuou, o melhor que pôde, enquanto o regente se esforçava por marcar o compasso, tanto para a nave como para o transepto.

Houve muitas comunhões. Georges tinha ficado quase sòzinho no banco. Punha bem à vista o rosário de contas azuis, desejando mostrar que ao menos rezava, uma vez que não comungava. Rouvère e Blajan aproximaram-se da mesa do comunhão. Sem dúvida tinham-se confessado antes da reabertura das aulas, a fim de poderem comungar nessa manhã. Mas enquanto Blajan seguira o ofício divino com atenção, Rouvère não se incomodava muito, cantarolando até em vez de responder. A sua piedade era alegre. Em

todo o caso, Georges mandaria vir uma almofada (como tinha o Lucien), a fim de se ajoelhar còmodamente. Hoje não havia aula depois da missa. Foram direitos ao refeitório para tomar o pequeno-almoço. O café com leite já estava deitado nos púcaros de alumínio. Georges pensou, um tanto saudoso, no chocolate que bebia em casa ao acordar, gordurento, espumoso e cheio de baunilha, tão pesado na frágil chávena chinesa. Achou igualmente desenxabido o pão mole, ao recordar-se das torradas com manteiga. Mas estes últimos desgostos não duraram mais que os da véspera à noite.

No recreio, o regulamento que o obrigava a brincar não funcionava naquela manhã. Marc fazia a Georges as honras dos lugares: aquela parte do pátio era reservada aos alunos mais adiantados. Lá em baixo ficava a quinta do colégio, perto do rio de que se ouvia o eco. Na Primavera, as amoreiras alimentavam com as suas folhas os bichos-da-seda do velho professor de História, célebre igualmente pelo seu rato branco. Em seguida, a torneira da água potável, a parede para a pelota basca, o campo de futebol. Aquela janela era a do quarto do padre Lauzon, director da Congregação e professor de Matemática; as outras eram do dormitório. Pela rampa passava-se do pátio para a esplanada da estufa, por debaixo da qual estava anichada, numa gruta, a imagem de Saint-Claude.

Lucien Rouvère e o rapaz com quem brincava na véspera passeavam lado a lado.

Estavam agora na aula. Georges dera uma volta pelos seus domínios. O professor — Francês-Latim-Grego — era seco, calvo, por alcunha o «Tatu». Dirigiu algumas palavras amáveis aos alunos, não sem um pouco de ironia ao avistar dois ou três repetentes; depois, observando as caras novas, fez, pela pauta, a chamada dos nomes: vinte no total. Teve para Georges uma referência muito elogiosa e felicitou-o por ter vindo para o ensino cristão.

Em seguida, indicou a relação dos livros clássicos que deviam requisitar no economato e indicou a página e o

número duma versão latina para a tarde. Por fim, leu o assunto da composição francesa: «Um torneio no tempo de Francisco I.» Nada melhor: isso permitia a Georges de Sarre e a Marc de Blajan defrontarem-se cavalheirescamente.

— Não gosto de Francisco I — disse Marc. — Só gosto de Luís XIV.

Georges teve antecipadamente a impressão de ser o vencedor do torneio.

Durante o estudo que se seguiu ao curto recreio das dez horas, redigiram-se as listas de suplementos e de confissões. Listas de confissões? Estava-se no reinado de Luís XV, no tempo da bula *Unigenitus*, e de *essas listas tão famosas / Que os mortos levavam consigo para os infernos.*

Georges ocupou-se primeiro dos suplementos. Escreveu: «Carne à noite. Lições de piano.» Rouvère pedira exactamente as mesmas coisas. Blajan — Georges já o sabia — não queria nenhum suplemento, por princípio ou economia, e troçara dos mimados que precisam de pratos especiais e de música. Só tomava remédios.

Georges olhou o nome que Marc escrevera na lista e verificou que era o do padre Lauzon. Recordou-se de lhe ter ouvido dizer que o padre era, como ele, de S...

Mas essa não foi a razão que decidiu Marc: um director de congregação, ainda por cima professor de Matemática, não lhe agradava nada. Por outro lado, as ciências não eram o seu forte e além disso parecia-lhe incómodo ter por confessor um dos mestres.

À falta de melhor, ia-se recomendar aos bons cuidados do ecónomo, quando lançou o olhar sobre o nome que Rouvère escrevera. O quê! Rouvère escolhera o mesmo confessor que Blajan! Georges escreveu imediatamente seguindo a fórmula: «G. de Sarre deseja ser penitente do padre Lauzon.» Blajan, a quem mostrou a lista, imaginou certamente ter-lhe inspirado a escolha.

A quatro e quatro, os alunos dirigiram-se ao economato. Alguns, no regresso, olhavam com ar aterrorizado os livros

empilhados sobre as carteiras. Outros, folheavam-nos com respeito, evitando estragar a lombada e em seguida escreviam o nome ao alto da página branca.

Como não tinham trabalhos a fazer, o vigilante deu autorização para escreverem uma pequena carta aos pais: era uma excepção. A correspondência só era permitida ao domingo. Lucien, terminada a carta, apontou uma quantidade de coisas numa agenda de bolso. Sorria às frases, bem protegido atrás dos dicionários. Sabia sempre esconder-se do vigilante.

Hoje, Georges podia ver como começavam as principais refeições no colégio. Depois do Benedicite, o Superior pronunciou as palavras: «*Deo Gratias*», que foi o sinal para o começo das conversações — davam-se graças a Deus pelo dom da fala. O aluno que estava no púlpito desceu, visto não haver leitura. Junto do Superior encontrava-se o pregador anunciado, cujo hábito branco e a cabeça rapada atraíam muitos olhares; mas um toque de sineta pôs fim a esta curiosidade.

Georges não sabia que Blajan era chefe de mesa. Ontem à noite jantara-se sem cerimónia. Hoje, a refeição era cerimoniosa. Blajan, não sem orgulho, distribuiu os bocados de omoleta.

Rouvère falava das férias: tinha acampado na serra, nadado nos lagos e tornara-se famoso no ténis.

Houve duas sobremesas: maçãs e amêndoas. Eram gentilezas do primeiro dia como o passeio de há pouco. Depois o mesmo aluno subiu ao púlpito e fez uma leitura do Martirológio, seguindo o rito do meio-dia:

*No quarto dia de Outubro em Assis, na Umbria, o nascimento para o Céu de S. Francisco, confessor, fundador da Ordem dos Irmãos Menores de que S. Boaventura escreveu a vida cheia de acções santas e de milagres...*

*No Egipto, os santos mártires Marco e Marciano, irmãos duma multidão quase inumerável de outros mártires de um e outro sexo, e de todas as idades, que foram queimados, uns depois de terem suportado os chicotes ou*

*outras torturas horríveis, outros lançados ao mar, alguns decapitados, vários morrendo à fome, uns tantos pregados nas forcas, outros suspensos no ar com a cabeça para baixo e os pés para cima...*

*Em Alexandria, os santos e diáconos Caio, Fausto, Eusébio, Cheremon, Lúcio e seus companheiros...*

*Em Bolonha, S. Petrónio, bispo e confessor...*

Os pormenores pavorosos e os nomes extravagantes que faziam hesitar o leitor, provocavam um sorriso discreto entre muitos rapazes. Nestes registos de memórias, Georges encontrava, ao menos, dois vizinhos: Marco e Lúcio. Lucien agradava-lhe em Lúcio. Lucien Rouvère! Lúcio Vérus! Era um imperador. Podia-se requestá-lo um pouco sem se aviltar. Marco lembrava um herói de *Quo Vadis*! Havia também, na lista do dia, S. Petrónio. Não era o Petrónio do romance, que morrera coroado de rosas depois de ter aberto as veias. S. Petrónio devia ter morrido de outra maneira.

A caminho do passeio. Depois de terem atravessado o lugarejo próximo do colégio, dirigiram-se para a montanha. Ao passarem por uns castanheiros, alguns alunos baixaram-se e apanharam os ouriços entreabertos que juncavam o caminho, mas era preciso, primeiro, não se picarem e em seguida agir depressa porque o vigilante fazia respeitar o bem alheio.

Logo que chegaram a uma meseta, organizaram-se diversos jogos de futebol. Georges e Marc, que tinham pouco interesse por este desporto, contentaram-se com o papel de espectadores. Aqui, o regulamento não era imperioso.

Lucien fazia proezas na equipa da sua turma. O guarda-redes adversário era o rapaz que tanto se interessava por Lucien; Georges levou Blajan para o outro lado do campo.

Que idade podia ter aquele rapaz? Dezasseis anos, pouco mais ou menos. Era muito elegante, corajoso, tinha o rosto alegre e como que uma chama nos olhos. Jogava bem: com uma bela defesa, acabava de apanhar a bola, deitando-

-se ao chão. «Bravo, Ferron! Bravo, André!» — gritaram-lhe os camaradas.

Tinha esfolado o cotovelo.

— E logo — disse — deixei o lenço no casaco.

Georges tirou o seu da algibeira e avançou para lho estender.

— Oh! obrigado! — agradeceu André. — Queres ser tu a dar-lhe o nó?

Depois acrescentou:

— Estás no terceiro [1], não estás? És ao lado de Rouvère.

Os jogadores aproximavam-se. Georges voltou para junto de Blajan.

— Este Ferron — observou — é simpático.

— São todos simpáticos — respondeu Marc de um modo estranho.

Georges perguntou-lhe o que queria dar a entender.

— Sabes — retorquiu Marc após um momento de reflexão —, há duas espécies de colegas em Saint-Claude, como aliás em toda a parte. Mas os maus são, certamente, os mais numerosos. Terás de escolher entre uns e outros.

— A que chamas tu maus colegas?

— Claro que não são os que fazem batota nos jogos. Chamo bons aos puros e maus aos impuros.

— Se compreendi bem, Ferron pertence à segunda categoria.

— Precisamente. Conheço há muito tempo este estupendo Ferron. Já o vi a manobrar no primeiro ano, onde fazia um proselitismo de uma certa maneira. Do ano passado para cá parece, contudo, ter-se acalmado um pouco, pois nunca mais lhe conheci qualquer favorito. Talvez se tenha tornado discreto.

Estas confidências, que Marc fazia acompanhar de um pequeno sorriso, encheram Georges de tristeza. Lucien já não podia ser o amigo desejado. O lugar estava ocupado e Georges sabia por que espécie de amigo.

---

[1] Terceiro ano (quarto do liceu, em Portugal). *(N. do T.)*

— Muitas vezes tenho perguntado isto a mim mesmo — disse Marc —: Como é que os rapazes impuros podem ter a saúde necessária para fazer os seus estudos? Mas um dia devem cair bruscamente.

Quando regressavam ao colégio, Georges apalpava dentro do bolso o lenço amarrotado que Ferron lhe devolvera. Punha a ponta do dedo sobre o coágulo de sangue que a esfoladela fizera. Detestava aquele sangue. Amanhã mudaria de lenço.

Lucien ia duas filas à frente dele. Como o andar era ligeiro! Dir-se-ia que caminhava nas pontas dos pés. Não tinha o aspecto de quem vai cair, nem mesmo de quem vai apanhar a bola. E o pobre Marc que já se queixava de cansaço, que deitava os bofes pela boca! As suas palavras a respeito de André seriam de facto justificadas? Falava assim, possìvelmente, por ciúme dos rapazes saudáveis. E quem sabe? Talvez as suposições de Georges não fossem mais exactas. Talvez Lucien ainda não estivesse sob a alçada de André. Não era necessário renunciar tão depressa à conquista. Este dia era apenas o seguinte ao da entrada.

No estudo da noite, Georges, antes de começar a trabalhar, voltou-se para ver onde ficava sentado Ferron. O rival estava longe. Podia-se trabalhar em paz. Tratava-se de traduzir o texto latino indicado pelo Tatu: «O tempo não pode fazer esquecer a Pátria.» Ao passar o trecho, lembrou-se de que Marc lhe dissera, momentos antes, que se devia pôr, ao alto, à esquerda, as iniciais: *J. M. J.* (Jesus, Maria, José) e ao meio uma pequena cruz. Não inscrevera nada de semelhante no seu trabalho: seria um pouco forte se isso lhe fazia perder pontos, tanto mais que Marc, depois de ter lido o seu rascunho, lhe entregara humildemente as armas.

Ao primeiro toque de sineta, um aluno de cada ano levantou-se para receber os pontos e entregá-los ao vigilante. Georges divertia-se com estes pequenos cargos de que os titulares pareciam tão orgulhosos. Passava em

revista todos os que já vira: o de recolher os bilhetes no começo do estudo, o de ser chefe de mesa, o de ler no refeitório, o de distribuir o pão da merenda, o de tocar a sineta, o de encher os tinteiros das carteiras, o de se ocupar da biblioteca, o de marchar à frente da formatura. Provàvelmente estes privilégios eram disputados como, no Antigo Regime, os de inspectores de maré, de fiscais de cemitérios ou de avaliadores de feno.

O retiro começava na aula de estudos dos mais pequenos. Estes tinham sido reunidos nos primeiros bancos a fim de darem lugar aos mais velhos. Alguns voltaram-se, mas o prefeito, com um estalido de dedos, chamou-os à ordem.

O dominicano, de pé, no púlpito, com as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos erguidos para o céu, parecia em êxtase.

Algumas cadeiras, à volta do estrado, eram reservadas ao Superior e aos prefeitos de cada ano. Os professores ocupavam os bancos ao longo da sala. Houve um certo barulho na instalação dos mais velhos. Por fim, terminada a oração, toda a gente se sentou. Georges não perdera os dois vizinhos regulamentares, mas verificou que André se encontrava do outro lado de Lucien.

O pregador começou por citar versos, num tom patético:

*Crianças de loiras cabeças*
*Vós cuja alma é um incensório...*

Pediu aos rapazes que o escutavam para recordarem sempre «estas palavras dum poeta cristão», aplicáveis, sem dúvida, tanto aos morenos como aos loiros.

— Que o colégio — gritou — se pareça todo o ano com um grande incensório. Sede dignos da graça passageira espalhada nos vossos rostos, mais dignos ainda da graça de Deus que se derrama nos corações. Sede dignos também, de algum modo, dos grandes exemplos fornecidos à vossa juventude pela história religiosa. É muitas vezes na in-

fância que brilha a grande virtude, como nos provam S. Francisco de Paula que, aos catorze anos, se fez eremita, e tantos outros de que terei ocasião de vos falar durante as conferências. Quero inscrever, a partir desta tarde, no frontão da vossa sala de estudo, os nomes mais gloriosos de todos os jovens, os nomes dos que, com a vossa mesma idade, não recusaram a Deus a oferta do seu sangue: São Justino de Auxerre, morto pela fé aos nove anos; S. Cirilo de Cesareia, aos dez anos; S. Mammés de Cappadoce, martirizado pela primeira vez aos doze anos; S. Justo de Alcala e S. Guido, aos treze; S. Pancrácio, aos catorze; S. Agapito e S. Venant, aos quinze; S. Donaciano e S. Rogaciano, na flor da adolescência. Vós, para quem nada é difícil, não tereis pois a coragem de, nesta casa, ser muito simplesmente jovens cristãos? Se vos mostrei primeiro os cumes, devo assinalar-vos agora os abismos. A criança, esse adorno do mundo, pode, ai de mim!, conhecer a torpeza do pecado. Há crianças iluminadas, mas há-as também de perdição: a fronte destas crianças transviadas não fica menos luminosa, mas a sua alma está mergulhada na noite. Um dia, quando S. Gregório o Grande atravessava o mercado de Roma, viu uns jovens de extraordinária beleza postos à venda como escravos, porque, no século VI, a escravatura ainda não fora abolida. Perguntou donde eram. Ouvindo dizer que eram ingleses, isto é, da Inglaterra, que não recebera ainda a fé, respondeu: «Dizei antes dos anjos, se não estivessem sob o domínio do demónio.» Meus filhos, nunca o esqueçam, os demónios tomam algumas vezes os rostos dos anjos e, aliás, que são eles senão anjos caídos?

«Para continuardes puros como o sois, ou para sê-lo, se por infelicidade já não o fôsseis, deveis velar e rezar, seguindo a vontade d'Aquele que se chamou a si próprio O Filho do Homem. Rezai, é a oração que nos salva. Velai, porque o inimigo espreita-vos. Vigiai as vossas amizades que podem ser o inimigo. Que nunca sejam destas amizades particulares que cultivam ùnicamente a sensibilidade;

porque, como disse Bourladove, a sensibilidade transforma-se fàcilmente em sensualidade. Que sejam amizades públicas e amizades da alma. Sereis então como as piedosas crianças que S. Benedito tinha junto de si em Subíaco, a quem chamava a sua escola, «a escola da vida». Dois rapazes de famílias patrícias e unidas pela amizade, tinham-se tornado os seus discípulos preferidos: chamavam-se Mauro e Plácido, e foram colocados pela Igreja no número dos santos. Plácido, então com uma quinzena de anos, tirava água do lago de Subíaco, quando perdeu o equilíbrio, caiu e o vento arrastou-o para longe da margem. S. Benedito foi advertido na cela por uma voz interior: «Corre depressa, disse a Mauro, o rapaz acaba de cair à água.» Mauro lançou-se ao lago com uma fé milagrosa: as águas trouxeram-no e ele salvou o amigo.

«Amanhã, cinco de Outubro, é a festa de S. Plácido. Começai o vosso ano escolar sob a protecção deste santo. Pedi-lhe santas amizades que vos salvem dos perigos. Pedi-lhe, sobretudo, para merecerem, como ele, o Amigo Supremo, que vos recompensará eternamente no Céu e a quem podeis dizer da terra as palavras da *Imitação*, unindo-vos à Sua divindade pela Eucaristia: «Tu és verdadeiramente o meu Bem-Amado...»

Georges ouvia estas palavras que se lhe gravavam na memória insensível e no entanto o pensamento não se demorara nelas. Tinha-se distraído por causa de Blajan, que escrevera, num bocado de papel, os nomes dos santos e as idades. Pensava em André Ferron, que escutava tranquilamente, perto de Lucien, a condenação das amizades particulares.

Foram à bênção do Santíssimo. Ontem, enquanto se celebrava este ofício, Georges só conhecia o regulamento do colégio, e hoje já sabia demasiado sobre o que existia fora do regulamento. O Superior, na sua cadeira de coro, cantava. O mestre-de-capela agitava-se mais do que nunca. Blajan segurava o livro com ambas as mãos. O de Lucien, pelo contrário, repousava em cima da almofada.

No refeitório, Georges notou que Ferron se sentava a uma mesa em frente, o que lhe permitia deitar, de tempos a tempos, uma olhadela a Lucien. Como é que Blajan não notava todas estas manobras? Sem dúvida porque fazia um caso excessivo da prudência de André e porque não se interessava absolutamente nada com Lucien.

Só faltava a Georges fixar o lugar do seu concorrente no dormitório. Ali, ao menos, sentiu-se ainda mais tranquilo que no estudo — o rapaz estava exactamente na outra ponta.

Logo que o vigilante desapareceu, Georges sentiu cair alguma coisa sobre o travesseiro: era um chocolate que o companheiro da direita acabava de lhe atirar. Agradeceu a Lucien e, voltando-se para ele, pôs-se a trincar lentamente os quadradinhos de avelã.

— É muito bom — disse.

— Tenho um fornecimento. Comeremos todas as noites.

Estas palavras «todas as noites» foram para Georges mais deliciosas que os quadrados de avelã. Dir-se-ia que Lucien reconhecia já os seus direitos sobre ele.

— De que mês és tu? — perguntou.

— De Julho. Nasci a 16 de Julho. E tu?

— A 6 de Novembro. Quatro meses menos dez dias, é a mesma coisa.

Georges começara a rir.

— Nunca fizeram o teu horóscopo, o teu tema natal, a ti que dizem seres tão forte em composição? — interrompeu Lucien.

— Não. Eis um ponto em que sei menos do que tu.

— Tenho um tio que se ocupa de astrologia. Disse-me que no dia do meu nascimento, o Sol estava no Escorpião, a minha Vénus bem exposta e a Lua em 10, como a de Joana d'Arc.

— Os meus cumprimentos. Dir-me-ás outro dia o que isso significa. Já não me admiro que jogues tão bem o futebol. Os teus planetas fizeram maravilhas esta tarde.

— Diverti-me bastante.

— Na equipa dos mais velhos há também bons jogadores, especialmente Ferron.

— Sim, é verdade.

— Não era junto dele que estavas ontem no pátio interior, esta manhã no recreio, e à noite durante a conferência?

— Sim senhor! Farias sucesso na Polícia.

— Eu observo mas não denuncio.

— Felizmente! Em Saint-Claude não se gosta de denunciantes.

— Que mal pode haver que te vejam com Ferron?

— Nenhum, mas nós preferimos não ser notados.

— Espantas-me realmente. Aqui é preciso esconder as amizades? Em todo o caso, sobre estas questões e sobre algumas outras, não tenho as mesmas ideias que o nosso pregador. Hás-de ver, aliás, que sou discreto.

Lucien pareceu reflectir um pouco, como Blajan fizera antes de falar nos maus companheiros; a seguir inclinou-se para falar mais de perto.

— Ouve — disse. — Tenho confiança em ti e embora só te conheça desde ontem vou contar-te tudo. Serás o único a quem terei contado. Aliás, fica decidido, queres? Não há segredos entre nós, e fora de nós continua o segredo.

Mais solenemente que na véspera, estendeu-lhe a mão: o pacto estava selado. Recomeçou muito baixo:

— André Ferron é meu amigo. Misturámos o nosso sangue o ano passado: faz-se um pequeno golpe no braço, e cada um engole as gotas que correm no braço do outro. Depois disto, fica-se unido para a vida e para a morte.

«A cama de André era em frente da minha, na fila do meio, ali onde está hoje esse idiota. À noite vinha falar comigo. Era o nosso momento bom. Agora, que mudaram os lugares, ser-lhe-ia necessário atravessar de gatas todo o dormitório; não é possível. No recreio evitamos cuidadosamente que nos vejam juntos; ontem e hoje foi uma excepção. Também não negligenciamos nenhum dos salvo-

-condutos em vigor: somos da congregação, comungamos todas as manhãs, etc.

«O nosso triunfo foi durante as férias: André arranjara as coisas de maneira a fazer que os pais escolhessem a estância onde eu passaria o mês de Agosto com os meus. Fingimos termo-nos encontrado por acaso. As nossas famílias travaram conhecimento e exortaram-nos a não nos deixarmos mais: vê tu, colegas do colégio e filhos de Maria! André deu-me algumas explicações: em oito dias concluímos apressadamente os meus trabalhos de férias — Grego, Latim... Ensinou-me a jogar o ténis. Fizemos magníficas excursões — a mais bela foi numa noite passada ao relento na montanha.

«André é poeta, dedica-me versos, hei-de dar-tos a ler; passo-os para um caderninho onde aponto também as minhas recordações de férias, as impressões e resoluções. É o meu verdadeiro caderno de retiro.

Lucien não ocultara nada a Georges. Tinha entrado às mil maravilhas no coração do novo amigo. Georges não odiava André mais do que anteriormente e não desejava senão ser o amigo único de Lucien.

Na meditação, o Superior congratulou-se pelo grande número de comunhões que haviam assinalado a missa do Espírito Santo.

— Vejo nisto — disse — a prova consoladora de que a maior parte de vós passou umas boas férias, verdadeiramente dignas deste nome, e que não perderam o hábito das obrigações religiosas. Espero que os outros não tardem, para seu próprio bem, a imitá-los. A Eucaristia deve ser o orvalho quotidiano das vossas almas jovens.

Outra missa de vermelho. Georges folheou o grosso missal que Marc lhe fora buscar ao economato. Tinha muito perto de duas mil páginas de papel-bíblia: «Temporal, Santoral» (que termos, Senhor!); sobre cada festa

uma noção histórica; o comum dos santos de diversas categorias; orações numeradas para todos os casos; vinhetas piedosas, o mapa da Galileia, o das viagens de S. Paulo...

No momento da comunhão, Georges envergonhou-se por ficar absolutamente só, sobretudo nos seis primeiros bancos. Entre os miúdos que se dirigiam para a comunhão juntamente com os maiores, havia bastantes abstenções, enquanto estes últimos comungavam em massa. Georges tinha a impressão de se distinguir. Parecia-lhe que o vigilante o contemplava com um olhar suspeito. Não podia suportar aquilo. Era preciso seguir os costumes da casa.

Embora a confissão estivesse fixada, em princípio, aos sábados, Georges iria procurar hoje mesmo o confessor. Os faltosos da manhã do dia anterior deviam ter ido à tarde, durante o estudo, lavar-se dos pecados. Era isso, provàvelmente, que lhes permitira responder tão depressa aos incitamentos do Superior.

Georges lembrava-se, sem dúvida alguma, da conversa da noite passada, mas custava-lhe ver em todos aqueles rapazes antagonistas de Lucien. Inclinava-se até a pensar que este tinha exagerado por conta própria, enquanto Blajan fizera o mesmo em relação aos outros. Na penumbra do dormitório — e, em parte, durante o passeio — acreditara nas palavras dele; mas agora, em presença do altar, já não acreditava. Quanto a si, apesar da sua piedade mitigada, não se imaginava com descaramento bastante para receber os sacramentos por ironia.

As aulas eram reduzidas durante o retiro. Uma longa instrução substituía-as aquela manhã, ficando a turma à parte. Entre os maiores, o Superior dedicou-se a ler e exemplificar um texto de Bossuet sobre o amor divino. Em Saint-Claude só se falava de amor.

O estudo que se seguiu devia ser exclusivamente consagrado aos cadernos de retiro. Georges, ao reflectir sobre o que ia escrever, achou que o pregador se contradissera

um pouco, e que já não se sabia se as crianças eram anjos ou demónios. Isto fê-lo associar os artigos dedicados às palavras *Colégio* e *Colegial*, que lera no *Grand Larousse*.

Em *Colégio*, havia textos onde se falava das amizades ingénuas e puras, das «santas amizades de colégio»; e em *Colegial* via-se uma frase relativa aos «perigos» e aos «vícios», com este simples comentário: «Os que frequentaram colégios internos compreendem-nos!»

Marc de Blajan traçou, em letras maiúsculas, na primeira página do caderno, uma das citações da conferência: «Velai e orai!»

Como reacção, Georges decidiu só desenvolver o lado seráfico do assunto. Não contente com «as crianças de cabeça loira», referiu-se aos poemas deste género que figuram nos *Textos Escolhidos*: «Jovens, sois a madrugada...», «Criança, cabeça sagrada...!», «Ah! se eu fosse a criancinha!...»

À tarde houve aula de história. O professor era velho e enfezado. A cara parecia a dum desenterrado. Alguns pêlos brancos faziam as vezes de sobrancelhas. Punha as lunetas sobre as asas do nariz, o que lhe dava um tom fanhoso. Tinha-se barbeado um pouco à pressa, porque as orelhas estavam cheias de sabão. Assim que deu um resumo de *A Época Contemporânea*, ditou as linhas mestras de um quadro analítico e sinóptico do primeiro capítulo: «O Antigo Regime em França». Entregou a um aluno, que estaria encarregado de o fazer circular, o modelo do quadro a copiar integralmente. Recomendou que tivessem atenção. Este quadro, em folha dupla, quando o abriam produzia o efeito de uma paleta. Estava sarapintado de tintas e lápis de diversas cores. As anotações respeitantes ao rei e à corte eram a tinta azul; ao clero, a tinta preta; à nobreza, a tinta verde; à justiça, a tinta vermelha; e quanto ao povo, a tinta amarela. Havia nomes sublinhados com um traço grosso e outros com traço fino, e as chavetas admiràvelmente bem feitas. Todas as subdivisões estavam aos pares, mas diversamente representadas: I, II; 1.º, 2.º;

A), B); *a*), *b*)... Fora o professor de história quem reduzira as estações a duas, no regulamento.

Seguia-se uma nova explicação: ainda Bossuet, ainda o amor divino — para acabar: o espírito de sacrifício. O Superior era doido por Bossuet e, em geral, pelo grande século. Na Academia, de que tinha a direcção, Bossuet reinava como mestre, segundo dissera Marc de Blajan. Este sentia-se à vontade porque gostava dele. Georges perguntava a si próprio quem, pessoalmente, podia achar de grande para preferir: teria de escolher entre Alexandre, O Grande, e S. Gregório, o Grande. Já tinha o culto do primeiro e o pregador falava agora com veemência do segundo.

À merenda, Lucien viera junto de Georges. Era agradável vê-lo a comer uma romã. Inclinava-se com receio de se manchar com o sumo. Deu um quarto a Georges que lhe ofereceu nogado.

— Chamarei a isto — observou Georges — cultivar o espírito de sacrifício.

— É, antes — respondeu Lucien —, cultivar o espírito de colégio. Aqui a arte é saber apresentar as coisas. O ano passado, durante o Inverno, inventava males do coração que me davam ao levantar da cama. Um dos meus camaradas de outro ano (olhou Georges maliciosamente, ao proferir esta palavra) teve, por acaso, a mesma indisposição. Cada um por nosso lado, depois de vestidos, íamos à enfermaria para nos aquecermos tranquilamente, mas recusávamo-nos altivamente a tomar o menor remédio, a fim de, dizíamos, podermos comungar. Descíamos a toda a pressa à capela no momento conveniente — sabíamos calculá-lo —, subíamos à enfermaria a fim de escapar ao estudo e não reaparecíamos frescos e bem dispostos senão ao pequeno-almoço. Pois bem! Sem a invenção da comunhão teríamos passado imediatamente por doentes suspeitos, ao passo que assim tivemos oito manhãs muito divertidas.

Durante o estudo, Georges enviou um bilhete ao padre Lauzon, acrescentando entre parêntesis: *Confissão.* Desejava sugerir ao padre a ideia de o receber na capela, como aos penitentes de sábado. Soubera que algumas vezes se faziam confissões nos quartos e pensava ter menos vergonha na sombra discreta dum confessionário que num genuflexório.

Logo que passou a tradução de grego — *A guerra e a agricultura,* de Xenofonte —, levantou a tampa da carteira para tirar um livro, esperando o bilhete de saída. Escolheu a *História da Antiguidade,* que tivera o cuidado de não esquecer em casa, conservando-a carinhosamente desde o primeiro ano. Ali o espírito viajava melhor.

Achava engraçado tornar a ver, na sala de estudo, aquelas imagens familiares: os meninos na escola, os actores, Alexandre... Releu a frase: «Alexandre, filho de Filipe, era célebre pela sua beleza.» A reprodução do livro não dava ideia alguma dessa beleza tão famosa.

Georges pensava numa moeda de oiro antiga, com a efígie deste herói, que tinha em casa na colecção de medalhas. Nela, Alexandre era realmente belo, podia-se compreender que tivesse sido célebre pela sua beleza.

O próprio padre Lauzon veio procurar Georges. Seguiu na direcção do quarto. Ao subir as escadas, Georges dizia a si mesmo que afinal seria mais íntimo que na capela: ligaria ainda mais o penitente e o confessor. E a escolha deste confessor, independentemente de Lucien ou de Marc, também não era má: visto que o padre era professor de Matemática, matéria que constituía o ponto fraco do penitente, seria talvez inclinado por este meio à indulgência. Georges sentiu-se confuso com tais reflexões: cultivava muito depressa, com efeito, o espírito do colégio.

Nunca se encontrara no quarto de um professor, de um padre. Em cima da mesa, cheia de livros, estavam colocadas uma imagem da Virgem Santíssima, de gesso colorido, e uma lâmpada com um jornal que formava o

quebra-luz, com a ajuda dum alfinete. A um canto, a cama e a mesa-de-cabeceira semiocultas por um biombo; noutro, um genuflexório onde se viam uma sobrepeliz e uma estola.

O sacerdote foi muito amável. Tinha uma linguagem elegante. Os gestos largos, os olhos azuis, os cabelos ligeiramente encaracolados e as faces rosadas davam-lhe um ar cândido que ficava bem num director de congregação.

Já se tinha informado sobre Georges, a quem chamou o seu primeiro penitente do ano. Tinha querido, naquela vez, recebê-lo ali, a fim de conversar um pouco com ele. Estaria sempre à sua disposição para o orientar, tanto no domínio dos estudos como no da consciência.

Georges teve tempo de dizer que em matemática os resultados não compensavam regularmente os seus esforços, mas que contava ser em Saint-Claude se não mais feliz pelo menos mais aplicado. Depois dirigiu-se para o genuflexório.

O padre pôs a sobrepeliz e a estola roxa e sentou-se na borda de uma cadeira. Georges ajoelhou-se. Como seriam as confissões de Lucien, se o que dissera sobre as suas comunhões era verdade? Ia fazer o mesmo? Começaria o ano por uma mentira? A simplicidade deste tribunal de penitência impressionava-o, em vez de o incomodar como tanto receara.

Ao levantar-se viu uma gravura pregada na parede perto do crucifixo: *A Adoração do Cordeiro*. Por isso o padre na exortação falara na pureza do cordeiro.

Na palestra da tarde, houve mais disciplina. Os mais pequenos não se voltaram ao entrarem os mais crescidos, e estes sentaram-se com ordem nos seus lugares. André não conseguira esgueirar-se para junto de Lucien.

O dominicano anunciou que ia falar da pureza: estava na ordem do dia. Para começar, fez um pouco de etimologia. Declarou que a palavra *puro* vinha do latim *puer*, isto é, *criança*, e tinha em sânscrito a mesma raiz.

Em seguida, como na véspera, deu uma estatística dos servos de Deus que tinham feito voto de castidade na infância: aos seis anos, o beato Pedro de Luxemburgo, que foi cardeal aos quinze e morreu pouco depois; aos nove anos, São Luís de Gonzaga, cujo pudor era tão grande que nunca deixou ver a ponta dos pés ao criado de quarto — mereceu ser chamado pela Igreja o patrono da juventude, em companhia de São Estanislau Kostka, do qual nos contam que, ainda criança, desaparecia à menor palavra impudica; aos dez anos foi São João da Mata que se devotou à Virgem Santíssima; aos treze, Santo Henrique, futuro imperador, e Santo Edmundo, cuja piedade iluminou o fim do século XII. A história de hoje era em honra de Santo Edmundo:

— Estudante, passeando com colegas, acabava de os deixar para não ouvir as suas conversas perversas, quando um jovem de perfeita beleza apareceu junto dele e disse-lhe: «Saúdo-te, meu bem-amado.» Como Edmundo ficou muito confuso, o rapaz acrescentou: «O quê, não me conheces?» «Deves estar enganado», respondeu-lhe Edmundo. «Como! Sou eu que estou sempre a teu lado quando te encontras na escola e te acompanho para onde quer que vás. O meu nome é Jesus.»

Que histórias curiosas as do pregador! Falava-se sempre de beleza, como na história grega.

Sùbitamente Georges, que tinha os braços cruzados sobre a carteira, verificou que a mão direita estava próxima da mão esquerda de Lucien. Ao abrigo do cotovelo, avançou-a ligeiramente e tocou no amigo. Parecia-lhe realizar uma coisa importantíssima como se, naquele momento, decidisse o futuro. A confissão de há pouco pareceu-lhe tão fictícia como a voz do pregador, e igualmente irreal e académica.

Tinha agora a mão apoiada na de Lucien, que não a retirava. Não ousava verificar se este sorria. Talvez o seu gesto passasse apenas por uma garotice, uma fanfarronada inocente acerca da conferência sobre a pureza.

Quando saíram, Lucien escapou-se, depois de ter falado com o vigilante. Alguns minutos mais tarde, na capela, Georges ficou espantado ao vê-lo chegar junto do altar, de capa vermelha e sobrepeliz, em companhia de André. Era Lucien que segurava o turíbulo. Tinha um ar poético. Estaria a repetir versos de André ou os do poeta cristão sobre as crianças cuja alma é um incensório?

Que teria pensado disto o pregador que dizia a missa, envolvido na capa vermelha, em honra de São Plácido, de quem dava ontem, como modelo, a amizade com São Mauro?

Georges deitou um olhar sobre a assistência: ninguém, nem mesmo Blajan, parecia dar a menor atenção a André ou a Lucien. Esta inconsciência geral irritou-o. O seu ciúme de André tornou-se-lhe intolerável. Pensava com raiva na pequena vitória da palestra. Media toda a distância que o separava do rival vitorioso. André tinha a seu favor a ordem estabelecida, e todos os recursos do colégio, sàbiamente explorados.

Lucien chegou atrasado ao refeitório e André um pouco depois. «É maçador ser menino de coro — disse Lucien —, é detestável. Não me apanharão lá mais.» E com o joelho tocava em Georges, dando-lhe a entender que esta frase significava o contrário, que escondia a sua felicidade.

Era uma alegria louca. Ria por nada e cantarolava. Censurava em Georges o pouco apetite. A bem ou a mal enchia-lhe o prato. André, ao fundo, mostrava também um ar feliz.

No dormitório, Georges esperou com impaciência a partida do vigilante, a fim de saber o que Lucien lhe ia contar. Mas Lucien adormecera. Esquecera Georges que era apenas o segundo amigo? Não só os prazeres íntimos se passavam sem ele como deviam não lhe contar o que sucedera. Havia apenas Blajan para conversar.

Este admirável Marc estava feliz por contar a Georges uma parte dos segredos que diziam igualmente respeito

às férias. No dormitório, os segredos andavam depressa. Blajan sentia uma grande paixão por uma das primas com quem passara o Verão no campo. Para não ficar em dívida, Georges falou de duas primas que tinham vindo a sua casa na mesma época — todavia nenhuma delas lhe inspirava tanta efervescência. Marc perguntou o nome da mais bonita e ficou satisfeito por saber que era Liliane. Quis saber em seguida a cor dos cabelos, mas Georges acrescentou apenas que era exactamente a dos olhos. Marc completou a descrição da sua preferida e prometeu mostrar-lhe no outro dia a fotografia que guardava no livro de missa. Esta prima tornara-se o objecto das suas orações e pensamentos, e era para ser digno dela que fazia um bom retiro, tomando notas durante as palestras.

Antes de adormecer, Georges recordou a bênção dessa tarde ajudada por André e Lucien. As paixões e as intrigas que o colégio encerrava irritavam-no. Achava-se estúpido, sem recordações de amor e sem esperanças de amizade.

Durante a missa procurava recolher-se, preparar-se para a comunhão que ia seguir-se. Até este dia, era raro comungar, e o acto inspirava-lhe antecipadamente um certo respeito. Expiara tão cruelmente e tão depressa o prazer um pouco demasiado vivo de ter tocado a mão de Lucien, que se julgava absolvido.

Pensava em Marc que rezava ao lado, depois de lhe ter mostrado discretamente a anunciada fotografia. Pois bem! Também ele rezaria: rezaria por Lucien. Ligar-se-ia a este último talvez melhor do que André: teria a seu favor a religião e a virtude. Seria digno dessas santas crianças que o pregador louvara. A sua piedosa amizade venceria a amizade censurável. Mas não conseguia seguir o ofício de São Bruno. Não podia evitar distrair-se por

causa de Lucien, que se mirava num espelhinho escondido entre as mãos cruzadas.

Georges deixou o «comum de um confessor não pontífice», a fim de procurar uma oração que vira de passagem: a que tinha o número vinte e cinco, como o da sua roupa branca, a «oração para afastar os maus pensamentos». Leu-a e releu-a. Comungou entre Marc e Lucien. Os alunos do terceiro ano tinham nessa manhã Matemática e Inglês, mas a primeira aula de estudo era livre, não lhes tendo sido marcada qualquer lição. Georges imitou os camaradas: pegou no caderno de retiro a fim de resumir a última palestra. Marc emprestou-lhe a lista dos santos que tinham feito voto de castidade com menos de quinze anos. Georges acabou depressa, cheio de entusiasmo, não sem fazer, por conta própria, toda a espécie de votos: em boa verdade não se exageravam os excelentes efeitos da comunhão.

— Dá-me o teu caderno — disse-lhe Lucien. — A minha pureza enfurece-se com estes imbecis.

Não estivera na conferência, no dia anterior, à noite? Esquecera não só o que se passara como o que se dissera. Estivera tão longe de Georges como do pregador. Sem dúvida pensava já no encontro que devia seguir-se graças ao pretexto da bênção: existira apenas para André.

André, sempre André! Mesmo àquela hora e naquele lugar estava ainda presente. Lucien tinha empurrado os cadernos para junto de Georges; o primeiro ostentava este título: *Rascunho dos trabalhos de férias.*

Georges via erguerem-se, como das sombras, as imagens dessas férias que lhe tinham sido tão bem descritas; estavam ali os trabalhos feitos por André: não pôde resistir ao desejo de lhes lançar uma olhadela. Pegou cuidadosamente no caderno. Sentia vontade de o destruir.

Entre duas páginas encontrou um quadrado de papel, no qual estava escrito um poema assinado: André Ferron. Continha esta simples dedicatória: «Para ti, 17 de Agosto de 19...».

*Amigo, recordas-te daquela noite maravilhosa*
*Em que as flores do jardim pareciam estrelas na sombra?*
*Tínhamos jogado inúmeras partidas de ténis,*
*Esbeltos, nos nossos trajes brancos.*
*O sol morria, a bruma era ligeira,*
*Ouvíamos em nós o murmúrio do desejo,*
*E os nossos antigos beijos, com essa cálida recordação,*
*Perfumavam os nossos corações em prece.*
*Regressávamos ambos por um caminho sombrio...*
*Lembras-te, amor, desse sombrio caminho?*

Com uma calma de que ele próprio se admirou, Georges dobrou discretamente a folha e fê-la deslizar na algibeira.

Diante do caderno que fingia observar, pensava no que acabava de fazer. Fora uma espécie de instinto que o levara a apoderar-se do texto, como no início, ao abrir o caderno. No momento não distinguira a origem mas, a pouco e pouco, a realidade apareceu-lhe: pressentira que estes versos, segundo a letra e o espírito do regulamento, eram de molde a expulsar André. Corou a esta ideia, embora não lhe parecesse muito tola: devia poder justificar-se.

Antes de pensar mais nisso, quis certificar-se de que o roubo não fora notado. Sem dúvida, a poesia era uma das que Lucien contava ler-lhe. Talvez a tivesse colocado ali expressamente em sua intenção. No entanto, parecia não ter espiado a impressão que ela produziria. Não se lembraria, por acaso, que os rascunhos de férias continham uma coisa tão interessante? A fim de verificar estas hipóteses, Georges fechou o caderno com afectação e entregou-lho. Lucien teve apenas um olhar indiferente.

Georges ficou perturbado por sentir alguém à sua mercê. Apesar do ódio experimentava uma espécie de admiração por André. Não o julgava capaz de fazer aqueles versos e confessava que ele próprio não teria feito tanto. Mas as transparentes alusões que neles encontrava reavivaram-lhe em breve a animosidade. Graças a esta arma ines-

perada desembaraçar-se-ia definitivamente do adversário que o destino acabava de lhe entregar. Era uma luta leal. A história de todos os tempos oferecia exemplos de tais processos. Péricles fizera excluir, pelo ostracismo, o seu concorrente Címon. Bruto matara César. O Papa respondera a Carlos de Anjou perguntando que destino se reservaria a Conradino: *Vita Corradini, mors Caroli...* Georges não aplicava afinal a lei dada ao cavaleiro quando era armado: «Fere o teu inimigo com os dois gumes.» Feria com o gume que podia. Mais ainda: combatia em nome da moral, em nome do colégio, em nome dos camaradas. Combatia mesmo em nome de Lucien, pois não duvidava exercer sobre ele uma influência mais benéfica que a de André.

Não obstante estes argumentos, sabia muito bem que cometia o que nos livros de história se chama uma traição, uma deslealdade para um cavaleiro. Longe, a ideia de um acto semelhante ter-lhe-ia parecido impossível mas, aqui, entre tantas falsidades de toda a espécie, achava-a quase natural.

Na aula de Matemática, encontrou o padre Lauzon. Sentia-se um pouco aborrecido por ver diante dele, na qualidade de professor, um homem a quem confiara os seus pecados. Estava desde já seguro de que na próxima confissão seria menos completo que da primeira vez. Fora muito ingénuo porque era novo. Mas agora julgava os professores de Saint-Claude ainda mais ingénuos por esperarem alguma sinceridade dos seus penitentes. Lembravam-lhe aquele bom cura de uma aldeia que, tendo decidido estabelecer um turno para as confissões da semana santa, declarou do púlpito, para quem o quis ouvir: «Às segundas, os mentirosos; às terças, os ladrões; às quartas, os impudicos...», e espantava-se por não ver ninguém. As confissões do colégio, toda a gente vinha, mas com conhecimento de causa. Dava-se uma outra acepção ao provérbio: «A bom entendedor meia palavra basta.»

Georges compreendia finalmente o que representava entre os camaradas a prática dos sacramentos: um meio de viver em paz, se não com a consciência, pelo menos com os professores. Era, a partir daquele dia, como Lucien, como André, como os outros.

A lição de Inglês fê-lo conhecer o último dos professores, o qual tirava grande prestígio de uma permanência de vinte anos em Inglaterra. O rosto era cor de tijolo como o que se atribui aos Ingleses. Falava com os olhos fechados, virando a cabeça numa espécie de desmaio. A sua pronúncia, provàvelmente da melhor, produzia crises de riso sufocado. Dava a impressão de se deliciar com as sílabas. Na simples maneira de dizer *yes* punha todo o seu inglês.

Georges estava contente por nessa quinta-feira não haver passeio, como compensação pelo do dia seguinte ao da entrada. Desejava que se passasse um dia assim, mesmo sem recreio. Estava ansioso que chegasse o estudo da noite. À merenda, encheu Lucien de guloseimas. Por fim chegou o momento em que pôde escrever: «G. de Sarre deseja falar com o Rev. Superior.»

Foi Lucien, por ser o último da fila, quem deu o bilhete na colecta. Leu-o de passagem. «Parabéns!», disse. Georges respondeu que os pais lhe tinham recomendado que fizesse uma visita de cortesia ao fim de alguns dias — o que já contara a Marc. O plano estava traçado: escondera o manuscrito num sobrescrito vulgar com o timbre do colégio, que entregaria ao Superior dizendo tê-lo encontrado junto da porta. Sentia-se orgulhoso. Doravante era ele o mais forte. Quem puxava os cordelinhos. Troçaria do Superior não menos que de André.

Bravo Lucien que lhe dera o rascunho de Matemática! Neste mesmo dia, concluíra um tratado de troca de exercícios no qual a Matemática representava a sua única contribuição. Não era culpa sua, dizia, só brilhava apenas onde Georges se eclipsava.

— Em todo o caso — declarava — nós completamo-nos.

— Tens a arte de completar — dissera Georges. — Darias um bom fabricante de empadas de cotovia, segundo a receita consagrada.

— O que quer dizer que tu és o cavalo e eu a cotovia.

Georges replicara cantando:

*Cotovia,*
*Gentil cotovia,*
*Eu te depenarei.*

Sentia-se feliz, no fundo, por ter vantagens sobre Lucien, nos trabalhos escolares: já qualquer coisa da sucessão de André lhe era devolvida. Esta noite, era ele o devedor de obrigações: e isso vinha a propósito! Entretanto, passou o exercício tranquilamente, com o fim de provar que possuía carácter.

Pouco depois das seis horas, o vigilante chamou-o e deu-lhe o bilhete rubricado. Ao afastar-se da carteira, Georges sentiu bruscamente a gravidade do empreendimento; lamentou a ideia que tivera. Por mais que pensasse em Lucien, amaldiçoava o bilhete que agora o arrastava contra vontade. Com que desprezo os colegas o teriam olhado se tivessem adivinhado! Não era só André que Georges ameaçava, mas a comunidade inteira. Ao mesmo tempo que o segredo de um aluno, ele levantaria um pouco do de cada um. Pelo menos encontrava-se aliviado por André não se encontrar presente para assistir à saída; este deixara, havia momentos, a sala de estudo.

Georges atravessou o salão de festas, o pátio interior e alcançou a grande escadaria. À medida que se aproximava da temível meta, apercebia-se não sòmente das suas responsabilidades mas das próprias dificuldades daquele passo. Reflectira bem no desenvolvimento da cena? Que cara faria o Superior ao ler a estranha mensagem? Não suspeitaria de alguma perfídia do mensageiro? Se tivesse pudor, visto ser fidalgo, que pensaria do filho de um marquês pagando desta maneira a sua recepção?

O desgosto que lhe inspiraria aquela poesia libertina não cairia sobre o denunciador? A operação tornava-se muito arriscada. Era preciso renunciar a este meio e deixar, provisòriamente, as coisas como estavam. A amizade exclusiva de Lucien seria ganha a seu tempo e, talvez, sem prejuízo para ninguém.

A antecâmara abria-se diante de Georges. Reconheceu a mesa de mármore, os cadeirões e o banquinho de veludo verde. A porta do escritório estava entreaberta. Falavam; alguém ia sair, sem dúvida. Georges aproximou-se da chaminé para ver a escultura que ornamentava a prateleira. Representava um jovem estendido, coberto com um manto, o rosto desfigurado, e apertando uma hóstia contra o peito trespassado de golpes. Por baixo, estava gravado um nome: Tarsício.

Georges julgou reconhecer a voz que respondia ao Superior e, aproximando-se da porta, viu André Ferron, de pé, diante da secretária — André que parecia ter vindo expressamente escarnecê-lo pela última vez, André que parecia dizer-lhe: «Sempre e em todo o lado, chegarei antes de ti, sempre e em todo o lado serei o primeiro. Repara como eu me dou bem com o Superior! Não percas o teu tempo. Emprega-o, de preferência, a fazer versos, mas não à glória de Lucien — à de Tarsício, por exemplo.»

Georges guardara no bolso o sobrescrito que continha a poesia. Pensando no lenço onde ficara uma gota desse sangue que André misturara com o de Lucien, olhava a estátua do jovem mártir que vertera o sangue por amor de Deus. Era a ele que renderia homenagem pelas ternuras literárias de André para com Lucien. Deixaria os papéis sob o pedestal como os maços de súplicas das divindades chinesas. A amizade dos dois heróis era do agrado dos Céus, visto ser tão próspera; S. Tarsício protegê-lo-ia ainda mais. Todavia, por ódio e não por precaução, Georges teria feito primeiro em pedaços o documento propiciatório.

Ia fazer o primeiro gesto quando André apareceu e, ao passar, lhe dirigiu um sorriso. Perturbado, Georges avan-

çou para o gabinete e bateu para anunciar a sua presença. Apercebeu-se, ao fechar a porta, de que já não tinha o sobrescrito na mão. Devia tê-lo deixado cair, mas estaria escondido pela mesa. Além disso, a antecâmara era mal iluminada e provàvelmente ninguém aí viria enquanto ele lá estivesse.

O Superior observava um grosso maço de cartas.

— Chega no momento próprio — disse ele ao visitante. — Um dos seus camaradas acaba de me trazer, do senhor ecónomo, o correio da tarde, e há uma carta para si — dos seus pais, sem dúvida. Tome-a: eu não a leio.

Mandou sentar Georges à sua frente, diante da biblioteca. O rapaz desculpou-se por ter tomado a liberdade de o incomodar por uma coisa sem importância, se não se tratasse da honra de se lembrar dele. Conservava os olhos baixos, não de timidez, mas porque tinha ainda presentes as primitivas intenções.

O Superior disse-lhe que a sua redacção de Francês estava muito boa.

— Como vê, interesso-me por si — acrescentou sorrindo —, tal como o menino se interessa por mim. Não posso dizer-lhe a classificação porque os resultados das provas semanais só são tornados públicos aos domingos, durante a refeição do meio-dia; mas quando eu tiver anunciado: «Terceiro ano», não levará quase tempo nenhum a ouvir o seu nome.

Perguntou-lhe se já tinha feito amizades. Como numa espécie de satisfação para com André, Georges gabou as suas boas relações com Lucien.

— Os seus afectos não estão mal colocados — disse o Superior. — Rouvère tem um excelente carácter. É de uma lealdade perfeita. O senhor prefeito não podia ter-lhe escolhido melhor companhia. Mas, se não me engano, tem outro vizinho: Marc de Blajan. Tenho a certeza que gostará dele. É o nosso aluno mais brilhante, e ele também gostará de si.

A seguir falou da família de Georges e levantou-se para ver o armorial da província.

— Tem um bonito brasão — observou. — Espero que lhe preste as devidas honras. Vejo nele ramos a arder. Seja «de fogo para as verdades, de gelo para as mentiras.»

Falou-se do retiro. O Superior felicitou-se por, na ocasião da sua entrada no colégio, Georges ouvir um pregador de fama.

— É uma sorte que nem sempre temos. A escolha dum pregador é tão difícil como a de um amigo.

Georges viu a oportunidade de mostrar que seguia o conferencista com interesse: perguntou quem era aquele Tarsício que não figurara ainda nas nomenclaturas. O Superior pareceu encantado.

— Ah! Muito bem! — exclamou. — Reparou no meu Tarsício. É a redução, em mármore, da estátua desse santo, feita pelo escultor Falguière[1]. O original está em Paris, no Museu de Luxemburgo. Esta obra admirável só tem um defeito: o de rejuvenescer excessivamente o glorioso mártir. Com efeito, Tarsício devia ter entre vinte e vinte e cinco anos, quando foi apedrejado em Roma, na Via Ápia, por ter recusado entregar aos gentios as hóstias que levava.

«Confesso-lhe que esta precisão quanto à sua idade é do meu conhecimento há pouco tempo: devo-a ao reverendo padre dominicano, junto de quem me admirei, como o acaba de fazer junto de mim, por não o ter ouvido citar S. Tarsício no número dos jovens mártires. Respondeu-me tê-lo omitido propositadamente, a fim de não se propagar, segundo a sua expressão, um erro muito comum — como vê, a modéstia aprende-se todos os dias. Esta noite mesmo, deve falar da Santa Eucaristia e não deixará de prestar homenagem àquele que mereceu ser chamado mártir. O que me enganara sobre a idade, foi não só a escultura

---

[1] Alexandre Falguière, escultor francês (1831-1900). *(N. do T.)*

mas o martirológio, onde Tarsício é chamado acólito. Nunca reflectira que estas funções, actualmente muito simples — já as exerceu sem dúvida ou exercê-las-á aqui — equivaliam, nos primeiros tempos, quase às de diácono: não podiam portanto ser confiadas a uma criança.

«Visto que a imagem de S. Tarsício o seduziu, poderá, mais tarde, em recordação do nosso colégio, inscrever-se no *Collegium Tarsicii,* piedosa associação da juventude, fundada no começo do século na capital da cristandade.

«Romanos de carácter restauraram a liturgia da Igreja primitiva: a capela evoca as catacumbas; o celebrante, que usa uma casula redonda, está de frente para a assistência, em vez de lhe voltar as costas, e pronuncia em voz alta a maior parte das palavras sagradas; os assistentes respondem em conjunto: estão vestidos com o fato do acólito Tarsício, o *vestis talaris,* de brancura imaculada e têm nas mãos um pequeno manual intitulado *Ichtus,* nome místico de Cristo, como sabe.

«Que pena, não é verdade, não poder imitar estes faustos na nossa capela! Olhe! Quero recompensá-lo pela sua inteligente curiosidade e abençoar também a sua amizade com Rouvère — foi a mãe dele, precisamente, quem nos deu a estátua de S. Tarsício. Amanhã de manhã sereis os meus acólitos; avise-o de minha parte.

Um tanto confuso, Georges agradeceu a oferta e o cumprimento. Saiu: o prefeito dos mais velhos estava na antecâmara, e parecia muito impaciente por ser atendido. Não sorria como André e penetrou no escritório. Ansiosamente, Georges procurou com os olhos o sobrescrito: não estava nem debaixo nem atrás dos cadeirões. Recordando-se, de repente, que o prefeito tinha um papel na mão, foi vagarosamente junto da porta do escritório e encostou o ouvido.

«Pobre pequeno perverso! — dizia o Superior. — Esteve aqui ainda não há meia hora. Foi ao sair que se traiu.»

Georges sentiu-se desfalecer ao descer a escadaria, agarrado ao corrimão. O que desejara tinha-se cumprido,

e queria nunca o ter desejado. Parecia-lhe que as consequências do facto, que apesar de tudo realizara, seriam mais graves do que previra. Ou antes, não previra absolutamente nada — ele que se julgava tão hábil. Não era evidente que André não se perderia sòzinho e arrastaria Lucien? E não era provável que a participação de Georges neste caso fosse fàcilmente descoberta? Se André se lembrasse que o poema estava no caderno, Lucien não poderia ter esquecido que o emprestara a Georges. A visita ao Superior esclarecer-se-ia. O próprio Georges se perderia com os dois amigos. Estes, antes de serem expulsos, teriam de denunciá-lo, por sua vez, mas aos alunos. Seria também obrigado a deixar o colégio, expulso pelos colegas. Conheceria uma outra forma de ostracismo.

Não ousava reaparecer no estudo e dirigiu-se ao pátio do recreio. Pensou em fugir para o campo, tomar o comboio e regressar a casa: viajaria sem bilhete. Explicaria aos pais que lhe era impossível suportar o internato. Bem, basta de criancices! Não era um homem, como dissera o pai? O bisavô fora guilhotinado durante a Revolução; Tarsício e os jovens mártires do pregador tinham conhecido outros suplícios. A ele não o matariam. Devia obrigar-se a não recear a vida tal como a pretendera. Ia tomar o seu lugar ao lado de Lucien, sob o olhar de André, e esperar com sangue-frio os acontecimentos. Voltou ao colégio. No salão de festas, debaixo do lustre, observou-se ao espelho de bolso. Achou-se pálido e beliscou as faces.

Apenas alcançara a carteira quando a porta se abriu violentamente e o prefeito entrou. Apesar da sua intenção, Georges julgou sufocar de angústia. Em breve já não seria o único a sabê-lo. O prefeito disse algumas palavras ao ouvido do vigilante e depois, com voz seca, com um ar de justiceiro, chamou Ferron. Os passos de André ressoaram na sala de estudo, onde as respirações pareciam suspensas.

Georges, a fim de simular indiferença, tinha os olhos fixos — desesperadamente fixos — no exercício. Levan-

tou-os por fim e viu o prefeito agarrar André por um braço e pô-lo fora do estudo. Com toda a verdade da sua alma teria dado dez anos de vida para evitar este horrível desenlace. Fixara-se ao banco como se tivese receio de ser levado e Lucien agarrara-lhe a mão procurando a sua protecção. Tinham ambos as mãos húmidas.

Os alunos, espantados, interrogavam-se sobre a causa do incidente, mas o vigilante deu duas reguadas na secretária, que estabeleceram a ordem. Georges sentiu o sangue bater-lhe nas fontes. Lucien estava prostrado. Por fim, com algum atraso, tocou para a conferência. Levantaram-se para se juntarem aos mais novos. No estudo, onde todos os papéis tinham sido guardados, o caderno aberto no lugar de André era uma mancha branca. Ao passar, o vigilante fechou-o com um gesto de desprezo e pô-lo na carteira.

O Superior não estava. Ouviu-se a voz do dominicano, contudo as suas palavras pareceram a Georges sem sentido. Como na véspera, bastava fazer um movimento imperceptível para tocar em Lucien. Mas dir-se-ia que um abismo os separava: o gesto que aqui fizera na véspera à noite nada tinha de comum com o que Lucien acabava de fazer no estudo.

Chegara o Superior. Sentou-se, depois de ter feito o sinal da cruz. Trazia um aspecto grave. Georges dissimulava-se a fim de não ser visto por ele. Amaldiçoava a recordação da visita que lhe fizera e não queria lembrar-lha.

Ao fim de alguns momentos começou a ouvir. O dominicano devia ter sido advertido do incidente, porque tratava um assunto mais apropriado às circunstâncias que o martírio de S. Tarsício. A Eucaristia figurava apenas a título de provação e de castigo. Tratava-se de hóstias que se incendiavam ou se ensanguentavam nos lábios sacrílegos. Evocavam-se casos de morte súbita após uma má comunhão. Havia frases respeitantes ao pecado, que faz rebaixar ao número dos animais, aos espíritos imundos

que riem nas trevas, aos anjos da guarda que sobem ao Céu para chorar. As histórias encantadoras, os jovens de radiosa beleza não eram para aquela ocasião. O herói deste novo repertório foi o homem de Balme, que rodara sem parar durante vinte e quatro anos, depois de ter dançado, cheio de terror, com a estátua de um calvário. Alimentavam-no, durante esta correria demoníaca, atirando-lhe os alimentos para a boca. Quando pediu os últimos sacramentos, o padre que veio absolvê-lo e dar-lhe a comunhão teve de rodopiar com ele.

O orador terminou com uma citação consoladora, de apelo ao arrependimento: «Mesmo que os vossos pecados sejam vermelhos como carmesim ficarão brancos como a neve.»

Durante a bênção, nem Georges nem Lucien responderam às orações. Mas Lucien já não estava distraído: olhava o altar — o recinto onde, na véspera, se apresentara descarada e hipòcritamente, ao lado do amigo.

Foi o primeiro jantar em que não houve o *Deo Gratias*. O aluno que estava no púlpito foi buscar o livro que o Superior lhe indicara. Ao toque da sineta começou a leitura: *Vida do virtuoso Décalogne, antigo aluno da Universidade de Paris*.

O virtuoso Décalogne acalmava um pouco, depois do homem de Balme.

Georges nunca imaginara uma refeição tão lúgubre. Virava, muitas vezes, os olhos para o lugar vazio de André. Era ali que o rapaz estava sentado no dia anterior, muito feliz, depois da bênção, talvez dizendo irònicamente como Lucien: «É maçador ser menino de coro. Não me apanharão lá mais.» Realmente nunca mais o apanhavam lá. Georges tinha pouco apetite, como na véspera, mas Lucien, desta vez, tinha ainda menos do que ele.

No momento em que os mais velhos iam subir ao dormitório, o vigilante levou-os para a sala de estudo. O Superior já se encontrava ali.

— Quero, meus amigos — disse ele com voz triste —, falar-vos esta noite da incómoda sanção que foi tomada. Um dos vossos colegas já não estava em estado de permanecer nesta casa. Amanhã será reconduzido a casa dos pais.

«A sua falta, talvez ligeira aos olhos do mundo, é daquelas que não se podem tolerar na nossa comunidade. A licenciosidade do espírito, mesmo quando é um jogo ou não existe nos costumes, é incompatível com os estudos sérios e uma consciência de bom cristão. Aquele de que estamos a ocupar-nos jurou-me que não tinha ainda, graças a Deus, levado as suas confidências junto de nenhum de vós; mas ao expulsá-lo foi a vós que defendi, a vós de quem ele não me escondeu ser indigno.

«Pensem nele com emoção, que ele pensa em vós todos, seus antigos condiscípulos, na enfermaria para onde foi relegado, como se afasta do rebanho a ovelha ronhosa. Eis a que as más férias — isto é, as más leituras, se não foram as más companhias — levaram um aluno, segundo a sua confissão, que fora até então piedoso e disciplinado.

«Sabereis compreender a lição, que a Divina Providência reservava ao nosso retiro do início do ano, e não recusareis as vossas orações àquele que, infelizmente, no-la forneceu.

Marc estava triunfante.

— Vês como tinha razão — disse a Georges quando subiram ao dormitório. — Os impuros acabam sempre por cair bruscamente.

Na cama, Georges pensava na sua vítima. Evocava a enfermaria onde passara o fim do primiero dia de colégio e onde esse rapaz passava agora a última noite.

De novo admirava André. Mas não por causa dos versos relativamente bem feitos e que talvez fossem um plágio. Poeta ou não, André era alguém. De certo modo havia razão da parte do Superior que o expulsava. Tinha-se oprimido com o fim de comover; jurara a fim de

enganar. Era fino. Salvara Lucien, cobrindo, com a sombra das férias, o inspirador da sua musa. Salvara todos os outros mantendo a dissimulação da sua virtude: não podia ter tido cúmplices, o seu caso era uma monstruosa excepção. Também era astuto: expulso Lucien, as respectivas famílias suspeitariam, com razão, que fora por causa das suas convivências.

A partida ainda não estava perdida.

André quase não devia dormir. Em que pensava neste momento? No acolhimento que ia ter em casa? Provàvelmente tirar-se-ia de apuros. Ou, conforme as palavras do Superior, pensava nos camaradas que, ao entrarem no dormitório, tinham olhado o local onde nunca mais o veriam, tal como no estudo, no refeitório, na capela?

Era em Lucien que devia pensar. Dizia a si mesmo que o veria, sem dúvida, nas férias do Natal. E pensava, talvez, igualmente em Georges, que encontrara na antecâmara. Se soubesse que os versos tinham sido encontrados ali, como explicaria ele que tivessem chegado até lá? Mas com que motivo podia incriminar o vizinho de Lucien, um rapaz que lhe emprestara tão gentilmente o lenço durante o passeio? Acusá-lo-ia, quando muito, de imprudência. E, se ignorava onde tinham sido descobertas as estrofes, era ao próprio Lucien que censuraria por tê-las perdido.

Antes de se deitarem, nenhum fora lavar os dentes. Muito tempo depois da partida do vigilante ninguém cochichava. De repente, Georges prestou atenção: ouvia Lucien chorar silenciosamente, secretamente. Esta dor perturbou-o. Não devia consolar aquele que era a sua outra vítima, confessar-lhe tudo para ser digno, para se fazer justiça? Mas Lucien desliza para o chão e ajoelha-se no tapete. As lágrimas tinham findado: rezava com a cabeça apoiada aos cobertores, o pijama em desordem como se já nada pudesse comovê-lo; voltou-se lentamente para Georges, que acabava de se colocar junto dele.

Ficaram imóveis alguns instantes. Georges pôs a mão no ombro do amigo. Não teve coragem de se acusar e contentou-se em dizer:

— O Superior encarregou-me de te avisar que amanhã de manhã ajudá-lo-emos à missa. Foi por eu lhe ter falado de ti e do S. Tarsício que está na antecâmara. Disse-me que fora a tua mãe quem dera a estátua e por causa disso quis abençoar a nossa amizade.

Georges lembrou-se de que ele também tinha querido colocar a amizade de André e de Lucien sob a protecção do mesmo santo. As palavras de agora pareceram-lhe tão tristemente irónicas como haviam sido as suas intenções.

Lucien reflectia; depois, alisando as madeixas do cabelo, disse-lhe:

— Acabas de me confirmar aquilo de que eu duvidava: só por milagre fui preservado da infelicidade de André. Foi Deus que está lá em cima.

Procurou ver as horas no relógio de pulso, que inclinou para o reflexo da luz, mas a claridade não era suficiente.

Pôs a mão em concha para distinguir na sombra o mostrador luminoso.

— Pronto! A partir de agora, dez horas e trinta e cinco, de hoje, seis de Outubro, estou convertido.

*Saint-Claude, domingo à tarde, 9 de Outubro de 19...*

*Meus queridos pais*

*Agradeço-vos a vossa carta de que gostei muito. O Sr. Superior entregou-ma durante uma visita de cortesia que lhe fiz. Teve a bondade de me dizer que estava contente com os meus estudos. Faço o que posso: fui o primeiro em composição francesa. Vereis as minhas outras notas no boletim da quinzena que seguirá junto à minha carta de domingo próximo.*

*Acaba de suceder aqui um acontecimento que me toca de perto. Tinha já um bom camarada, que era um dos meus dois vizinhos: Marc de Blajan, laureado do quarto ano, do ano passado, em Saint-Claude. Ora, por uma extraordinária fatalidade, caiu doente anteontem — caiu bruscamente — e o seu estado tornou-se tão grave que obrigaram os pais a virem buscá-lo hoje. Como tem uma saúde delicada, receamos não o ver curado tão depressa. Mas escrever-lhe-emos regularmente uma carta colectiva, para que ache o tempo menos longo. Ter-lhe-ia cedido de boa vontade o meu lugar em composição porque ele foi o segundo. Ao menos tenho o outro camarada — o outro vizinho —, Lucien Rouvère. Este goza de boa saúde e é muito inteligente.*

*O retiro termina esta noite. O nosso pregador, um reverendo padre dominicano, mostrou-se muito eloquente. Cada um de nós tomou boas decisões, resumidas num caderno especial.*

*Peço à minha querida mãezinha que renove, sem tardar muito, o meu fornecimento de chocolate, juntando doce de marmelo e romãs. Desejava também um tapete pequeno, para pôr debaixo dos joelhos na capela.*

*Queridos pais, parece-me que a minha carta vai demasiado longa e nada mais tenho para vos dizer. Recebam muitos beijos do vosso filho*

*Georges*

*M..., 11 de Outubro de 19...*

*Meu querido filho*

*A tua carta, após as palavras do outro dia, deu-nos grande prazer. Quanto a mim, escrevo-te um pouco mais pormenorizadamente. Estamos contentes por te saber já aclimatado a Saint-Claude. As nossos maiores felicitações pelo teu brilhante sucesso. Vejo que continuas a ser*

*aquele bom aluno que, graças a Deus, sempre foste. Tenho a certeza que tirarás grande aproveitamento do retiro que acabas de fazer, e, em geral, dessa vida de colégio que amadurece o carácter dos jovens.*

*Lamentamos o teu amigo que caiu doente e desejamos-lhe um pronto restabelecimento. O teu pai conheceu um Blajan que estava no Exército. Em todo o caso espero que sejas feliz com o vizinho que te resta. Mandaste benzer a cruz do teu rosário que foi colocada antes da tua partida? Tens roupa suficiente na cama? Aliás sei que as irmãs não te deixariam faltar nada. Trata-as com afectuosa deferência.*

*Receberás a encomenda que pediste. Junto à minha carta algumas pétalas de rosa — da última que ficou na roseira do caramanchão. Isto lembrar-te-á as flores que eu punha no teu quarto. Com beijos de teu pai e a recordação dos da tua mãezinha.*

Lucien trazia ao pescoço três escapulários desde a partida de André. Tinha-os mostrado a Georges entreabrindo o casaco de pijama: um azul, um vermelho e um castanho. Entregara-lhos o padre Lauzon; mas fora o dominicano quem recebera primeiramente a sua confissão geral. Este tinha-lhe dado conselhos para completar a sua conversão que devia ser iluminadora e purgativa, e recomendara-lhe o uso dessas insígnias como sinais da penitência e ao mesmo tempo de piedade.

Dias depois, algumas medalhas vinham fazer companhia aos escapulários. Lucien tinha quatro pregadas com alfinetes na camisola: a mais rara era a de Nossa Senhora dos Eremitas, presente do vigilante. Pusera também uma à cintura, a de Nossa Senhora das Cinturas, que lhe fora cedida por um colega originário da cidade onde existia a Virgem desse nome. Parecia encantado com estes auxílios exteriores e ficava indiferente à ironia de Georges que já não pensava de maneira nenhuma em rezar por ele.

— Com isto — dissera —, quer queiras quer não, sinto-me protegido.

— Felicito-te — respondera Georges. — Mas não deixes nem os escapulários nem as medalhas durante o banho do sábado: isso poderia trazer consequências.

No fundo, gostava ainda mais de Lucien. Deleitava-se a pensar que, mesmo sem o conhecimento de Lucien, era o único a ter o segredo dessa mudança. Sem o querer, transformara este rapaz, a quem fazia seguir os traços do virtuoso Décalogne. Semelhante resultado não era menos sedutor, mas poderia ser duradoiro? Georges aceitava-o como uma diversão passageira. A religiosidade desapareceria em breve nas asas do Tempo — a tristeza já se tinha desvanecido. Lucien não tardaria a esquecer André, que Georges se acautelava em não lhe lembrar, e de quem já ninguém falava.

Depois dos escapulários e das medalhas, Lucien apaixonou-se pelas imagens piedosas. Decidiu coleccioná-las e começou pela da primeira comunhão de Georges; a seguir pediu aos colegas e finalmente aos próprios professores. O missal e o livro de cânticos estavam repletos delas; quando já não havia lugar, encheu uma caixa na carteira. Algumas estavam rendilhadas a toda a volta ou cortadas em forma de cruz; outras de pergaminho com iluminuras. Reproduziam quadros religiosos, flores, objectos de culto. Havia mesmo, no número das imagens de luto, algumas à memória de pessoas que Lucien nunca conhecera. Uma delas era a fotografia sorridente dum jovem que sublinhava esta epígrafe: «Passou como um lírio e apenas deixou um perfume.»

A gravura mais grata ao coração de Lucien parecia ser a de Santa Teresa do Menino Jesus e a imagem do Santo Rosto que era acompanhada pela inscrição autógrafa: «Tenho sede de amor» e trazia um «pedaço de tecido que tocara a serva de Deus». Era a sua relíquia. Depois de a ter deixado muito tempo debaixo das outras, dentro da caixa, acabou por a meter no livro de apon-

tamentos: podia assim contemplá-la mais vezes e beijá-la quando julgava que Georges não o observava.

Muitas destas medalhas e imagens davam indulgências apostólicas que ele ganhava ao rezar, diante delas, as orações apropriadas. Isso conduziu-o à devoção das indulgências.

Trazia para o estudo o livro de missa e escrevia listas de orações indulgenciadas. Consignava estas contas num caderninho de que arrancara, sem mesmo as tornar a ler, as páginas já escritas — aquelas onde outrora, sorrindo, escrevera outras coisas. Rasgara-as em bocadinhos, que mastigara, assim como a alguns poemas dispersos nos cadernos e aos quais deu caça. Nem sequer verificou que faltava um ao seu santo apetite.

Georges, logo que Lucien lhe emprestou o caderno expurgado, notou sob a capa as barbelas que tinham deixado as folhas desaparecidas. Contemplou um momento as últimas, como se, por uma espécie de simpatia, elas trouxessem, numa tinta invisível, as confidências das primeiras.

O piedoso registo começava por esta nota:

«União em pensamento a todas as missas: trezentas e cinquenta mil missas por vinte e quatro horas, quatro elevações por segundo.» Em seguida vinham orações, reflexões, afeições, bênçãos, submissões, invocações, exortações, adorações, aclamações, aspirações, satisfações, petições, contemplações, classificadas por ordem de indulgências — plenárias, trinta anos e trinta quarentenas, sete anos e sete quarentenas, sete anos, trezentos dias, etc., etc. — com o pormenor que lhes conferia, algumas vezes, um valor especial: as circunstâncias, o lugar, a intenção, a posição (de joelhos ou de pé).

Umas podiam dizer-se à vontade, outras só uma vez por dia, ou num dia determinado.

Uma página do caderno continha uma série de indulgências muito grandes, citadas antes na qualidade de

estímulo para o futuro. Havia uma de 30 000 anos, dada por Alexandre VI, e uma de 80 000, imaginada por Bonifácio VIII e confirmada por Bento XI. Meu Deus! esta devia ganhar-se em Veneza e a outra em Pádua. Lucien sonhava algumas vezes com estes números que fixara num livro emprestado por uma das irmãs. Sem dúvida invejava secretamente os habitantes de Pádua e de Veneza e achava injusto que se pudessem obter tantas indulgências de uma só vez. Na que dizia respeito à pátria de Santo António, bastava uma ave-maria dita no altar de Nossa Senhora de uma igreja dos Agostinhos. Lucien consolava-se à sua maneira declarando que, mais tarde, faria propositadamente essa viagem.

Graças a Deus, podiam-se merecer, imediatamente, indulgências muito importantes, sem ir tão longe, em não se contentando com uma simples oração. Consistia em fazer parte de uma confraria, de uma arquiconfraria, ou de toda a obra distribuidora de indulgências privilegiadas. Lucien foi membro da Confraria dos Santos Anjos da Guarda, zelador da Ordem de Propagação das Três Ave-Marias e da Ordem dos Campos, filiado da Ordem dos Tabernáculos e da Boa Morte, Chefe de Série da Associação da Santa Infância e Chefe de Quinzena da Associação do Rosário Vivo.

O Rosário Vivo, por exemplo, permitia ganhar cem dias de indulgências por cada conta do rosário, e Lucien visava já inscrever-se na Confraria do Rosário pròpriamente dita, que dava dois mil e vinte cinco dias de indulgências por cada conta.

A Associação do amor e de satisfação ao Sagrado Coração de Jesus era mais complicada: as indulgências dos associados variavam conforme certas fórmulas eram recitadas primeiro na cruz, depois nas três primeiras contas e finalmente nas contas grandes e nas contas pequenas; o mesmo se passava na Ordem das Santas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, aliás da Misericórdia.

Outras confrarias ou arquiconfrarias davam como vantagem a participação em grande número de missas perpètuamente: eram as do Santo Nome de Jesus, de Nossa Senhora de Montligeon, do Santíssimo Coração de Maria, de Nossa Senhora do Sufrágio, de Nossa Senhora de Lurdes, de Nossa Senhora das Vitórias, da Virgem das Sete Dores de Campo-Cavallo, do Sagrado Coração de Jesus de Castro-Pretório, do Santo Sacramento, do Coração Agonizante, do Precioso Sangue, da Penitência de Montmartre, de Santa Ana de Auray, de S. Miguel da Milícia Angélica e do Culto Perpétuo de S. José.

Lucien em breve confessou perder-se um pouco e concentrou os principais esforços sobre as confrarias do Santo Nome de Jesus, porque era a primeira em que se inscrevera.

Além dos boletins de algumas destas sociedades, fazia circular brochuras de propaganda intitulada: «Tudo por Jesus», «Ide até Ele», «Quem é Maria?», «Vinde a José», «O Céu aberto», etc. Espalhou também a devoção a Santo Expedito, chamado o patrono dos estudantes porque, dizia a notícia, este Santo ajuda-os a «despachar os trabalhos».

Fez-se igualmente recrutador de várias obras caridosas, entre outras, a de «Bocadinhos de Pão dos Clérigos da Imaculada», que tarifava assim as oferendas:

«Um bocadinho de pão, ou seja uma dádiva de dez francos, em honra de Santo António ou ainda de Santa Teresa do Menino Jesus.

«Três bocadinhos de pão, ou uma dádiva de trinta francos, em honra da Sagrada Família (Jesus-Maria-José).

«Doze bocadinhos de pão, ou uma dádiva de cem francos, em honra dos doze apóstolos.»

Lucien tomou por fim o comando dos terços porque representava a Ordem chamada «O Rosário das Crian-

ças»: havia «rosários de penitência vulgar» ou «rosários de penitência reforçada» e diversas categorias para as contas: «cocotine», «imitação de coco», e «coco autêntico».

Os melhores ou piores gracejos de Georges não desarmavam Lucien, cujo apostolado se exercia primeiramente sobre ele. E como recusar uma filiação que valia ao promotor um suplemento de indulgências? Aliás, os direitos nunca eram muito dispendiosos: um franco, franco e meio e até um soldo. A maior despesa foi provocada por «Bocadinhos de pão»: Georges adiantou muitos francos no economato para a Sagrada Família.

Cedera nas ordens mais ou menos longínquas, que consistiam numa imagem. Isso lembrava-lhe a «Liga Marítima e Colonial»: inscrevera-se no liceu embora não tivesse nenhuma intenção de fazer grandes viagens ou viver nas colónias, porque enjoava e temia as serpentes. As adesões que lhe tinham sido arrancadas eram muito platónicas mas contava que não o apanhassem tão depressa na obra que existia no próprio colégio: a congregação.

O padre Lauzon perguntara-lhe, depois de uma confissão, se não ficaria sensibilizado com a honra de ser filho de Maria, mas ele respondera que isso exigia primeiramente uma longa preparação espiritual.

Com Lucien, que abordou também este capítulo, foi mais sincero e citou-lhe a opinião de Marc de Blajan. Na realidade, estava encantado por tê-lo em xeque e guardar-se moralmente das suas liberdades de acção.

Um dia, contou-lhe que passava por uma crise moral, que tinha as mais sérias dúvidas sobre a religião, por culpa, sem dúvida, das obras de Anatole France de que lhe não falara muito. Tudo acabara por amadurecer e agora rebentara — os feitos do retiro haviam-se atenuado com o tempo.

Com o pretexto de se esclarecer, pôs à prova a fé de Lucien, expondo-lhe o melhor que pôde, durante um pas-

seio, as razões das suas dúvidas. Lucien escutou calmamente e limitou-se a concluir:

— Tu és parvo.

Georges arquitectou em vão as demonstrações mais inteligentes. Lucien não quis ouvir. À tarde passou a Georges o livrinho, onde acabava de escrever a seguinte nota: «Rezar muito pela conversão de Georges.»

Era um pouco forte. Na verdade havia um pouco de necessidade de conversão. Afinal de contas não seria tão impróprio. Georges converter-se-ia por causa de Lucien, do mesmo modo que Lucien se converteu por causa de André, mas com intenções diferentes, como nas indulgências. Chorariam ambos no tapete de cama; diriam orações, um ao lado do outro, em pijama. Fundariam uma dessas amizades santas dignas de Mauro e de Plácido. Formariam um *Collegium Tarsicii* em miniatura, e, frequentemente, ajudariam à missa ao Superior. Lucien ficaria orgulhoso com este sucesso; por sua vez gostaria ainda mais de Georges. Aliás podia-se ir muito longe: ao abrigo da virtude, passam-se muitas coisas. Mas, no fim de contas, repugnava a Georges este papel de Tartufo. Bastava ter enganado Lucien uma vez. Era preciso aproximar-se do seu coração por outros meios.

Na tarde da saída do mês de Novembro, Georges disse-lhe:

— A minha mãe informou-me hoje que uma das minhas primas, que é muito bonita, muito loira e se chama Liliane, passará em nossa casa o Natal. Tu és exactamente o tipo dela. Ficará doida contigo. Porque não vens também? Não nos incomodarás nada, temos vários quartos de hóspedes.

— Muito obrigado, meu caro Georges — respondeu Lucien. — És muito gentil; mas quero ter, este ano, um Natal sério no seio da família.

E acrescentou, sorrindo:

—Não fiques aborrecido.

Três dias depois, encontrou na carteira um livrinho lindo de capa de carneira vermelha, doirado nas bordas. Estava escrito na primeira página com a data de 6 de Novembro: *A Lucien, pelo seu aniversário. Georges.*

Lucien sorriu ao companheiro e disse-lhe obrigado: apertou-lhe a mão debaixo da carteira. Pegou no livro e leu estas estrofes na folha seguinte:

*Oh Meu Bem-Amado, procurei-te desde a aurora*
*Sem te encontrar, encontro-te, e a noite chegou:*
*Que felicidade! Não é completamente escuro:*
*Os meus olhos*
*Poderão ainda ver-te.*

*Teu nome espalha todos os óleos importantes,*
*Tua aragem une todos os perfumes essenciais,*
*Tuas mais simples palavras são compostas de mel.*
*E teus pálidos olhos*
*De todos os Céus.*

*Meu coração desfaz-se como um fruto terno e sem casca.*
*Oh! neste coração que te procurava, vem, meu bem-amado,*
*Instalar-te, suavemente, como uma almofada.*
*E depois com força*
*Como um sinete.*

Georges conhecera o poema há dias, de uma revista que a mãe lhe trouxera. Certamente ao passá-lo no livrinho comprado para Lucien, lembrava-se do mal que um escrito daquela natureza valera a André, mas sabia igualmente que não devia temer qualquer traição. E embora não tivesse ousado assinar os versos, esperava que Lucien acreditasse serem dele. Seria feliz por destronar, com este golpe, o prestígio literário que André tivera aos olhos do amigo. Podia-se muito bem ser poeta quando se era o primeiro em Francês.

Lucien perguntou:

— De quem são?

Não havia senão que confessar o nome de Edmond Rostand.

— É uma mulher que fala, com certeza — acrescentou Lucien.

— É mesmo a Samaritana — respondeu Georges com desdém. — A menos que tu não queiras que seja a *Imitação.*

Falhara todo o efeito. A poesia não teria maior influência que a prima. Lucien fixou, relativamente a este Bem-Amado dum novo género, a ironia de Georges em relação à sua piedade. Mas Georges também não se deixou desanimar.

Começou por citar algumas passagens destas estrofes nas conversas do dormitório e pediu a Lucien que as relesse. Este assumiu um tom ridículo mas obedeceu. Os livros, os cadernos, as notas, a merenda, a sobremesa, acima de Lucien eram os do Bem-Amado. *Sinete, Almofada* tornaram-se o santo-e-senha.

Uma das horas mais agradáveis de Georges era agora a do estudo de piano. Sugerira à velha senhora, que vinha todas as semanas dar lições, que o pusesse a tocar a quatro mãos com Lucien, porque tinham a mesma firmeza.

— A minha mãe — disse — gosta muito de um truque de Chopin, intitulado: *Variação Brilhante sobre o Rondó Favorito: Eu vendo escapulários.* Se não fosse muito difícil, estaria indicado para nós, embora tu só me tenhas vendido indulgências.

— Parece-me que no que diz respeito às *Variações Brilhantes* tens para revenda mas lembra-te que eu não sou comprador.

Haviam obtido autorização excepcional para repetirem juntos, à tarde, a lição. Via-se, de vez em quando, passar a sombra do prefeito através da porta envidraçada. Mas que importava! Georges não deixava de estar sòzinho com Lucien. As faces roçavam-se quando se inclinavam para

a partitura. Os joelhos tocavam-se quando apoiavam os pés, ao mesmo tempo, no pedal. Georges, por vezes, tomava as mãos de Lucien entre as suas com o pretexto de as aquecer.

No começo de Dezembro, este último teve frieiras. Como elas o impediam de dormir, foi autorizado a ir à enfermaria, depois do jantar, e banhar os dedos em infusões de tanino.

Assim, uma bela noite, Georges, já deitado, viu-o chegar na ponta dos pés regressando dessa operação. Assistiu ao seu despir, que era agora cheio de modéstia. No dia seguinte de manhã, Georges molhou as mãos na torneira do pátio e teve o cuidado de não as limpar: nessa mesma noite tinha frieiras. Manteve-as de tal maneira que, poucos dias depois, podiam passar por inquietantes.

Os que estavam no seu caso iam tratar-se durante o recreio da merenda. Mas Georges não se enganara ao esperar beneficiar do mesmo privilégio que Lucien. A irmã enfermeira foi tão condescendente como a professora de piano.

Naquela noite era a primeira visita em comum à enfermaria. O letreiro indicava: «a irmã enfermeira está: *Aqui.*»

A água fervia num fogareiro, ao lado de duas bacias. A religiosa deu a Lucien uma notícia que lhe prometera, respeitante às indulgências de Santa Brígida. Pediu a Georges notícias dos pais.

— Estará bom antes do Natal — disse ela — Não é preciso aparecer em sua casa com as mãos inchadas. Um aluno de Saint-Claude deve regressar à família não só mais piedoso e mais instruído, mas de boa saúde até à ponta dos dedos.

Georges encontrava-se diante da janela onde vira, na tarde da chegada ao colégio, André brincar com Lucien. Pensava que uma das camas daquele compartimento fora de André na véspera da sua partida. Tais recordações incomodavam-no. Esperara ter maior prazer neste jogo.

Os dois amigos regressaram em silêncio pelos corredores desertos.

— Em que pensas? — perguntou por fim Georges.

Lucien não respondeu; mas quando chegaram junto da porta do dormitório, disse, ao abri-la:

— Penso em André.

Georges nunca ouvira este nome nos lábios de Lucien desde a memorável noite de 6 de Outubro. Hoje, o fantasma desaparecido ganhava vida por cada um deles. Mas que evocações se apresentavam em seguida ao espírito de Lucien? O antigo inimigo de Georges ia talvez, sem rancor, tornar-se um auxiliar inesperado.

Logo que se deitaram e a conversação pôde recomeçar, Georges disse a Lucien:

— Parecia-me que André fora banido do teu programa expurgativo. Vi-te, se não queimar, pelo menos mastigar as suas memórias e os seus poemas. Não serias apenas um sepulcro purificado?

— Nunca deixei de pensar em André — respondeu Lucien — nem de rezar por ele tanto como por alguém que tu conheces bem.

— Muito obrigado.

Lucien acrescentou:

— Foi na enfermaria que nos conhecemos, ele e eu, e justamente por causa das frieiras.

André, de longe, era ainda o senhor: todas as manhas de Georges já tinham sido utilizadas. Mas Lucien podia gostar de André e amar a Deus? Se ele tolerava esta contradição, se nele o passado se ligava com o presente, só restava a Georges abandonar a luta.

— É por humilhação ou por gratidão que pensas tão frequentemente nas nossas amenas conversas?

— Não sabes o que ele era para mim.

— Como se te tivesses privado de mo dizeres!

— Sim, mas pressinto-o; recordas-te exactamente do que eu já esqueci e foi porque olvidei isso que posso pensar ainda em André.

— Confessa que ainda gostas doidamente dele, que sonhas com o seu esplendor e as suas obras e os seus feitos e deixas-nos em paz com os teus santinhos e os teus escapulários.

— Não tens motivo para te zangares! Sabes muito bem que entre mim e ele há o pacto do sangue. Aliás, segundo o seu horóscopo, que eu pedi ao meu tio, ele tem, como eu, três planetas no que se chama a Casa dos Amigos. Além disso nascemos ambos no signo do ar — há quatro signos: o ar, o fogo, a terra e a água —, e isso prova que André e eu nascemos para nos compreendermos.

— Acreditas demasiado nos horóscopos. Queres que te diga? Não dou nada pela tua conversão. Ainda não abandonaste o homem velho, meu caro Lucien. E em grego, André quer dizer: homem.

«Mas nada é superior à minha prima. Ela e tu, tenho a certeza, estão predestinados um para o outro, embora eu pense que ela nasceu no signo do fogo. Vocês devem completar-se porque o ar atiça o fogo.

— Todo o meu fogo se extinguiu.

— Esquecia que tu tens a lua em dez, como Joana d'Arc.

— Fazes pouco destes termos e não conheces o significado deles: *a lua em dez* é o signo da popularidade.

— Ah! Supunha que era o signo da virgindade.

— Contenta-te em vigiar a tua prima.

Num último esforço, Georges mudou bruscamente de táctica:

— Olha! Vamos rezar por esta querida prima. Vou pedir-lhe duas fotografias e metê-las-emos nos nossos livros de missa, como fazia Blajan.

Lucien pareceu indignado.

— Vamos, Georges! — disse. — Não proponhas semelhante ideia no dia da festa da Imaculada Conceição.

O interesse que Georges tinha por Lucien não o afectara nos estudos. Pelo contrário, a fim de se consolar das decepções sentimentais, esforçava-se por estar, o mais frequentemente possível, à cabeça da classe. Em Outubro e Novembro fora o primeiro nas notas do mês, lidas no estudo pelo Superior. Certamente sê-lo-ia de novo em Dezembro, cujos resultados seriam dados dentro de dias, antes das férias. Recebera todas as vezes o cartãozinho do quadro de honra com a designação: «Excelente». A partida de Blajan, que diziam ser muito bom aluno, mas de quem apenas medira o valor, tinha-lhe sido mais favorável que a de André. Georges reinava, assim, sem contestação, no Francês, no Inglês, na História, no Grego e no Latim. Deixava o resto aos colegas.

Em Matemática recebia o auxílio de Lucien, mas queria, por amor-próprio, disfarçar esta fraude aos próprios olhos. Lucien fornecia-lhe as soluções ou as demonstrações exactas e ele esforçava-se por achá-las à sua maneira, o que lhe merecia as seguintes observações nos exercícios: «Rebuscado». «Deturpado». «Forçado». «Arranja muitas dificuldades».

Em contrapartida, não tinha necessidade do zelo sagrado de Lucien para brilhar nas manhãs de domingo, nas aulas de instrução religiosa. Era uma espécie de aposta: respondendo segundo o livro, ficava orgulhoso por saber que a pergunta recebera outras respostas mas guardava-as em proveito próprio. Acabava de ser o primeiro na composição trimestral e apostara com Lucien que teria o prémio, por mais indigno que fosse.

Entre todas as aulas de instrução religiosa, lembravam-se daquela que começara, como de costume, por uma oração ao Sagrado Coração — o velho professor de História, também encarregado destes cursos, colocara-os sob esta protecção especial. Depois, como o assunto era a árvore da cruz, o padre foi levado a falar da árvore da ciência do Bem e do Mal, que fora no Paraíso a prefi-

guração, visto que, disse, a tentação veio deste último e a redenção do outro.

— «Eis justamente o que faz com que a vossa filha seja muda» — disse Georges a Lucien.

Embora o padre falasse e lhe pudessem ser feitas perguntas, era regra nunca rir.

Um aluno perguntou se se sabia que espécie de árvore tinha sido a da ciência do Bem e do Mal.

O padre tirou as lunetas, esfregou os olhos e respondeu tranquilamente:

— Tinha-me esquecido desse ponto interessante na lição relativa ao Paraíso e fico contente por voltar ao assunto. Eis em que estado se encontra o problema:

«A maior parte das pessoas considera que a árvore da ciência do Bem e do Mal era uma macieira, porque está escrito no *Cântico dos Cânticos*, cuja leitura não vos é permitida: «Acordei-te debaixo de uma macieira». Outros pensam que era uma figueira, porque depois de terem comido o fruto proibido se cobriram com folhas de figueira. Outros ainda apontam a laranjeira ou a videira.

«Segundo os habitantes da Ilha da Madeira, a árvore que causou a desgraça dos nossos primeiros pais foi a bananeira, pelo menos uma das suas principais variedades, vulgarmente chamada «bananeira de grandes frutos».

«Esta opinião particular parece ter inspirado aos botânicos as outras designações desta espécie que eles chamam: «Bananeira do Paraíso», «Árvore de Adão» e, em latim, *Musa Paradisiaca* — as bananeiras são musáceas.

Ainda, segundo certos povos, o próprio fruto desta árvore contém o sinal da lei de Cristo: na verdade, podereis ver nos cortes uma espécie de cruz. Diz-se também que em Espanha e Portugal muitas pessoas pensavam cometer um sacrilégio se se serviam de uma faca para cortar uma banana.

Georges esgotara ràpidamente a biblioteca do seu ano. A maior parte dos romances que aí se encontrava tinham-lhe dito o suficiente pelo nome dos autores. Só um o interessava: o *Manual do Índex*, que o obrigara a fazer colecção de outros títulos. Aliás, muitos alunos se serviam dele para os mesmos fins e era o volume mais requisitado em vésperas de férias.

Em vez de se embrutecer com as enfadonhas lições de moral da biblioteca, Georges preferia pedir aos professores obras sérias — sobre a antiguidade, as artes, etc. Uma *Mitologia* bastante completa atraíra-o particularmente. O Superior consentira em lhe emprestar o livro, não sem lhe explicar o seu bom uso.

— Estas fábulas devem ser lidas para se instruir e não para se divertir. Passará por cima de alguns textos e de certas ilustrações. Não esqueça que está constantemente sob os olhos do seu anjo da guarda.

Georges recordara que era membro da Confraria dos Santos Anjos da Guarda. Todas as vezes que encontrava as ilustrações ou os textos contra os quais o tinham prevenido, apressava-se a mostrá-los a Lucien, sob os auspícios da mesma confraria.

A *Mitologia* produziu um efeito que o Superior não pudera adivinhar: Georges votou um culto aos deuses antigos e inscreveu o nome de alguns deles na primeira página dos seus livros. Lamentava não poder escrevê-los ao alto dos exercícios em vez do «Jesus-Maria-José». Divertia-se a evocá-los a fim de ver o que sucedia. À falta de melhor, atribuía-lhes os sucessos escolares.

Se, por um lado, resistia às tentativas da congregação, por outro era muito tentado pela academia. Julgara reunir fàcilmente os cinco exercícios de Francês classificados com mais de dezasseis que deveriam apoiar as candidaturas: o Tatu era severo e Georges sabia que os confrades não o eram menos. Com efeito, livre a academia das suas decisões, os professores cotavam estritamente os ambiciosos, a fim de não correrem o risco de se verem cor-

rigidos por eles. O Superior deixava correr, feliz, sem dúvida, por assegurar o prestígio da companhia que dirigia. Tinha apenas direito de veto como o rei nas eleições da Academia Francesa.

Georges passava em revista os exercícios do trimestre. Era ao companheiro que devia a pior nota, num assunto intitulado: *Retrato de um amigo*. Pretendera tomar Lucien como modelo e descrevera-o com um lirismo certamente excessivo. O retrato terminava pelas palavras: «Eis o que constitui o amigo do meu coração!» À frente, o professor escrevera: «O seu coração não é exigente». A nota — 8 — era acompanhada do comentário: «Mau gosto. Sem ideal. Poderia ter-se inspirado melhor», o que completava a observação de Lucien, quando Georges lhe mostrara o exercício: «Quiseste fazer pouco de mim?» Felizmente o Tatu não reconhecera o herói, nem regalara a classe com este esboço como fazia algumas vezes com os exercícios errados: os ouvintes seriam mais perspicazes.

Felizmente que havia melhor. Depois de ter separado os exercícios médios Georges revia agora os que iam, provàvelmente, dar-lhe em breve o título académico. Começou por percorrer a primeira composição do ano que fizera perder as estribeiras tão depressa a Marc de Blajan: «Um torneio no tempo de Francisco I». Ao alto o censor acrescentara «J. M. J.» e a cruzinha que tinham sido omitidos. Figurava esta apreciação: «Excelente trabalho. Movimento, colorido, termos felizes (dois anacronismos).» Os dois anacronismos tinham aparecido na descrição da tribuna de honra, onde Georges colocara as damas com *hennins*[1] (o professor escrevera: «Demasiado tarde») e à volta do rei não só bobos mas «anões» («Demasiado cedo»).

O tema do segundo exercício era: «A lamentação da madeira» — uma acha com saudades da floresta. Georges

---

[1] *Hennin* — chapéu feminino antigo. *(N. do T.)*

tivera também a melhor nota. A única crítica dizia respeito a uma passagem onde evocava «os pares alegres que passeavam apaixonadamente à sombra dos grandes carvalhos». («Um pouco ousado da sua parte», escrevera o Tatu.) O terceiro exercício tinha por título: «Os nossos emblemas nacionais». («Explicou bem o galo mas havia outra coisa a dizer sobre a cotovia» — «gentil cotovia...» reaparecia.)

Por fim um comentário sobre o pensamento de Vauvenargues: «Os protectores mais seguros são os nossos conhecimentos.» Georges divertira-se a dar a «conhecimentos» o sentido de «dinheiro». («Paradoxo ousado, tratado com espírito».)

Bem! Mas eram apenas quatro exercícios apresentáveis aos ilustres senhores. Era preciso fazer um pequeno esforço no recomeço das aulas.

Georges esperava ser da academia de Saint-Claude mas não perdia de vista a Academia Francesa. O facto de a primeira nunca ter dado ninguém à segunda excitava-lhe o amor-próprio. O colégio lisonjeava-se muito por ter produzido dois membros do Instituto que se tinham distinguido, um na Economia Política, outro na História Natural, mas pertenciam à Academia todos os seus grandes homens, com um ministro, um bispo e três generais. Georges prometia a si próprio dar a este quadro de honra o prestígio que faltava, o único que contava, tornando-se num grande escritor membro da Academia Francesa. Nos momentos de exaltação, via-se ocupando sob a Cúpula[1] o assento de Anatole France, autor de quem sonhava ser o rival.

Todavia guardava ciosamente o segredo, tanto sobre esta visão especial como sobre a própria carreira que desejava abraçar.

---

[1] Nome por que é vulgarmente conhecida a Academia Francesa. *(N. do T.)*

Quando Lucien, que queria ser fazendeiro, lhe perguntara o que pensava fazer na vida, respondera simplesmente «ser marquês, se puder».

Um dos condiscípulos do liceu, a quem, não sem orgulho, confessara o projecto de ser escritor, aconselhara-o a escrever romances policiais e não gramáticas. Georges fizera o voto, desde esse dia, de nunca mais falar disso a ninguém antes da maioridade.

Além dos trabalhos clássicos, até aqui a sua única obra era uma lista: a dos escritores cujo nome tinha a inicial igual à sua. Começava por Sófocles e passava nomeadamente por Sultónio, Shakespeare, Schiller e Eugène Sue.

Georges de Scudéry oferecia, além do mais, a Georges de Sarre, a identidade de nome próprio e partícula, com o título de académico, e o marquês de Ségur identidade em todos os títulos.

Na véspera da partida para férias, houve, à bênção, uma cerimónia tradicional: a bênção do cordeiro.

Um dos meninos de coro atraía a atenção geral trazendo nos braços, como uma dádiva, o cordeirinho que se consagrava em nome dos alunos e que — dizia-se — os professores comiam no dia seguinte.

O mestre-de-capela entoava um cântico de que toda a gente repetia o estribilho, enquanto o animal escoucinhava um pouco — a cor encarnada dos paramentos (festa do Apóstolo S. Tomás) não lhe devia anunciar nada de bom:

*Oh Jesus, meu doce salvador,*
*Venho dar-vos o meu coração,*
*Como este cordeiro*
*Tão branco e tão belo,*
*Como este cordeiro.*

Naquela mesma noite, o mestre-de-capela mudou os lugares na turma dos maiores, para que as vozes estives-

sem mais bem agrupadas à entrada, o que valia a Georges e a Lucien estarem doravante no primeiro banco, na qualidade de altos.

Dir-se-ia que Georges ocupava este lugar principalmente para ver melhor: contemplava aquele que apresentava o cordeiro. Era um rapaz de extraordinária beleza, de cerca de treze anos. Os cabelos loiros coroavam os traços regulares da fantasia de caracóis. Um sorriso maravilhoso espalhava-se-lhe no rosto. Como o cordeiro místico da gravura que estava no quarto do padre Lauzon, parecia oferecer-se ele próprio à adoração. A curta capa vermelha deixava aparecer as pernas nuas.

Georges certamente o notara há muito, do outro lado do coro, na primeira fila dos mais pequenos. Descobrira-o poucos dias depois do começo das aulas, ao ajudar à missa ao lado de Lucien — a missa que devia colocar sob a protecção de S. Tarsício a sua amizade com Lucien. Perto do Superior que distribuíra a comunhão, Georges segurava a bandeja e entre todos os rostos iluminados pelo reflexo deste espelho doirado fora atraído por aquele. Admirara-o sempre mas como um ser inacessível e nunca pensara nele por estar, aliás, absorvido por Lucien. Parecia-lhe agora que aquele rapaz e ele estavam destinados a conhecerem-se e que um laço oculto acabava de os unir. O facto de os terem aproximado naquela noite em tais circunstâncias, e que de futuro devessem estar frente a frente, parecia-lhe de bom augúrio.

Perguntou a Lucien quem era aquele rapaz, cujo nome ignorava: tratava-se do irmão do colega Maurice Motier e estava no quinto ano.

Georges nunca tivera tanto prazer em encontrar-se na missa, como no dia seguinte. Via em frente de si aquele que ornamentaria todos os seus dias em Saint-Claude, visto que estes deviam começar todos por ele. O segredo seria mais um sortilégio. Com efeito, Georges prometera

a si próprio nada contar a Lucien. Demais a mais este último, quer fosse à luz da Santa Infância ou da amizade de André, poderia compreender um culto ao mesmo tempo apaixonado e platónico?

Hoje, Georges abençoava o hábito do colégio que fazia comungar juntos miúdos e graúdos, banco após banco, para assim os reunir numa espécie de homenagem comum. Levantou-se muito comovido. O garoto tinha o ar de vir ao seu encontro. Ficaram separados apenas por Lucien.

À tarde, na estação, Georges empregou toda a sua táctica para levar Lucien a escolher a carruagem onde o garoto acabava de subir, mas não conseguia encontrar lugar dentro do compartimento. Então, nem sequer ousou ir no corredor. Apesar de figurar em todos os quadros de honra do trimestre, ficava intimidado com este estudante franzino, tal como estava por viajar em terceira classe. Primeiramente procurara-o e agora receava-o. Perdera a ousadia à simples ideia de estar tão perto dele, em liberdade. Todavia, quando chegaram a S..., onde sabia que Maurice habitava, olhou pela janela. O miúdo afastava-se alegremente, entre Maurice e o padre Lauzon.

Georges experimentava uma agradável surpresa por se encontrar em casa. Retomava posse do cenário que, de longe, se lhe tornara estrangeiro e respirava de novo o prazer de ser o filho da casa. Já não era o «Sarcófago», ou o «Sardinha», nomes com que o alcunhavam às vezes no colégio; era Georges de Sarre. Acabava mesmo de ser chamado «Sr. Conde» pelo novo criado. Ainda nunca lhe tinham dado essa categoria. Era sem dúvida porque crescera.

Antes de jantar, deu uma volta pela casa, pegou ao colo o gato persa, branco como uma grande borla de arminho com cauda de raposa lapónica, e que lhe piscara o olho, dignando-se reconhecê-lo. Ao mesmo tempo, pensava no rapaz que trouxera o cordeiro.

Ficou contente por voltar a ver o seu quarto. Finalmente um quarto só para ele! Era-lhe consentido não ter saudades do dormitório.

Fez uma escala no piano, um piano pequeno de reizinho onde não havia lugar para tocar com Lucien.

O escritório continha a querida biblioteca — metade da primeira prateleira ocupada pela Santa Bíblia de Menochius, quinze volumes encadernados a marroquim vermelho e, sobre esta base sólida, enquadrada por dicionários, os livros de poesia, romances e histórias. Ao lado, a vitrina com livros antigos, trabalhados: os que nunca

se abriam. Georges enterrou-se num cadeirão de cabedal. Ao menos este era confortável e podia deixar-se cair sem receio. Diabos levassem os assentos que era preciso abordar com respeito, como os do salão!

Neste compartimento, Georges ficou impressionado com a serenidade da luz que atravessava as cortinas. Tudo lhe pareceu cheio de encanto. As minúsculas personagens da tapeçaria de seda tocavam flauta para o receberem. Os retratos divertiam-no. S. João Baptista, em menino, levantava o dedo parecendo dizer: «Eu sou o mais belo.» A nobre viúva brincava com um macaco; o pajem tinha um ar muito independente. As colecções de medalhas reavivavam em sua honra os embaciados cunhos.

Os seus olhos, purificados pela austeridade de Saint-Claude, descobriam a magnificência dos tapetes persas. Admirou a variedade dos seus pequenos desenhos, o jogo das cores, o apertado da lã. Num deles, onde um ramo de flores parecia ter sido disperso, poisou o gato, a fim de vê-lo passear pelas flores do seu país.

Na casa de jantar acendeu, em sua honra, os dois castiçais de prata. Havia pamplumossas na fruteira: não tinham esquecido os seus gostos. Era pena que este fruto não pudesse figurar, no colégio, na caixa das provisões. Tornava-se necessária uma grande encenação — açúcar, kirsch, gelo partido. Georges julgava ter esquecido todas estas coisas e não estava aborrecido por as recuperar.

Fez uma visita à cozinha onde soube que, em sua honra, haveria à noite um bolo enfolado.

Deu alguns passos no terraço, depois desceu ao jardim e visitou a estufa.

Na garagem, a bicicleta estava suspensa numa forca. Preferia-a ao automóvel dos pais. Tendo-a desenganchado, encheu os pneus, tocou a campainha, como o sinal de um outro bem que readquirira: a liberdade. Imaginava passeios longínquos, onde estaria só, ao vento. Lamentava

que S... fosse, apesar de tudo, demasiado longe para os seus meios; gostaria de aí ir daquela maneira.

Nos dias seguintes encontrou, por aqui e por ali, os antigos camaradas do liceu. Pareceram-lhe mais que nunca desprovidos de interesse, uns com a mania do cinema, outros com graçolas e os desportistas com a sua maneira de compreender o desporto. Quanto a ele, quase não teve oportunidade de mostrar como entendia a bicicleta: o mau tempo da estação impedia-o.

Escreveu a Lucien uma longa carta. Comunicou-lhe que a famosa Liliane não viria: por conseguinte, Lucien poderia vir, o seu pudor não corria risco algum. Como desforra, Georges já não falava da sua vida: tendo recebido como presente uns estupendos floretes e tido uma primeira lição de esgrima, desafiava-o já para toda a espécie de assaltos, mesmo em ponta desembolada e em ferro amolado. Dizia-lhe igualmente que tinha lido *Thaïs* e o *Cântico dos Cânticos* e perguntava-lhe por fim se as frieiras já estavam curadas.

Recebeu, pouco depois, a seguinte carta de Lucien:

*... 27 de Dezembro de 19...*

*Caro Georges*

*Agradeço-te imenso por teres sido tu o primeiro a escrever e renovares o teu cordial convite. As nossas férias são infelizmente demasiado curtas para que eu possa ir ter contigo. Tenho apenas tempo para te responder, um pouco apressado porque estou a fazer uma série de visitas aos presépios das igrejas (isto dá indulgências). A nossa missa da meia-noite foi muito bonita: cantou uma rapariga, talvez tão bela como a tua prima.*

*Se tiveste no Natal os apetrechos de um esgrimista (atenção não tires um olho a ti próprio), eu tive uma bicicleta verde. Não é uma marca famosa, como a sua, senhor, mas não é má: mudança de velocidades, porta-*

*-bagagens niquelado, campainha de dois sons — ding-dong — ...*

*Uma vez que me falas das tuas leituras, dir-te-ei o que leio:* O Bondoso Jesus, *traduzido do espanhol. É muito interessante.*

*Foi aí que encontrei o santinho que te envio. Poderás ver a oração «Ao anjo da guarda dum jovem ausente». É a que eu rezo por ti neste momento — sei-a de cor. Reza-a tu por mim. Apesar de todos os meus esforços, tenho necessidade, mais do que pensas.*

*O meu tio, o astrólogo, diz que não vê no meu horóscopo nenhuma indicação do que ele chama misticismo. Assegura que Urano e Marte estão juntos, prevendo coisas muito diferentes que ele se recusa a precisar. Esta ideia enerva-me e não a posso confessar senão a ti, visto que é também a tua. É parvoíce querer acreditar em tudo...*

Acrescentou, em *post-scriptum*, que se inscrevera na «Liga Marítima e Colonial» preparando-se assim para a sua carreira de lavrador. Os dois amigos tinham dado conta das suas coisas.

A imagem que Lucien mandara mostrava um anjo azul perto de um menino cor-de-rosa e nas costas lia-se o seguinte:

*Anjo da guarda daquele que o meu coração vos nomeia, vigiai-o cuidadosamente. Tornai os seus passos fáceis e os trabalhos fecundos. Enxugai as suas lágrimas se ele chorar, santificai as suas alegrias se as tiver; aumentai a sua coragem se se sentir fraco. Reanimai a esperança se se desolar; a saúde se sofrer; a verdade se se desencaminhar; o arrependimento se morrer. (Quarenta dias de indulgências.)*

Georges era amigo de Lucien mas parecia-lhe tornar-se, cada dia que passava, um pouco mais o amigo de

um outro, que mal conhecia, e que nem sequer o conhecia a ele. Também tinha o seu «menino ausente», que era ao mesmo tempo o seu anjo e a sua oração. Pensava frequentemente no jovem Motier. Como se estivesse a manifestar-se-lhe, quis manifestar-se às pessoas que o rodeavam, aos lugares que o possuíam.

Escrevera a Blajan, que não deixara S..., para lhe perguntar as direcções exactas de Maurice e do padre Lauzon. Gostava de recordar que o nome daquela cidade figurava na sua primeira conversa no colégio.

Marc, informando-o, mostrou-se sensível à sua recordação: uma carta pessoal era diferente da carta colectiva da classe, onde só havia duas linhas assinadas por todos. Marc estava destinado a ser o papalvo das intenções de Georges: de resto, não há muito, julgara ditar a escolha do padre Lauzon como confessor, e essa escolha fora apenas indicada por Lucien.

Georges apressou-se a enviar os votos de Ano Novo ao padre e a Maurice. Escreveu, pela primeira vez, o nome de Motier. Maurice ficaria surpreendido, sem dúvida, por receber esta carta, pois não estava muito relacionado com o expedidor; o padre igualmente, visto que a abertura das aulas era tão recente. E Georges lamentava que, em virtude da data tardia, Maurice não tivesse tempo de lhe responder. Essa carta tê-lo-ia interessado. Talvez o miúdo a lesse, como leria, decerto, a que Georges escrevera.

No dia de Ano Novo viu, na montra de uma papelaria, uma exposição de santinhos. Parou, pensando que haveria aí com que presentear Lucien. Não era muito fácil. Lucien estava abundantemente fornecido: possuía todos os anjos e todos os santos nos livros e na caixa. Os que se viam ali, com um aspecto mais ou menos diferente, eram os mesmos que já tinha.

Seria necessário algo de original: um anjo raro, como os que citam os poetas parnasianos, um bem-aventurado de fresca data, ou um desses santos desconhecidos que nunca saíram do martirológio.

Fotografias de museu, sobressaídas por imagens edificantes, enfeitavam um canto da montra. Uma delas, que representava o busto dum jovem deus, chamou a atenção de Georges: a cabeça encantadora, com um olhar profundo, inclinava-se ligeiramente sobre um ombro e longas madeixas de cabelo caíam sobre o outro. Entrou e comprou-a. Tinha esta legenda no verso: *O amor de Téspis. Palácio do Vaticano.* O confronto destes termos pareceu a Georges simbólico: uma radiosa amizade esperava-o em Saint-Claude, como este amor que erguia a apologia do paganismo na própria morada do vigário de Cristo. Decidiu conservar a gravura para si e pô-la na carteira: seria o salvo-conduto do ano que começava. Juntou-lhe, como recordação, a do anjo da guarda.

Terça-feira, três de Janeiro: recomeço das aulas. Por causa da neve, não seria agradável ir para o colégio de carro e Georges seguiu de comboio. Hoje, era ele que partia e os pais que ficavam.

Lucien, que vinha de mais longe, guardara-lhe um lugar. Estava impaciente por levar Georges ao corredor a fim de lhe dar a novidade. André escrevera, a carta tinha chegado no dia anterior.

— É aborrecido — disse. — Exactamente no último dia! De momento fiquei transtornado. A minha «desconversão» foi tão rápida como a minha conversão. Era engraçado: à medida que lia, julgava sentir medalhas e escapulários caírem-me ao longo das pernas.

«As indulgências, os rosários, o anjo da guarda, «O adorável Jesus», tudo isso está morto. O meu tio e tu, tinham razão.

— Cuidado! Será a minha vez de te converter.

— Não acredito que tenhamos grande crédito, nem um nem outro, no que diz respeito a conversões.

Lucien não resistiu mais ao desejo de mostrar a Georges a famosa epístola que lhe trouxera.

— Não conheceste os versos de André — disse — mas vais ter uma ideia da sua prosa.

*Meu caro Lucien*

*Penso que ficarás contente por receberes, finalmente, notícias minhas, com os meus votos de Ano Novo. Já me terias lido, se eu não tivesse ficado nas férias fortemente engripado. Não queria escrever-te antes de estar bom. A nossa amizade só deve conhecer o belo e o agradável. Digo «a nossa amizade», porque estou certo de que a absurda separação nada alterou. Aliás, que se pode alterar nos astros que nos ligam para sempre?*

*Deixa-me primeiramente censurar-te por me teres feito expulsar e em seguida de não me teres escrito. Censuro-te muito mais o teu silêncio que o teu estouvamento, porque, evidentemente, não foi de propósito que perdeste a poesia que causou a minha infelicidade.*

*Lembras-te dos versos que copiara para ti — e por pouco que sejam observados — desse autor malfadado, do começo do século, que se chama Fersen? Se calhar nem mesmo chegaste a saber como eles contaram terrìvelmente para mim. Tivera a imprudência de escrever o meu nome por baixo das estrofes, mas o teu, por felicidade, não figurava na dedicatória, e foi o que te safou.*

*Terias rido por causa da minha discussão com o Superior a propósito do barão de Fersen, de quem, apesar das minhas afirmações, até me negava a existência, tentando fazer-me confessar que o poema era meu. Para me confundir, procurou até nos dicionários onde havia todos os Fersens da criação, excepto aquele.*

*No fim de contas, autor ou plagiador, estava perdido. Só me restava representar a cenazinha clássica do arrependimento com passagem graduada da atrição à contrição, as lágrimas do remorso atamancando tudo.*

*Na verdade tinha interesse em não ser muito denegrido aos olhos dos meus e, como se costuma dizer, em*

*salvar a honra do convento. Foi assim que fui admitido, sem dificuldade, no liceu de... como interno. Eis o que custa gostar de alguém quando se está entre os padres. Julgo que são ciumentos, é a eterna história da «raposa que tinha o rabo cortado».*

*Penso frequentemente nas nossas próximas férias grandes. Espero, não é?, que a tua família vá novamente a... como a minha. Recordo também muitas vezes o último Verão, o maravilhoso Verão que me consola ainda longe de ti. Parece-me reviver aquela noite na montanha, em que dormimos ao luar, como dois Endimiões. Para falar verdade, eras tu que dormias e eu via-te dormir. O quadro era de natureza a inspirar o sr. Fersen. Mas, de preferência a fazermos poemas, guardemos estas recordações no mais fundo de nós próprios. Aí ninguém se pode apoderar delas. Aí, ninguém pode impedir André de ficar junto de Lucien, e de o abraçar como antigamente...*

Esta leitura encantara Georges. Tinha ficado satisfeito por verificar que André não o implicava absolutamente nada no caso do poema. O Superior não dissera onde é que os versos tinham sido encontrados. A pista estava confusa; o que era muito melhor. Além disso, Lucien não teria de maneira alguma que lamentar-se por causa de Georges, visto que André gostava ainda dele. E Georges não precisava de ser ciumento, pois, por seu lado, gostava de alguém. Foi principalmente por causa disto que a carta lhe havia sido tão agradável: falava a linguagem de ternura que sentia em si. Correspondia ao seu próprio estado.

Acabavam de deixar a estação de S... onde o miúdo devia ter subido. Georges fora tentado a olhar, mas não se mexeu do seu canto. Estava certo dessa presença pela inquietação extraordinária que o assaltara. Mal escutava as palavras de Lucien respeitantes à poesia, de que não se lembrava ter guardado ou perdido, e à sua

intenção de se desembaraçar do serviço das obras piedosas sobre este ou aquele colega.

Pouco a pouco, a emoção em que Georges se encontrava deu lugar a outras. Estava aterrorizado por descobrir em si uma tal paixão; a de André e de Lucien parecia-lhe, em comparação com a sua, uma coisa sem importância. Já não estava intimidado pelo garoto mas por ele próprio. Desejava que o rapaz não seguisse no comboio e não regressasse a Saint-Claude. A ideia parecia-lhe odiosa e, simultâneamente, razoável. Punha toda a sua esperança nesta amizade, mas desejava que nunca florescesse como se ela devesse produzir complicações mais graves do que as que Lucien e André tinham sofrido.

Quando se encaminhavam para Saint-Claude, Maurice veio junto de Georges agradecer-lhe a carta. Ao longe, corria o verdadeiro destinatário da missiva. Viam-no atirar bolas de neve, subir aos taludes, deslizar nos charcos gelados, alcançar, brincando, o colégio onde o esperavam, talvez, provações que nem sequer supunha.

Tal como indicava o regulamento, a comunidade reunia-se na sala de estudo dos miúdos «para desejar as boas-festas ao Sr. Superior e aos Srs. Professores».

Um aluno de Filosofia leu um discurso de saudação ao qual o Superior respondeu com o comentário da divisa beneditina: *Ora et labora.* Georges reconhecera, na extremidade da quarta fila, do lado do pátio, o jovem cuja imagem reinava na sua alma. Só o via de costas e, de vez em quando, de perfil: não estava menos contente por esse motivo.

— A oração nunca é prejudicial ao trabalho — dizia o Superior —, e é por isso que vos fazemos rezar o mais possível. O tempo que se consagra a Deus nunca é perdido. Quando S. Raymond Nonnat, ainda um simples pastor, estava em oração, um anjo vigiava o rebanho e afugentava os lobos.

Dirigiram-se para a bênção. Georges estava inquieto à ideia de uma mudança de lugares entre os mais novos.

Agradeceu aos Céus quando o rapazinho se ajoelhou no mesmo sítio do costume.

Os paramentos eram brancos, mas a primeira bênção do ano não precisava de invejar à primeira missa de Outubro as cores do amor. Não existia só, como de costume, a lâmpada vermelha do altar; fora armado um presépio na nave, durante as férias, e todas as lâmpadas que o iluminavam eram encarnadas. Faziam lembrar a Georges uma passagem do *Cântico dos Cânticos*, que apontara na agenda: «O amor é forte como a morte, o seu ardor inflexível como o Inferno e a luz é de fogo e de chamas.» Amor e amizade, não eram a mesma coisa? Os versos de Fersen diziam também: «Amigo... Amor...» E o cântico que a *schola* entoava só falava de amor. O Espírito Santo era «espírito de amor» no cântico de outro começo das aulas. Tinham sido raras as palestras e as instruções do retiro que não tivessem feito alusão ao amor. Georges sorrira então ao ouvir aquela palavra, mas agora compreendia: não a teriam esbanjado em vão.

Sim, neste momento, no meio destes cânticos, das luzes, do incenso, abolira as suas últimas apreensões. Jurara a si mesmo conquistar aquele que o destino colocara na sua presença, repto vivo da beleza.

Na manhã do dia seguinte, ficou surpreendido por não ver no seu lugar aquele em honra do qual se arranjara particularmente. Viu-o no altar em frente, ajudando à missa o padre Lauzon. Isto fê-lo recordar que Maurice desempenhara o mesmo papel com aquele padre, durante várias semanas antes das férias. Mas um serviço com esta duração era excepcional. O rapazito seria, sem dúvida, apenas por um dia, ou, quando muito, por oito: os casos mais frequentes.

Ao menos, a missa era de vermelho (oitava dos Santos-Inocentes). As promessas de ontem à noite confirmavam-se. Mas que queria dizer, por outro lado, esta festa

dos Santos-Inocentes? O jovem acólito do padre Lauzon não figuraria apenas por ironia, tal como Lucien figurava na bênção de S. Plácido? Era ainda, talvez, um inocente, mas demasiado belo para ser um santo.

Como as missas particulares acabavam antes da missa pública, que as comunhões prolongavam, Georges vigiava o altar. Desejava que o rapaz descesse imediatamente e achava o padre Lauzon duma lentidão insuportável. Quando este terminou lamentava que o garoto não se despachasse mais depressa para ir apagar as velas e cobrir o altar. A cabecita passou uma última vez atrás da balaustrada, enquanto o padre, livre dos hábitos sagrados, se recolhia em oração. A porta da tribuna abriu-se, depois a do transepto, e o miúdo, na ponta dos pés, veio juntar-se aos colegas. Não se considerava dispensado, pela missa a que acabava de assistir, de seguir a missa do Superior: leu as últimas orações com atenção. Pouco depois, a matraca tocava — era a saída.

Cena idêntica no dia seguinte: a comédia continuava. Ainda a mesma cena no outro dia e no sábado. Apenas a noite da véspera trouxera alguma compensação: era a primeira sexta-feira do mês, e, segundo o costume, havia a bênção do Santíssimo. Georges tivera uns bons vinte minutos para entreter o seu apetite.

Por outro lado acalmava-se. O rapazito acabaria sem dúvida no fim da semana. A missa rezada deste domingo da Epifania seria a última que ouviria lá em cima. Num feliz presságio, já se encontrava no seu lugar durante a missa cantada. «Ecce advenit... Ele chegou!» dizia o texto. Mas foi em vão que espalhou o oiro, o incenso e a mirra. Apesar de todos os presentes dos Reis, não obteve a graça de um olhar. Debalde experimentou fazer-se notar deixando cair primeiro o livro, depois tendo um violento ataque de tosse. Teve de contentar-se com o que o rapaz oferecia à vista de todos: as linhas puras, as atitudes elegantes, os gestos graciosos, o movimento dos lábios que rezavam.

Estava um pouco despeitado por tanto zelo pelas coisas do Céu. Não importava: como um herói antigo, sentia-se pronto a combater os próprios deuses.

Foi o primeiro em Grego. Mas os resultados do seu ano interessavam-lhe muito menos que os do quinto. Esperava um nome, que iria envolver o refeitório de uma suavidade delicada. O pequeno Motier era o sétimo em vinte e dois. Nada mau, apesar de tudo.

Nenhum sucesso nas Vésperas, mas Georges continuava confiante. «A amizade é como o génio», dizia para consigo: «uma longa paciência».

Durante as solenidades do dia, os diáconos e os acólitos tinham-se interposto incessantemente, contrariando o seu magnetismo. Nas missas rezadas da semana nada o aborrecia. Georges estava impaciente por que terminasse o domingo. Dava-se oito dias para obter um sorriso do jovem e olhou o calendário a fim de verificar as datas.

Pobre Lucien! Escapara por um triz. Georges quase se esquecera de lhe apresentar os votos de Feliz Ano Novo. Estava-se a oito de Janeiro que se referia não só à Epifania mas a São Lucien. De manhã, durante a meditação, o Superior só falara dos Reis Magos.

No dia seguinte, tratava-se de S. Julião de Antioche, que, ao dirigir-se para o cadafalso, convertera o filho do seu carrasco: o rapaz saíra da escola para assistir ao espectáculo e, de repente, atirou os livros e arrancando a túnica correu para junto do mártir e morreu com ele.

Eram estes os auspícios sob os quais começaria em breve uma empresa de seduções em plena igreja.

Pois quê! Aquilo ainda durava! O garoto ajudava o eterno padre Lauzon a vestir os eternos paramentos vermelhos. Georges não estava apenas desiludido e furioso. Começava a ficar inquieto: tanta assiduidade não indicaria que o destinavam ao sacerdócio? Via, naquela brincadeira do destino, uma repetição do que lhe acontecera no primeiro trimestre com Lucien. Envolveram-no pensamentos tristes. Parecia-lhe que a felicidade, tão arden-

temente desejada, seria inatingível. Não, uma tal recusa de justiça não podia ser consentida!

No primeiro recreio, pediu a Maurice uma informação sobre a aula de Matemática que ia seguir-se, e, como se isso o fizesse pensar no professor, acrescentou:

— Já não ajudas à missa ao querido padre?

— Muito obrigado — respondeu Maurice. — Passei a pasta ao meu querido irmão.

— Vocês revezam-se?

— Mais uma vez, obrigado! Fiz o meu mês, agora é a vez de fazer o dele. Foi a minha mãe que quis isto. É muito religiosa, naturalmente, e agrada-lhe que os seus dois filhos ajudem à missa, um em Janeiro e o outro em Dezembro: eis por que abrimos e fechamos o ano dizendo *ámen* ao padre Lauzon — ele é íntimo dos nossos pais.

— Perfeito! No vosso lugar desconfiaria dele. Sereis tonsurados antes de vos aperceberdes disso, como filhos de reis merovíngios.

— Está descansado — tranquilizou-o Maurice rindo. — Não somos filhos de rei mas de médico e temos a cabeça dura. És muito amável, contudo, por te interessares por nós; assim vou emprestar-te os versos de Richepin.

Estes versos, de que Georges já ouvira falar, eram extraídos da compilação *As carícias*. Circulavam entre alguns iniciados que, dizia-se, os transcreviam nas margens dos seus missais, a fim de os decorarem durante os ofícios — liberdade menos digna do grande século que do seguinte. Até agora, Georges mostrara-se pouco curioso por tais versos. Ficara na mesma com os de Rostand e de Fersen. Contudo tinha de ser diferente para com o amor-próprio de Maurice e agradeceu-lhe a sua gentileza.

— Na aula — acrescentou, — soprar-te-ei as lições.

Todas as manhãs, durante a missa, olhava o altar, com um interesse que doravante já não o alarmava. Quando

o rapazito estava ajoelhado, a balaustrada escondia-o, mas Georges sabia em que momentos iria vê-lo de pé: no Evangelho, no ofertório, na consagração, novamente depois da comunhão, etc.

Estes pequenos prazeres quotidianos faziam-lhe ter paciência e a capela ocupava actualmente o lugar de honra na sua vida. Acolhera como uma recompensa o caminho da cruz ritual da terceira sexta-feira, e desejava que houvesse a bênção do Santíssimo todas as tardes, como havia no tempo do retiro. Agora, nada lhe era mais agradável que as cerimónias do domingo. A missa cantada, as Vésperas, que outrora achava aborrecidas, tinham-se tornado, na sua opinião, demasiado curtas.

No refeitório, os seus desejos haviam mudado igualmente: gostava menos do *Deo gratias,* que permitia contudo conversar com Lucien, e preferia a calma da mais enfadonha leitura. Melhor que no tumulto da conversação, sentia-se então mais próximo do miúdo, e o mais frequentemente que podia voltava a cabeça para a sua mesa. Ali, ainda antes do almoço dominical, ouvia uma leitura que o recompensava de todas as outras: a de um simples nome na lista das composições da semana. Era o nome que, de tempos a tempos, dizia para consigo, como outrora o dos deuses. Quando essas duas sílabas designavam o irmão mais velho, pareciam-lhe banais e deixavam-no indiferente. Faziam-lhe bater o coração e tornavam-se deliciosas quando designavam o mais novo. Lamentava todavia que, neste caso, os nomes próprios não fossem ditos com os apelidos: gostaria de saborear igualmente o do garoto e não ousava perguntá-lo a Maurice. Deliciava-se por vezes a imaginar que esse nome era Georges.

As classificações do pequeno eram sempre honrosas nas composições, mas Goerges detestava os que ficavam à sua frente. Considerava miserável a primazia deles ao lado da sua. Em contrapartida, fazia, mais do que nunca, por ser o primeiro. Esperava assim gravar o nome no

espírito desse miúdo, de se lhe tornar mesmo simpático. Desde que sabia a quem dedicar os seus êxitos, trabalhava com um novo ardor. Em Matemática, pelo contrário, renunciou aos esforços supérfluos e, a fim de ter, também, notas ainda melhores, copiou com maior fidelidade Lucien.

Um trabalho de dissertação francesa tinha o tema seguinte: «Oferecem-vos uma viagem ao estrangeiro. Que país escolheria? E por que razão?» Georges escolhera a Grécia.

Ao escrever, pensava na Mitologia, nas estátuas antigas, na moeda de Alexandre, e evocou mesmo a figura deste herói. Mas pensava sobretudo na criança que encarnava hoje a beleza de que os Gregos tinham tido o culto.

A nota foi excelente e o Tatu pôs esta apreciação: «Vivo, interessante. O seu entusiasmo é reflectido. Que continue sempre moderado e esclarecido.» Em suma, depois de ter criticado a escolha de Lucien para modelo do «Retrato de um amigo», aprovava o novo «entusiasmo».

Foi assim que Georges pôde entregar ao Superior os cinco trabalhos necessários para a sua candidatura académica. Se não houvesse qualquer empecilho, a nobre companhia abrir-lhe-ia as suas portas no começo de Fevereiro. O resultado das eleições era publicado no refeitório, no primeiro domingo do mês — Georges, desde que aqui estava, só uma vez assistira a essa cerimónia. Não havia maior glória: o eleito, aplaudido por todo o colégio, levantava-se e inclinava-se agradecendo. Fevereiro anunciava-se cheio de maravilhas: o jovem desceria do altar, e era para se lhe apresentar dentro das regras que Georges ia ser académico. A Academia de Saint-Claude não era a antecâmara da Academia Francesa e fora fundada apenas para chamar a atenção para um jovem.

Ao descer dos aposentos do Superior, Georges passou pelo pátio interior em vez de seguir pelos corredores.

Aproximou-se do estudo dos pequenos cujas janelas faziam uma mancha clara na noite.

O calor do fogão da sala embaciava as vidraças, mas deixava distinguir os rostos dos mais próximos. Podia-se ver sem ser visto. Ao lado da segunda janela, o irmão de Maurice escrevia. Como se comportava bem! Dir-se-ia que «posava» para um pintor; e, ao mesmo tempo, tinha um ar muito natural. A perna luzidia esgueirava-se para fora da carteira. Interrompendo o trabalho, mordiscou a lapiseira e levantou a cabeça para reflectir: a inspiração não vinha. Lentamente, voltou-se para a janela. Os olhos fixaram-se, sem o saber, nos de Georges.

Este último, no regresso à sala de estudo, quis exprimir literàriamente a sua alegria. Ele é que estava inspirado. Pensou no seu «Retrato de um amigo», o retrato falhado: era uma boa ocasião para o fazer. Desta vez descreveria verdadeiramente «O amigo do seu coração». Utilizou, por discrição para com Lucien, a caligrafia abreviada com que rabiscava os seus borrões, indecifrável para qualquer outro que não ele. Não ficou descontente com o trabalho. O «Retrato de um amigo» tornara-se o retrato de amor de Téspis em pessoa. Eis o único trabalho que merecia as honras académicas.

Tudo corria bem — mas onde conduziria?

A turma levantava barreiras. Georges compreendia também o sentido da palavra *Turma*. Ainda que aquele garoto e ele passassem uma eternidade, um em frente do outro, na capela, nunca chegariam a travar conhecimento. Georges procurara consolar-se pensando no ano seguinte que os reuniria entre os mais velhos, mas essa eventualidade era muito longínqua. Além disso, quem podia saber se voltariam ambos a Saint-Claude? (Uma razão qualquer impedi-los-ia, talvez, no começo de Janeiro; alguns dos camaradas não tinham reaparecido.) E agora

que se encontravam juntos não conseguiam trocar duas palavras!

Os obstáculos não constituíam problema maior que a vidraça da sala de estudo ou os ladrilhos do coro, mas eram intransponíveis. Georges recomeçava a duvidar, não menos do que na manhã em que julgara desejar o miúdo ser padre. Foi tentado a abrir-se com Lucien, mas renunciou: os seus desgostos não eram daqueles que se repartem e, além disso, não teria muito mais mérito encontrar sòzinho o remédio?

Julgou ter experimentado tudo. Imaginando possível um encontro fortuito, pôs-se, durante os estudos, a visitar os professores, um de cada vez. Ia buscar livros que não lia, pedia explicações que não lhe interessavam nada. Lisonjeava a mania do velho professor de História e Educação Religiosa, pretendendo iniciar-se nos bichos-da-seda. Ouvia, a este propósito, as opiniões do Sr. Quatrefages, que o padre gostava de citar, e fingia ainda uma paixão pelos ratos brancos.

Mas inventava, sobretudo, escrúpulos de consciência, a fim de ter livre acesso junto do padre Lauzon — sem dúvida o pequeno Motier ia frequentemente ao quarto dele. Antes e depois destas visitas, Georges ficava no corredor do primeiro andar, fingindo admirar as fotografias dos grupos, emolduradas na parede com indicação de data: a mais recente era de há três anos e o garoto não figurava nela.

Durante o recreio em que se faziam diversos curativos na enfermaria, não deixava de lá ir sob diversos pretextos. Pensava nas frieiras que tratara na companhia de Lucien. Parecia-lhe quase ter esgotado a sorte pelo lado das doenças.

Por fim chegou um dia em que o miúdo ficou em baixo, na capela, e a alegria de Georges foi tão grande que esqueceu todos os seus males.

Primeiro de Fevereiro: dia de Santo Inácio. Santo Inácio substituíra S. Julião com esta entrada no assunto.

Georges recordava-se do estribilho de uma antiga canção: *O casamento democrático ou as bodas da filha do presidente Fallières*, canção descoberta pelas primas, que traçavam os nomes dados aos convidados das bodas, entre os quais estes:

*O avô Inácio,*
*O primo Pancrácio,*
*O tio Celestino.*

— Dentro de duas gerações — dissera Georges a Liliane —, o teu nome terá também um efeito cómico.

Evidentemente, Santo Inácio estava vestido de vermelho.

O miúdo estava sempre muito sério, lendo as orações, contemplando o altar, parecendo ter feito voto de nunca olhar aquele que o olhava sem cessar. Tal como na manhã da partida para as férias de Natal, durante a comunhão apenas esteve entre eles Lucien. Mas também não houve nenhum meio de transpor o obstáculo. Depois de se ter recusado a solicitar os conselhos de Lucien, Georges recusava-se a aceitar a sua condescendência. E isso era não só pelo gosto do segredo, como por amor-próprio.

No dia seguinte, quinta-feira, o Superior comunicou ao Sr. e à Sr.ª Sarre, vindos no dia da saída mensal, que o filho fora eleito académico. Georges ficou contente. O rapazinho tinha-se obstinado em não o olhar na capela, mas seria obrigado a contemplá-lo no refeitório, quando o proclamassem académico.

Domingo. A cor verde dos paramentos sagrados, todos estes domingos que se seguiam à Epifania, não podia ser enganadora: a esperança tomava finalmente corpo.

Georges, cujo nome acabava de soar, levantou-se para cumprimentar. Voltou-se para o Superior, mas, ao mesmo tempo, pousou os olhos sobre aquele a quem prestava a homenagem do seu triunfo. E, na noite desse grande dia, era ainda nele que pensava, ao dirigir-se com os

novos colegas à primeira sessão académica. Punha-o acima de todas as glórias, mas desejava ver-lhe conhecer aquela. Compreendia que Marc não tivesse ficado insensível.

Os académicos atravessaram dignamente o pátio interior e subiram, ainda com dignidade, a grande escadaria. Mas foi uma confusão à porta da antecâmara: cada um destes senhores queria apoderar-se dum cadeirão. Com efeito, eram quinze para oito lugares, e estes assentos, embora muito duros, representavam uma vantagem, pois, à falta deles, apenas restava a bancada.

De parte, os três filósofos observavam desdenhosamente a competição. Logo que toda a gente se instalou, bateram à porta do Superior, e entraram calmamente, como em casa deles. Tinham o privilégio dos três cadeirões vagos do escritório, que eram de molas. Os colegas seguiram-nos, levando uns os cadeirões e outros a bancada.

De joelhos, rezaram uma dezena do terço, depois levantaram-se e o Superior confirmou a eleição de Georges, entregando-lhe o diploma. Era uma folha de cartão ornamentada com medalhões representando os homens ilustres do século de Luís XIV. O emblema do Rei-Sol resplandecia sobre o nome do académico. O Superior disse algumas palavras à laia de discurso de recepção. Não deixou de citar os dois antigos alunos, de que o colégio se orgulhava, e que tinham sido académicos em Saint-Claude, antes de entrarem no Instituto. Sentaram-se. Georges não estava muito à-vontade no banco. Esperava que no Palácio Mazarin o assento de Anatole France fosse mais confortável.

O Superior leu um soneto de que era o autor, *A Caseira*. A este enunciado, vários académicos tinham-se olhado sorrindo maliciosamente. Georges já sabia que o Superior fazia sonetos nas férias e que os lia nas sessões da academia. *A Caseira* terminava assim:

*Qundo tu voltas, à tardinha, do campo ou do estábulo,*
*O odor das tuas virtudes perfuma a casa.*

Um académico falou em seguida da duquesa de Montausier. Dera-se um salto, do estábulo ao Palácio de Rambouillet. Depois falou-se de Bossuet, de que a segunda parte destas reuniões constituía o apanágio.

Alguém começou a leitura da *Oração Fúnebre de Nicolau Cornet, grão-mestre do colégio de Navarra.*

O Superior tinha-se erguido contra a teoria que afirmava não ser o texto autêntico: encontrava nele belezas ímpares, que se deviam reabilitar. Sem dúvida era também feliz por o Superior de um colégio, engrandecido com o título de grão-mestre, ter inspirado a eloquência da Águia de Meaux[1] e julgava que isso impressionaria igualmente os alunos do colégio.

Repimpara-se no cadeirão, mas lançava um olhar vigilante sobre os outros. Cruzara as pernas, mostrando as peúgas grossas. Uma das mãos brincava com um corta-papel de cobre, feito de um estilhaço de obus, onde estava gravado: «Deus e França!» De vez em quando batia com ele no braço do cadeirão para fazer parar o leitor: sublinhava uma expressão, comentava um pensamento, e acabava sempre com a frase: «Não é verdade, meus senhores?» Toda a gente abanava a cabeça em sinal de aprovação.

Reagindo contra a oração fúnebre, Georges pensava nos versos das *Carícias* que Maurice lhe dera para ler, mas não pareciam ser de muito bom gosto:

*O amor de que necessito, o amor que me aquece...*

No entanto, Richepin fora da Academia Francesa, como Bossuet. Durante a sua juventude não teriam sido de alguma academia de Saint-Claude?!

No dia seguinte, na missa, o miúdo atirou uma olhadela: tinha reconhecido, evidentemente, o herói da véspera. Sabia o seu apelido, e até o nome próprio, visto

---

[1] Cognome de Bossuet, por ter sido nomeado bispo de Meaux, em 1681. *(N. do T.)*

que a proclamação académica não omitia nada; e se, por sorte, se chamava Georges, talvez ele também fizesse a aproximação dos nomes próprios. Mas, em frente dele, Georges pensava noutra coisa: é que, em breve, na comunhão, far-se-ia uma aproximação mais interessante — a das pessoas. Lucien, que se aliviava das suas piedosas obras, conseguira provisòriamente mostrar um pouco de zelo à maneira de compensação: pedira para ajudar à missa durante uma semana, e acabavam de o fazer começar o serviço hoje mesmo. Graças à sua ausência, os dois vizinhos da comunhão tornavam-se vizinhos imediatos.

Georges abandonou-se ao encanto com que o enchia a perspectiva. Contava obter finalmente uma vantagem positiva. Não sabia ainda por que meio, mas sabia que não deixaria escapar esta ocasião única. Dois destinos iam depender do que seria um breve momento durante algumas manhãs.

Apanhado de surpresa desta vez, Georges dirigiu-se para a comunhão sem nada ter preparado. Aliás, o garoto estava muito recolhido para se poder aperceber, sem dúvida, que havia algo de novo.

No dia seguinte, Georges esperava chamar a atenção dele encharcando os cabelos de alfazema, mas que fazia a alfazema a um jovem que comungava com tanto fervor? Era este último que estava no verdadeiro caminho, sem poder supor que ousassem servir-se, para fins suspeitos, de semelhante lugar e semelhantes momentos. O próprio Georges tivera alguma dificuldade em endurecer-se nos seus escrúpulos.

«Mas — disse para consigo — quem pretende uma coisa não deve recuar perante os meios que ela exigir.»

A culpa não era sua: só havia aquele meio. Todavia, perguntava a si próprio se o garoto pensaria como ele, e receava escandalizar em vez de seduzir. Agora, esperava todas as comunhões ansiosamente. De novo o prazer esperado se transformara em suplício.

Na quarta-feira, Georges tocara ligeiramente o cotovelo do miúdo ao levantar a toalha, e repetira no dia seguinte de maneira mais acentuada. Sentia-se vexado por ele continuar a ignorar a sua presença.

Na sexta-feira — eram dez de Fevereiro, reparou no dia — prometera a si próprio obter a razão de tanta compostura. Essa espécie de resistência exasperava-o. Decidira verificar, enfim, quem seria o vencedor. A luta estava aberta entre o anjo da guarda e o Amor de Téspis.

Antes da comunhão, contemplava, com irónica ternura, essa criança absorvida pelos padres-nossos, e que não perdia uma sílaba da missa de Santa Escolástica, Virgem. Ah! ia-se contrariar o estudantinho virgem! Uma vez que tinha sempre o ar de segurar o cordeiro, far-lho-ia soltar com uma forte pancada.

Georges empurrou fortemente com o braço o garoto que acabava de se ajoelhar ao lado dele. Julgava-se cheio de sangue-frio e ficou aterrado por se ter permitido aquele gesto que imaginara menos perturbador. O das manhãs precedentes era coisa sem importância, mas a insistência deste último tornava-o quase um sacrilégio. Georges ficou impaciente por alcançar o seu lugar, a fim de pôr o rosto entre as mãos segundo o rito da veneração, e observar através dos dedos. O garoto via-se, sem dúvida, vermelho de embaraço.

Como? Estava a rezar! Era pois um puro espírito. Só se podem excitar os seres de carne. O sacrilégio falhara. Mas antes que Georges tivesse reflectido mais sobre o acontecimento, viu o rapazito descobrir os olhos e olhá-lo. Este olhar mostrava espanto — e um espanto sem benevolência. Desprezava-se manifestamente a demonstração de há pouco: julgava-se o Sr. de Sarre muito mal educado. Embora desiludido, Georges alegrou-se por a reacção não ter sido mais profunda. Isso libertava-o.

Sábado: dentro de dois dias, o regresso de Lucien poria fim a estas belas comunhões e já não havia tempo a perder para dissipar todo o equívoco. Ràpidamente,

com o braço, Georges deu vários toques ao miúdo! Poderia este último ver nisso apenas um sinal de má educação? Assim que chegou ao lugar, e antes mesmo de se recolher, examinou Georges com um ar intrigado. Sem dúvida supunha que essa brincadeira significava alguma coisa.

Para terminar, Georges imaginara uma manifestação diferente, de modo a não deixar a menor dúvida possível.

Durante todo o tempo que esteve à Santa Mesa, balançou o joelho contra o do rapazito. Fizera no tapete o ensaio deste gesto.

O sucesso fora completo. Uma vez chegado ao lugar, o garoto observou o estranho que lhe ficava defronte; mais de uma vez, antes do fim da missa, os olhares se encontraram. Georges pensava sorrir-lhe, mas receava não receber resposta. Um sorriso não desculparia o seu procedimento, se as suas intenções não fossem inteiramente compreendidas. Necessitava fazer-se entender primeiro, e o sorriso surgiria sem esforço nos lábios do rapazito.

A missa cantada atiçou-os definitivamente. De tempos a tempos, Georges lia, por alto, algumas linhas do ofício da Septuagésima. Entrava-se, com efeito, no «Tempo da Septuagésima» como dissera o Superior. Os paramentos verdes dos outros domingos tinham dado lugar aos paramentos violeta, símbolo da penitência. Mas a esperança, pelo contrário, habitava mais do que nunca no coração de Georges. Não era para ele que o *De profundis* figurava nos textos do dia. Teria cantado de preferência: *Alleluia! O Paian! Evoe Bacche!*

Mas, que é que devia pensar o miúdo de um rapaz tão pouco respeitador das coisas santas e que só tinha olhares — e olhares esquisitos — para ele? O que quer que pensasse, sabia agora mais sobre este académico do que no outro domingo.

Georges era novamente o primeiro em composição. Alegrava-se com isso. O rapazito não podia deixar de estar orgulhoso por inspirar interesse a um aluno sempre tão

brilhante, o melhor do ano do irmão e portador de um nome bonito. Quanto a Alexandre foi o segundo do seu ano. Este lugar representava um grande progresso, e Georges gostava de pensar que tivesse sido na composição francesa. Via nisso um novo indício favorável, como se as Musas devessem presidir às suas relações.

Durante o recreio de uma hora não estava menos angustiado: espreitava o regresso de Maurice que tinha ido ver o irmão mais novo, conforme a autorização que o regulamento dava todos os domingos. Até agora, Georges gostara dessas visitas que parecia trazerem-lhe algo do garoto. Teria desejado, no entanto, que a de hoje não se tivesse realizado, perguntando a si próprio se o miúdo não falaria das suas manobras. A chegada de Maurice provou-lhe imediatamente que os seus receios eram infundados: o segredo tinha sido guardado; mas seria por pudor ou cumplicidade?

Na comunhão da manhã dessa segunda-feira, Georges já não se achara junto do miúdo, que olhara em seguida com surpresa. Para lhe fazer adivinhar a razão dessa mudança, Georges virou a cabeça na direcção de Lucien que tinha regressado. O garoto presumiria que deviam esconder a outro a intriga, tal como ele a escondera ao irmão. Em todo o caso, a expressão do seu rosto fora a prova do que se esperava.

Evidentemente, o rapazito estava já em requebros com Georges, mas até que ponto o saberia? Os seus olhares eram frequentes, mas ainda incertos. Via-se contudo que apesar da aplicação com que seguia a missa estava menos atento. Georges reparara noutro pormenor que não deixava de ter valor: os caracóis vagabundos estavam hoje admiràvelmente penteados.

No dia seguinte, à mesa da comunhão, Georges conseguira passar à frente de Lucien, depois de o ter beliscado.

— Que é que tens? — murmurou este.

— É preciso variar um pouco: *Variação brilhante.*

O rapazito devia ter-se dado conta de que a táctica não deixara de ter ousadia e pensar que era digna de ser recompensada: de regresso ao banco sorrira.

Com que felicidade Georges recebera esse sorriso e o restituíra! Sentia também orgulho por ter conseguido os seus fins, por ter regulado sàbiamente a graduação do assunto. Experimentava a embriaguez do triunfo, do mais desejado dos seus triunfos. Parecia-lhe nascer para a vida naquele momento.

Ao mesmo tempo, retomava o lugar, em aparência, na Comunidade. A partir de agora, seria obrigado a ler os ofícios, pois não conseguia encontrar os olhos do rapaz sem lhe sorrir. Deveria mesmo evitar encontrar-se perto dele na comunhão. Para quê correrem o risco de se fazerem notar, desde que haviam estabelecido o contacto? Era-lhes permitido acalmar a febre ou o desassossego: o resultado essencial fora obtido.

A semana decorria agradàvelmente. O olhar de Georges apoderava-se, todas as manhãs, do olhar do garoto uma vez por todas, e em seguida era a leitura do missal.

Deleitava-o encontrar na liturgia quotidiana um alimento de ternura. O que tinha sido um divertimento ocasional tornara-se numa regra: as coisas divinas eram agora humanas. Fazia suas as palavras do santo daquele dia: «Colocaste sobre a minha cabeça uma coroa de pedras preciosas», ou: «Vem com o teu esplendor e a tua beleza, triunfa e reina».

Havia outras sentenças que ele apreciava menos: «Feliz o homem que teme o Senhor!», «A concupiscência produz o pecado, e o pecado, depois de feito, origina a morte». A criança que lia estes textos vê-los-ia sob o mesmo aspecto? E por qual seria mais impressionado?

Domingo da Sexagésima. Georges, ao dirigir-se para a capela, repetia, como um exercício de dicção, o nome desse domingo que o Superior pronunciara mal, duas ou três vezes durante o discurso matutino.

Em louvor da Sexagésima, o rapazito trazia uma gravata vermelha que parecia novinha. Devia ter notado que Georges, aos domingos, usava uma igual com o uniforme azul. Mas ignorava, sem dúvida, que ostentava a cor do amor. Alguns momentos antes da comunhão, fechou o livro e olhou gravemente Georges — esperaria por esse instante?

A Santa Mesa, passou àgilmente por trás de Lucien, que foi assim afastado, como na terça-feira, e o cotovelo avançou ao encontro de Georges. A toalha branca tremeu ligeiramente sob as mãos que a sustinham.

Georges desejava estragar com uma reflexão as delícias que o extasiavam: não se trataria de uma garotice? Foi provàvelmente a hipótese que Lucien levantou para consigo, visto que não fizera qualquer observação sobre este novo incidente.

O miúdo foi o terceiro na composição de História e Georges o segundo. Tinham descido um furo, cada um no seu ano.

Georges pensava na série que ia seguir-se (Geografia, Matemática, Ciências Naturais) e que continuaria a fazê-lo descer na escala — era difícil copiar em tais ocasiões.

Que sorte, ao menos, por a ordem das composições ter sido a seu favor no momento em que tivera necessidade de prestígio! Agora, troçava disso: as coroas do colégio podiam desaparecer perante a coroa de pedras preciosas.

Quando terminou a leitura das classificações, voltara-se para o rapaz. Haviam tido ambos o mesmo pensamento. O refeitório, doravante, conheceria também os seus sorrisos.

No início do intervalo de uma hora, Lucien foi sentar-se ao piano; e Georges seguia com os olhos Maurice, que partia para a sua visita habitual, quando se julgou vítima de uma ilusão vendo chegar o irmão deste.

Maurice não pareceu menos espantado; certamente não estava habituado a que lhe testemunhassem tanto

desvelo. Levou o pequeno para um canto do pátio e deu-lhe uma carta para ler; mas este levantava frequentemente a cabeça, como na capela, parecendo procurar alguém. Por fim viu Georges, mas não lhe sorriu.

Georges não ousava aproximar-se. Tinha sido detido por um olhar tão sério, e quando esse olhar, com a mesma gravidade, o fixara novamente, compreendeu a sua significação: o miúdo viera apenas por sua causa, e a manobra, que reforçava a dessa manhã, confirmava-lhe a conquista.

Eis que Maurice começava a impacientar-se e mostrava vontade de lhe tirar a carta: o irmãozinho não a acabava de ler. Talvez não tivesse lido nada e pensasse ansiosamente: «O outro nunca mais virá? No entanto o que ele tem de fazer é menos difícil do que aquilo que eu fiz.»

Georges, apanhando a bola que Lucien lhe deixara, lançou-a na direcção necessária e correu a buscá-la. Maurice agarrou-a e ia devolvê-la, mas o garoto com um gesto rápido fê-la cair.

Esta falsa travessura correspondeu ao estratagema de Georges, que pôde assim apanhar a bola muito perto deles.

— É o teu irmão? — perguntou a Maurice, apontando o miúdo.

— O quê! Vocês não se conhecem e usam a mesma gravata?

Coraram ambos: a cor das gravatas passara-lhes para as faces.

Maurice, tomando um ar solene, disse a Georges:

— Apresento-te o pequeno Alexandre, que crescerá, aluno do quinto, de doze anos e meio de idade, congregante da Virgem Mui Santa, e hoje terceiro em História, para vergonha do irmão mais velho.

«E a ti — disse ao miúdo — apresento-te o presumível herdeiro do marquesado de Sarre e outros territórios, académico diplomado e coleccionador vulgar dos primeiros lugares.

Começaram a rir. Georges apertou a mão do rapazito. Estava perturbado por tocar nesses dedos delgados. Gravava no coração aquele rosto acariciado já por tantos olhares, por tantos pensamentos. O sol de Fevereiro envolvia o miúdo de raios friorentos. Os olhos, que Georges no momento via distintamente, tinham a mesma cor de oiro dos cabelos. Uma madeixa rebelde caiu sobre eles, como para os tapar. O rapaz atirou-a para trás com um gracioso movimento de cabeça. Era com o desejo de completar a sua beleza que acabava de avivar o brilho dos lábios com a ponta da língua?

Georges não teve audácia para lhe dirigir a palavra. Voltando-se para Maurice, disse-lhe, por não encontrar nada engraçado:

— Merecias certamente melhor classificação em História.

O miúdo, cujos olhos risonhos brilhavam ao sol, olhou o irmão e numa voz agradável fez ouvir estas palavras:

— Ele é simpático ao dizer-te isto.

Durante o passeio, Georges esteve extremamente alegre. Gostaria de ter beijado Lucien. Pediu pormenores picantes sobre as férias grandes com André; mas Lucien, novamente evasivo, disse que a carta do Natal contara o suficiente. Via-se que desejava evitar recordações dessa ordem. Tomava as suas precauções amigàvelmente. Georges tinha vontade de lhe dizer que de hoje em diante podia ficar tranquilo. Não era por ele mesmo que teria sido beijado.

O soneto de domingo intitulava-se: *O rouxinol.*

*Na serena calma da noite prateada...*

Durante a oração fúnebre de Nicolau Cornet, de que se seguiu a leitura, o Superior achou que o leitor tinha falta de garra:

— Então, senhor Fulano — disse —, ponha um pouco de vida na sua leitura.

De súbito não pôde mais. Agarrando no livro declamou ele próprio o texto, como se fosse fugir pela janela com a Águia de Meaux.

Mais ainda do que da primeira vez, Georges gostaria de ter visto o miúdo nesta reunião, para tornar, com a sua presença, a assembleia suportável. Sem ele, a academia era uma pobre farsa cujos louros irrisórios não teriam graça senão sobre a sua cabeça. Talvez os merecesse. Tinha sido o segundo em composição francesa, e o seu ano, o último a poder ser representado no cenáculo, actualmente só lá tinha um aluno. O jovem Motier não era um candidato indicado? Far-se-ia uma campanha em seu favor, descobrir-se-iam mil preciosidades em cada um dos cinco trabalhos. Georges teria ingressado na academia não só para lhe agradar mas também para lhe permitir lá entrar. A esta ideia consolava-se por se ter deixado tirar um cadeirão. Dizia mesmo que, se Alexandre se tornasse seu colega, escolheriam ambos a bancada, onde estariam lado a lado.

Depois da reunião, Georges separou-se dos colegas e alcançou o estudo dos mais pequenos. Parou um momento junto da janela que conhecia bem e olhou o garoto que trabalhava. Desta vez não se tratava da imagem de um sonho mas de uma realidade: aquele que ali estava, o mais belo de todos, era seu amigo.

Esperando fazer um académico, Georges decidira tornar-se congregante: era menos difícil. Como é que não adivinhara que o jovem Motier devia ser um filho de Maria, por deferência para com o director? Fora preciso que Maurice lho indicasse. A reunião da congregação era a seguir à da Academia. Quando Georges viu Lucien pronto a partir para a capela, disse-lhe:

— Sabes, creio que no próximo domingo seguir-te-ei as pisadas. Lauzon recomeça as suas perseguições para

que eu seja um dos vossos, e sinto que o meu prémio de instrução religiosa está em perigo.

Não sabendo onde empregar a última meia hora de estudo, pegou no Virgílio e preparou a tradução do dia seguinte. Era o desenlace do episódio de Niso e Euríalo, que nunca o cativara. Ao traduzir, recordou-se dos primeiros versos, onde se fala da beleza de Euríalo, e os traços do jovem que amava vieram iluminar o texto antigo.

O destino destes dois heróis, unidos pela amizade, exaltou-o. Nada lhe parecia mais belo do que morrer como Niso, sobre o peito de Euríalo. Ele próprio ficou surpreendido com a emoção. Nunca julgara ter vontade de chorar ao traduzir latim.

Ao deitar, Georges dissera que, fatigado pelo passeio, certamente adormeceria antes de o vigilante partir. Não queria terminar com as vulgares tagarelices um dia tão extraordinário. Ansiava por estar só consigo próprio, com esse jovem que se tornara sùbitamente um outro *ele*. Durante a tarde, o quadro de fundo fora essa visão encantada. No silêncio do dormitório, passava ao primeiro plano e podia contemplar-se livremente.

Georges revivia os minutos que tinham sido a sua recompensa. Sentia ainda o pequeno cotovelo contra o seu, a mão dele na sua; lia-lhe o olhar, finalmente tão próximo. Conhecia, enfim, o som da voz; repetia as palavras: «Ele é simpático ao dizer-te isto.» Sobretudo, sabia um nome onde o espírito se podia deleitar, e esse nome parecia feito expressamente para ligar o jovem ao seu domínio e trazer-lho do fundo da vida, como do fundo da lenda.

Era a conclusão digna de tantos milagres. Na colecção de medalhas da sua casa havia a moeda de Alexandre e era a mais bonita de todas: fora ela que inspirara o trabalho de Georges sobre a Grécia. Havia, na *História da Antiguidade*, uma frase encantadora: «Alexandre, filho de Filipe, era célebre pela sua beleza...» Filho de Filipe?

Filho de um médico? Alexandre era filho de Júpiter, dissera o oráculo.

Georges não lamentava que o nome do garoto fosse diferente do seu, porque o considerava mais bonito. Preferia mesmo o apelido de Motier ao de Sarre; mas não estava zangado por Maurice se ter referido à sua nobreza. Isso tê-lo-ia elevado um pouco aos olhos de alguém que o ofuscara e diante do qual se sentira confuso.

Nessa tarde, vinha comunicar ao padre Lauzon a sua intenção, agora muito amadurecida, de ser congregante. O bom padre teve um sorriso vitorioso e pegou-lhe na mão com ternura:

— Felicito-te com essa decisão — disse. — Ela permitir-nos-á ter uma grande felicidade. Claro que eu considerava há muito tempo que o seu lugar era entre nós, mas não podia deixar de me inclinar perante as suas razões de esperar, razões dignas de respeito, embora a meu ver demasiado escrupulosas. Eu próprio esperava também, mas não por mim, e teria ficado inquieto se a Virgem Santa tivesse de esperar mais tempo. Não se pode ser ou tornar-se um bom aluno senão sendo filho de Maria. É ao mesmo tempo a verdadeira coroação de piedade e o melhor meio de assegurar os resultados do trabalho. Recorde-se desse pobre Blajan que, apesar do seu fervor, nunca consentira em entrar na congregação. Pois bem! Caiu doente e perdeu um ano de estudos.

«Não quero fazer um juízo temerário dizendo que ele foi punido por essa provocação, mas admiro a coincidência. É como essoutro facto que vos é permitido verificar: mesmo no tempo mais encoberto, o sol nunca deixou de brilhar ao sábado, nem que seja por um instante. Ora esse dia é consagrado à Virgem Santa, não é verdade? Aqui também seria infantil, mesmo imprudente, tirar conclusões, visto que a causa está infinita-

mente acima do efeito, mas é ainda uma coincidência e eu limito-me da mesma forma a admirá-la.

Georges perguntou se podia assistir à reunião do próximo domingo na capela.

— Dado que é tão zeloso — respondeu o padre — encarrego-me de o dispensar do período da observação; virá, pois, a partir de domingo. Não ignora que se é recebido primeiro sem cerimónia, como praticante, e depois a título definitivo, e dentro das normas, ao fim de três meses. Reduzirei também, a seu favor, este último prazo.

Consultou o calendário que estava em cima da mesa.

— Hoje são vinte de Fevereiro. Portanto, os estatutos fariam a sua admissão no domingo, vinte e um de Maio. Ora, pressinto que deve querer que se realize no mês consagrado Àquela de que deseja ser filho. Recebê-lo-ei, portanto, oficialmente, no domingo 30 de Abril, no começo do mês de Maria.

Acrescentou:

— Não duvido, bem entendido, que não tenha coração para iludir tanta confiança. Pense que abrevio a sua prova em mais de quinze dias. Nunca o fiz, e peço-lhe que não diga nada, a fim de não criar ciúmes.

O padre levantou-se e tirou da biblioteca dois opúsculos que estendeu a Georges.

— Isto é o *Manual dos Filhos de Maria* e serve de comentário; e isto, um breve tratado de que sou autor e teve um prémio, em 1911, em Ruão, na Academia dos Palinods. O concurso era sobre este assunto: «A Santíssima Virgem, considerada antes de tudo, mas não exclusivamente, na sua Imaculada Concepção.» Sem amor-próprio da minha parte, tenho a certeza de que o académico que você é tirará duplo proveito. Você sabe, aliás, que a rainha do Céu é igualmente a rainha do espírito. Entre os antigos que admira, já Virgílio falava profèticamente dela, na Écloga a Polião... *Jam redit et Virgo...*

O padre folheava agora os exercícios.

— Sim — disse —, queria certificar-me: o seu último exercício de Matemática está muito bom. Aliás, desde Janeiro que os seus progressos me impressionam. Não o surpreendem mesmo um pouco a si próprio? Pense no que eu lhe disse.

Georges estava contente: as coisas desenrolavam-se às maravilhas e os seres tornavam-se seus instrumentos. A sua sorte não lhe custara nada, senão esperar, como o padre Lauzon. Doravante tudo parecia conduzi-lo ao mesmo fim oculto.

Chegado a patamar, viu Alexandre subir os degraus a quatro e quatro na sua direcção. Este encontro, em vão esperado tantas semanas, pareceu-lhe natural. Os sorrisos do destino já não o admiravam.

— Aonde vais tão depressa? — perguntou ao miúdo.

— Ao quarto do padre Lauzon.

— Venho exactamente de lá, mas, se não te incomodo, volto a fazer o caminho contigo.

Foram juntos. Georges dizia para consigo:

«Contanto que não demos de caras com algum professor!» Apenas os antigos alunos, cujas fotografias cobriam o corredor, os viam passar. Georges disse mostrando-os:

— Estou contente que me vejam hoje.

Pensava dizer ao pequeno que, por causa dele, acabava de ser recebido na congregação, mas já lhe fizera um cumprimento a propósito dos antigos alunos; era preciso não exagerar.

Logo que chegaram junto do quarto do padre, estendeu a mão a Alexandre e disse-lhe adeus. Em seguida, com olhos baixos, acrescentou suavemente o que ambos sabiam bem:

— Somos amigos, não é verdade?

— Sim — respondeu o pequeno num murmúrio.

Regressado ao estudo, Georges censurou-se por se ter

mostrado demasiado sentimental e não ter sido bastante prático. A entrevista fora tão agradável como a de domingo, mas não avançara muito o caso. Alexandre viera uma vez ao pátio de recreio, mas talvez nunca mais voltasse. Georges encontrara-se ali com ele, mas talvez nunca mais o encontrasse.

Devia ter aproveitado a ocasião, combinando um encontro, ou, pelo menos, uma correspondência. A ideia de um encontro assustava-o um pouco, mas a outra pareceu-lhe interessante: enviaria um bilhete.

Pensava nessas mensagens clandestinas que, no estudo, circulavam de mão em mão até ao destino. Não gostaria de confiar aquela a ninguém e via apenas na congregação a possibilidade de a entregar ele próprio a Alexandre. Mas isso dependeria dos seus respectivos lugares e, além do mais, o domingo estava muito longe. No fim de contas, e à custa de Lucien, restava apenas a Santa Mesa como encontro certo. O rapaz que admitira o cotovelo com cotovelo, também admitiria com a mesma facilidade o bilhete? O próprio risco excitou Georges. Ia verificar qual era o estofo daquele garoto. Chegara o momento de partir os vidros, de transpor o limiar.

Durante todo o dia seguinte pensou no que seria a sua mensagem. Os trabalhos escolares, em comparação, pareceram-lhe muito fáceis. Escreveria primeiro: «Alexandre», ou um diminutivo, como «Alex»? Não seria ridículo chamá-lo por «Meu querido» ou «Meu Bem-amado?» Veio-lhe à memória a poesia do Bem-amado. Durante o estudo da tarde, divertiu-se a misturar, numa página da sebenta, o seu nome com o de Alexandre. Tinha em mente muitas frases.

Jurara a si próprio, presunçosamente, que seria no dia seguinte. Mas estava quase a acabar o estudo do outro dia a seguir e não escrevera nada. Em breve chegaria

o Superior para a leitura espiritual. Georges não hesitou mais; pegou numa folha e escreveu maquinalmente:

*Oh Meu Bem-amado, procuret-te*
*desde a aurora...*
etc.

Estava muito envergonhado por se utilizar ainda deste poema que já servira para Lucien, mas não era o jovem o verdadeiro Bem-amado? Lucien nunca o fora sèriamente. Em relação a Alexandre era o que Lucius Verus fora em relação ao outro Alexandre.

Georges escreveu o seu nome. Não o fizera no caderninho do Lucien, mais por respeito às Letras do que por outra consideração. Desta vez deleitava-se em ver na sua assinatura um acto de coragem que resgatava a fraude. Não alimentava dúvidas de que, em caso de surpresa, isso não o fizesse expulsar, mesmo que Edmond Rostand fosse mais conhecido pelo Superior que o barão de Fersen. Tanto pior: arriscaria tudo.

Antes da comunhão, mostrara ao miúdo, entre os dedos cruzados, o bilhete que lhe destinava, e Alexandre não mostrara qualquer espanto. Georges entregou-lhe a mensagem sem fazer caso do vizinho.

Esperava uma observação de Lucien sobre estas voltas e reviravoltas, que se repetiam um pouco demasiadas vezes, mas Lucien parecia indicar que não tomava atenção. Georges desejava, todavia, que o garoto tivesse a prudência de deixar passar alguns dias antes de lhe responder. Felicitou-se por ter adivinhado.

Mas no domingo de manhã, desde a chegada à capela, Alexandre sorria com um ar promissor e, pouco depois, colocou sobre a gravata vermelha um quadrado de papel branco. Tudo decorria bem. Georges teria aberto o bilhete no missal se não receasse ser visto pelo senhor Rouvère.

Mas, no estudo, pegou no mais volumoso dos livros — Virgílio — e abriu discretamente, dentro dele, a folhi-

nha. A caligrafia era fina e minuciosa. Uma grinalda de flores bem desenhadas rodeava o texto:

*Georges*
*Obrigado pelos seus lindos versos.*
*Penso em si todo o tempo.*
*Estudo muito para não repetir o quinto.*
*Assim estaremos juntos no próximo ano.*
*Seria magnífico visto que gosta de mim e eu gosto de si.*

Depois da assinatura, havia um *post-scriptum*: *Não dizer nada a Maurice.* Depois entre parêntesis: (*Há um verso que não rima.*)

Georges contemplou uma última vez o desenho, as dobras do papel, a tinta azul. Como se soprasse um grão de pó, inclinou-se e beijou o bilhete. Dobrou-o com cuidado e pô-lo na carteira, junto da imagem do Amor de Téspis.

Como era hábito, escreveu em seguida aos pais. Não se recordava de lhes ter escrito uma carta tão carinhosa. Em vez de começar como era costume: «Querido paizinho e querida mãezinha», escreveu: «Meu muito querido paizinho e minha muito querida mãezinha». Houve frases poéticas nos primeiros raios de sol que iluminavam a sala de estudos, e no canto de um galo que se ouvia ao longe. Falou também, como de um triunfo garantido, do exercício de Matemática feito nessa semana e cujos resultados seriam publicados naquele dia. Todavia, esperava que a sua classificação fosse das piores porque se limitara às suas próprias possibilidades — perguntava a si próprio se o padre Lauzon não suporia que ele tinha desagradado à Virgem Santa. Por fim, ultrapassando a conta habitual, enviou «um milhão de beijos».

Sem o saber, não se informara quanto ao exercício: ficou muito espantado ao meio-dia quando ouviu dizer que fora o oitavo. Talvez o padre Lauzon desejasse con-

firmar-lhe que se faziam melhor os problemas sendo congregante. Neste caso, era uma classificação que Georges devia a Alexandre, pois fora por sua causa que entrara para a congregação. Além disso, era feliz por lhe ceder o lugar: o rapazito ficara em quinto.

Na academia, Georges conseguiu arranjar um cadeirão, mas não achou a reunião menos desesperante na demora. Mandava todo o programa ao diabo: o soneto do Superior, a conversão de Pascal e o Grão-Mestre do Colégio de Navarra. Só pensava numa coisa: a hora da congregação. Justificava às mil maravilhas o seu título de aspirante.

Pouco depois do regresso ao estúdio, o padre Lauzon apareceu no limiar da porta. Era o sinal de partida para os filhos de Maria.

Os olhos de Alexandre iluminaram-se com a agradável surpresa. Georges fizera bem em não contar trocar os bilhetes nessa reunião. Os congreganistas efectivos estavam à esquerda da nave, e os outros à direita. Durante a homilia Georges, ao inclinar-se, pressentia secretamente o vulto de Alexandre.

À noite, Lucien disse-lhe:

— Não adormeças muito cedo, mesmo se estiveres cansado devido ao passeio.

Tivera um ar malicioso e Georges compreendeu imediatamente que o seu segredo estava descoberto: ia falar de Alexandre. Certamente Lucien não ousara abordar, durante o dia, tão delicado assunto. Sentia-se mais ousado para proceder ao interrogatório na penumbra, em voz baixa. Georges deixara de estar só com o garoto.

— Causas-me desgosto — disse Lucien — desconfiar de mim, como se eu fosse, não teu amigo mas um falso irmão. Pensas que não vi que lias um bilhete esta manhã? Não me foi difícil adivinhar então o motivo de certas mudanças de lugar na comunhão, da tua entrada para a congregação e de alguns sorrisos interceptados. Não só me dissimulaste um monte de coisas, mas, ainda por

cima, troçaste de mim com a tua *Variação Brilhante*. Não é gentil da tua parte.

Georges ficara sensibilizado com o tom em que Lucien acabava de lhe falar. Receava fortes censuras ou gracejos mordazes, que lhe custariam suportar.

— Sim, meu caro Lucien — retorquiu —, somos e seremos sempre amigos. Se te faço um certo mistério, não é de modo algum por desconfiança, juro-te; é por gosto, por prazer e também um pouco por pudor. Demais, receava aborrecer-te mostrando que procurava uma amizade fora da tua.

— Não te quero mal por isso! Pelo contrário, fico encantado, pois isso acalma-te.

Georges riu-se desta palavra e Lucien continuou:

— Aliás, sabes muito bem que tenho igualmente um outro amigo. Sempre tinha admirado a maneira como André se ligara a mim por causa das frieiras, mas admiro muito mais a tua audácia ao meteres-te com um rapaz doutro ano. Sem dizer nada observava o teu manejo, que me divertia muito. Cada um teve a sua vez de observar, meu caro: lembras-te das tuas observações do começo, a propósito de André e de mim? Diz-me, qual é o nome próprio do pequeno Motier?

Ao pronunciá-lo, Georges teve um prazer delicioso e à medida que contava toda a história — excepto a reedição do «Bem-Amado» — lamentava a alegria de que o privara a sua discrição. Durante um momento perguntou a si próprio se o facto de falar disso com Lucien não teria qualquer interesse. Não fazia mal! As recordações estranhas podiam juntar-se às impressões de momento: elas não impediam estas de continuarem incomparáveis.

Lucien observou que Alexandre e André tinham a mesma inicial e que etimològicamente os dois nomes próprios pareciam-se. Ofereceu-se para passar os bilhetes quando fosse preciso.

— Se és poeta — disse — terás com que te exercitares. Com o nome Alexandre tem-se o Olimpo inteiro ao seu

serviço. Não se dá o mesmo comigo, com quem se contentam em copiar Rostand.

— Preferes que se copie Fersen — observou Georges.

Lucien limitou-se a sorrir. Desejou conhecer a data, a hora e o lugar do nascimento de Alexandre a fim de arranjar o seu horóscopo nas próximas férias. O de Georges seria igualmente tirado e ver-se-ia se as constelações os inscreviam a ambos no número dos amigos célebres, como André e Lucien.

A sessão solene da academia realizava-se a meio da Quaresma. A Georges parecia-lhe muito impertinente numa companhia dedicada principalmente à leitura de orações fúnebres e ao culto do grande século. Por outro lado, não deixara de aceitar com alegria ser um dos oradores do dia — do vinte e oito desse mês que começara. Teria outra ocasião de brilhar perante Alexandre. Mas que assunto lhe tinham impingido! «O Palácio de Rambouillet»! A grinalda desenhada por Alexandre dizia-lhe mais que a grinalda de Júlia.

Ao percorrer um livro útil ao seu trabalho, viu uma fotografia do bilhete de Terno. Na falta do bilhete celeste proposto por Lucien, quis confrontar a sua ternura com aquele. A menina de Scudéry conseguiria na ternura uma introdução que o irmão não conseguia na literatura? As iniciais deste último, que o tinham feito inscrever na lista de Georges, não significavam mais nos anais da amizade que as de André e de Alexandre. Sem dúvida alguma, Alexandre teria eclipsado Polexandre no Palácio de Rambouillet. Ficaria encantador com o vestuário de um jovem dessa época. Ele pertencia a todos os séculos.

O bilhete de Terno não se lia fàcilmente. Era preciso ter bons olhos para se andar nesse labirinto. Georges reencontrava aí períodos cujos nomes já figuravam no seu itinerário ou tinham sido escritos antecipadamente: «Bonitos versos», «Cartas galantes», «Cartas de namoro», «Sinceridade», «Com todo o gosto», «Integridade», «Assi-

duidade», Pequenos cuidados», «Grandes préstimos», «Sensibilidade», e «Constante amizade».

Podia reivindicar igualmente o direito de cidade em todas as cidade de «Terno»: «Terno-sobre-Estima», «Terno-sobre-Reconhecimento» e «Terno-sobre-Inclinação». A inclinação levava-o junto de Alexandre, a estima prendera-lhe Alexandre, e o reconhecimento era recíproco, agora que a ternura também o era.

Alguns lugares nunca se encontrariam na estrada deles: «Negligência», «Desigualdade», «Leviandade», «Esquecimento», «Indiferença», «Indiscrição», «Perfídia», «Maldade», «Inimizade». Em suma, tudo era enfadonho. É certo que existiam dois outros nomes para despertar a imaginação: «Mar Perigoso» e «Terras Desconhecidas».

Georges e Lucien nunca falavam de Alexandre durante o dia. Esse assunto estava reservado para as conversas nocturnas, como da primeira vez que o tinham abordado. Invisível, o miúdo sentava-se entre eles na mesinha-de-cabeceira. A hora e o lugar conferiam-lhe uma nova sedução.

Georges teria desejado que só se falasse de Alexandre, mas Lucien misturava sempre a imagem de André nestas conversas. Uma vez um, uma vez outro, louvavam os seus heróis, à maneira dos pastores nos cantos alternados das éclogas. Mas o lirismo era diferente. O de Georges só podia ser muito sincero e pouco abundante. Lucien, pelo contrário, fortalecido agora pelo lado do seu vizinho, mostrava-se ainda mais descarado que nas primeiras conversas. Georges ficara chocado com as confidências que ùltimamente fizera provocar. O lugar onde evocara Alexandre fora o de André no passado ano. A amizade que lhe fornecia pormenores cheios de cinismo mostrava-lhe o que não era a sua. Frequentemente, lamentava que não tivessem guardado os seus segredos, mas, por vezes, invejava os de Lucien. Lucien era necessário para interessá-lo em tais segredos. O acaso, surpreendendo-os noutras amizades, só lhes trouxera desgostos. Mas em

certos dias, essa mágoa parecia-lhe um logro. Tão depressa era inflamado pelo ideal e pela pureza, como se sentia atraído pelos exemplos contrários. Lembrava-se das palavras do *Cântico dos Cânticos:* «O jardim fechado... a fonte selada». Não era senhor de colher todos os frutos do jardim, e, se lhe apetecesse, de turvar a água límpida?

Durante o recreio, com o pretexto de ir tocar piano, escapou-se para o pátio dos mais pequenos.

Parou na extremidade do corredor que dava para esse pátio. Deteve-se um momento, esperando ver Alexandre e poder chamá-lo. Mas o miúdo não apareceu e Georges não ousou aventurar-se mais longe.

Quando se foi embora, achou-se estúpido, como no dia do encontro no corredor. Procurando explicar a sua falta de resolução, perguntou a si próprio se seria o medo do vigilante que o retivera.

Concluiu que não temia ninguém e que aquele que amava devia ser suficiente para fazê-lo desafiar quem quer que fosse. Portanto era aquele o único que ainda o intimidava. Georges julgou descobrir a origem da sua falsa vergonha no sentimento de tê-lo intrujado com o seu bilhete. Devia, antes de aproximar-se dele, escrever-lhe algo diferente dum texto emprestado.

Na sala de estudo da noite, escreveu — desta vez de uma assentada — as seguintes linhas, que lhe entregaria no dia seguinte, na comunhão:

*Querido Alexandre*

*Vivo, desde domingo, na doçura da tua carta. Tenho-a sempre sobre o coração o que torna a tua presença mais completa. O colégio é a tua presença. As horas existem apenas para ma dar. Desces sobre mim no dormitório, como a imagem da manhã. Ao meio-dia alimento-me de*

*ti e, à noite, parece que te afastas para melhor te juntares a mim. Sabia-lo?*

Ao pequeno-almoço, Alexandre sorriu-lhe. Georges ficou contente com esse sorriso.

Agora, durante a comunhão, Lucien apagava-se discretamente quando era necessário. Alexandre fizera sinal que tinha um bilhete a entregar e foi mesmo na capela que Georges o recebeu. Tinha apenas três palavras, escritas em letras grandes: *EU ESTOU CONTENTE.*

Georges ficou também contente. Mas quando Lucien lhe pediu o bilhete, não o cedeu. Já no primeiro se esquivara.

— São ninharias — disse — que apenas me dizem respeito.

Para si, só estas ninharias contavam. Algumas vezes, durante o dia, repetia as duas cartas de Alexandre, a fim de as saborear. A meio do estudo ou da aula eram semelhantes, sùbitamente, aos raios de sol e ao canto do galo que descrevera aos pais.

À noite, na cama, sentia menos exaltação que serenidade. As palavras já não eram raios de luz, mas um hino de vitória. Murmuradas ao ouvido, tornaram-se insensìvelmente as do sonho. Eram a veladora da sua alma adormecida como aquela cuja luz banhava o dormitório.

Georges aguardava a sexta-feira para tentar outra incursão ao pátio dos miúdos, durante o recreio de uma hora. Esperava que em honra desse dia, Vénus lhe desse a sua protecção. Fora numa sexta-feira de Fevereiro que dera a Alexandre a primeira cotovelada. Não tinha razão para acreditar um pouco nas divindades da fábula?

Primeiramente foi ao dormitório encharcar de perfume os cabelos. Sentiu-se mais fresco, mais intrépido.

Ao chegar à ponta do corredor, onde, no outro dia, hesitara, viu Alexandre mesmo em frente dele, encostado a uma árvore. Apanhando uma pedrinha atirou-a ao garoto. Este olhou na sua direcção e ficou muito alegre.

Mas foi com uma lentidão imponente que avançou para Georges, como para o honrar.

— Venho conversar contigo, se não é muito imprudente — declarou Georges.

O rapazito, com um gesto de desdém, apontou o vigilante que, ao longe, jogava à bola com os alunos, conservando na mão a parte inferior da sotaina.

— Vamos para debaixo das árvores — disse. — Lá estaremos à vontade.

Sentaram-se no muro que rodeava o pátio. Georges estava admirado por não chamar a atenção. As coisas eram sempre mais simples do que ele julgava.

— Se o vigilante nos fizer perguntas — disse entretanto para matar o tempo — responderemos que eu vim por causa de um assunto da congregação.

— Inventemos outra coisa — alvitrou Alexandre rindo. — Prefiro não incluir o padre Lauzon nos nossos assuntos.

— Na verdade já se incluiu demasiado. Detestei-o durante o mês de Janeiro, quando te olhava todas as manhãs no altar.

— Mas isso é porque ele pretende tratar-me como seu filho. Vou aquecer-me ao quarto dele, quando tenho frio no recreio, e ele dá-me tisana com mel. Sou seu penitente. E você?

— Também sou, mas ele trata-me sem tisana. A propósito, quero pedir-te que me trates por tu imediatamente; é mais agradável.

— Bem! recordas-te dos versos que não rimavam, no meu primeiro bilhete:

*... visto que gosta de mim*
*E eu gosto de si?*

«Bastaria ter escrito:

*... Visto que gostas de mim*
*e eu gosto de ti.*

«Mas eu não ousava tratar por tu um grande poeta, um académico.

— És tu que és o maior poeta de nós dois e só te falta ser académico. Tens as classificações em Francês que permitem ser candidato? Em todo o caso, aí vai para o vigilante, se vier junto de nós: sou um emissário da academia.

O garoto procurava na memória: só via dois exercícios capazes de apresentar: «As sementeiras», exercício do trimestre anterior, e a composição que lhe dera o segundo lugar: «A morte de Heitor».

Georges ofereceu-se para o ajudar a fim de apressar a reunião das condições académicas: faria ràpidamente um plano ou um rascunho sobre os assuntos que Alexandre comunicasse. Mas o miúdo, depois de lhe ter agradecido, respondeu que nunca copiava.

— Além disso — acrescentou — eu não estou muito preparado, pois há nos teus versos coisas que não percebi. Que é que significa, por exemplo, *O teu nome espalha todos os óleos principais?*

— É estilo bíblico — explicou Georges —, ou imitação desse estilo, tal como as expressões: *Perfumes essenciais,* etc... Encontra-se essa frase no começo do *Cântico dos Cânticos* (desculpa-me parecer pretensioso): «Por causa destes excelentes perfumes, o nome do meu Bem-Amado é um óleo derramado.»

O rapazito pôs-se a rir:

— A tua poesia cheira a óleo, diria o nosso professor. Mas tu cheiras a perfume. Aliás, gosto desse perfume. Já o cheirara um dia na comunhão.

— É alfazema — disse Georges.

Na teia que tecera pacientemente nada se perdera. Por outro lado, encantara-o o gracejo referente ao poema. Parecia-lhe expiar assim a sua mistificação. E todavia essa mistificação era-lhe grata. Alexandre não supusera, sequer, como Lucien, nem que os versos não fossem dele nem que tivessem sido postos na boca de uma mulher!

— Sei-a de cor — prosseguiu o garoto. — Repito as tuas estrofes antes de dormir, mas não é para adormecer; e ainda na capela, quando te olho. Uma engraçada: outro dia, na aula de Francês, tínhamos uma poesia de Victor Hugo: *Meu pai, esse herói...* Fui o primeiro a ser interrogado, exactamente quando pensava em ti, e, em vez de dizer: «Meu pai...», disse: «Meu Bem-Amado». Podes calcular a algazarra. Desculpei-me dizendo que estava a pensar numa oração cujas primeiras palavras eram assim. E não é verdade? É que eu nunca poderia mentir completamente.

Calou-se; depois, sorrindo, acrescentou:

— Se tivesse sabido que virias, tinha posto a gravata vermelha. Comprei-a a um colega, a fim de ter uma igual à tua.

— Cuidado! — disse Georges. — É a cor do fogo. Não receias queimar-te?

Já há momentos que acariciava com a ponta dos dedos a mão do miúdo, apoiada, junto dele, no muro, e essa mão acabava de agarrar ternamente a dele e apertava-a a pouco e pouco com toda a força.

No dormitório, Georges contou a Lucien a feliz visita dessa tarde. Nos assuntos referentes a Alexandre, havia constantemente omissões: desta vez, foi não só o comentário das estâncias mas ainda o aperto de mão. Georges não queria recordar a Lucien o gesto que tivera com ele durante uma conferência do retiro.

— Marcaram encontro? — perguntou Lucien.

— Não, mas ser-me-á possível voltar lá; o vigilante não me viu.

— Que amigos tão esquisitos que vocês são! Se se gosta verdadeiramente deseja-se encontrar fora do recreio. Indico-te um local para encontros mais interessantes: a estufa do terraço, por cima da gruta de São Cláudio. Não é conhecido. André e eu estivemos lá muitas vezes.

Georges encontrava-se assim diante da perspectiva do seu primeiro encontro — sabia com efeito que seguiria o conselho de Lucien. Esta eventualidade, que primeiramente afastara, parecia-lhe já muito próxima. Via a estufa que só conhecia por fora. Blajan indicara-lha, sem duvidar que ela abrigava a amizade do seu interlocutor, ou que tivesse abrigado a de Lucien. Georges perguntava a si próprio a que o destinavam estes últimos auspícios. As recentes propostas de Lucien vinham-lhe à memória, acompanhadas por imagens precisas. Mas isso não o impedia de ter sono. O joão-pestana passava sobre estes pensamentos tal como sobre os que tivera à mesma hora, havia dois ou três anos.

Para avaliar o contraste com este dia, divertiu-se a pensar no que constituíam então as suas preocupações pueris, e o esforço manteve-o acordado alguns momentos: tinha-se deixado arranhar pelo gato; um tipo fizera batota no jogo de berlinde; o romance de Indiens era apaixonante; faltara o prato do meio; a criada de quarto era imbecil — na manhã seguinte, ao trazer o pequeno-almoço, esquecer-se-ia novamente do açúcar?

Estas recordações enterneciam-no e inquietavam-no simultâneamente. Era ainda uma criança, mas vivia já no sacrilégio, na impostura, nas amizades proibidas.

Georges nunca esteve tão impaciente pela missa cantada como naquele primeiro domingo da Quaresma.

A Quaresma não lhe interessava mais do que a Sexagésima. Mas na missa rezada dessa manhã, recebera um bilhete de Alexandre:

*Dentro de pouco tempo, serei turiferário. Quando incensar do lado dos mais velhos, será para ti.*

O miúdo, que acabava de chegar ao coro com os outros acólitos, parecia tranquilo, seguro de si, fortalecido pelo segredo.

Desde o começo das aulas, em Janeiro, que não desempenhava estas funções cerimoniais. Georges comparava-o aos que ajudavam com ele à missa e que pareciam servi-lo. O próprio Superior, que dizia a missa, ao pé dele, não passava dum pobre diabo dum padre, cujo governo do colégio representava o bastão episcopal. Alexandre, por pouco que fizesse, seria Papa. Nos séculos passados, teria sido cardeal aos quinze anos, como um dos beatos que o pregador citara.

Georges recordava-se do dia em que vira Lucien pegar, junto de André, no turíbulo que Alexandre tinha. Naquele momento ficara escandalizado, mas agora não o estava absolutamente nada. Aprendera muito. Era a sua vez de triunfar com a falta de pudor. Todavia, pedira a Lucien que não olhasse durante o incensamento: desejava ser o único a beneficiar disso.

Alexandre incensara o Superior, depois a nave e os mais pequenos. Voltou-se para o lado dos mais velhos, e, fixando Georges nos olhos, como se não houvesse aí mais ninguém, ou que o amigo fosse o senhor de Saint-Claude, balançou o turíbulo, as três vezes rituais, na sua direcção. O rosto não se alterara, mas Georges alegrara-se por ninguém ter observado o seu: estava transtornado. Sentia-se reconhecido a Alexandre por ter sido ousado, e decidia-se a sê-lo também: na manhã seguinte marcar-lhe-ia um encontro na estufa, pelas seis horas da tarde.

Ao atravessar o pátio de recreio, Georges ladeou o muro a fim de não ser visto do primeiro andar. Atingiu o atalho e chegou sem novidade à estufa. Lucien tinha razão; era um excelente esconderijo. Caixotes com laranjeiras serviam de resguardo ao interior das vidraças

e como a base em degraus, que suportava os vasos, era aberta de um lado, a parte de baixo oferecia excelente abrigo em caso de perigo.

Georges pôs-se à espreita junto da porta. Duvidava que fosse possível o que esperava. No refeitório, Alexandre fizera um sinal de concordância, mas ter-lhe-iam recusado provàvelmente a autorização de se ausentar. Talvez estivesse de castigo. Se viesse, seguiria pela alameda, onde podia arriscar-se a ser visto? Conheceria o atalho, mais discreto mas que o obrigaria a um desvio?

Sùbitamente Georges, o coração batendo, ouviu passos nessa direcção. E o miúdo apareceu, ligeiro, gracioso: como se fosse colocado por encanto no terraço. Estava sempre tão natural, tão calmo! Parecia executar uma tarefa muito simples.

No entanto, apenas chegou, subiu para os degraus parecendo hesitar ainda em se deixar aproximar. Devia ter bem a consciência de que este encontro significava alguma coisa mais na amizade deles.

Georges seguiu-o, por entre os vasos, e sentou-se no degrau de baixo, junto das suas pernas nuas. Não imaginava poder dizer-lhe o que quer que fosse; as palavras teriam destruído o encanto. Olhava os joelhos cheios de cicatrizes, recordações duma existência de rapaz que tomava naquele instante um novo aspecto.

Apoiou a cabeça nesses lindos joelhos. Teria querido dormir assim, morrer dessa maneira. Toda a sua vida não fora feita senão para aquele momento. Em seguida ergueu-se um pouco até ao peito. Que surpresa! Essa calma admirável era apenas exterior: o coração dava grandes pancadas, como o do amigo. Era preciso responder a esse apelo encantador: Georges levantou-se e foi colocar-se ao lado de Alexandre, encostando a face. Impregnou-se desse rosto, afastou-se para melhor o contemplar. Achou-o tão maravilhoso que não ousava dar-lhe um beijo. Vendo no pescoço do rapazito um fio de oiro,

tirou-o e contemplou a medalha. Estavam ambos tépidos do seu calor e, como para lhe juntar o próprio calor e os próprios segredos, Georges beijou-os demoradamente.

Quando regressou, mal reconheceu a sala de estudo. No entanto, nada mudara: o vigilante lia a sua revista religiosa; a um canto, estava o mesmo aluno castigado. Georges respondeu com um sorriso ao olhar de Lucien que o interrogava. No relato nocturno, nada disse sobre o seu casto beijo. Quando acabou, Lucien perguntou-lhe se não beijara Alexandre. O diabo do rapaz adivinhava as coisas. Passara pelo mesmo.

— Não, não houve beijos — respondeu Georges. — Não é obrigatório, suponho.

— Tu verás! Começa-se pelo sentimento e chega-se pouco a pouco às sensações. Bourdaloue disse qualquer coisa deste género, e lembro-me de que André me pisou com o pé quando o pregador falou disso na primeira conferência.

Georges ficou perturbado à ideia de que Alexandre pudesse estar já como Lucien. Dissera para consigo que a inocência dele provàvelmente era apenas relativa, mas não queria sabê-lo perverso. Desejava que a amizade deles ficasse a igual distância do bem e do mal. Mas qual era a causa da atracção que o rapaz sentia por ele? Seria um desses anjos que são demónios? Prestara-se muito fàcilmente a comparecer ao encontro. Insistira para que o próximo se realizasse dois dias depois, apesar da preocupação que Georges tinha de se mostrar mais prudente. A impaciência não seria um cálculo da sua precocidade? Irmão digno de Maurice, confessava a sua culpa nos versos de Richepin?

Sem dúvida, ainda muito recentemente, parecia estar atento nos actos religiosos; mas sabia-se o que significavam as aparências em Saint-Claude. Enquanto ajudava à missa no altar antes de ter conhecido Georges, pensava

talvez noutra coisa qualquer. Se a sua religiosidade fosse autêntica teria aceitado uma vizinhança equívoca na comunhão?

Em suma, era como o Lucien do primeiro trimestre, que apesar de ser chefe de série da Santa Infância, não deixara de gostar de André. Quem sabe se ele não tinha uma amizade particular na sua própria turma?

Esta dúvida preocupou Georges até ao encontro seguinte.

— Tens algum grande amigo entre os teus colegas? — perguntou a Alexandre, quando se encontraram de novo na estufa.

O rapaz, espantado, respondeu que não.

— Eu também não, evidentemente. Só tenho um grande amigo que és tu, mas dou-me muito bem com o vizinho do lado, Lucien Rouvère, o que fica à minha esquerda na capela. Isso proporciona-me o prazer de falar de ti.

Alexandre pareceu tomado de pânico:

— O quê! Tu falas de mim?

— Lucien é um amigo.

— Tens então dois amigos! Eu, só posso ter um.

Dito isto partiu a correr.

Georges ficou parado, mal crendo no que se acabava de passar. Estava desesperado como nunca o estivera. Fugira-lhe a felicidade e por culpa sua. Falara de outras amizades para experimentar Alexandre e a experiência voltara-se contra si. Imaginara que o miúdo era hipócrita e tinha a prova supérflua da sua lealdade. Não lera muito bem a carta do Terno: entre os obstáculos a evitar, havia a «Leviandade». À medida que se aproximava da sala de estudo, tentava persuadir-se de que o fruto de tantos sofrimentos não podia ter-se perdido. Aliás, com uma reacção tão clara, o rapaz não lhe mostrava que o amava?

Lucien tranquilizou-o também! Não achara possível que uma pessoa se pudesse zangar por tão pouco: todas

as amizades, todos os amores têm confidentes, testemunho do teatro clássico. Ele próprio iria falar com o garoto. Dir-lhe-ia que também possuía um verdadeiro amigo, de quem estava separado, mas que ninguém podia substituir.

Georges declinou os seus préstimos: arrependia-se apenas de ter metido demasiado Lucien entre Alexandre e ele.

Na missa do dia seguinte, o rapazito não estava menos elegante do que o costume, talvez até mais bem penteado, mas não levantou os olhos uma só vez para Georges. Se não tivesse passado as páginas um tanto rápido, poderia supor-se que lia. Na comunhão atrasou-se propositadamente de modo que nem Georges nem Lucien pudesse ficar junto dele. E a atitude foi idêntica durante os dias que se seguiram.

Que triste domingo aquele! Durante a missa cantada, Georges pensava na de domingo anterior, quando o garoto, que agora fugia aos seus olhares, o incensara. No refeitório ouviu o nome que há pouco o arrebatava e agora lhe despedaçava o coração.

Teve uma pequena alegria na hora das Vésperas: Alexandre trazia a gravata vermelha, que não pusera de manhã — devia ter feito a mudança durante o recreio da uma hora. Tratava-se sem dúvida de simples fantasia: não era sequer uma atenção irónica, pois não manifestou interesse algum por aquele em honra do qual comprara a gravata.

A semana decorreu triste. Uma manhã, a fim de tentar comovê-lo com a sua ausência, Georges ficou deitado. Notou, na refeição do meio-dia, que o rapazito lançara um olhar para o lugar dele. Isto pareceu-lhe bom sinal: continuaria a observá-lo às escondidas. Mas, antes de fazer uma tentativa pessoal, queria que Alexandre fosse desenganado a respeito de Lucien. Anulou a decisão da primeira noite e recorreu ao autor inocente da desavença.

Lucien, retomando um papel a que renunciara desde o regresso de férias, foi ao pátio da outra turma por causa do Rosário Vivo. Sem testemunhas, conseguiu falar a Alexandre e disse que precisava de falar-lhe, mas o miúdo já se eclipsara. Lucien voltou à carga, no outro dia, com o boletim de Santa Infância. A fim de começar a conversa recomendou o artigo «A alma dos jovens malgaxes» e teve de contentar-se com a resposta de que o seu interlocutor se interessava ùnicamente pelos jovens chineses.

Na aula de Latim, traduziam-se agora as *Bucólicas* — a segunda écloga intitulada *Alexis*. Uma nota dizia que Alexis era um jovem escravo dado ao poeta e que se chamava Alexandre.

O Tatu começou a leitura num tom trocista; os alunos sorriam nas passagens mais ternas.

Georges não esqueceu a emoção que sentira no texto da morte de Niso e Euríalo, depois do primeiro encontro com o rapazito. Novamente se encontrava na obra de Virgílio: a amizade do poeta, as crueldades de Alexis, eram a sua própria história.

Durante o estudo, traduziu os últimos versos para saber como terminava aquilo. Ficou extremamente chocado com o conselho para escolher outro Alexis. Não se sentia de maneira alguma com um coração de romano.

A noite aproximava-o do miúdo. Enfiava-se debaixo dos lençóis e relia, à luz de uma pilha, os dois bilhetes que por nada daria a ninguém. Adorava-os, não só nas palavras, na verdade pouco numerosas, mas também na apresentação e nos pormenores da caligrafia. Julgava ver reaparecer entre as linhas, atrás das palavras, o rosto que se inclinara, a mão que as escrevera. Esperava que esta liturgia nocturna tivesse o poder de um feitiço. Presidia-a um deus, o Amor de Téspis. A sua imagem, companheira dos bilhetes, desmentia que tudo fosse apenas poeira e proclamava que era preciso acreditar na vida.

A amizade de Georges e de Alexandre seria salva pela sua beleza, como a estátua o fora.

Uma tarde, Georges consultou por acaso o calendário e viu, numa espécie de deslumbramento, que nesse dia, sábado, 18 de Março, era o dia de Santo Alexandre. Sem isso, tê-lo-ia sabido? Na meditação, o Superior anunciara S. Cirilo, bispo e confessor. Tal como para S. Lucien, o martirológio não correspondia ao calendário profano e Santo Alexandre só aperecia no dia 3 de Maio. Georges quis ver nesta feliz descoberta a promessa do perdão: o santo, depois do deus, declarava-se a seu favor.

Ia fazer chegar um bilhete ao miúdo, por uma via que era livre: a mensagem seria depositada na gaveta dele no refeitório. Depois de dois ou três rascunhos — a caneta tornara-se menos ágil —, Georges escreveu:

*Alexandre*

*Apresento-te os meus votos de festa feliz, acompanhados de um presente, de que desculparás a modéstia. Permite-me tornar a dizer que te amo e jurar-te que não amo nem amarei senão a ti. Tornaste-te a minha vida.*

O modesto presente era um frasco de alfazema que Georges acabava de receber. Depois da sua primeira visita a Alexandre, pedira um frasco aos pais para lho oferecer, visto que o perfume lhe agradara. A remessa chegara no momento próprio.

O refeitório estava deserto. Georges dirigiu-se ao lugar de Alexandre e abriu a gaveta. Viu as iniciais gravadas no copo: «A. M.», como as primeiras letras de Amizade ou de Amor. Colocou, debaixo do guardanapo, o frasco e o bilhete. Estava comovido por ter tocado nos objectos, na gaveta.

Ao jantar, Georges olhou: o rapaz pareceu espantado, depois meteu o bilhete na algibeira; antes de partir guardou igualmente o frasco. Embora não se tivesse virado para

Georges, este tinha a impressão de que a causa estava ganha.

No outro dia, ao chegar à capela, Alexandre sorriu-lhe e Georges teria dado os bilhetes por esse sorriso. Encontraram-se lado a lado na comunhão. O garoto cheirava a alfazema. Tinha murmurado a Georges: «Esta tarde às seis horas.»

Que diferença, novamente, entre um domingo e o outro! Chovia, mas Georges achava este domingo mais belo que o passado, em que o sol brilhava.

A má classificação no exercício de Ciências Naturais não conseguira alterar-lhe a alegria. O único lugar que lhe interessava era o que ia ter na estufa.

— Detestei-te de repente — disse Alexandre — quando me comunicaste, ao mesmo tempo, não teres guardado o nosso segredo e que tinhas um amigo. Depois compreendi que isso não importava, pois havia amigos e amigos, mas eu queria esperar para ver o que tu farias, e quanto a mim não sabia como devia agir. Não o adivinhaste na minha gravata vermelha, de domingo passado? De manhã não a pusera de propósito, mas pareceu-me mesquinho e mau e suprimi-o. No entanto, não podia encontrar os teus olhos. Tinha vergonha da nossa zanga. Mas contemplava-te em mim mesmo, e gostava de ti como antes e até mais.

Georges colocara o braço à volta do pescoço do rapazito. Desta vez seria: já não tinha receio de o beijar, Mas Alexandre corara e não lhe retribuíra o beijo.

— Esquecerás e tanto melhor — disse Georges —, que no domingo, a esta hora, eu não estava no estudo. Foi-me preciso pedir autorização para sair da academia. Sem dúvida o Superior julgou-me muito doente. Quando saí discutia-se sobre o Grande Delfim. Prefiro o meu pequeno Delfim.

Depois acrescentou sorrindo:

— Já não tens ciúmes de Lucien Rouvère?

— Só tenho ciúmes de ti.

— A propósito, em que dia nasceste? Tive a sorte de ver a tempo o dia do teu santo, mas não queria deixar passar o dia do teu aniversário.

— Nasci a onze de Setembro.

— E eu a dezasseis de Julho. Se não somos do mesmo mês, somos da mesma estação, do Verão que desfalece e queima.

— Novamente as tuas queimaduras.

— Somos também da Primavera, pois o dia de Santo Alexandre está breve e o de São Georges é a vinte e três de Abril.

Dirigiram-se para a porta. Georges voltou-se para o interior da estufa como se hesitasse em afastar-se desse lugar.

— Como as laranjas cheiram bem! — exclamou. — É por ti, pela tua Primavera.

O miúdo deu-lhe um beijo, tão rápido como se fosse um segredo, e disse com um sorriso:

— Eis a minha Primavera.

Georges regressara ao seu cadeirão. O Superior dizia a oração fúnebre que estava no fim: «Ah! moderação de Cornet, deves confundir muito esta juventude cega!...» Georges observava os académicos. Um tirava os óculos a todo o instante para limpar as lentes; outro era ridículo com as orelhas em forma de funil, que arrecadavam todo o Bossuet; um dos filósofos fazia girar infatigàvelmente o anel que trazia no dedo: tinha razão para estar orgulhoso; aqui, só um filósofo podia permitir-se trazer um anel.

Ao chegar à reunião da congregação, Georges olhou para Alexandre. O rapaz, muito sério no banco, teve um sorriso imperceptível.

O padre Lauzon falou de S. José. No dia seguinte era dia de S. José.

Ao jantar, Georges encontrou na gaveta um bilhete que Alexandre lá devia ter posto no regresso da estufa, reservando-lhe essa surpresa. Desdobrou e viu, preso por uma fita gomada, uma mecha de cabelos loiros. Por baixo estavam escritas estas palavras:

*Para Georges, como recordação da minha primeira festa e da nossa grande reconciliação — este caracol dos meus cabelos (perfumado).*

Mais tarde, quando se deitou, Georges pegou no bilhete que metera debaixo do travesseiro. Respirou-o como respirara as laranjeiras: tinha um cheiro suave.

Depois de se ter deleitado com o bilhete, interrogou-se sobre o sentido do principal acontecimento desse dia. A verdade que ele tinha previsto, mas sofismada, aparecia-lhe agora resplandecente: Alexandre e ele encontravam-se na encruzilhada da fábula, entre o Vício e a Virtude. Tinham de escolher e Georges ficou um momento indeciso diante dessa escolha. Pensava numa frase estranha da mortal oração fúnebre, enfim enterrada e onde se falava dos «pretextos honestos de compromissos desonestos», aos quais o Grão-Mestre do Colégio de Navarra não poupava «nem o ferro nem o fogo para evitar os perigos das ocasiões próximas». Georges estava diante desses perigos.

A sua responsabilidade inquietava-o. Fora ele quem, pacientemente, sem escrúpulos, fizera essa intriga e afastara Alexandre das regras do colégio. Devia, pelo menos, respeitar a sua dignidade de jovem. Se André tivesse agido de outro modo para com Lucien, tinha a desculpa de tê-lo feito a um igual, pois pertenciam à mesma turma. Georges seduzira um dos que, sem dúvida por boas razões, fora afastado dos mais velhos. A reunião feita à mesa da comunhão tinha uma intenção mística: ele tornara-a sacrílega. Durante mais de um trimestre, Alexandre vivera tranquilamente entre os seus colegas, assistindo aos ofícios, ouvindo as reuniões, ocupado com os seus deveres. Carre-

gara o cordeiro da consagração, ajudara à missa um mês inteiro.

O ano anterior, em data idêntica, fizera orações a S. José, e agora tivera um encontro na estufa, corara ao receber um beijo, mas no fim ousara retribuí-lo e não corara. O pudor tinha testemunhado a sua inocência e, ao mesmo tempo, a facilidade mostrava quanto ele era sensível ao exemplo.

Sim, Georges era a causa desta perturbação, mas aos olhos de quem era ele culpado? Alexandre e Georges tinham o direito de serem juízes de si próprios. Visto que eram felizes, para quê remorsos supérfluos? Fora o rapazito quem inspirara uma tal amizade, e provara, pelos seus actos, que era feita para ele. Pois bem! Seria ele quem decidiria se havia de conservar a forma ideal ou se tomaria uma outra. Georges entregava-lhe para acabar, como quisesse, a obra começada.

Entretanto, a fim de se preservar dos entusiasmos, julgou preferível espaçar mais os encontros. Dando como pretexto o seu discurso académico, anulou o encontro fixado para terça-feira e passou-o para sexta: *Sexta-feira é o nosso dia*, escreveu.

Maurice estava muito contente. Contava, no meio de um pequeno grupo, que recebera uma carta de uma amiga, por intermédio de um criado do colégio. Indicava, aos camaradas a quem pudesse interessar, a remuneração desse serviço. Dizia rindo que uma intervenção desta ordem era muito indicada no seu caso, pois a amiga era criada de quarto de sua mãe, e falava livremente dos prazeres que essa jovem lhe ocasionava. Richepin estava ultrapassado.

Maurice acrescentava que as coisas não eram muito fáceis porque compartilhava o quarto com o irmão: aproveitava os momentos em que estava só; de resto, o perigo só tornava a coisa mais divertida.

Georges sentia o coração oprimir-se-lhe, ao ouvir essas histórias, piores que as de Lucien, histórias que não eram para a idade deles, para a sua condição de estudantes, histórias onde, por uma espécie de profanação, o nome do garoto estava misturado. Como Maurice se parecia muito pouco com Alexandre! Os olhos baços, as faces sanguíneas, os cabelos colados, falavam de paixões terra a terra, tanto como os seus discursos. A sua impureza de homem em formação corrigia junto de Georges as influências de Lucien, o exemplo dos «maus colegas». Fazia-lhe apreciar o que era a pureza. Mostrava-lhe mais preciosa a pureza de Alexandre.

O rapaz chegara a correr. Georges fechara atrás dele a porta da estufa.

— Não é fácil desenvecilhar-me do padre Lauzon — disse Alexandre. — Tinha-me esquecido de avisar-te que me confessava no quarto dele às sextas-feiras, e não ao sábado com os outros na capela. Geralmente vem buscar-me pelas seis horas. Por causa do teu encontro tive de inventar qualquer coisa para ir aos aposentos dele um pouco mais cedo. Caíste em plena confissão, como no domingo passado em plena academia. Depois da confissão há a conversa. Mas quando vi no relógio, em cima da mesa, que já eram seis horas, disse que estava cheio de pressa porque tinha de acabar um exercício grande, e aqui estou.

— Só me faltava suceder na confissão! Teremos posto todos os sacramentos em comum. Imitamos as personagens desse grande século de que nos martelam os ouvidos, que tratavam ao mesmo tempo da vida religiosa e da vida sentimental. O nosso capelão absolve-nos com um dia de intervalo, sem notar que lhe falamos um do outro — por palavras dúbias — e que lhe fazemos respirar o mesmo perfume.

— Sabes, o padre não é tão estúpido como imaginas.

— Que queres dizer?

O miúdo inclinou-se sobre uma flor de laranjeira, depois sobre outra. Embriagava-se voluptuosamente com esse odor, mas parecia também querer retardar o momento de responder. Sujara-se com o pólen. Depois de Georges o ter limpo, subiu os degraus como no primeiro dia. Vendo que o amigo se preparava para segui-lo, disse:

— Não, fica em baixo. Prefiro que não estejas a meu lado por causa do que tenho para contar-te.

Georges apoiou-se a uma caixa de laranjeira.

— Escuto — disse, mastigando uma folha.

— O padre acaba de me dizer que me achava ligeiramente mudado, que se inquietava por minha causa, que cheirava em mim — não a nossa alfazema, nunca a ponho quando vou vê-lo — qualquer coisa de suspeito.

«Sentou-me nos joelhos e falou-me ao ouvido. Perguntou-me se eu não andava atormentado, se não tinha sonhos de noite, se ao menos não lhe escondia nada. Olhei-o tão firmemente nos olhos que não insistiu (já o fizera às palavras «qualquer coisa de suspeito»). Limitou-se a fazer-me duas recomendações: a primeira, continuar tal qual como sou — tive vontade de lhe agradecer de tua parte; a segunda, ler todos os dias, no missal, a «oração para afastar os maus pensamentos». Disse-me que, se graças a Deus ainda não os tivera, isso impedir-me-ia de os ter.

Georges conhecia bem essa oração. Lera-a, outrora, durante o retiro, a fim de expulsar os maus pensamentos que Lucien lhe inspirara. E agora um padre recomendava a Alexandre a mesma oração, como se tivesse adivinhado o perigo que ameaçava o miúdo — a oração contra os maus pensamentos tornara-se a oração contra Georges. Os dois rapazes ficaram um momento quietos.

Esta tarde o crepúsculo era sombrio. Do alto dos degraus, Alexandre, tornado invisível, pronunciou lentamente as palavras:

— Georges, conheces as coisas que não é preciso saber?

— Sim, conheço-as.

— Interessam-te?

Dissera isto num tom grave. Tal gravidade era um sinal da sua aceitação como a do olhar, no dia em que viera ao pátio dos crescidos? Que desejavam ou receavam os seus doze anos? Talvez fosse confessar a Georges coisas que omitira ao padre.

Os perfis de André e Lucien, outrora familiares destes sítios, pareciam agora desenhar-se na penumbra. O irreparável estaria destinado a cumprir-se? Georges recordava-se das suas resoluções e dos seus desgostos. Num tom também grave, respondeu:

— Não, essas coisas não me interessam.

Alexandre desceu lentamente os degraus. Uma espécie de luz iluminava-lhe o rosto, que aproximou do de Georges.

— Como estou contente! — disse. — Acalmaste-me. Eu queria gostar de ti, mas perguntava o que desejarias de mim. Receava qualquer coisa má.

Com todos os académicos, Georges estava na primeira fila, no salão de festas, mesmo à frente dos professores, não longe do cardeal, que viera presidir à sessão solene. Sentado no cadeirão verde, tendo a cabeça direita, tanto quanto possível, de maneira a ser visto por Alexandre, pensava no bilhete que lhe passara na comunhão:

*Em breve as minhas enfadonhas palavras converter-se-ão em carícias.*

Os pais assistiam à cerimónia. Tivera a honra de ser apresentado por eles a Sua Eminência, a quem conheciam.

O Superior abriu a sessão. Não estava sobre o estrado, talvez para não dominar de muito alto o cardeal, bastante enfezado e encarquilhado na sua púrpura. Voltara-se para ele, a alguns passos, muito simplesmente.

Falou, em longos períodos, dos «príncipes da Igreja que são igualmente príncipes do espírito», o que lembrava a

Georges as intenções do padre Lauzon relativas à rainha do Céu. E continuou:

— Que as vossas imagens de Saint-Claude, meus filhos, não sejam ùnicamente o espectáculo admirável das verdes montanhas, a curva graciosa do vale, a colina ensoalhada onde se ergue a nossa residência, os trabalhos fecundos na paz da nossa solidão, as festas religiosas onde se derrama a vossa piedade, nem mesmo os mestres dedicados que vos esbanjam o seu saber e os seus cuidados. Por cima destas imagens é preciso que guardeis sempre, no fundo da memória, como num relicário, a do augusto prelado que sorri à vossa juventude.

Monsenhor abanava a cabeça para aprovar, como se fosse um académico de Saint-Claude respondendo ao: «Não é verdade, meus senhores?»

Ao terminar, o Superior explicou o sentido da festa do dia: a Igreja permite-nos estas alegrias inocentes, neste domingo de «Laetare», em que ela própria substitui, na liturgia, a cor violeta da Quaresma pela cor rosa. Georges não era o único a interessar-se pelas cores. Tinha curiosidade em saber o que o Superior teria dito, não do fato vermelho do cardeal mas da gravata dos dois alunos, dos quais um era da academia.

Um aluno comentou, meio sério, meio jocoso, a *Meditação Sobre o Silêncio*, do bispo de Meaux. Georges não ignorava que o Superior tinha revisto o discurso desse aluno, como os de todos os outros. Quanto ao seu fizera-o, certamente, não admirado: o Palácio de Rambouillet deixara-o frio. A carta do Terno inspirara-lhe algumas alusões que julgava espirituais, mas o Superior, ao corrigir o trabalho, havia-as suprimido. Por fim, não existia quase nada do texto primitivo, e Georges tivera apenas o trabalho de passá-lo outra vez. Com nomes diferentes, o Superior era o orador universal do dia. Aliás, quem teria discursado mais eloquentemente sobre o grande século? Não menos que o bispo de Meaux discursando sobre o silêncio, afir-

mando que Jesus só falara uma vez na infância quando instruíra os doutores.

Chegara a vez do académico do terceiro ano: Georges instalou-se no estrado atrás da mesa. Não era nem para o monsenhor nem para os pais que tomava uma atitude nobre e cuidava a dicção.

No dia seguinte, de manhã, os mais crescidos foram os primeiros a chegar à capela. Quando os pequenos entraram, Alexandre afastou-se dos camaradas e foi pôr-se de joelhos, sòzinho, no meio do coro.

Semelhante castigo era de tal modo extraordinário que desde o começo do ano só o tinham aplicado duas ou três vezes.

Georges contemplava o espectáculo. Fingiu primeiramente divertir-se, como se fosse uma brincadeira que o pequeno lhe fazia. Admirava-lhe a graça, a calma, o orgulho. Ele próprio estava orgulhoso da amizade que os ligava. Parecia-lhe que Alexandre fora posto ali para melhor ser visto por todos, melhor ainda que nas ocasiões em que se encontrara naquele lugar na qualidade de acólito. Mas depois de ter colaborado alguns minutos nesta ficção, era preciso voltar à realidade: Alexandre fora punido, entregue à censura geral, e no dia seguinte àquele em que Georges discursara tão brilhantemente.

Esperava que o rapazinho, sobre o qual dirigira as honras da véspera, as tivesse compartilhado e que a recordação o reconfortasse um pouco. Entretanto censurava-se e gostaria de ter sido humilhado a seu lado. Pensando que o demorado contacto com o mármore devia ser-lhe custoso, quis fazer em seu favor um gesto simbólico, mesmo irrisório, e retirou o tapete que tinha debaixo dos joelhos.

Que é que o miúdo podia ter feito? No altar, o padre Lauzon, voltando-se para as bênçãos da missa, via em baixo o seu antigo acólito em tão lastimável posição.

Não iria ele tornar a dizer que Alexandre mudara muito? De repente uma ideia atravessou o espírito de Georges: que a amizade deles fosse a causa dessa sanção. Não, não era possível, tê-los-iam já acareado e seriam ambos castigados.

Na comunhão, quando Georges foi ajoelhar-se, o rapaz levantou-se tranquilamente e de mãos postas pôs-se junto dele, no seu lugar habitual. Murmurou-lhe: «Esta tarde às seis horas.» Era a mesma fórmula do dia da reconciliação, mas neste momento tivera para Georges uma outra ressonância; não podia duvidar de que o castigo de Alexandre se relacionava com os assuntos de ambos. De outro modo teria antecipado o próximo encontro, marcado para sexta-feira, tal como o precedente? O bilhete da véspera devia ter sido apanhado. Chegara a hora da vingança de André.

Nos diversos estudos, quando a porta se abria, Georges, perturbado, esperava ver o prefeito que viria chamá-lo. Tinha a certeza de que Alexandre não confessara nada mas o bilhete estava assinado com o nome do seu autor. Procedia-se sem dúvida a uma investigação sobre todos os Georges da casa. Apenas questão de tempo. Oxalá a verdade não fosse descoberta antes das seis horas! Georges aceitaria qualquer coisa depois do momento em que pudesse encontrar-se com Alexandre. Entre os doces que recebera na véspera, trouxera, para dar-lhe, uma caixinha de chocolates.

Saudou como uma vitória a autorização de sair, mas sentiu-se novamente angustiado ao espreitar no limiar da estufa. Receava não ver chegar o rapaz mas sentiu-se feliz, talvez mais do que da primeira vez, quando reconheceu o ruído dos seus passos no caminho.

Adivinhara: tratava-se de um bilhete, mas de um bilhete de Alexandre. O miúdo contou-lhe a história com febril loquacidade:

Na tarde anterior, durante o estudo, quisera responder a Georges a propósito da leitura académica e o prefeito

da turma, que entrara silenciosamente, apanhara-lhe o papel, onde, por felicidade, não havia nenhuma palavra. No interrogatório que se seguiu, a sós, o rapaz foi intimado a denunciar o seu correspondente, mas continuou mudo. Fora privado de sobremesa, posto de joelhos durante uma hora junto da cama e advertido de que, se antes da missa do dia seguinte não fizesse uma confissão completa, ficaria em penitência no meio do coro. Nessa manhã, o prefeito estava à entrada da capela e olhara Alexandre, que passara, indiferente, para ir cumprir a penitência como lhe tinham ordenado.

Durante a primeira aula de estudo, o prefeito chamara-o outra vez. Tinha em cima da secretária o plano do discurso que Alexandre decifrava às avessas, ao escutá-lo. Numa folha de papel liam-se as seguintes palavras, escritas umas por baixo das outras: *Irreligião. Orgulho. Indisciplina. Tara.* O prefeito revira, à sua maneira, a carta do Terno, mas não ganhara para as despesas.

Desesperados, tinham feito comparecer Alexandre no tribunal supremo do Superior. Este experimentara tudo: primeiro enternecê-lo, lembrando-lhe que era filho de Maria; depois enganá-lo, dizendo-lhe que o colega fora descoberto, mas que queria ouvir a confissão dele; por fim aterrorizá-lo. Com efeito, dissera-lhe que, visto ser assim, pediria aos pais dele que o retivessem em casa depois das próximas férias: até lá, ficaria em penitência todas as manhãs.

— Estou-me nas tintas para a penitência dele — disse o rapaz. — Mas, se me apanham, seguir-me-ás naturalmente.

— Sim — afirmou Georges.

— Iremos ambos para outro colégio. Está jurado?

— Sim, está jurado.

Alexandre pegou-lhe na mão e apertou-lha contra o coração. Perdera a calma, mais ainda que no primeiro encontro; hoje gastara o seu tesouro noutro lado.

— Como estes homens a quem pagamos — gritou — querem impedir-nos de fazer o que nos agrada, quando

não lhes fazemos mal algum! Porque chamam *tara* aos nossos prazeres, julgam-se no direito de nos privar deles! Mas eu gostava muito, por exemplo, que eles me revistassem à procura dos bilhetes. Arranhá-los-ia, mordê-los-ia!

Para desviar as ideias do garoto, Georges tirou do bolso a caixa de chocolates e ofereceu-lha: comeram os bombons.

— Não me disseste nada sobre o padre Lauzon — exclamou.

— Com ele quase não me preocupo. Não faltou à festa, evidentemente. Estive em discussão cerrada com ele: isso compensava o meu silêncio com os outros. Mas eu tinha uma boa razão: foi de manhã que me mandou chamar; não sabendo então se me deixariam sair no estudo da tarde, disse-lhe que gostaria de tornar a vê-lo nessa ocasião, e acabo de prolongar a conversa até às seis horas, como no outro dia depois da confissão. Além disso consegui acabar os meus exercícios, mas ficaram um pouco atabalhoados. Quanto às minhas lições, a fim de não mostrar que perdera a cabeça, aprendi-as melhor que de costume e fiz bem, porque fui chamado em todas as disciplinas: estou na berlinda.

«Voltando ao padre Lauzon, censurou-me por lhe ter feito «confissões incompletas» pois eu tinha «uma intriga censurável que ele não conhecia» — foram estas as suas expressões. Parecia quase ciumento. Disse-lhe que em alma e consciência não me sentia culpado de nada, porque essa «intriga» nada tinha de «censurável» e que, por conseguinte, nunca vira necessidade de falar dela. Respondeu-me com uma frase bonita: que na falta de um pecado mais grave, cometera pelo menos o da desobediência, visto que transgredira o regulamento e estava em revolta aberta contra os meus professores, os meus pais, Deus, *et vitam aeternam, Amen.* Pretende que sou um grande pecador, uma pedra de escândalo. Foi ao ponto de me proibir a comunhão, mas eu detive-o ameaçando escrever ao cardeal e mesmo ao Papa.

— Vou pensar no que devemos fazer — disse Georges. — Avisar-te-ei por meio de um bilhete, no refeitório. Em todo o caso, tem confiança em mim, no que quer que eu decida e abunda no meu senso. Talvez não tenhamos a possibilidade de nos vermos durante algum tempo, mas lembra-te que pronunciei, hoje, na tua presença, o juramento dos jovens atenienses: «Não abandonarei o meu companheiro na batalha.»

O rapazito apoiou a cabeça ao ombro de Georges, e num tom carinhoso que não lhe era familiar, murmurou:

— Não me perguntaste o que continha o meu bilhete, e ia esquecer-me de te dizer: «Se as tuas palavras foram carícias, os meus olhares foram beijos...»

Sorriu, como de um dito picante, e escapou-se.

Quando Georges transpôs a porta do estudo, foi interpelado pelo vigilante, que lhe indicou o canto junto da cadeira. Pensou um instante que esse castigo estava relacionado com o de Alexandre, mas sossegou imediatamente: com o dedo apontado para o relógio, o vigilante mostrava-lhe que ele parecia ter esquecido a hora.

Saíra com o pretexto de dores de cabeça, mas esse pretexto tinha limites. Por outro lado, o rapazito seria novamente castigado?

De pé, braços cruzados, olhando para a parede, Georges ouvia atrás dele os ruídos da sala de estudo: fechavam-se carteiras ou livros, uma régua caía, batiam canetas nos tinteiros ou arranhavam no papel. A maior parte dos colegas estava contente, certamente, por vê-lo colocado ali, a ele que nunca fora punido. Mas dentre eles quem fora castigado por uma história onde se pusera a questão de escrever ao Papa?

Georges pensava em Lucien, o único a competir com ele e a conhecer-lhe o segredo. A imaginação desse bom rapaz devia ter-se exercitado durante tão grande ausência. Felizmente que só tivera o trabalho de copiar a versão

latina. Como nunca acreditava em acontecimentos desagradáveis — segundo o seu costume, passara o dia inteiro a tranquilizar Georges —, tinha suposto, sem dúvida, que os hóspedes da estufa diziam mais coisas que Georges não consentia em confessar.

Georges admirava o jogo do destino. Encontrava-se com Alexandre na situação em que, por culpa sua, Lucien se encontrara com André: um dos dois amigos — mas, presentemente, o mais jovem — comprometera-se por causa do outro, e essoutro fora poupado graças à ausência do seu nome no papel acusador. Em todo o caso, a pequena sanção sofrida por Georges anunciava que a desigualdade do destino se corrigia já à sua custa! E não era, talvez, senão um começo. Mas que prova encantadora da sua força dera o rapazito! Enfrentara sucessivamente o prefeito, o Superior, o padre Lauzon; desprezara os vexames, as ameaças, fizera os trabalhos escolares, estudara as lições e comparecera ao encontro marcado.

Não se podia ficar abaixo de exemplos desta natureza. Georges preparava uma decisão que seria digna: denunciar-se-ia a fim de justificar Alexandre. Justificar-se-ia ele próprio reduzindo a aventura a uma criancice. Paciência se isso não correspondesse às intenções do garoto, ao seu gosto da luta!

Georges era o mais velho e seria o mais razoável. Não o emocionava a perspectiva de ter de deixar Saint-Claude, como prometera se as coisas se complicassem, mas parecia-lhe natural esforçar-se por lá ficar, remediando-as.

Iria procurar o padre Lauzon, obteria o seu perdão e o seu apoio. Ele não desconfiava de Georges. Talvez tivesse sido mais reticente com Marc, que não era um congregante. Por outro lado, o padre Lauzon só queria continuar a acreditar na virtude de Alexandre. Era-lhe lá possível admitir realmente que o coração do seu pequeno favorito se lhe tivesse fechado? De resto, uma vez que o coração ficara puro, tinha-se para o defender a força da persuasão

da sua pureza. Mas não lhe bastava ganhar a causa. Tornava-se indispensável ganhá-la depressa.

Georges não podia suportar a ideia de que Alexandre estivesse ainda de joelhos na manhã seguinte, humilhado como nunca fora nenhum aluno do colégio. Suplicaria ao padre para intervir, ainda essa noite, junto do Superior, a fim de revogar essa ordem. Que surpresa para Alexandre! Este seria obrigado a acolher a indiscrição do amigo mais favoràvelmente do que acolhera a de Lucien.

Ah! o seu relógio, certo pelo relógio de parede, indicava sete horas menos um quarto. Daí a pouco a leitura espiritual, a seguir o jantar, depois deitar e era tudo por esse dia.

Ao toque da sineta, Georges alcançou o seu lugar. Ao ver entrar o Superior, ocorreu-lhe outra ideia: falar-lhe directamente. Não vale mais pedir a Deus do que aos santos? Era a única probabilidade de resolver já o caso. Mas quando seria isso possível? Depois da leitura espiritual, nos escassos minutos que precedem a refeição? Ou mais tarde, ao levantar da mesa? Em qualquer das hipóteses, o Superior mandá-lo-ia esperar para o dia seguinte, depois da meditação e da missa. Era portanto a astúcia, e quase a força, que ele tinha de empregar para ser recebido nessa noite.

Georges observava a fisionomia do Superior. Este homem que fora até ao presente quem fazia a leitura espiritual todas as noites, quem dirigia a meditação da manhã e em seguida celebrava a missa, quem dizia a oração e a acção de graças às refeições, dava as notas do mês no estudo, marcava as classificações da redacção aos domingos, que declamava Bossuet, que escrevia sonetos e os discursos dos académicos, que lhe tinha falado do *Collegium Tarcisii* e lhe havia emprestado livros sobre a Antiguidade, este homem ia saber, dentro em pouco, para quem Alexandre Motier transformava os olhares em beijos, para quem Georges de Sarre mudava as palavras em carícias — o discurso do Superior sobre o Palácio de Rambouillet trans-

formara-se numa carícia, a musa rebuscada em musa de Richepin. No fundo, Georges sentia uma certa vaidade: ia revelar-se aos mestres como o amigo secreto do mais encantador dos alunos. Primeiramente tinha-se sentido orgulhoso do seu impulso de coragem. Mas ao ouvir falar o Superior, não podia esquivar-se a pensar como era fácil enganar este homem. Desde a meditação até a leitura espiritual, desde manhã à noite e da noite à manhã, ele e os seus iguais só existiam para serem enganados. Mas o Superior era, sem dúvida, mais enganado que os outros, porque o seu apostolado era o mais infatigável. Os pensamentos e os sentimentos destes rapazes, que ele julgava conhecer, escapavam-lhe tanto como o seu comportamento. Nessa altura todos pareciam atentos à leitura do *Petit Carême*, de Bossuet, preferível à de Massillon, dissera ele. Maurice devia pensar na sua criadita, um certo Marc de Blajan nalguma prima bonita, aqueles a quem o próprio Blajan chamava maus companheiros deviam pensar nos seus cúmplices; Georges sabia em quem pensava Lucien, e Lucien sabia em quem pensava Georges. As palavras do *Petit Carême* ecoavam no deserto. Georges ia, igualmente, dizer palavras ocas ao Superior, mas teria o cuidado de fazer tomá-las por verdades.

Lucien, posto ao facto durante o jantar — houve felizmente *Deo Gratias* —, aprovou o projecto.

— Se eu tivesse podido salvar André — disse — nada me teria feito hesitar.

Lucien ajudou Georges a preparar a história que este último contaria. Estavam sérios e divertidos ao mesmo tempo. Os interesses em causa faziam-nos reflectir, mas Lucien dizia invejar a Georges a honra desta visita inesperada. Seria curioso ver o Superior à vontade. Talvez estivesse em roupão, mostrando os escapulários, como o próprio Lucien em tempos, e aqueles saquinhos de cânfora que, segundo dizem, os padres trazem dependurados, a fim de preservar a virtude? Eram outros saquinhos que não os da poesia do Mais-Que-Tudo.

No dormitório, a velada dos dois amigos foi uma velada de armas. Assim que o abade se deitou, Lucien disse:

— Boa sorte, meu velho. Eu não adormeço enquanto não voltares.

Com toda a cautela, Georges levantou-se e vestiu-se. Lembrando-se da frase de Alexandre sobre os bilhetinhos a guardar, achou prudente pôr os seus a salvo: retirou-os da carteira e fechou-os à chave na mesa-de-cabeceira. Pegou na pilha eléctrica, apertou a mão de Lucien e saiu em passos furtivos. Uma vez no corredor, os riscos da sua ousadia surgiram-lhe de repente. Tal como no dia em que quisera denunciar André; mas denunciar-se era mais grave. Espantava-o que Lucien não o tivesse dissuadido. Estava quase a concluir que o amigo da sua antiga vítima tinha agido por instinto de desforra. O menos que havia a temer não era indispor o Superior por esta aparição intempestiva? Mas certamente, às nove e meia da noite, o Superior não se encontrava ainda deitado. Revia talvez os seus sonetos bucólicos ou preparava o comentário do *Petit Carême* para o dia seguinte.

De resto, se não visse luz por baixo da porta do gabinete, ou se lá estivesse algum professor a conversar, Georges voltaria ao dormitório com a mesma precaução com que tinha saído.

Na antecâmara, pôde assegurar-se de que o Superior velava e estava só. A estátua de S. Tarsício, iluminada pela pilha, fê-lo lembrar-se da sua visita de Outubro. As intenções que nesta altura o conduziam ali eram mais elevadas e reabilitavam um pouco as de então. Além disso, vindo, por sua vez, à presença do mesmo juiz, devia pelo menos ser tão forte como André. Deixou de sentir apreensão. Experimentava até, antecipadamente, a alegria de fingir uma confissão para restabelecer a mentira. Ia preservar o essencial sacrificando o supérfluo. O Superior, que estava com o hábito, lia, sentado, à luz de um lampadário. Pareceu extremamente admirado ao ver a quem tinha dado licença para entrar.

— Desculpe-me, Senhor Director — disse Georges. — Saí do dormitório sem licença, mas não podia dormir a pensar que por minha causa um dos meus colegas fora castigado.

O Superior indicou-lhe um assento, e, depois de ajeitar, com ar majestoso, as pregas da capa acolchoada, fechou o livro sobre os joelhos. Georges não se sentou à vontade no cadeirão, com a ousadia do académico de domingo. Como na noite em que pensara em André, conservava os olhos baixos. Mas hoje a sua modéstia era só aparente e destinada a colorir o discurso.

Contou as coisas, tal como as preparara durante o jantar: Alexandre e ele tinham-se conhecido por intermédio de Maurice, um domingo, no pátio dos maís velhos. Tinham conversado e Alexandre manifestara a esperança de vir a ser académico. Georges, para se rir, divertira-se a prometer-lhe a sua protecção. Falando na próxima sessão pública, a da última terça-feira, prometera ler o discurso com a sua voz mais acariciante, e isso dera lugar a algumas brincadeiras. Depois disso só se tinham encontrado uma vez, por acaso, à porta do padre Lauzon, confessor de ambos.

Georges sentia-se surpreendido com a calma com que tinha falado. A confiança em si próprio havia aumentado. Estava pronto a sustentar o olhar do Superior, e teria afrontado os suplícios da antiga questão. Não estava longe de se julgar sincero.

O Superior conservara os olhos fixos sobre a capa do livro — um tomo das *Impressões de Teatro*, de Jules Lemaître. Iria citar Nicolau Cornet? Lentamente, sem levantar a cabeça, perguntou-lhe:

— Como é que o Motier o informou do incidente?

— Por intermédio de Lucien Rouvère, que o conhece da Santa Infância e o encontrou, providencialmente, esta noite no corredor. Rouvère deu-me o recado à mesa, durante o *Deo Gratias*.

— Que lhe disse ele exactamente?

— Que Alexandre Motier tivera a ideia de me fazer uma espécie de farsa por escrito, a propósito da minha expressão «voz acariciante», mas que se havia deixado apanhar, e que o atormentavam porque, naturalmente, não queria comprometer-me.

— Todavia ele confessou uma coisa — disse o Superior olhando para Georges. — Foi que já tinha enviado ao seu distinto correspondente outros bilhetes. Eu não desejo lê-los senão por se tratar de si, pois, pelo pouco que conheço disso, o estilo é deplorável: o molde é tirado dos romances de cordel. Vejamos portanto, se faz favor: queira mostrar-me a sua carteira.

— Mas eu nunca recebi qualquer bilhete do Motier!

— Então ele mentiu. De resto não importa. Eu gosto de me certificar, na ocasião, do que encerram as carteiras dos meus alunos.

Georges corara, mas não de vergonha: tinha sentido uma lufada de alegria ao pensar na bem-aventurada precaução de momentos antes. Estava vingado deste Superior, que acabava de mentir acusando Alexandre de mentiroso, mas talvez as mentiras se chamassem «direcções de intenções».

Sem dúvida o Superior notou a emoção do seu visitante.

— Não se ofenda com o que lhe peço — disse. — O meu dever é provar-lhe que um rapaz da sua idade não deve ter segredos.

Georges estendeu-lhe a carteira volumosa. O padre abriu-a com cuidado, como se uma soma importante ou documentos acabrunhantes dela se fossem escapar.

A primeira divisão que revistou foi aquela donde os bilhetinhos de Alexandre tinham sido retirados, há poucos instantes. Mas Georges, para não a despejar completamente, deixara lá o postal ilustrado do Amor de Téspis. O Superior contemplou um instante a imagem.

— A estátua é de Praxíteles, e encontra-se presentemente no Vaticano. Havia referência a ela na *Mitologia* que Vossa Reverência me emprestou.

Sem responder, o Superior meteu de novo na carteira o Amor de Téspis.

As outras divisões revelaram diversos papéis — papéis que Georges conservava, se bem que nenhum lhe interessasse: um bilhete de identidade escolar do ano anterior, outro de membro activo da «Liga Marítima e Colonial», o reclame ilustrado de uma marca de automóveis, uma ficha farmacêutica de pesagens, um prospecto de turismo e a «oração do anjo da guarda de uma criança ausente».

— Esta oração permite ganhar quarenta dias de indulgências — disse.

Havia também um cartão de visita dos pais de Georges, com os títulos de marquês e marquesa. Ficava bem. O Superior examinou em seguida a vista de um castelo.

— É o nosso domínio — declarou Georges. E acrescentou, a sorrir: — É meu dever explicar tudo.

Não lhe desagradava lembrar um pouco quem era. O Superior era fidalgo, mas isso não queria dizer que os pais dele tivessem possuído um castelo.

Enfim, a última divisão continha uma nota — uma nota de banco — e, como a primeira, um postal ilustrado: a fotografia de Anatole France, que emparceirava com o Amor de Téspis.

— Você não ignora que as obras deste autor estão no *Index* — disse o Superior entregando-lhe a carteira.

— Não li dele senão *Le livre de mon ami*, onde estava este retrato.

— Não leia nenhum outro. E mesmo, espere! Dê-me essa fotografia e a da estátua: elas não estão de modo nenhum no seu lugar dentro da carteira dum filho de Maria.

Georges deu-lhas. O Superior olhou-as um momento, juntas na sua mão, como as cartas de um jogo. Mas, como se quisesse testemunhar o seu respeito simultâneamente pela Grécia e pelo Vaticano, restituiu a Georges, com um gesto largo, a gravura antiga. Depois, secamente, rasgou em quatro o retrato de Anatole France e atirou os bocados

para o cesto dos papéis: um deles caiu sobre o tapete, mostrando a barba do ilustre académico a quem o director da academia de Saint-Claude acabava de prestar justiça.

— Bem! — disse o Superior. — Vejo que me disse a verdade, e não falemos em castigo, mas espero que a lição lhe sirva. Não escolha os amigos senão entre os seus colegas de classe. É o melhor meio de evitar complicações, que, se não são das mais graves, são pelo menos ridículas. Você ficaria perplexo se soubesse em que termos esse escrevinhador lhe escrevia. As jovens imaginações tomam depressa o freio nos dentes. É preciso portanto deixá-las tranquilas. Você já tem laços de amizade com Lucien Rouvère: fique por aí. Ele é seguro e cheio de bom senso.

«Felicito-o de resto pelo escrúpulo que o conduziu aqui; mas veio sem autorização, e, por questão de disciplina, devo impor-lhe uma sanção: ficará detido no próximo domingo.

No corredor, Georges sentia-se transportado de alegria. O último soneto do Superior veio-lhe à memória:

*Gosto das noites longas, noites imensamente suaves.*

Deu uma gargalhada. Repetiu o verso do fabulista, que o Superior citara a título de referência poética:

*Dias que se tornam momentos, momentos tecidos de seda.*

De passagem fez, com a pilha, iluminações divertidas sobre os quadros dos antigos alunos. Mesmo que Alexandre fosse ainda punido na manhã seguinte, e ele no domingo, nem por isso deixavam de estar livres de perigo. A criança, apesar da teimosia que tinha agravado a sua causa, já não podia ser suspeita. Explicar-se-ia a sua atitude pela altivez de carácter, e não pela gravidade dos segredos. Sem dúvida, restava saber aos dois amigos como é que poderiam recomeçar os futuros encontros, mas depois desta vitória era permitido esperar tudo. A imagem

de Téspis, poupada por milagre, atestava mais uma vez que a amizade estava salva.

Georges entrou cautelosamente no dormitório. Não quis acordar Lucien, que tinha adormecido, como o apóstolo no monte das oliveiras. Querido Lucien! Parecia ter-se esforçado por lhe provar que o havia esperado: com efeito, estava deitado na posição que adoptava para conversar com ele, quer dizer, sobre o lado esquerdo, ao passo que para dormir se deitava em geral para o lado direito, voltando-lhe as costas.

Alexandre devia estar igualmente mergulhado no sono, sem suspeitar que tantas coisas acabavam de acontecer. Dormia de lado para sonhar menos? Ou de costas, como Georges, para melhor acolher os sonhos?

No dia seguinte, Georges bendizia o altar que durante muito tempo amaldiçoara: Alexandre ajudava à missa ao padre Lauzon. O padre tinha imaginado este meio de subtrair Alexandre a uma nova humilhação, pois a penitência talvez não estivesse ainda levantada. Mas prouvera a Deus que, com o fim de o catequizar, não o retivesse no fim do ofício! No caso de o padre já estar informado do depoimento de Georges, e de falar dele ao garoto, este podia afastar-se. Importava que a versão oficial fosse conhecida do interessado quanto antes. Um bilhete, redigido durante o estudo a seguir à missa, seria deixado por Lucien no refeitório, antes do pequeno-almoço.

Georges tinha começado a escrever, quando o preveniram de que o padre Lauzon o mandara chamar. Lamentou não ter tempo de terminar a sua mensagem, mas saiu ràpidamente a fim de poder regressar mais cedo.

Ao chegar em frente da porta do gabinete, ouviu falar o padre. Quem é que lá estaria? Era Alexandre. Chegara naquele momento, sem dúvida, porque estava de pé e ainda não sabia nada, pois pareceu admirado ao ver Georges.

O padre mandou-os sentar, um em frente do outro, de cada lado da secretária. O garoto tinha uma expressão fechada, mas pareceu alegrar-se com uma piscadela de olho de Georges. Oxalá ele se lembrasse das recomendações da véspera, que não se contradissesse, que agarrasse a nova oportunidade que se lhes oferecia!

— Mandei-os vir logo de manhã — começou o padre — para lhes falar das relações que travaram sem eu saber.

Fez uma pausa e contemplou *A Adoração do Cordeiro*. Depois, voltando-se para Georges:

— O Senhor Director informou-me, antes da meditação, da confissão que lhe fez a noite passada. Admiro-me que não se tivesse lembrado de se confiar primeiro a mim.

— Eu pensei, padre — respondeu Georges —, que se tratava menos de um caso de consciência que de um caso de disciplina; e como esse caso dizia respeito a dois alunos que não pertencem à mesma turma, nem sequer o submeti ao senhor prefeito.

— Talvez para si não fosse senão um caso de disciplina, mas esse caso tornava-se infelizmente um caso de consciência para o seu condiscípulo — volveu o padre fitando Alexandre que ficou impassível.

«Você — continuou ele — falou por brincadeira, e ele tomou-o a sério. Falou de «voz acariciante» e ele enviou-lhe beijos — oiça bem: beijos!

O padre acompanhou estas palavras com um risinho, que lembrava a Georges o risinho com que Blajan tinha sublinhado as suas a respeito de André. O garoto corou violentamente, ultrajado. Irónico, Georges disse logo:

— A sério, beijos? E porque não bocados de chocolate?

Alexandre riu à gargalhada — riso bem diferente do do padre, um riso vitorioso, em que Georges sentiu um triunfo secreto: a evocação do encontro da véspera fora para eles um outro beijo.

— Quebrou-se enfim o gelo — disse o padre, sorrindo. — Uma facécia obteve melhor resultado que o meu discurso. Ela acaba de me convencer que não houve senão facécias.

«O riso das crianças é a linguagem da sua alma. Os seres corrompidos nunca riem. Vocês conservam-se crianças graças a Deus! Mas puderam medir o grande inconveniente das relações irregulares. O que é clandestino é quase sempre prejudicial.

«No fundo, nunca estive muito preocupado com este brincalhão, porque o conheço bem. Mas a sua cabecita tinha feito um mundo de uma coisa de nada, e de uma fábula uma história. Se desde o primeiro dia ele tivesse confessado o nome do destinatário, tudo se teria apaziguado num instante. E não sei pelo contrário, como isto acabaria, se o destinatário em questão não tivesse intervindo.

«A Alexandre só falta apresentar as suas humildes desculpas ao senhor director.

De novo Alexandre corou: via-se que isso era pedir-lhe de mais. Mas Georges fez-se sinal para aquiescer. E o garoto compreendeu que se podia pedir desculpa e ficar o mais forte, ceder sem ser vencido.

— Quando Vossa Reverência quiser — disse.

O padre ficou satisfeito.

— O anjo do colégio volta a ser o anjo do colégio. Com esta expressão eu não quero excitar-lhe a vaidade, meu filho, mas o seu zelo: era assim, com efeito, que chamavam a S. João-Francisco-Régis quando era colegial.

Levantou-se e beijou levemente os cabelos de Georges e de Alexandre.

— Na sua primeira epístola aos Tessalonicenses — disse — S. Paulo termina por estas palavras: «Saudai todos os nossos irmãos com um beijo santo.» Há beijos e beijos: os beijos dos romances, onde convém deixá-los ficar, e os beijos santos — beijos de um filho aos pais, beijos de paz, beijos de perdão.

«O apóstolo, na mesma carta, dá igualmente este conselho: «Orai sem cessar.» O reverendo padre pregador já vos tem exortado a isso, assim como aos vossos colegas, desde a primeira conferência de Outubro, e o Senhor

Director repetiu-o durante a alocução de Ano Novo. Foi a oração, seguramente, que vos preservou dos perigos que correram sem saber. Não ignoro que são fiéis à prática da comunhão diária, que é a mais bela de todas as orações.

— Só faltei uma vez este trimestre — disse Georges.

— Foi provàvelmente — volveu Alexandre — no dia em que ficaste de cama por estares doente.

Alexandre parecia encantado por ter devolvido a Georges a alusão aos bombons, lembrando por sua vez, à frente do padre, qualquer coisa da sua amizade — do tempo dessa zanga que tinha aumentado a amizade dos dois rapazes. Mas a frase testemunhava um interesse terno de mais.

— Vejo — tornou o padre — que era tempo de pôr em ordem os vossos sentimentos. A simpatia que nutriam um pelo outro não tardaria a perturbar mesmo as práticas religiosas. Cessem, portanto, a partir de hoje, essas relações prematuras. No próximo ano estarão juntos, serão verdadeiros condiscípulos. Espero que então, longe de todo o romantismo, vos seja permitido refazer a vossa amizade.

Na capela, o garoto já não ficava em frente de Georges. Fora substituído no primeiro banco, e Georges acabou por distinguir Alexandre no último. O refeitório era o único sítio em que lhes seria possível trocar um olhar.

Georges absteve-se algum tempo da menor iniciativa. Evitou até pedir para sair durante os estudos, para não haver suspeita de encontros. Era preciso fingir que tinha reentrado na ordem antes de procurar-se evadir de novo. Faltavam doze dias para as férias da Páscoa. No regresso, o incidente, aliás desconhecido dos alunos, teria sido esquecido nas altas esferas. Ficar sossegado até lá não era grande sacrifício.

Georges guardava também um pensamento secreto, que ora o fazia sorrir ora o reconfortava: esperava um milagre. Entre Alexandre e ele não havia sido tudo miraculoso, incluindo o modo como se tinham saído deste mau passo?

Ainda a semana não terminara, já ele achava insuportável este estado de coisas. Uma vez que o milagre não acontecia, caminharia para ele, como Maomet caminhara para a montanha. Pareceu-lhe absurdo impor-se tais entraves por simples conjecturas. E decidiu experimentar a disciplina que supunha reforçada a seu respeito. Certa manhã, pediu licença para se ausentar: foi-lhe concedida com a benevolência habitual e saboreou o prazer de se reencontrar em liberdade. Entrou na estufa ainda perfumada pelas laranjeiras. Aspirou as flores que Alexandre tinha aspirado. Sentou-se nos degraus onde se haviam sentado lado a lado. As imagens que estes lugares lhe invocavam, fizeram-lhe sentir mais as actuais restrições. Decidiu pôr-se em campo e adoptar os antigos métodos.

Consistia principalmente em visitar o padre Lauzon, na esperança de um encontro com Alexandre. Os pretextos já não eram escrúpulos de consciência, mas conselhos para a leitura de férias. Georges discutia certas restrições do manual do *Index*. Se não encontrasse Alexandre, dava-se por feliz falando dele, nem que fosse só uma vez. Dirigiu a conversa para S. João-Francisco-Régis e pediu a bibliografia do «Anjo do Colégio». Mas o padre não deixou desenvolver o assunto, e falou, em seguida, de S. Tomás, a que se chama, por outras razões, «O Anjo da Escola».

Georges tinha escrito um bilhete muito terno, que contava meter na gaveta de Alexandre, durante um recreio. Ia tocar piano mais vezes que de costume. Levava folhas de amoreira aos bichos-da-seda do professor de História, ou um biscoito ao seu ratinho branco. Isto era só com a intenção de passar pelo refeitório, mas sempre lá estava alguém: dir-se-ia de propósito.

No Domingo de Ramos, antevéspera das férias, a procissão desenrolou-se no interior da capela por causa do mau tempo. Entre os primeiros dos grandes, Georges seguia os últimos alunos do grupo dos pequenos, que ia à frente. Via-se separado de Alexandre apenas por três colegas.

Com um pouco de habilidade teria podido ser seu vizinho, e o garoto mostrava a sua mágoa por ele não ter pensado nisso. Com efeito, também ele parecia ter uma mensagem para lhe entregar. Georges julgou distiguir-lhe o habitual quadrado de papel na mão fechada. Considerou-se mais tolo do que nunca e, vingando-se no seu ramo, não lhe deixou senão uma folha.

Furioso por ter falhado duplamente tão boa ocasião, jurou entregar forçosamente, nesse dia mesmo, o bilhete. Mas nova tentativa, indo ao refeitório antes do meio-dia, resultou igualmente em vão. Sem dúvida Alexandre não tinha sido mais feliz nas suas diligências, pois Georges não encontrou nada dele. Compreendiam-se agora melhor que nunca. Os olhares que trocavam eram cheios de esperança e despeito ao mesmo tempo.

Georges tinha jurado a si mesmo ser o primeiro a restabelecer a ligação epistolar, mas pareceu-lhe que seria mais audacioso se o seu bilhete fosse menos comprometedor. Rasgou-o e escreveu outro mais anódino, que rasgou também. Era melhor nada escrever do que escrever pouco. Contentou-se em escrever a sua direcção num pedacinho de papel, acompanhando-a destas únicas palavras: *Para ti.*

À noite, ao voltar da academia, conseguiu desempenhar-se da sua missão. Ficou desolado por não ter conservado o primeiro texto. Paciência! Havia de desforrar-se na Páscoa quanto à correspondência.

No dia seguinte, ao jantar, encontrou na gaveta a mensagem de Alexandre: a sorte recompensara-os, enfim. A mensagem era uma folha arrancada do livro dos cânticos, e o texto fora cortado de maneira a apresentar um outro sentido.

Ao alto da página, via-se este título geral: *Tempo da Paixão* e, por baixo, o cântico: *Nobre pendão de Jesus Cristo.*

Não era um hino de ternura, como o da véspera da partido no «Tempo de Natal». Era já o hino de uma paixão, rica em ardores e tormentos. Georges, que o leu

debaixo da roupa, à luz da pilha, ficou perturbado. Via passar as cores da tragédia sobre o que tinha sido, até ali, as da écloga. O garoto já não o metia a ridículo.

*Amo-te, adoro-te...*
*Que para sempre no meu coração*
*A minha ternura te envolva!*

*Quando lágrimas amargas*
*Me oprimirem,*
*Tu receberás as minhas lágrimas.*

*E os meus lábios trémulos,*
*No dia do sofrimento*
*Ligar-se-ão cálidos*
*Aos teus pés...*
*Ficai no meu peito,*
*Oh Presentes do Bem-Amado!*

*Escondido nas minhas mágoas*
*Embriago-me de amor...*

No verso da folha, havia duas linhas escritas a lápis: *Não me escrevas. Eu escrever-te-ei.*

Georges voltara ao seu lugar, depois de ter comungado, e olhava Alexandre que se aproximava do altar. Enchia os olhos da amável visão; diligenciava encher dela o coração para as férias que começavam nesse dia. Apesar dos rigores dessas duas semanas que acabavam de passar, quase maldizia as férias.

Na estação, como o padre Lauzon ia outra vez com Maurice e Alexandre, Georges teve de subir para outra carruagem. Mas, menos tímido do que pelo Natal, quis ver o garoto uma última vez. E, passando de carruagem para carruagem, Lucien e ele partiram em exploração. Localizaram o compartimento, cuja porta envidraçada estava fechada, e passaram lentamente, fingindo conversar.

O padre Lauzon lia o breviário. Alexandre, em frente, com a cabeça apoiada, parecia dormir. Estava envolvido num capote azul, mas, entre as duas abas, mostrava os joelhos e estes pareciam banhados de luz: as peúgas estavam enroladas até aos tornozelos, a perna mostrava-se nua. Georges desejava não ser obrigado a retirar-se discretamente. O seu desejo era estar só com Alexandre e colar os lábios escaldantes a esses joelhos, e em seguida pousar neles a cabeça como no primeiro encontro, na estufa.

Nesse dia, enquanto estavam no salão, Georges pediu ao pai que o deixasse admirar a moeda de Alexandre — a colecção estava fechada. Falou do seu trabalho sobre a Grécia, que havia contribuído para a eleição académica. E acrescentou que se tinha lembrado desta peça de oiro, para melhor evocar o passado desse país.

Pegou no pequeno disco pesado, com respeito. Contemplou a efígie, que ao contacto da mão aquecia suavemente, como a medalha que uma criança traz ao pescoço. Os contornos eram irregulares: tinham sido gastos, disse-lhe o pai, por algum avarento Harpagão. Mas o perfil do herói estava de uma frescura intacta: desafiara o tempo e os homens com o seu capacete empenachado. No reverso, via-se a figura da Vitória, e uma das asas parecia segura pelo nome de Alexandre. Estes presságios não eram menos favoráveis que os do Amor de Téspis.

— A moeda — disse o senhor de Sarre — que se chama estáter, está cunhada com perfeita nitidez: guarda Alexandre para a eternidade.

Estas palavras proporcionaram a Georges um prazer delicioso. Beijou o pai com toda a delicadeza. Quem poderia dizer se era um beijo santo?

Georges decidiu fazer também uma colecção, quando fosse crescido, e havia de consagrá-la a esse Alexandre que ilustrara o nome do seu jovem amigo; a colecção

teria não só moedas, mas bustos, tapeçarias, quadros, estampas, todas as obras escritas sobre ele. Mesmo que se arruinasse. Seria o seu monumento. O culto do Santo Nome de Deus não inspirara jamais tanto fervor a Lucien como a Georges o Belo Nome de Alexandre.

A sua principal ocupação era, todos os dias, espreitar o correio. No intervalo das passagens do carteiro, saía para se distrair. Ia de bicicleta à lição de esgrima ou à piscina, ou passeava de barco na ribeira. Não tinha disposição para ficar em casa. A leitura, dantes a sua ocupação favorita, não lhe dizia nada, enquanto não tivesse lido a mensagem que esperava. Retirara da biblioteca do pai *La Pécheresse* de Henri de Régnier, pondo um outro livro no seu lugar, segundo o costume. O romance não lhe prendeu a atenção mais tempo que a vida de S. João-Francisco-Régis.

Chegou uma carta: mas era de Lucien. Dizia que, desta vez, tinha escrito primeiro a André para que ele não o censurasse. Acabava de ler *Thaïs*, e partilhava a antiga admiração de Georges por este livro, se bem que algumas passagens o tivessem aborrecido.

*É possível*, escrevia ele, *que eu tenha lido, nas últimas férias, «O amável Jesus, traduzido do espanhol»?*

Lucien já não oferecia os seus serviços junto do tio astrólogo, porque Georges tinha declarado que os horóscopos o interessavam tão pouco como as indulgências.

Recebeu em seguida o boletim trimestral. Nas «Observações», o Superior escrevera: «Muito bom aluno»; mas a seguir a estas palavras colocou três pontos de suspensão, ou reticências, que pareceram a Georges cheios de significado. Os pais não deram atenção a isso. Em compensação, as primas, chegadas nesse dia, não se esqueceram de em particular lhe falar nisso com malícia. Mostraram-se curiosas dos mistérios do seu colégio.

— Tudo o que vos posso dizer é que esses mistérios são semelhantes aos da Mithra (vejam o dicionário): as mulheres são daí excluídas.

— Talvez menos do que tu confessas — respondeu Liliane. — Uns pensam nelas, mas muitos outros substituem-nas.

Estas palavras atingiram Georges, e decidiu fazê-las pagar à prima, mostrando-se insuportável. De resto, bem sabia que, para ele, Alexandre não substituía ninguém, nem, tão-pouco, podia ser substituído por alguém. Era sempre em Alexandre que pensava.

O silêncio do garoto começava a inquietá-lo. Perguntava a si próprio se o caso do bilhete, mesmo deslindado no colégio, não teria consequências em família. Contava com a boa fé do seu protector, o padre Lauzon, mas temia que o Superior não se tivesse contentado com as reticências no boletim.

Georges sofria por não poder escrever a Alexandre. Este tivera certamente os seus motivos para lhe pedir que se abstivesse. A título de compensação, enviou uma curta missiva a Maurice e outra a Blajan, como nas férias do Natal. Esteve tentado a pedir-lhes notícias das suas dulcineias, mas não quis dar razão a Liliane, mesmo indirectamente. Receava ainda que Alexandre perguntasse a Maurice se recebera notícias de Georges, e que ele lhe mostrasse a carta.

Na terça-feira da Páscoa, à noite, Georges acompanhou as primas à estação, muito contente por se ver livre delas. Estas tinham afirmado que ele estava muito mudado, que queria estar sempre só, que o internato fazia dele um bonito ursinho, um grosseirão. Ele replicara-lhes citando frases da *Imitação*, fixadas durante as últimas leituras no refeitório: «Que é preciso evitar a excessiva familiaridade das relações mundanas...», «Que é preciso evitar as palavras inúteis..., amar o isolamento e o silêncio..., suportar os defeitos dos semelhantes...»

Quando chegou a casa encontrou, na bandeja, um postal ilustrado em seu nome, que parecia ter esperado a partida das primas para chegar. Só continha estas palavras:

*Sempre. Alexandre*

Extasiado, Georges subiu ao quarto para sonhar à vontade.

É certo que teria desejado ler mais, mas tinha uma imaginação que lhe permitia parafrasear este feliz laconismo. Parecia-lhe que o essencial fora dito por um nome que sustinha a Eternidade como, na moeda, sustinha a Vitória. O garoto dava-lhe tudo quanto ele podia desejar, dando-se-lhe para sempre.

Georges sentia infinito prazer em ver o seu nome e direcção escritos pela mão de Alexandre, numa caligrafia mais ufana, mais firme e mais elegante ainda que a dos bilhetinhos. Julgava-se agora na posse legítima deste nome e desta direcção, que nunca lhe tinham sido tão bem confirmados.

Deleitou-se a encontrar um sentido até na vista do postal: *S... — Vista da estação.* O garoto não lhe insinuava que, de onde estava, apenas a estação oferecia algum interesse, pois que ia aproximá-los em breve?

Georges sentia-se felicíssimo. Os seus receios dissipavam-se: se tinha havido uma tempestade em casa de Alexandre, não devia ter sido grave. A ideia reconciliou-o com os pais, que detestava, quando imaginava Alexandre oprimido pelos seus. Ao jantar, felicitaram-no por se encontrar menos macambúzio.

Quando se deitou, pegou no postal que deixara ao seu alcance. Aqui não era como no dormitório, onde era preciso ler com uma lâmpada de algibeira, dissimulada sob os lençóis. Livremente, em plena luz, aconchegado pela almofada, releu os bilhetes do garoto e o cântico interpretado. Colocou, depois, de novo, todas as mensagens em cima

da mesa-de-cabeceira, com a madeixa de cabelos, e perto delas encostou ao candeeiro a imagem do Amor de Téspis. No dia seguinte escreveria uma carta encantadora ao padre Lauzon.

A seguir ao pequeno-almoço, meteu de novo os bilhetes na carteira. O sol, que iluminava o quarto, fez reluzir o caracol, que Georges ia igualmente guardar. Desprendeu-o do papel para melhor lhe ver os reflexos, e colocou-o na palma da mão. Era do mesmo oiro que a moeda da colecção, e pareceu-lhe quase tão pesado como a moeda: não seria isto o símbolo da cabecinha doirada? Lembrava-se da primeira vez que tinha visto os cabelos de Alexandre, no recreio do colégio, num domingo de Fevereiro. Pegando na madeixa colocou-a sobre a cabeça do Amor, que, de repente, pareceu viva. Deixou-a assim e foi arranjar-se.

Enquanto se penteava pensava na madeixa. Esses cabelos louros eram infinitamente mais belos que os da prima Liliane, a quem dizia, para a fazer danar, que seguramente os pintava. E perguntava a si próprio como ficaria se pintasse os cabelos de louro. A sua pele mate condizia pouco com uma cor tão clara. Enfim, a ideia de pintar o cabelo não era ridícula e indigna dum homem? Georges divertiu-se com uma ideia que lhe ocorreu. Lembrou-se daqueles rapazes que tinham uma mecha de cabelos de outro tom, como alguns dos seus camaradas de Saint-Claude: inspirava-se nessa fantasia da Natureza com o intuito de prestar a Alexandre uma homenagem original.

Não querendo comprar na rua as drogas necessárias, pegou na bicicleta e foi mais longe. Uma loja em que o patrão era o único ocupante, pareceu merecer a sua confiança. Pediu uma tinta para cabelos louros.

— Há quatro tons de louro — observou o cabeleireiro. — Deseja louro doirado, louro cinza, louro claro ou louro?

Georges ficou embaraçado. De repente lembrou-se que a mecha estava na carteira. Voltou-se e retirou-a da bolsa de couro, onde acompanhava a imagem de Téspis, e mostrou-a ao cabeleireiro.

— Permita que a examine — disse este, pegando-lhe. Embora o ofício do homem fosse mexer em cabelos, não cometeria uma violência mexendo nestes?

— São louro-cinza — disse.

E ia deitar fora o caracol, mas Georges retirou-lho com um gesto ansioso. Viu cair alguns cabelos com maior emoção do que sentira quando, no gabinete do Superior, vira cair a barba de Anatole France. Tê-los-ia apanhado, se o amor-próprio lho permitisse.

— Quando se tem cabelos louros tão finos — explicou o cabeleireiro — os primeiros cabelos brancos quase se não notam, e um pouco de água oxigenada basta, em geral, para os alourar.

Os primeiros cabelos brancos? Alexandre com cabelos brancos! Georges perdoava ao cabeleireiro esta ideia burlesca.

— Não compreendo — disse sorrindo.

— Trata-se de uma pessoa loura que queira pintar os cabelos brancos?

— Nada disso! Há uma pessoa morena que deseja pintar os cabelos de louro, no tom dos que lhe mostrei.

— Ah! bem! Entendido! Isso não se chama pintar mas descolorar. É uma operação delicada, que deve ser feita por um cabeleireiro.

— A pessoa em questão quer fazer a experiência em casa, numa madeixa de cabelos.

— Nesse caso, vou dar-lhe um produto preparado por mim. Essa pessoa só terá que molhar os cabelos com um pedaço de algodão embebido neste líquido. É preciso proceder cuidadosamente, a partir da raiz.

Georges deslizava na bicicleta. De vez em quando apalpava o frasco dentro da algibeira, para ter a certeza de que a rolha ia bem. Pensando na conversa com o cabelei-

reiro, divertia-se com o «Entendido!» Que verdadeiro interrogatório! Através de todo o dédalo da arte capilar, tinha-se chegado enfim à verdade.

Instalado diante do espelho do quarto, Georges perguntava a si próprio de que lado iria pintar a madeixa: à direita ou à esquerda? Ou ao meio? Escolheu a esquerda, o lado do coração. Separou uma madeixa, bastante comprida para poder cair sobre a testa, como a que velava por vezes os olhos de Alexandre, e seguiu as prescrições.

Era a primeira vez na vida que fazia uma transformação no seu ser. Este alouramento não lhe ia mal. O tom era bem o dos cabelos de Alexandre, aos quais o comparou. Mas desgostava-o a facilidade vulgar com que acabava de obter o que ele considerara, no garoto, milagre inimitável. Penteou-se, ocultando a madeixa loura sob os cabelos escuros. Só se via uma ponta, como a de uma flecha.

À mesa, a mãe notou esta singularidade. Georges explicou que o acidente era devido a uma infeliz receita de «champô» com água oxigenada. As primas não se teriam dado por convencidas. A loura Liliane não tinha razão para se persuadir de que isso fosse uma alusão lisonjeira à sua pessoa. Esta madeixa, símbolo de um outro rosto, teria sido aos seus olhos um novo indício daquilo a que chamava «a metamorfose dos pequenos internos».

Georges, efectivamente, havia mudado muito, mais do que a madeixa revelava, mais do que Alexandre parecera ao padre Lauzon. O que encontrava em casa era só o passado. O presente e o futuro estavam noutro lugar. Alexandre tornava-o indiferente a tudo, porque Alexandre era mais do que tudo. O postal da véspera não lhe restituíra o gosto de nada, porque sem essa presença que lhe faltava nada existia. Compreendia a intensidade do afecto que alimentara no íntimo: a presença daquele que detinha esse afecto era-lhe necessária ao equilíbrio físico e moral. Só recomeçaria a viver quando voltasse ao colégio, se bem que fosse para viver à margem do colégio. Era separado da vida de família, assim como da vida do colégio, que

tinha daí em diante a sua verdadeira vida: conforme dissera num dos bilhetes, Alexandre tornara-se a sua vida.

Igualmente a fim de se dar a ilusão de estar com ele, Georges gostava de estar só, como notaram as primas. De resto, possuía-o tão inteiramente que não temia perdê-lo. Dir-se-ia que os outros não existiam senão para lho fazerem lembrar de maneira indirecta, duma maneira qualquer. À mesa, por exemplo, falando-se do colégio, da academia, do Superior, do cardeal, era o rosto querido que vinha perfilar-se, como se tudo o que se tivesse aproximado a ele se reduzisse. Georges abria a mão lentamente sobre a toalha, com a palma para cima, e imaginava contemplar ainda o estáter ou o caracol louro. Não ousava pedir de novo a chave da colecção das medalhas, com medo de chamar a atenção para o seu segredo. Contentava-se a ficar encostado ao vidro e a depor, acima de Alexandre, a coroa efémera de um beijo. Um outro objecto da colecção que ornava a sala fornecia-lhe novas evocações: era um turíbulo de prata, trabalho do século XVII, que lhe lembrava a incensação de Alexandre. Levantava-lhe a tampa e, do interior vazio, elevava-se um ligeiro odor de incenso que aspirava deliciado e misturava-o na sua lembrança ao odor de alfazema que durante muito tempo exalara a madeixa. O oiro e a prata, o incenso e o perfume, não fora isto que oferecera a Alexandre no dia da Epifania, no primeiro domingo em que tinham estado frente a frente, no Domingo de Reis?

No dia 22 de Abril, na última distribuição, como tinha acontecido com o postal, chegou enfim uma carta de Alexandre. Cheio de alegria, Georges interrogou-se sobre o lugar onde faria a leitura da carta. Lera o postal no quarto. No salão, a mãe recebia visitas. Foi para o escritório, onde não havia ninguém. Enterrou-se num cadeirão de couro. Enfiou um dedo na dobra do sobrescrito, mas lembrou-se que era um meio muito pouco nobre de abrir

a primeira carta de Alexandre. Levantou-se para ir buscar um corta-papel: era o do Superior que ele precisava, o da academia, com a inscrição: *Deus e a França*. Escolheu o mais bonito. A carta merecia-o: seis grandes páginas! Isto compensava o laconismo do postal. Antes de ler, Georges passou a mão pelos cabelos. Tirou as meias, que estavam enrodilhadas.

*S..., 21 de Abril 19...*

*Meu querido Georges*

*Jurei conseguir isto e consigo-o, consigo enfim comunicar contigo. Mas, palavra, começava a desesperar de poder escrever-te uma verdadeira carta, e a tempo para o dia 23, dia do teu santo. Os meus parabéns, os meus afectuosos parabéns. Que S. Georges nos proteja mais eficazmente que Santo Alexandre! Agora juntaram-se os nossos dois padroeiros e já poderão ajudar-nos melhor.*

*No colégio, tu compreendeste, não é verdadè?, que me tinham privado da liberdade. Segundo as ordens de Lauzon, o vigilante não me deixa sair só. Consegui levar-te o meu cântico no intervalo de duas aulas.*

*Aqui as coisas são ainda piores. Primeiro, Lauzon — sempre ele! — mandou-me fazer um caderno de férias — caderno espiritual, pascal, tudo o que quiseres — no género dos cadernos de retiro. Foi um novo pretexto para me oprimir e me pregar moral regularmente. Depois chega a caderneta onde o Superior fez a patifaria de pôr esta observação: «Passou por uma pequena crise.» Isso fez-me lembrar a «tara» do prefeito. Crise e tara valem o mesmo. O meu pai disse-me que o Lauzon já o tinha informado, e não foi muito mau. Contentou-se com uma pequena prelecção acerca de sentimentos permitidos e sentimentos proibidos; depois, na qualidade de médico, adaptou à sua maneira as dissertações do meu director a respeito dos maus pensamentos, mas chamou-lhes «maus hábitos». Pobres criaturas, com o seu mal! Em todo o caso, a pretexto disto*

*ou daquilo, sou espiado a todo o momento, e tenho de ter cuidado. Enfim, obrigam-me a visitar antigos condiscípulos, a fazer parte de um patronato, etc., de modo que nunca estou só, aqui como no colégio. Foi por isso que só te pude enviar um postal, durante um intervalo no «Bom Cinema».*

*Ora hoje, antevéspera do teu santo, Lauzon leva-me a passear. E logo me disse que tinha recebido uma carta tua, extremamente edificante. Foi a primeira vez que pronunciou o teu nome desde o nosso encontro no seu gabinete. Isso causou-me um tal prazer que decidi no mesmo instante reconciliar-me com ele, porque lhe tinha mostrado má cara até então. Mas, para me vingar de todos os tormentos que me fez passar, quis rir-me um pouco à sua custa, e contei-lhe que me sentia agora aterrado pela Providência, tal como Saul no caminho de Damasco. Afigurava-se-me ouvir-te falar em meu lugar, mas estava inquieto, temendo ter exagerado. Mas nada disso! Vi o meu homem radiante, como se só esperasse aquilo. E disse-me que jamais duvidara de mim, que me restituía a sua confiança, que o meu comportamento nas férias o tranquilizara — contra a minha vontade —, que o perigo tinha passado. «No colégio — acrescentou — as coisas irão de futuro sem dificuldades.» «Também conto com isso» — respondi. Depois entrámos numa igreja a fim de rezar uma «oração de encorajamento e de acção de graças». Em seguida deixou-me voltar para casa. Por milagre, não está cá ninguém, e eu aproveito-me disso sem demora. Aqui está tudo o que foi preciso.*

*À noite, não te posso escrever, porque durmo no mesmo quarto com Maurice e ele confessou-me que havia sido encarregado por Lauzon de vigiar se eu tinha uma correspondência secreta. Este procurava saber com quem seria e estava intrigadíssimo. Eu disse-lhe que era com um marreco.*

*Fica tranquilo pelo menos quanto aos teus bilhetes. Todas as noites meto a carteira debaixo do travesseiro. As tuas prosas e os teus versos dizem-me então todas as*

*espécies de coisas, imagino extensas cartas, que tu não recebes. É triste, apesar de tudo.*

*Estou resignado, neste momento, uma vez que nada combinámos. E nada temos a combinar, pois tu cedeste — quero dizer: fizeste de conta que cedias. Desculpa esta espécie de censura, sei bem que não agiste por cobardia, e hoje procedi do mesmo modo, mas não tornarei, porque me parece mais belo fazer frente.*

*E porque cederíamos nós sem cessar? Lá porque somos crianças, nunca teríamos razão? As crianças não são seres vivos? Seriam elas as únicas a não ter o direito de amar? De resto, connosco, seria inútil. Não há pais nem mestres que possam impedir-nos de nos amarmos, pois não?*

*Alexandre*

*P. S. — Dois dias depois do regresso ao colégio, em memória das nossas queridas sextas-feiras, vai à estufa, às seis horas. Não importa de que maneira, lá estarei. Comprei um frasco de água de alfazema.*

Georges leu estas linhas três vezes seguidas, depois cobriu-as de beijos. O seu coração exultava. Levantou-se para melhor saborear o prazer de viver. Saiu para o terraço e passeou um pouco. Esta carta, verdadeira declaração de fé, inspirava-lhe tanto entusiasmo como a de André havia inspirado a Lucien. Encontrava também nela a reivindicação de direitos que André tinha resumidamente apresentado, esse sentimento de revolta, que um dia ele próprio experimentara à ideia de que a sua amizade pudesse ser submetida ao julgamento de outrem. Mas o que fora da sua parte um impulso passageiro, e da parte do amigo de Lucien uma observação secundária, era aqui uma reclamação decisiva: Georges fazia-a sua. Agora teria enfrentado o mundo.

Quando se deitou, dobrou a carta em quatro e meteu-a na algibeirinha do pijama; ficaria em cima do coração

enquanto dormia, como os seus bilhetes repousavam de noite debaixo da cabeça do garoto.

No dia seguinte, a manhã estava tão bela que Georges desceu em pijama ao jardim, para dar uma volta. Dirigiu-se à estufa. Era a peregrinação indicada para o dia de Saint Georges: o dia de Saint Alexandre não tinha sido festejado dentro de uma estufa? Nesta não havia laranjeiras, mas nem por isso era menos perfumada que a outra. As glicínias trepavam ao longo das vidraças e vasos de jacintos guarneciam as prateleiras.

Georges sentia-se feliz por poder reler aí a carta do garoto, associando-o a essas frescas imagens.

A mãe dissera-lhe que a glicínia representava, na linguagem das flores, a delicadeza na amizade. E ele sabia que os jacintos lembravam o jovem Jacinto, amado por Apolo, que os fizera nascer do seu próprio sangue. Colheu algumas pétalas e introduziu-as no sobrescrito. Em seguida sentou-se debaixo de um caramanchão de onde via a escada. Deleitou-se a imaginar que aquele que o fazia sonhar era seu hóspede e descia ao jardim para se lhe juntar, vestido com um pijama igual ao seu. O garoto saltava por cima do buxo, e brincava no lago. Os cabelos despenteados tombavam-lhe sobre os olhos. Parava ao pé do deus Termo e acariciava-lhe a barba. Estendia-se no meio do relvado e rolava-se com delícia. Depois levantava-se e encaminhava-se para a estufa onde Georges o esperava como em Saint-Claude. Lembrando-se dos encontros furtivos do colégio, riam-se por se encontrarem em pijama, numa estufa.

Agora, Georges não estava absolutamente nada emocionado pelas palavras que Maurice acabava de lhe enviar: tinha melhor. Todavia, lamentava mais amargamente não poder escrever a Alexandre. Para enganar o tempo, quis entregar-se a uma tarefa que lhe fosse consagrada, en-

quanto esperava pela colecção histórica que reuniria mais tarde, à volta do nome de Alexandre. Decidiu reunir em sua honra todos os poemas a respeito de garotos, e dedicar-lhos como ao seu corifeu. Isso tornaria a coroa de Alexandre mais digna de Parnaso que a do Palácio Rambouillet. A biblioteca era suficientemente rica; Georges tinha por onde escolher: seria a ocupação do fim de férias.

Começou pelos modernos, mas percorreu em vão o índice de numerosas obras. Não havia nada capaz de o interessar. Desta época, só existiam a *Prière de l'enfant à son réveil, La joie de la maison,* e outros versos para pregadores e boas almas sobre «as crianças-incensórias», os anjos do lar. O quê? Os seres mais sensíveis e mais belos só tinham inspirado a poesia familiar e a poesia religiosa! Sem dúvida encontravam-se outros assentos nos livros do senhor de Fersen, de onde André copiara para Lucien versos estranhos e belos. Infelizmente, na biblioteca não havia obras deste autor pouco divulgado.

Georges esperava ter mais sorte com os antigos. Mas aqui, os gregos não eram numerosos. Só havia prosadores, excepto Homero e os trágicos, e não teve a ideia, evidentemente, de lhes pedir auxílio.

Roma estava mais bem representada. Descurando Virgilio, de quem conhecia as principais éclogas, Georges compulsou as traduções dos diversos poetas latinos. Descobriu muitas coisas. Coisas de mais. Preferia sentir-se tocado e não chocado.

Em definitivo, só reteve do seu rápido exame um curto epigrama onde Catulo se propunha trezentas mil vezes e mais ainda os olhos de mel de Juvêncio. Era esta a oferenda poética da antiguidade a Alexandre. «Os olhos de mel...» Já tivera as palavras de mel no cântico do Bem Amado. O garoto diria que se ultrapassavam os limites: afogavam-no em mel até aos olhos.

Pensando nos versos desse cântico, Georges sentiu-se constrangido. Alexandre julgara-o o autor e continuava

a embalar essa ilusão. O engano, que a princípio o lisonjeara, tornava-se-lhe penoso. Tinha o dever de só dizer a verdade a Alexandre. Quando lhe citasse Catulo, havia de lhe falar de Edmond Rostand.

Entretanto, recebera uma carta do padre Lauzon. Era, com as respostas de Blajan e de Maurice, a quinta mensagem que em oito dias lhe chegara de S... Via-se bem que todas as suas contendas estavam apontadas para este lado. Divertiu-se com o *Eu* que começava cada parágrafo do bom padre: não se julgaria um homem enérgico e independente?

*Querido filho*

*Agradeço-lhe a sua carta, à qual não quis responder mais cedo. É preciso deixar em paz os estudantes em férias. Por isso a minha carta será antes uma introdução ao regresso ao colégio.*

*Fiquei muito satisfeito com o que me escreveu, pois encontro nisso a prova de que nada perdeu das suas boas resoluções. Aproveitou igualmente, segundo vejo, os conselhos que lhe dei quanto à escolha das leituras, mas não conheço a obra de que me fala («O Amável Jesus»). Aliás, nisso como em todas as coisas, não podia fazer melhor do que pedir um conselho aos seus pais. São eles quem, de colaboração com os professores, têm por missão ensinar-lhe prudentemente a vida.*

*Felicito-o também por não se ter esquecido que em breve será definitivamente recebido na congregação. Você sentiu antecipadamente a importância deste acontecimento, uma vez que se esforça, como me disse, por não se contentar com uma perfeição moral demasiado restrita.*

*Peço-lhe que creia na minha afectuosa dedicação em Jesus Cristo.*

*† Lauzon*

*P. S. — Tive, no dia 23, uma piedosa intenção por si, ao celebrar o santo sacrifício da missa.*

Enfim, o regresso ao colégio! Georges desejaria levar a carta de Alexandre, mas achava preferível deixá-la em casa, assim como os bilhetes: sabia-se lá o que podia acontecer no último trimestre? Além disso, este acto de prudência dispensava-o de mostrar a Lucien uma mensagem de que era cioso. Lucien não tinha insistido de mais a respeito dos bilhetes, mas podia reclamar igualdade de condições no que se referia à carta, pois deixara-o ler a de André. Georges jurar-lhe-ia em consciência que lamentava infinitamente não poder satisfazê-lo.

Despejou um cofrezinho precioso que havia no salão, e levou-o para o quarto. Disse à mãe que queria guardar nele os diplomas de honra, os papéis do colégio, e pediu licença para ficar com a chave. Debaixo do precioso tesouro de Alexandre, introduziu, separadas por um cartão, as cartas de Lucien. Na carteira só lhe ficou a madeixa de cabelos. Deixou-a sobre a imagem de Téspis, que recebera o visto do Superior.

Não regressou a Saint-Claude pelo caminho de ferro, como no mês de Janeiro. Os pais levaram-no de automóvel e estavam surpreendidos com a sua verdadeira alegria.

Durante a visita, o Superior não comentara as reticências da caderneta. O senhor académico tinha reentrado completamente em graça, mas podia estar só? Seguramente que, para Alexandre também, a extravagância de Março era assunto arrumado.

Assim que ficou livre, Georges percorreu os corredores à procura do amigo. Mas foi em vão, e a hora adiantada obrigou-o a ir para junto de Lucien no recreio. Conversou um pouco com Maurice, e logo a seguir rejubilou ao ouvir ecoar a saudação tradicional.

Procurava com os olhos a pequena luz doirada, que dantes iluminava a última fila e cuja ausência, agora, o inquietava. Julgou-se fascinado pela sua visão interior: Alexandre chegava ao coro, à frente dos acólitos, precedendo o padre Lauzon que celebrava.

A reparação era completa — o primeiro milagre de Saint Georges e de Saint Alexandre reunidos. Os hinos ressoavam aleluias: acabara o tempo da Paixão.

De vez em quando o garoto sorria, provàvelmente da agradável surpresa que fazia a Georges. Pela abertura da opa brilhava a gravata encarnada, o sinal de união. A gravata não condizia só com a opa e com a gravata de Georges, mas também com a capa do padre e com os ornamentos do tabernáculo; mais do que na última abertura de aulas, por todo o lado se via a cor preferida dos dois amigos.

Georges viu, no missal, qual era a festa: santos Cleto e Marcelino, papas e mártires. Não, nada falava do martírio, nem sequer, como antes do Natal, do sacrifício de um cordeiro.

Nunca Alexandre parecera tão sedutor. A felicidade resplandecia nele. Georges, com o livro aberto, fixava os olhos mais longe, num ponto único que os atraía. Revia o perfil que valia mais que o das gravuras e das medalhas, mais do que todas as poesias antigas e modernas, mais que a glória e a riqueza, mais que a vida e a eternidade. Revia a boca, ao mesmo tempo flor e fruto, os cabelos doirados, perfumados sem dúvida de alfazema, a nuca bem desenhada na sua curva elegante, a orelha rósea, tão minuciosamente modelada.

O que Georges amava, neste momento, não era apenas Alexandre; por ele, por causa dele, amava o colégio. Estava reconhecido ao padre Lauzon, ao Superior, a todos e a cada um. Doravante, parecia-lhe poder confiar em todos: não se respirava ali senão benevolência.

No dormitório, não houve conversa. O vigilante, que era novo, parecia cheio de zelo. Não cessava de rondar. Quando já não se ouvia, apercebia-se ainda num ou noutro canto.

Se perdia, com esta mudança, as tagarelices nocturnas, Georges encontrava todavia uma razão para se consolar:

o antigo vigilante da turma fora transferido para os pequenos, substituindo o que se mostrara rigoroso com Alexandre. O garoto poderia, portanto, sair como dantes, uma vez que, segundo parecia, o padre Lauzon estava tranquilo e não renovaria os castigos. Quanto a Georges, persuadira-se de que o recém-vindo lhe seria favorável: tinha o direito de contar com alguém que se chamava o padre de Trennes. O *de* criava entre eles uma espécie de laço. Não havia muitos alunos cujo nome fosse ornado de um *de* e, do outro lado da barricada, até ao presente, apenas assinalava o nome do Superior, do mestre-de-capela e do professor de retórica.

É verdade que o padre de Trennes se impunha bastante, com a sua alta estatura, o rosto macerado, os cabelos em escova, o olhar insistente.

Há tanto tempo separados, Georges e Alexandre estavam enfim juntos na estufa. Imediatamente, o garoto viu a mecha loura, posta à vista em sua honra. Compreendeu esta alusão galante, porque disse rindo:

— Que gentil ideia!

— E também divertida — respondeu Georges. — De resto, como vês, este novo segredo é fácil de esconder.

Em frente do espelho de algibeira, arranjou os cabelos de forma a dissimular a longa madeixa loura.

— Como não te podia escrever — disse — precisava de fazer alguma coisa para te mostrar que pensara em ti.

Em seguida falou-lhe da investigação poética que tinha efectuado em sua intenção e citou-lhe os versos de Catulo a Juvêncio sobre os trezentos mil beijos. Reflectindo — metade por um resto de amor-próprio, metade para não ter o ar de dar uma lição de literatura —, nada disse de Edmond Rostand. Que importava isso? As palavras do Bem-Amado já não pertenciam ao seu autor nem ao plagiário, mais do que a Alexandre.

— Eu também pensei uma coisa — disse o garoto —, uma coisa que ainda não realizámos: trocar um pouco do nosso sangue, tu e eu. Assim ficaremos unidos para sempre.

Tirou um canivete da algibeira, arregaçou uma das mangas, e fez no braço uma ligeira incisão: apareceram umas gotas de sangue. Aproximou-se de Georges, para este as beber. Depois deu-lhe o canivete e foi a sua vez de beber o sangue. Lado a lado ficaram um momento silenciosos, enquanto o sangue secava sobre o golpe.

Georges estava perturbado com a cena, cuja rapidez lhe não diminuíra o valor aos seus olhos. As suas ideias tinham sido bem pobres, comparadas com a do garoto. Envergonhava-se até do seu Juvêncio: não ousaria juntar verdadeiros beijos ao que Alexandre acabava de fazer. Fora ultrapassado em imaginação mas não se lamentava por isso. Sentia-se deslumbrado por ter um tal amigo.

Pensava em Lucien que tinha celebrado os mesmos ritos com André. Como Georges lamentara ter chegado tarde de mais junto dele, e como se felicitava por isso agora! Era uma coisa que só se podia fazer uma vez.

Georges estava unido — para sempre, com efeito — ao ser que amava mais do que amara quem quer que fosse. Estavam unidos, não sòmente por citações e por beijos, por bilhetes e cabelos louros, mas pelo próprio sangue. Ligados um ao outro. Cada um acabava de ser sacerdote e vítima. A amizade de ambos tornara-se uma religião, tinham-na colocado ao abrigo do acaso, assimilado a si próprios: segundo as palavras do cântico, escondia-se nas suas chagas.

Domingo, último dia de Abril, na congregação, os aspirantes ajoelharam diante do altar, com uma vela na mão. O padre Lauzon fazia-lhes as perguntas habituais e eles respondiam em coro.

— ...Meus filhos, que é que vos traz diante do altar de Maria?

— É o desejo ardente de ser recebido na congregação da Santíssima Virgem...

O padre exortou em seguida os candidatos a cultivar as virtudes que devem distinguir os filhos de Maria, nomeadamente a pureza, e declarou-os admitidos. Depois recitaram o acto de consagração e o padre pregou-lhes ao peito uma medalha com fita verde. Por fim, deram aos outros o beijo da paz. Sob o olhar do padre Lauzon, Georges trocou com Alexandre, impassível, um beijo santo.

Nessa noite, Lucien e ele tinham resolvido ficar acordados o tempo que fosse preciso para retomar as conversas de outrora. Depois do regresso de férias, era durante os recreios, por não poder ser no dormitório, que confiavam os segredos um ao outro. Georges já não era tão exclusivista como nos primeiros tempos da amizade com Alexandre, e já antes das férias ouvia com prazer Lucien falar de André. Mas era sobretudo à noite que ambos achavam agradáveis essas evocações em comum; não queriam privar-se delas mais tempo.

Já se sentiam menos intimidados pelo padre de Trennes. Conheciam-no e ele parecia não pedir outra coisa senão familiarizar-se. Este padre era um arqueólogo, amigo do Superior; encontrava-se ali a repousar de uma longa permanência no Próximo Oriente, retido pelas suas pesquisas, e pedira o modesto lugar de vigilante — uma maneira, sem dúvida, de pagar a sua estadia.

De perfeita distinção, trazia sempre o fato muito cuidado. Ninguém se lembrava de ter visto em Saint-Claude umas sotainas de pano tão fino, maneiras simultâneamente tão nobres e tão untuosas, rosto tão bem barbeado e sempre coberto de um pouco de pó. Isso atenuava a severidade da primeira impressão.

O padre já estava classificado pelos alunos mais velhos, com quem gostava de passear durante os recreios, narrando-lhes as suas viagens. Cuidava igualmente da sua popularidade entre os alunos quartanistas, com os quais se misturava para jogar à bola — dizia que não era bastante forte para os mais velhos. Aliás, apesar do regulamento,

não obrigava nenhum a jogar, e notava-se que o prefeito não ousava intervir. Nos estudos, nunca recusava um pedido de saída. Sòmente no dormitório, pela sua vigilância contínua, parecia decidido a fazer reinar uma estrita disciplina. Era preciso ser mais tenaz do que ele.

Georges viu enfim apagar-se a luz no quarto do padre — a cortina preta não estava bem puxada. Chamou Lucien que já dormitava. Para falarem o mais discretamente possível, haviam aproximado as camas antes de se deitarem. Georges preparara uma brilhante entrada em cena. Descobriu o peito e mostrou a medalha de congregante, que tinha pregado no pijama. Lucien abafou uma gargalhada.

— Já esqueceste o tempo em que me mostravas os teus escapulários — disse Georges. — Mas não é a ti que eu copio: é a um dos meus tios que usa as condecorações sobre o roupão. De resto, gosto desta medalha de filho de Maria. Já viste bem o reverso? Tem dois corações trespassados por um punhal, cercados de rosas e de espinhos e lançando chamas. As chamas são para mim — a divisa da minha família, inspirada num trocadilho sobre o meu nome, digno dos que se fazem aqui. É: *Sarmentis flamma* (pelos ramos a chama).

— É um programa completo. Mas é preciso estar seguro contra incêndios.

— O punhal é o canivete com que Alexandre e eu nos cortámos no braço como tu fizeste com o André. Quanto às rosas e aos espinhos...

De repente, Georges viu Lucien, que começara a sorrir das rosas e dos espinhos, fechar os olhos e ficar na imobilidade de alguém que dorme profundamente. Ao mesmo tempo um leve estalar do soalho fê-lo voltar a cabeça: o vigilante estava em frente da sua cama. O padre aproximou-se de Lucien e disse em voz baixa:

— Não finja que dorme, caro menino Rouvère.

Ao dizer estas palavras sorria — e o sorriso tranquilizou Georges. O padre sentou-se sobre a mesinha de Lucien,

cuja caixa empurrou contra a parede. Estava entre as duas cabeceiras, no lugar de André e de Alexandre.

— Que é que estes dois inseparáveis podem ter para dizer tão tarde? — perguntou.

Continuava a sorrir e a sua voz tornara-se apenas perceptível. Era mais um murmúrio que uma voz.

— Talvez tivessem a dizer — prosseguiu — que o novo vigilante — vigilante de ocasião — que dirigiu o passeio, depois pregou às Vésperas, devia estar muito fatigado e esta noite abrandava. Pois bem! Como vêem, tinha entrado no quarto, mas não dormia. Estava à escuta com o ouvido colado à cortina da janela. Ele sabe que uma vigilância de certa duração acaba por desencorajar aqueles que só pensam em vãs tagarelices, mas sabe igualmente que outros esperam com paciência por motivos mais sérios. Ora, tudo o que é sério o interessa: isso o incita a esperar também.

O padre fizera mal em lembrar que tinha pregado as Vésperas: as imagens grandiosas com que a sua eloquência enchera a capela prejudicavam o encanto do murmúrio de agora. Olhava, ora para Georges ora para Lucien, decerto para observar o efeito produzido. Mas Georges evitava-lhe o olhar: estava constrangido e, aparentemente, Lucien também. O padre continuou:

— A arqueologia — a minha profissão fora do sacerdócio, como sabem — é qualquer coisa de muito cativante. Reconstitui-se um templo a partir de alguns fragmentos da sua arquitectura, decifra-se uma inscrição em que quase todas as palavras estão sumidas. Contràriamente à maioria dos homens, aplico a minha ciência à vida. Aqui, por um gesto, um olhar, um nada, reconstituo e decifro os segredos de cada um.

«Adivinhei, desde a primeira noite, que o vosso isolamento neste canto, uma vez que o lugar à esquerda do senhor de Sarre não está ocupado, favorecia os negócios dos dois rapazes astutos que vocês me pareciam. Abri os olhos e os ouvidos mas começava a recear que estava

em falta para convosco, quando notei, há pouco, que as vossas duas camas se haviam miraculosamente aproximado. E vinha ver se o milagre trazia consequências.

Olhou para os dois. Julgava, certamente, que os tinha posto à vontade; mas Georges, cada vez mais surpreendido, consultou Lucien com o olhar e, como ele, voltou-se.

— Bem! — disse o padre levantando-se bruscamente. — A brincadeira já durou de mais.

A voz permanecera surda, mas o tom mudara bastante.

— Os dois de joelhos, vamos, depressa! — acrescentou.

Georges tinha retirado, ao abrigo dos lençóis, a medalha de filho de Maria. Ajoelhou em cima do tapete como via fazer a Lucien.

— Aí não, se faz favor! — ordenou o padre. — Na coxia, para eu observar de que maneira estão.

O padre encostou-se, não longe deles, aos armários que guarneciam esse lado do dormitório. Da algibeira da capa tirara o terço e desfiava-o silenciosamente.

Georges não sabia o que pensar desta mistura de lisonja e de rigor. O padre fingira tranquilizar antes de punir. Servira-se da amenidade com o fim de acabrunhar ainda mais. Que espécie de homem era este? As suas palavras não eram menos insólitas do que os seus processos. Escutava como um criado, ou como Nero, atrás de uma cortina. Procurava surpreender as conversas, com o fim de tomar parte nelas. Prolongava-as; depois, sùbitamente, zangava-se. Zangava-se porque se tinha falado, ou porque não se falava? Para eles, que não eram arqueólogos de profissão, o caso apresentava-se tão difícil de resolver como uma inscrição completa.

De resto, Georges preocupava-se pouco em penetrar tantos mistérios. Só queria não descontentar um homem de quem iam depender os seus encontros com Alexandre. Conservava-se admiràvelmente de joelhos, para dar provas da sua boa vontade. Ao mesmo tempo, pensava na medalha que estava na cama; a fita ficaria amarrotada.

Quando o padre acabou de rezar o terço, dirigiu-se aos dois rapazes e ordenou-lhes que se levantassem. Aproximando-os um do outro, apertou-os contra ele, entre os braços, como se quisesse perdoar-lhes com este abraço afectuoso. Depois afastou-se lentamente: olhava-os à luz da lâmpada do dormitório, mas o seu rosto permanecia na sombra. Por fim, pediu-lhes com voz grave:

— Rezem muito por mim.

Georges e Lucien compreendiam ainda menos, depois desta atitude, o que lhes teria querido o padre de Trennes na noite anterior. Uma vez mais, com efeito, mudara de humor para com eles: mostrava-lhes agora uma perfeita indiferença. Esquecera-se bem depressa que se tinha recomendado às suas orações, ou arrependeu-se talvez de o ter feito. Que motivo haveria, por outro lado, para que rezassem por ele?

Os dois amigos não andavam longe de concluir que ele era um pouco telhudo. Em todo o caso, estavam decididos a nunca mais se exporem a uma nova investida, se ele próprio estivesse decidido a não mais se ocupar deles. O padre não declarara mesmo que a sua visita fora uma brincadeira que havia durado de mais? Tinha sido realmente curta.

No melhor do sono, Georges sentiu a impressão de uma viva claridade e abriu os olhos. À sua cabeceira, do lado em que não havia ninguém, viu o padre de Trennes que, com uma lâmpada de algibeira na mão, o iluminava e observava. O padre apagou a luz e sentou-se na mesa-de-cabeceira. Até parecia que estas mesas tinham sido feitas tão baixas só para lhe permitirem sentar-se.

— Desculpe tê-lo acordado — murmurou. — Deixemos dormir Rouvère.

Soerguendo-se um pouco, reacendeu a pilha durante alguns segundos e apontou-a sobre a cara de Lucien, que estava voltado justamente para esse lado.

— Veja como ele dorme bem! Os seus olhos fechados contemplam os anjos e a sua boca respira-os. Faz lembrar o que Musset escreveu deliciosamente:

*Os lábios das crianças abrem-se como rosas*
*Ao ar da noite...*

O padre acendeu de novo a pilha, parecendo feliz por fazer admirar a Georges a beleza de Lucien.

Ele, que adivinhava tudo, teria adivinhado que no trimestre passado a pilha tinha representado para Georges um papel no dormitório? Mostrava-lhe um rosto mais belo; à sua luz liam-se versos mais belos que os de Musset.

A citação do padre não lisonjeava Georges — tratavam-no poèticamente — mas inspirava-lhe confiança: Musset era pouco apreciado pelos padres; o elogio a este autor só mostrava portanto que ele tinha ideias largas. Enfim, não tendo nada a censurar-se, Georges considerava a visita desta noite incontestàvelmente amigável, e recebia já como uma dádiva a protecção que se lhe oferecia. Assegurava os seus encontros e fortificava a sua amizade. Contra os outros padres, contra o Superior, Alexandre e ele teriam o padre de Trennes. Isso valia bem um sorriso, com que o vigilante pareceu encantado. Inclinou a cabeça até perto do travesseiro e disse num sopro:

— Você não tem sono, creio. E eu sinto-me disposto a conversar longamente consigo. Por uma vez e bastante mal, substituirei Lucien.

Os frescos odores dum elixir dentífrico e duma água de *toilette* misturavam-se a estas palavras. Georges estava perturbado por ouvir um padre falar-lhe assim, só a ele, quase ao ouvido, naquele lugar e na meia obscuridade. Pensava em Alexandre escutando, depois da confissão, as advertências do padre Lauzon sobre os maus pensamentos.

Talvez o padre de Trennes fosse outra vez recomendar-lhe orações.

Este calara-se um momento, como se procurasse a melhor maneira de começar.

— Tinha empenho em felicitá-lo por ter sido o primeiro em Grego — disse o padre. — Óptimo. Entre todos os melhores alunos das diversas classes, você era aliás o mais dotado para esse prémio. Você é mais digno ainda da Academia de Platão que da de Saint-Claude.

— Enche-me de satisfação, padre — murmurou Georges, sorrindo de novo.

Juntaria o patronato de Platão ao de S. Claude, quando apresentasse a sua candidatura à Academia Francesa.

O padre recomeçou num tom sonhador:

— Gosto muito de grego, e gosto muito da Grécia, que conheço. Gostava que a conhecesse também. É preciso que veja esse país onde nasceu a perfeição, e que é ele próprio uma perfeição. Os seus rochedos, as nascentes, o céu, as costas, as montanhas nuas, os olivais, não o instruirão menos que o Pártenon, o estádio de Delfos ou o Hermes de Olimpia. Mas estas maravilhas só se compreendem à luz que as ilumina e que parece tê-las criado. Da mesma maneira, entre os homens, a beleza e a pureza deveriam encontrar-se sempre reunidas. Pela primeira, já o felicitei, mas poderei felicitá-lo também pela segunda? Dará testemunho desta virtude, mil vezes mais essencial que essa qualidade?

— Sim, padre — respondeu Georges, admirado da prontidão com que passara da pureza do céu da Grécia à pureza dos seus costumes.

— A sua amizade com Lucien Rouvère parece-me muito estreita. Essa amizade nunca se transviou?

Georges corou. Entretanto, conseguiu responder sem excessiva vivacidade:

— O senhor padre sabe que eu tenho um director espiritual para essas questões.

— Vamos, meu pequeno Georges, não se ofenda com a minha insistência. Um fidalgo não deve corar, ou antes, nada deve cometer que possa fazê-lo corar. Deve ser como Bayard, sem medo e sem mácula. Mas quando, por infelicidade, tem certas coisas a censurar-se, sei bem que hesitará em confessá-las, se o seu director espiritual for um homem vulgar. Por consequência, deve escolher um outro da sua casta. Esta palavra *casta* não será sinónima de *castidade*? Tudo é puro para os puros, segundo a palavra do apóstolo.

Georges lembrou-se do pregador que dissertara muito sobre a pureza, e dava a esta palavra a mesma etimologia que à de *criança* em latim: ligavam as crianças e a pureza de todas as maneiras. Lembrava-se, também, do texto completo da máxima que o padre de Trennes citara só até meio: «Tudo é puro para os puros, mas nada é puro para os impuros.»

— Mas eu — prosseguiu o padre — conheço os rapazes. Fizeram-me compreender este sofisma grego, de que a neve é preta. Que aparência enganosa a da sua candura! Há alguns que não se acusam, no tribunal de penitência, senão de gostarem muito de doces e que se entregam a pecados sem nome, pecados dos quais S. Paulo, com razão, nem mesmo queria ouvir falar entre cristãos. É talvez para lhe dar razão que preferem não falar neles, pelo menos ao seu director espiritual.

«No sábado, irritara-me ver os seus condiscípulos regressarem muito tranquilos da confissão. Lia-lhes nos rostos, não a paz da alma mas o triunfo da perversidade; e essa hora, em que toda a vida secreta do colégio deveria revelar-se, é a hora da suprema hipocrisia. Sem dúvida, desculpo os meus confrades. Como interrogar uma criança, quando a criança que existiu em nós foi vencida à força de vontade e de orações? As ocasiões de pecado são tantas — sete vezes por dia para o justo, dizem as Escrituras! E as crianças parecem-se tão pouco com os justos! Mais vezes ainda que os homens, porque têm mais vagar e mais

sentido de observação, pecam pelo pensamento, pela vista, pelo ouvido, quando não podem pecar por factos.

«Você não leu, provàvelmente, as *Confissões* de Santo Agostinho nem as de S. Pedro Canísio, tão-pouco os *Costumes Beneditinos* de Bec e de Cluny.

«Santo Agostinho, depois de nos ter dado um pequeno apanhado dos desregramentos que cometia, em rapaz, com os seus companheiros, acrescenta isto que é mais elucidativo: «É esta a pretendida inocência das crianças? Não há inocência nelas, Senhor, não há inocência nelas, meu Deus (ele repete-se), e peço-vos perdão, ainda hoje, por ter pertencido ao número destes inocentes.» Termina por uma coisa mais forte ainda, se bem que um pouco bizarra: é que, no seu entender, quando Nosso Senhor afirmou que o reino dos Céus pertence aos que se parecem com as crianças, não dá como modelo de virtude a sua pretendida inocência, mas sòmente a pequenez de estatura como símbolo da humildade.

«Eis o que diz o Pai da Igreja Latina, S. Pedro Canísio, que no século XVI foi um dos renovadores do ensino católico e é ainda mais acabrunhante na confissão dos seus erros da infância, das suas funestas camaradagens; mas é preciso ter em conta, sem dúvida, os santos exageros da humildade. Contentar-me-ei em citar a sua pertinente conclusão: «Senhor, abri os olhos aos educadores da juventude, a fim de que eles deixem de ser guias cegos.»

«Na Idade Média, os monges de S. Benedito meditaram nas advertências de Santo Agostinho e nos rogos de S. Pedro Canísio: provam-no os regulamentos destas escolas. Por exemplo: «Em qualquer lugar onde as crianças se encontrem, é-lhes proibido aproximarem-se demasiado umas das outras... Nas aulas, deve-se dar a cada um o seu banco, em vez de bancos comuns.» Cada aluno tinha constantemente o pedagogo junto de si, que de noite dormia numa cama perto dele.

«Hoje é que a inocência das crianças está na moda. Aqui e em todo o lado vê-se reinar este preconceito — fa-

vorável a encantadores hipócritas. Os regulamentos, assim como as leis, são unânimes em inspirar-se, a este respeito, na famosa: *Maxima debetur puero reverentia*. Esta fórmula, de que Juvenal é autor, como sabe, resume a doutrina moral que o mundo cristão herdou do mundo pagão sobre o problema da infância. Talvez tenha lido escritores gregos e latinos sem ser em Saint-Claude. Senão, acreditaria, segundo este bom Juvenal, que na Antiguidade as crianças eram de tal modo respeitáveis que se devia particularmente respeitá-las. Mas se lhe pude dizer, sem excessiva vergonha, o que tinha sido a infância de dois santos, hesitaria em lhe falar na dos maiores homens da Antiguidade. Aliás, não acusemos a natureza diante destas tristezas: tudo isto é culpa do pecado original.

«E tudo isto lhe mostra, meu caro Georges, que virtude fraca é a castidade. Lê-se, na vida de S. Bernardino de Sienne, que «ninguém saberá ser casto se Deus não lhe der o dom da castidade», mas acrescentou que, para nos favorecer com este dom, quer que nós lho roguemos; e ainda é preciso poder e saber rogar.

«Tais preocupações vão um pouco além das forças dum rapaz da sua idade. Se ficar só, quero dizer, sem socorro contra si e contra os outros, sucumbirá. É necessário que um olho atento e amigo vigie o seu coração. Serei esse vigilante.

Sorriu ele próprio das suas palavras, e levantou-se.

— Boa noite — disse, apertando a mão de Georges. — Naturalmente a oferta que lhe faço é também para o seu amigo. Seremos os três amigos.

Lucien divertiu-se com toda esta história, e Georges disse-lhe que tencionava divertir também Alexandre, mas Lucien aconselhou-o a ser discreto. Isto ficava só entre eles. Já eram suficientemente crescidos para não terem contas a darem, nem temerem ninguém. O garoto não estava em condições de apreciar o interesse que eles alimentavam em cultivar tais relações. Interesse bem picante, na verdade: um dos mestres vingava-os do regulamento —

do regulamento de Saint-Claude que lhes importava mais que os de Bec ou de Cluny. Estudariam ao vivo a doutrina dos equívocos, de que lhes tinham falado nas aulas de Francês, por ocasião das *Provinciais*. Concordaram, porém, em conduzir tanto quanto possível em comum esta pequena intriga. Se um deles fosse acordado pelo padre, faria o possível por acordar o outro. E dir-lhe-iam muito obrigado pelas confissões, bem entendido.

A hora de deitar pareceu-lhes cheia de mistério. Após a oração, olharam um para o outro com ar cúmplice, como uma previsão dos acontecimentos da noite. Georges sentia-se perturbado quando o padre passava silenciosamente junto da cama. O terço tilintava contra os botões da sotaina. Depois, o ruído ligeiro afastava-se novamente, e a sombra do vigilante alongava-se na parede. As imagens que as suas palavras tinham evocado flutuavam no dormitório.

Este homem que conhecia a Grécia — a pátria de «Alexandre, filho de Filipe» — tinha um grande prestígio aos olhos de Georges. Contemplara as estátuas e os monumentos reproduzidos na Mitologia e na História da Antiguidade. Talvez, uma dessas noites, ele falasse do Amor de Téspis. Decerto vira este mármore no Vaticano, se tivesse parado em Roma no caminho para Atenas, e encontraria maneira de o introduzir na conversa, mesmo a propósito do Papa.

Georges lamentava não poder já pensar ùnicamente em Alexandre. Bem sabia, contudo, que não cometia nenhuma infidelidade. Tal como o garoto dissera, a propósito de Lucien, há amigos e amigos, e o padre Lauzon dissera que havia beijos e beijos. O interesse pelo vigilante era puramente intelectual; apesar das pretensões deste, o coração não intervinha em nada. O padre de Trennes substituía Marc de Blajan, com as suas opiniões sobre os rapazes. Enfim, uma vez que Alexandre admitira a amizade de Lucien, que era alguma coisa, admitia implìcitamente esta, que nada era.

Georges surpreendeu-se por só abrir os olhos de manhã, como todos os outros. Não houvera visita essa noite. Durante o dia, o padre não deu aos dois rapazes a menor atenção. À noite, a curiosidade deles aumentara. Apesar de não poderem conversar, retardaram muito a hora de adormecer. Georges era capaz de apostar que o padre viria, e Lucien pensava o mesmo. Verificaram, porém, ao acordar, que se tinham enganado: estavam quase desiludidos. Então o padre retirava-se depois de todas estas avançadas, levando os tesouros da sua erudição? Gostaria de praticar o duche escocês? Lucien explicava isso pela sua permanência nos países quentes.

Durante o estudo de quinta-feira, no regresso do passeio, Georges, enquanto copiava a sua narração, pensava que ia ver Alexandre. Isso era o bastante para lhe fazer esquecer a eloquência e o silêncio do padre de Trennes. Alcançava um outro mundo. Não esperava do vigilante senão a autorização de sair, quando, dentro em pouco, a pedisse.

Em todo o caso, felicitava-se por ter tido a prudência de não multiplicar os encontros; queria solicitar moderadamente os favores dum homem, ao mesmo tempo tão fino e tão lunático. As relações com ele tinham demasiadas alternativas para que se pudessem esperar grandes proveitos. Era preciso resolver-se a mudar de opinião sobre este ponto. Na sexta-feira, Alexandre desejara dois encontros por semana como no princípio mas, por uma espécie de intuição, Georges mantivera um só, à quinta-feira. Em definitivo, desagradava-lhe o sucesso com o confessor. Tencionara só ter em conta as advertências dadas pela sorte e, contra a sua vontade, já tinha escutado outras.

O garoto chegou à estufa animado ainda pelo passeio da tarde. Levava os cabelos um pouco em desordem. Georges penteou-o e foi um prazer para ambos; o pente fazia agora parte dos seus encontros.

A classe de Alexandre tinha ido procurar plantas na mata.

— Colhi todas as flores em tua intenção — disse a Georges. — Murmurava: «São para ele estas violetas, esta madressilva, estas flores-da-felicidade, este jacinto vermelho», e aqui estão!

Tirou da algibeira um pequeno raminho:

— É pena que já esteja um pouco murcho. Também tem glicínia: cortei-a no regresso, perto de um jardim.

O achado do jacinto e da glicínia era verdadeiramente maravilhoso: parecia que o garoto adivinhara que flores de uma outra estufa tinham sido metidas, na Páscoa, no sobrescrito da sua carta. Georges falou-lhe nelas e contou-lhe a lenda do belo Jacinto pelo qual Apolo foi chamado *Hyacinthien.*

Alexandre disse, rindo:

— Chamaremos ao jacinto vermelho *Hyacinthus Georgianus.* Sou muito forte em Botânica, tanto como tu em Mitologia. Disseste-me o que era o jacinto, mas sabes o que é o *taraxacum*? Não és capaz de adivinhar? É o dente-de-leão. No meu herbário, escrevi os nomes latinos a tinta encarnada: assim lembro-me melhor.

— Consagrámo-nos ao encarnado. Mas já ia a esquecer-me de te dar os parabéns, pois, segundo o martirológio, ontem, 3 de Maio, era dia de Santo Alexandre. Dou-te portanto os meus parabéns segunda vez: era eu que devia trazer-te flores. Contentar-te-ás com as minhas flores de retórica.

«No missal aprendi que o dia 11 de Setembro, dia do teu aniversário, é o dia de S. Jacinto, mártir. Tu és Jacinto nas nossas duas religiões.

— Sim, verto o meu sangue nas duas. Talvez seja por isso que o vermelho é a minha cor? Devia ter pensado melhor antes de adoptar a tua gravata.

Georges sorriu:

— Esta cor tem um outro sentido, tem mesmo dois. Fiz-lhe alusão no nosso primeiro encontro. *O Cântico dos*

*Cânticos* — não te falo senão disto — ensina-nos que «o amor tem lâmpadas de fogo e de chamas», quer dizer, é vermelho. E noutra passagem da Bíblia, fala-se dos «pecados vermelhos como carmesim» (o pregador do retiro referiu-se a esta passagem). O amor e o pecado, eis a escolha que temos, e nós escolhemos bem.

— Mas nós não escolhemos nem um nem outro: escolhemos a amizade.

— Que importa o termo? Não se trata senão de amar. Nos teus bilhetes, no cântico, na tua carta, disseste que me amavas.

— Escrevo-o, não o digo.

— E repete-lo, mesmo sem querer, uma vez que coras. É um terceiro vermelho: o da confissão. Mas ainda não acabei a respeito de Santo Alexandre.

«Durante a meditação de ontem sentia-me feliz por ouvir o Superior discorrer sobre o «grande Papa Santo Alexandre, que dirigia a Igreja no reinado do imperador Adriano». Ora no domingo em que tu me incensaste, imaginava que poderias vir a ser papa se tal desejasses. Não sabia que já o tinhas sido. Na *História Romana* que o Superior me emprestou, lera que o imperador Adriano tinha um jovem favorito chamado Antinoüs, que ficou célebre pela sua beleza, assim como o próprio Alexandre — Alexandre o Grande, não o grande Papa. E elevaram-se templos a Antinoüs, quando morreu, como a Jacinto: e eu pensava que se tivesse sido imperador romano e teu amigo, mandaria erguer-te templos enquanto vivo, e tu serias um deus sobre a Terra. Teria sido mais que ser papa. Pensava nestas coisas durante a meditação. Antinoüs fazia-me amar Santo Alexandre como Alexandre me tinha feito amar Alexis, na écloga de Virgilio.

— Juvêncio, Antinoüs, Alexis, Jacinto — disse o garoto contando pelos dedos. — Estamos a quatro.

Georges e Lucien encontravam-se no quarto do padre de Trennes que segurava ainda uma rosa na mão: tinha-lhes feito aspirar essa flor um momento, para que o perfume os acordasse. Georges tivera a primazia desta operação galante, depois a manobra repetira-se com Lucien. Musset dizia que os lábios das crianças se abriam de noite como rosas: o padre de Trennes abria, debaixo de rosas, os lábios das crianças.

Pedira aos dois rapazes que fossem conversar no quarto dele, pois seria mais cómodo: era-lhes possível recusar? Recomendara-lhes também que não fizessem barulho e arranjassem as camas de maneira que ninguém se apercebesse da sua ausência. Os rapazes calçaram as pantufas, e o padre, vendo que iam vestir os casacos, disse-lhes que ficassem em pijama — se tivessem frio, ligavam um radiador eléctrico. E agora, lá estavam, muito admirados.

O padre colocara a rosa num vaso e disse sorrindo:

— *Rosa Mystica,* a rosa dos nossos mistérios.

Fechara cuidadosamente a janela disfarçada que dava para o dormitório. A cama não estava aberta. Ao lado da mesa de *toilette,* guarnecida de diversos frascos, havia uma bacia de borracha. Em cima da mesa, perto do candeeiro, três copos, entre uma garrafa de licor e um pacote de biscoitos.

Depois de oferecer cadeiras aos seus hóspedes, o padre instalou-se num cadeirão de palha.

— Devo repetir as palavras do salmista: «Como é bom e como é doce habitar com os irmãos!...» *Habitare fratres in unum.* Era uma máxima favorita dos Templários, e os seus perseguidores quiseram ver nela um sentido infame. Uma grande fraternidade suscita calúnias, se não perseguições. Reuni-os aqui para preservar a nossa. O lugar não é sòmente mais seguro. Verifiquei, cama por cama, que todos dormiam. Além disso, a hora é favorável: a do primeiro sono, que é o mais pesado. Em todo o caso, falem baixo e aproximem-se mais.

Os rapazes chegaram as cadeiras para junto dele. Tão perto que os joelhos quase se tocavam.

— De dia — continuou o padre — rodear-me-ei das mesmas precauções. Não conviverei com vocês que me interessam, mas com aqueles que me divertem e não me interessam: os mais velhos que se julgam homens, e os mais pequenos, do quarto ano, que se julgam crianças. Deste modo, terão melhor a sensação de estar acima dos outros, e aprenderão assim que os verdadeiros triunfos são secretos.

E acrescentou, sorrindo de novo:

— «Há muitas moradas na casa do Pai.»

Levantou-se, desrolhou a garrafa, encheu os cálices. Georges fez-lhe diversas perguntas sobre a Grécia: como eram as pessoas, os hotéis, a alimentação, as estradas, e se se encontravam ainda belas estátuas para comprar. O padre respondia com condescendência. Prometeu também mandar vir as poesias de Musset: Lucien dissera que gostaria de as ler, uma vez que, afirmara Georges, havia tido a amabilidade de lembrar uma passagem.

— Verifico com satisfação — declarou o padre — que vocês não escondem nada um ao outro, como tinha verificado que se afastavam dos vossos condiscípulos. Tanta intimidade e tanta prudência contribuem para me atrair e me prender.

Ofereceu ainda aos convidados um último cálice, e recuou a fim de os observar:

— Bem me parecia: os pijamas não vos ficam bem. O de Lucien ficaria melhor a Georges, que é mais delgado, e o de Georges a Lucien, que é mais robusto. Amanhã troquem-nos. No dizer de Pitágoras, tudo é comum entre amigos.

Viu o relógio e disse:

— Tenho cuidado com o vosso repouso. Vocês vão-me deixar para alcançarem o mundo dos sonhos. Gostava de saber com quê e com quem sonham vocês. Talvez amanhã,

graças à minha ideia, Georges sonhe com Lucien e Lucien com Georges.

Contemplou-os, como na outra noite:

— Não esqueçam, eu não cessarei jamais de vos repetir: a pureza é, aos olhos de Deus, o mais belo adorno das crianças, mas ela é inúmeras vezes a única que lhes falta. Na vossa idade, quer dizer, aos catorze anos, S. Nicolau de Tolentino só se conservava casto usando cadeias, cintos de ferro e cilícios, jejuando quatro vezes por semana e não se deitando senão no chão.

«Glória àquele que soube sempre dominar o Maligno! Mas é preciso lembrar que a via do arrependimento permanece aberta se se fraquejou. A virgindade do coração pode refazer-se e é ela que importa. Numa grande alma, a fúria dos vícios anuncia a força da graça que virá purificá-los. Não desesperem: no fundo das vossas misérias, eu vos farei reencontrar Deus.

Nesse domingo, um grupo de passagem devia representar, na sala de festas, *Polyeucte*, tragédia cristã. Georges não admirava nada esta peça que figurava no programa do seu ano e tinha sido demasiado comentada, pelo Tatu. Sobre isto, partilhava a opinião do Palácio de Rambouillet. Não lhe interessava também receber uma lição de arte dramática, se bem que já tivesse sido mimoseado com um papel em *Les Plaideurs*, que os grandes tencionavam representar na distribuição dos prémios. E no entanto estava encantado: *Polyeucte* seria uma ocasião de ver Alexandre, como *Les Plaideurs* seria uma outra de se lhe mostrar, mais feliz sem dúvida que as pompas académicas do mês de Março.

Os senhores priores dos arredores tinham sido convidados. Quando eles entraram, a sua aparência rústica e as suas formas pesadas divertiram os jovens espectadores. Colocaram-nos na primeira fila, onde os académicos se haviam sentado gloriosamente dum lado e doutro do cardeal.

Poucas filas atrás dos senhores priores, algumas filas à frente de Georges, desenhava-se a nuca loura de Alexandre.

Enfim, *Polyeucte* apareceu, repreendido por Néarque. Cada vez que se faziam ouvir as palavras *Deus, Céu, Cristão, Baptismo,* os bravos priores explodiam em aplausos. E então os actores destacavam cuidadosamente sílabas propícias. Os alunos apressavam-se a imitar os senhores priores; dir-se-ia uma tempestade. Era preciso o Superior voltar-se e apaziguar os aplausos. Notava-se que sentia certo constrangimento com receio de parecer desaprovar ao mesmo tempo o desempenho dos actores, o zelo dos convidados e o carácter de uma tragédia que tinha o epíteto de cristã e era uma obra do grande século. Estava em xeque a respeito de *Polyeucte* como o estivera a respeito do postal de Georges: *O Amor de Téspis.*

Maurice, que estava perto de Georges, alvitrava que se devia organizar uma contra-manifestação para aplaudir as palavras *mulher, amante, sedução, belos olhos, hímen, himeneu.* Batia o pé à passagem destes termos, que constituíam o seu protesto brincalhão, e não esquecia nem *carne,* nem *Júpiter,* nem *voluptuosidade.*

Foi com uma voz de estentor que o digno Félix lançou o último verso:

*E fazer soar por toda a parte o nome de Deus*

O professor tinha dito na aula: «Reparem que a peça termina pela palavra *Deus.*» Tinham reparado bem nisso. Na confusão da saída, Georges deslizou até junto de Alexandre que o procurava com os olhos. Feliz por desafiar o céu e a terra, trocou algumas palavras com o garoto. O ardor de *Polyeucte* tinha-se-lhe transmitido e nem o padre Lauzon poderia detê-lo.

Na noite seguinte, Georges e Lucien encontravam-se pela segunda vez no quarto do padre de Trennes. Passava da meia-noite.

— Perdoem-me uma hora tão inconveniente — disse o padre. — Mas quando vinha acordar-vos, surpreendi um dos vossos colegas a fumar tranquilamente no vão de uma janela. É o resultado de se deixarem as janelas abertas, como agora se faz. O aroma que se evola dos lilases do pátio interior perturba o sono de muitos rapazes. Confisquei os cigarros do fumador e vamos nós agora queimá-los em sua intenção. Mandei-o ajoelhar, como a vocês na primeira noite, e depois demorou a adormecer. Foi isso que me atrasou.

Os rapazes pegaram num cigarro.

— Mas o senhor padre nunca dorme?

— Bastam-me algumas horas — respondeu o vigilante. — Sei contentar-me com pouco, em todas as coisas. Mas peço que me contentem, pelo menos quando se trata de pouca coisa. Tinha sugerido que trocassem os pijamas e, em vez de seguir a minha sugestão, cada um de vocês vestiu um pijama novo, que aliás lhes fica melhor que o outro. Para os ensinar a serem mais dóceis, tirei os outros dos vossos sacos da roupa e substituí-os por uns mais ou menos da mesma medida — guardava-os numa mala para uns sobrinhos. A título de mortificação, mentirão em casa, dizendo que a troca foi um engano da irmã lavadeira.

Em seguida encheu os cálices e ofereceu biscoitos: o incidente estava arrumado.

— Se bem que a vossa confiança não corresponda ainda inteiramente à minha — continuou —, não posso passar sem vocês. Antes de dedicar o meu afecto a alguém, estudo cuidadosamente a sua fisionomia. Estudei os vossos colegas e foi a vocês que elegi. Cada noite que passa vem reafirmar a minha escolha. Sento-me um instante ao lado das vossas camas, acendo de vez em quando a minha pilha para melhor vos admirar. Com que impaciência espero este momento! Preparo-me como para uma festa. Sócrates

também se embelezava, dizia ele, quando ia aproximar-se de um belo. Mas há esta diferença entre mim e ele: o meu principal cuidado de beleza consiste em me barbear. Vocês já notaram que negligência, menos digna de Sócrates que dos filósofos cínicos, os meus confrades afectavam neste aspecto? Alguns não se barbeiam senão ao domingo, antes da missa. O meu cerimonial é diferente: barbeio-me não sòmente de manhã para todos mas também à noite para vocês. Quero oferecer, aos vossos olhos mesmo adormecidos, ao espelho mesmo velado das vossas almas de crianças, aos vossos rostos sem mancha e sem defesa, um rosto digno do homem.

Georges não pôde impedir-se de rir destes refinamentos de barba, e disse com uma voz ligeiramente irónica:

— *Santas doçuras do Céu, adoráveis ideias!*

Esta lembrança de *Polyeucte* fez rir os três — o padre quis provar sem dúvida que compreendia a brincadeira. Em seguida, para mostrar que sabia mudar de assunto, referiu-se à representação da véspera. Falou do jantar dos bons priores, na sala de jantar dos hóspedes, onde lhes fizera companhia. Conduziram-nos para lá, provàvelmente com o fim de os subtrair o mais possível à malícia dos alunos. Excluíam-nos do refeitório como se tivesse sido do quarto azul de Ártemis. O vigilante descreveu as suas maneiras de padres: os guardanapos em volta do pescoço, os estalidos de língua depois de beberem, os pratos inclinados com uma mão e furiosamente esgotados do caldo com a outra, os ossos das aves brandidos no ar. A conversação era como as maneiras: um dos vizinhos do padre de Trennes falara-lhe todo o tempo da pesca à enguia, o outro da próxima beatificação da primeira santa pele-vermelha anunciada por um jornal.

Georges alegrava-se por que a conversa do padre não tomasse um caminho insidioso. Segundo a conclusão da precedente, esperava um discurso sobre o «furor dos vícios» — a expressão fizera-o rebentar de riso umas poucas

de vezes, com Lucien, que preferia, quanto a ele, «o fundo das vossas misérias».

O padre suspendeu as dissertações cómicas:

— Vocês divertem-se com as minhas histórias — não me refiro à santa pele-vermelha — e esquecem-nas tão depressa como as de Tucídides e de Salústio. O que contará para vocês, dos anos de colégio, são recordações de uma espécie diferente, com que toda a vossa vida será marcada: a cumplicidade de um olhar, o reflexo de uma cabeleira, o brilho de uns lábios, o calor de uma mão.

Voltou-se para Georges e perguntou-lhe:

— Quem é aquele garoto a quem falou depois da representação?

A pergunta atravessou Georges como uma flecha, mas respondeu tranquilamente:

— É o irmão de Maurice Motier.

— Conhece-o bem?

— Oh! não mais que outro qualquer.

— É pena. Felicitá-lo-ia por uma tal amizade. Seria duplamente digna de si, porque a teria guardado secreta, e porque essa criança é uma das mais belas obras feitas pela mão de Deus.

O padre de Trennes terminava de bom grado a sua dissertação com a palavra *Deus*, como *Polyeucte* ou como qualquer outra parecida. Georges que, agora, na cama, pensava na conversa dessa noite, já não estava tranquilo. Não era ingénuo a ponto de se julgar a única causa do interesse do vigilante por Alexandre. Aprendera a conhecer uma personagem para quem todas as palavras, todos os passos escondiam uma intenção. Sentia que Alexandre tinha tomado lugar nos pensamentos deste homem, que suspeitava já a sua ligação. O arqueólogo decifrara a inscrição, reconstituíra o templo. Georges pagava caro a temeridade que lhe dera Corneille e que o havia traído. Presentemente, era ele quem atraíra nova ameaça sobre a sua amizade. Esta vinha de alguém cujo silêncio se garantia, e todavia estava mais inquieto que da outra vez.

O Superior e o padre Lauzon tinha sido, à sua maneira, os obreiros do bem; mas o que era ao certo o padre de Trennes? Esta pergunta, que Georges fizera a si próprio desde a primeira escaramuça, não tinha ainda resposta. Em todo o caso, prometia não se descair, embora Alexandre tivesse dito a Lucien: «Seremos os quatro amigos.» Apesar da palavra de Pitágoras, rogaria ao padre que pusesse limites à sua amizade. Ou antes, esquivaria este tema de conversação. Saberia impedir que misturassem Alexandre a piedosas ou sábias digressões sobre a pureza e a antiguidade. O garoto e ele não tinham necessidade da ajuda de ninguém junto dos anjos ou dos deuses.

Quando Georges pediu para sair, durante o estudo de quinta-feira à tarde, notou que o vigilante, com um ligeiro sorriso, o seguira com os olhos até à porta. Sem dúvida, o seu encontro fora adivinhado e, por consequência, o segredo estava descoberto, como temia. A discrição do padre desde segunda-feira não tinha sido por falta de memória. Decerto reparara que Georges, cujas saídas eram raras, solicitava autorização para se ausentar todas as quintas-feiras à mesma hora. Georges censurava-se por não ter pensado nisto.

A presença de Alexandre não chegou a dissipar a inquietação que sentia. Via o padre de Trennes ao lado do garoto, como no dormitório ao lado de Lucien.

Os vigilantes coligavam-se contra eles, de uma maneira ou de outra: Alexandre devia desconfiar do seu, que achara a última ausência demasiado longa, e que, apesar de agora o deixar sair, lhe fizera uma advertência. O garoto estava decidido a defrontar tudo, mas Georges desejava mais do que nunca evitar complicações. Não queria reforçar, por uma demora suspeita, as conjecturas do padre de Trennes, e disse que um exercício difícil o obrigava, contra sua vontade, a encurtar a entrevista. Georges pensava em mudar o dia e a hora das entrevistas, na esperança de despistar

o vigilante, mas convenceu-se de que a precaução seria presentemente inútil.

No dormitório, a lembrança do encontro estragado atormentava-o. Não só o prazer do momento tinha sido perturbado: a própria felicidade estava em perigo. Lamentava não poder falar com Lucien; isso restituir-lhe-ia a confiança. Não lamentava menos ter deixado em casa os bilhetes de Alexandre. Ficaria acordado o tempo que fosse preciso para os reler debaixo dos lençóis. Talvez deste modo afugentasse a visão que o obsidiava. Para ele, doravante, as horas do dormitório eram apenas as horas do padre de Trennes. Já não as esperava com impaciência nem com curiosidade. Temia-as, ao lembrar-se do padre bem barbeado que se iria debruçar sobre o seu sono.

Aquilo começava a tornar-se enervante: a delicadeza oriental de despertar ao perfume de uma rosa tinha deixado de ser do seu gosto. Sentia vontade de gritar: «Bolas para a rosa!», como gritava quando era pequeno e brincava: «Bolas para o pastor!» Dizia isto para consigo, e dòcilmente encaminhou-se para o quarto, com Lucien. Se não queria ser constrangido, de qualquer modo, a lá ir, nunca aí devia ter entrado. Previa um interrogatório sobre a entrevista da tarde, e não se sentia com disposição para responder amàvelmente.

— Acordei-os — disse o padre — para vos anunciar uma boa novidade: amanhã de manhã celebrarei a Santa Missa não como os vigilantes, durante a primeira aula, mas durante a missa em comum, no altar que fica do nosso lado — combinei com o senhor prefeito — e terei dois acólitos: Lucien Rouvère e Georges de Sarre.

O padre parecia muito contente.

— Nunca conseguirão adivinhar o que me foi preciso inventar para chegar a este simples resultado; alterar a rotina da vida colegial, é uma complicação.

«Disse que vocês tinham feito a promessa de me ajudar à Santa Missa neste dia, por devoção particular a S. Pancrácio, cuja festa é amanhã. Este santo, originário da impura Frígia, pátria de Ganimedes, foi martirizado aos catorze anos, e estou certo de ter previsto as vossas intenções dando-vos este jovem protector: é isto que justifica a minha piedosa mentira. Diz-se, além disso, que quiseram salvá-lo dos suplícios, por causa da sua beleza e da sua idade. Com efeito, é para as delícias e não para os suplícios (a rima é terrìvelmente acertada) que a vossa idade e a vossa beleza vos chamam — delícias de um instante que, se morressem nesse momento, vos condenariam a eternos suplícios. Possam vocês, com a ajuda de S. Pancrácio, permanecer fortes contra tal sedução! Possam as vossas amizades nunca degenerar!

Mais um santo de catorze anos. Desde S. Plácido, as amizades do colégio não tinham falta de protectores. As listas do padre de Trennes eram tão completas como as do pregador de Outubro, e as suas histórias continham pormenores dignos do mesmo interesse. A linguagem destes dois homens era quase idêntica, mas a do padre de Trennes despertava ecos diferentes. Havia uma distância entre S. Plácido e S. Edmundo, S. Pancrácio ou S. Nicolau de Tolentino, quer dizer, a maneira como tinham apresentado uns não se parecia em nada com a que tinham apresentado os outros. Quando o vigilante falava de castidade, era para explicar que dizia respeito sobretudo ao coração. Quando falava de beleza, sentia-se que não era igualmente com o mesmo espírito que o orador do retiro. Sem dúvida, via-a antes sobre a terra, e, se levantasse os olhos a fim de a procurar no Céu, seria por Ganimedes arrebatado pela águia, ou por S. Pancrácio levado pelos anjos?

— Terei, portanto — continuou o padre — a felicidade de vos dar a Santa Eucaristia. Esta comunhão deve ser a mais importante da vossa vida, a vossa autêntica comunhão solene. Preparem-se para uma confissão completa.

Indicou o genuflexório, sobre o qual repousavam a estola e a sobrepeliz. Georges ficou interdito. A diferença entre os discursos do padre de Trennes e os do pregador em nada se comparava com a diferença entre uma confissão neste quarto e a sua primeira confissão em Saint-Claude, no quarto do padre Lauzon. Via-se numa cilada. O vigilante não renovara a sua oferta de direcção espiritual, porque esperava esta ocasião. Evidentemente, podia não lhe dizer a verdade, mas era mais prudente não se deixar interrogar. Tratava-se de um homem diferente do padre Lauzon. Se a sua dialéctica era inspirada em Sócrates, como alguns dos seus princípios, devia ser um confessor temível.

Decidido a desviar todo o ataque directo ou indirecto a respeito de Alexandre, Georges não queria expor-se às armadilhas de uma confissão. Não era um penitente de baixa condição para se submeter a um confessor autêntico. Por motivos semelhantes, tinha mesmo pensado em declinar o convite para ajudar à missa, mas achou mais hábil tornar-se cuidadoso.

— Peço que me desculpe, padre — disse. — Serei vosso acólito com prazer, mas a confissão é inútil. Sinto-me em condições de comungar amanhã.

Lucien apressou-se a aprovar. O vigilante, que se dirigira para o genuflexório, voltou-se com vivacidade.

— O quê! — exclamou. — Vocês recusam-se a obedecer-me?

— Não se trata de desobedecer — respondeu Georges —, mas a prova de que não temos grandes pecados na consciência — creio-me autorizado a falar em nome do meu colega — é que vamos à comunhão todas as manhãs.

— Que perfídia a vossa oporem-me um tal argumento! A mim não me iludem; esqueceram-se? Eu é que quero esquecer tudo o que sei de vocês e dos vossos iguais, quando os vejo aproximar do pão dos anjos. Magnífico espectáculo, digno desse regressar de confissão que já descrevi a um de vocês!

«Sim! Todos esses espectáculos são hinos apologéticos, poemas de bênção — continuou sarcàsticamente, percorrendo o quarto. — Ah! gostaria de compor um outro hino, um poema, um canto que cantasse a pureza dos rapazes. Haveria nele rimas de eleição: *puerperal — baptismal, ebúrnea, nivea, diamantina — cristalina, mirífica* e *seráfica* [1].

Parando diante das visitas, disse-lhes num tom colérico:

— Vão-se deitar com a vossa pureza!

Os rapazes levantaram-se; aproximaram-se da porta mas o padre chamou-os docemente, e compreenderam pelo seu olhar que a cólera desaparecera.

— As crianças — disse sorrindo — são como os gatos: desconfiam sempre e não amam ninguém. Mas não podemos impedir-nos de as amar.

«Não partam sem, pelo menos, fazermos juntos uma oração, a fim de solicitar a graça divina para a missa de amanhã. Aceito a afirmação, a despeito da minha experiência, de que vocês não precisam do meu socorro e que me disseram a verdade.

Aproximou-se do genuflexório e ajoelhou-se entre os dois companheiros. Fez o sinal da cruz e começou uma oração à qual os rapazes responderam.

— Se me mentiram — murmurou em seguida — peçam perdão a Deus, do fundo do coração.

Pegou na mão de cada um, e, mudo, ficou um momento assim, como se os oferecesse em sacrifício.

Quando se dirigiram à capela, Georges e Lucien, depois de terem pegado nos missais, seguiram o padre de Trennes pela estreita escada que conduzia ao altar. Enquanto o

---

[1] As rimas indicadas encontram-se apenas, neste caso, nos vocábulos franceses do original: *puerpérale — baptismale, éburnéenne — nivéenne, adamantine — cristaline, mirifique — séraphique. (N. do T.)*

vigilante se recolhia, acenderam as velas, dispuseram os cartões, a estante, as duas jarras guarnecidas de rosas — «as rosas místicas», disse Lucien.

Enquanto se ocupava destes pormenores, Georges voltava os olhos para a turma dos pequenos, que ficava em frente. Via Alexandre no seu lugar retirado, quase tão bem como quando estavam frente a frente. Daqui, as distâncias pareciam-lhe menores que lá de baixo. Sem dúvida o garoto teria a ideia de olhar para cima, quando verificasse a ausência do amigo. Imaginaria que este não o prevenira na intenção de lhe fazer uma surpresa, como no dia do regresso ao colégio.

Perto da mesinha que servia de vestiário, o padre de Trennes, ajudado pelos dois acólitos, paramentava-se. Georges nunca tinha prestado atenção às palavras latinas desta cerimónia. O padre pronunciava distintamente todas as sílabas. Vestindo primeiro os paramentos brancos — o amicto e a alva — esconjurou os «assaltos do Demónio» e pediu para ser «purificado pelo sangue do Cordeiro». Depois cingiu o cordão para «extinguir nos rins a luxúria». Pouco a pouco, cobria-se de vermelho, com o manípulo no braço, símbolo dos «feixes da dor e da alegria», a estola ao pescoço, insígnia da «imortalidade», e por fim a casula, marca suprema do seu ministério, «jugo suave e fardo leve».

Quando se voltou, parecia transformado aos olhos de Georges. Já não era o padre de Trennes, o arqueólogo da juventude, o vigilante dos corações: era o ministro de Jesus Cristo.

Assim como evocara, na noite anterior, a sua primeira confissão no colégio, Georges lembrava-se agora da primeira missa a que tinha ajudado. Fora ao Superior que ajudara, em companhia deste mesmo Lucien, e em memória de S. Tarsício, o acólito que morrera pelo seu Deus. S. Pancrácio morrera pelo mesmo Deus. Outros tinham morrido por outros deuses.

E eles, que faziam aqui os três? De que religião celebravam os ritos? O Deus que honravam era verdadeiramente o seu Deus? Este padre era verdadeiramente seu ministro? Merecia fazer ostentação do sangue dos mártires, purificar-se com o sangue do Cordeiro? Não fora ele que colocara ali aquelas rosas, a lembrar as suas visitas ao dormitório, as suas estranhas palavras, a hospitalidade do seu quarto? E os dois acólitos não eram dignos dele, mais do que de S. Pancrácio e de S. Tarsício? Noutros tempos, um raio teria caído sobre eles, ou o solo ter-se-ia aberto e tê-los-ia engolido; uma voz celestial teria abafado as palavras: «Lavarei as minhas mãos entre os inocentes.»

Georges, depois de apresentar a água, deitou um olhar para o fundo da capela, e o coração transbordou de alegria: Alexandre tinha-o visto e sorria-lhe. O garoto devia espreitar a sua aparição por cima da balaustrada, como ele o espreitara também, muito tempo, no outro altar. Georges já não se sentiu em estado místico. Voltara a sentir-se cheio de indiferença a respeito do sobrenatural. Reencontrara a sua verdadeira fé: a fé na amizade. Não era apenas do alto desta tribuna que dominava o colégio. Era o triunfador secreto, mais do que o padre de Trennes lhe prometera. Vivia separado da disciplina do padre, tal como da do colégio ou, durante as férias, da disciplina da família. Apesar do sorriso misterioso durante o estudo do dia anterior, o vigilante, graças a Deus, não tornara a falar de Alexandre à noite. E esta manhã, em plena capela, Georges recebera, a título de recompensa, um outro sorriso.

O nome de S. Pancrácio fê-lo pensar no refrão da canção: *As núpcias da filha do presidente Fallières.* Os três versos que Alexandre lhe trouxera no dia de Santo Inácio, no começo do mês de Fevereiro, voltavam-lhe agora à memória:

*O avô Inácio*
*O primo Pancrácio*
*O tio Celestino.*

Georges folheou o missal para ver se lá figurava S. Celestino. Sim, e a data era mesmo muito próxima: 19 de Maio. Em breve acabaria a canção.

O momento da comunhão chegara. De novo, Georges sentiu-se emocionado. O padre pedia «a palavra que cura», e o seu sacerdócio dava-lhe o direito de a obter. O acto que celebrava não podia ser uma paródia. Voltou-se lentamente para Georges e Lucien, que se tinham posto lado a lado. Com o cibório na mão, olhou ao longe na direcção de Alexandre. Elevou a hóstia resplandecente que se destacava sobre a casula vermelha, entre as duas jarras do altar.

Na noite do dia seguinte, a honra foi só para Georges, mas não havia flores: foi um despertar à luz da pilha. Provàvelmente, o padre representava a paródia da Virgem Ajuizada, com a pilha acesa. Sentara-se perto de Georges, que media a dificuldade de acordar Lucien apesar do combinado.

— Gosto muito — disse o padre — do momento em que desperta: uns belos olhos que piscam, a expressão um pouco zangada, uma face mais corada que a outra — a do lado para onde dorme. E, o que é ainda mais, por um milagre da arte do penteado, quase não está despenteado. Sòmente a madeixa loura, de que só se vê a ponta durante o dia, se escapa então como para tomar o fresco.

O padre acendeu mais uma vez a pilha e contemplou-lhe a cabeleira interessante. Hoje, precisamente, Georges tinha-se eclipsado, durante um recreio, a fim de reavivar discretamente o aloiramento da sua madeixa com o produto que guardava na mesa-de-cabeceira.

— A que fenómeno é devida esta madeixa? — perguntou o vigilante.

Georges, atormentado, contou, em poucas palavras, a história do «champô» com água oxigenada.

— Julguei — tornou o padre — que se tratava de um louro natural. Mas só aloirou esta madeixa?

— Só — respondeu Georges.

— Na sua carteira há uma outra do mesmo tom, que conserva preciosamente. Pensava que a cortara dos seus próprios cabelos. Mas então, é a lembrança de uma outra cabeleira loura...

Georges levantou-se bruscamente.

— O quê! — exclamou. — O senhor padre ousou revistar a minha carteira!

O desespero de nada poder fazer triunfou da sua indignação. A cabeça tombou-lhe sobre o travesseiro e chorou. Havia sido astuciosamente desorientado e via-se com Alexandre, prisioneiro do homem com quem falava. Os dois amigos não tinham escapado ao Superior e ao padre Lauzon senão para cair entre estas mãos.

O padre acariciou suavemente a testa de Georges.

— Não é preciso chorar assim, que criança você é! — murmurou. — Eu seria menos indiscreto se você fosse menos secreto, e não tem razão para me querer mal. Também não lhe quero mal, até já o tinha felicitado por saber esconder o seu segredo, mas a partir desse momento nada devia ocultar-me. Não compreendeu ainda que tudo o que possa saber fica entre nós, e que eu quero saber tudo, não com o intuito de o castigar, mas de o esclarecer? Repito: mil perigos o rodeiam sem que se aperceba. Por isso é preciso ser vigilante; estou fascinado com a sua pureza, como se diz no salmo: «O rei está fascinado pela sua beleza.» E a pureza é a beleza dos anjos. Já uma noite lhe parafraseei isso.

«Nós dividimos os papéis: você é o meu anjo, eu sou o seu guarda. Não tente escapar-se do seu guarda. Você e o garoto que estima nunca terão de recear que eu ultrapasse o meu poder. Procedo à maneira de Teógnis junto do seu jovem aluno Cirno: «Passo as muralhas mas não danifico a cidade.»

«Se eu tivesse mais presunção, comparava-me a gloriosos servidores de Deus, como S. Romualdo ou S. João de Quenti, que, no meio das suas austeridades, tentados por certas iguarias, mandavam trazê-las a fim de as contemplarem àvidamente, e depois mandavam retirá-las. Aplicavam o preceito do estóico: «Quando sentires a sede mais ardente, gargareja apenas.» Sei ficar com a minha sede e a minha fome.

Ao levantar-se, o padre tirou da algibeira um pequeno maço.

— Para as suas saídas de quinta-feira à tarde — disse — ofereço-lhe estes cigarros, que o farão pensar em mim. São melhores que os da outra vez. Comprei-os no Egipto.

Georges teve vontade de lhe atirar à cabeça com os cigarros egípcios. Porque é que este homem se interessava por Alexandre? Pela pureza ou pela beleza? Que procurava saber e até onde iriam as suas investigações? Revistava as carteiras, como o Superior, e pretendia, também, que não se deviam ter segredos para ele. Que sorte Georges ter deixado os bilhetes em casa, esses que, ùltimamente, lamentava não poder reler! Tinha sido ainda melhor que deixá-los no dormitório, na noite da visita ao Superior.

Tranquilizava-se, aliás, pensando que Alexandre estava protegido pela barreira da turma. O obstáculo que tantas vezes maldissera, parecia-lhe agora providencial. A ideia de que o padre de Trennes se sentasse à cabeceira do garoto enlouquecia-o. Georges guardava silêncio quando se tratava só dele; mas no outro caso — puramente imaginário, graças a Deus —, insultaria o padre, amotinaria o dormitório.

Nos dias que se seguiram, dir-se-ia que o padre procurava fazer-se esquecer. Fingia mesmo nunca olhar para os seus dois eleitos e deixava-os dormir em paz. Afastava-se também um pouco da comunidade; durante alguns recreios, o antigo vigilante vinha substituí-lo.

Durante o estudo da tarde de quinta-feira, Georges, bastante perturbado, aliás, solicitou autorização para sair, autorização que o padre lhe concedeu com ar distraído.

— Tenho uma coisa a contar-te — disse Alexandre, depois das primeiras efusões. E a voz tinha sido bastante grave.

— Devo colocar-me a distância, como em certo dia? — perguntou Georges sorrindo.

— Não vale a pena. Quero sòmente perguntar-te o que pensas do padre de Trennes.

Esse nome nesta boca!

— Porque perguntas isso? — disse Georges que conseguiu ficar calmo, como tinha ficado com a primeira pergunta do padre a respeito de Alexandre.

— Falei com Maurice no domingo; contou-me que este padre era muito amável, lhe dava bons conselhos e, às vezes, convidava-o, à noite, para ir ao quarto dele, beber licores e comer biscoitos. Depois aconselhou-me a aproveitar tudo isto, indo por minha vez ao quarto dele, não ao luar, mas durante os recreios em que o padre fica no quarto. Como deves calcular, mandei passear Maurice! Mas ele pediu-me que pensasse e não dissesse a ninguém, principalmente ao padre Lauzon, que podia picar-se, como director espiritual. Não achas que é um pouco bizarro?

À medida que Alexandre falava, o espanto de Georges dava lugar a um imenso desgosto. Lastimava e desprezava este padre, votado pelo sacerdócio à verdade e que só vivia na mentira. Se os rapazes mentiam era para defender o seu interesse, e não para se apoderarem do dos outros. O padre procurava enganar não sòmente os mestres, mas os rapazes, e até estes últimos, entre si. Não poupava mesmo aqueles que dizia amar. Imaginava-se muito forte, mas, sem o saber, estava desmascarado.

Sem o saber realmente? Não desconfiaria de que o garoto revelaria a Georges as suas maquinações, e que Georges avaliaria assim a sua segurança da outra noite? O padre inquietava-se pouco com isso, sem dúvida. O que

pretendera mostrar era que, de qualquer maneira, atingia os seus fins. Todavia, as suas atitudes eram tão desconcertantes que se devia acreditar nele, precisamente, quando pareciam mais suspeitas. Talvez não tivesse pensado senão em reunir Alexandre e Georges por surpresa, como reunia, por hábito, Georges e Lucien. Mas tal surpresa não agradava a Georges; repugnava-lhe tanto como a ideia que lhe ocorrera ontem no dormitório; fazia-lhe horror.

— Espero bem — disse Georges — que não tornem a importunar-te. De resto, a tua história só em parte me causa admiração. O padre de Trennes é uma espécie de louco, de quem já não contamos as extravagâncias, e é preciso conservarmo-nos afastados das suas operações.

— Rouvère e tu dão-se bem com ele, uma vez que o ajudaram à missa.

— De maneira nenhuma. Ele recrutou-nos de surpresa, imaginando que nos fazia grande honra, assim como a S. Pancrácio que se glorificava. Foi, adivinho-o agora, um meio de enganar: como vês, o teu irmão é o seu grande favorito, e ainda nunca o ajudou à missa.

Assim que Georges voltou ao estudo, o padre de Trennes fez-lhe sinal para se aproximar. Queria verificar se tinham fumado os seus cigarros ou queria falar da entrevista? Georges subiu os degraus da cátedra. Pensava na punição que o acolhera, no dia em que se tinha demorado mais com Alexandre. Para o desconcertar, mais uma vez, o padre ia também infligir-lhe um castigo? Mas ele disse-lhe simplesmente:

— A leitura no refeitório será feita por si.

O encargo de ler durante as refeições era reservado aos alunos das últimas classes, nomeados pelo prefeito. Nenhum aluno do terceiro ano, até ali, tinha lido.

Georges perguntava a si próprio qual era o fim desta nova manobra. O padre mostrava ser-lhe agradável com este favor extraordinário, que daria prazer igualmente a

Alexandre. Sabia também a vantagem de embaralhar as cartas, contrabalançando as revelações deste último. Talvez, enfim, representasse para si mesmo um simples entreacto, sem se dar ao trabalho de mais explicações. Georges não estava resolvido a prestar-se aos seus caprichos senão na medida em que fossem, como este, segundo as regras.

Excepto ao domingo, raramente se rezava o *Deo Gratias* ao jantar, e o padre tinha-se assegurado, sem dúvida, de que esta excepção não se verificaria neste dia. Que teria contado ao seu amigo Superior para motivar tanta curiosidade, e ao prefeito para escolher Georges?

Durante o mês de Maria, lia-se *A vida dos Santos*, como se lera *A vida da Santíssima Virgem* no segundo trimestre. Com efeito, sendo, de agora em diante, a meditação de cada manhã consagrada aos mistérios do rosário, o Superior não falava já no seu tema habitual que, pelo menos quanto aos santos principais, constituía a leitura no refeitório. Isso devia ter permitido ao padre de Trennes dizer que Georges, não se contentando com S. Pancrácio, se tinha votado ao santo desse dia. Mas de qual se trataria? Havia dois concorrentes: duma parte, S. Venâncio, cuja festa se celebrava, mártir aos quinze anos — um dos jovens santos do pregador do dia do começo das aulas; de outra parte, o santo que o Superior escolhesse para a leitura — e não seria S. Venâncio, que não era um santo de importância.

Era pena ter de deixar S. João Baptista de la Salle, maior renovador do meio religioso que S. Pedro Canísio. Georges lamentava que Tartarin de Tarascon já não fosse o herói do refeitório: era ele quem, para alegria de todos, tinha sucedido à Santíssima Virgem e ao virtuoso Décalogne. O Superior alterava as leituras, e a de Tartarin havia sido bastante cortada, pois Georges, que conhecia a obra, bem se apercebera disso. O Superior castigava os mortos e os vivos.

O tempo permitia um recreio antes do jantar. Georges, depois de ter informado Lucien, declarou que dali em

diante não iria mais ao quarto do padre de Trennes. Levá-lo-iam à força? Ao primeiro monólogo voltava-se para o outro lado. Estava farto de um homem que jogava com um pau de dois bicos, e, em caso de insistência, não hesitaria em o levar à parede. Já que o padre falara de nobreza, dava-se-lhe uma lição.

— Parece-me — disse Lucien — que é tempo de nos retirarmos. Alexandre prestou-nos um alto serviço. O nosso padre já nos tinha citado esta passagem do Evangelho: «Há muitas moradas na casa do Pai.» E nós sabemos agora que, no quarto do padre, há muitos camareiros: uma vez que não se contentou connosco, podes crer que não se contenta com Maurice. Os eleitos, os sobrinhos, os pijamas, os rostos, está tudo no mesmo saco.

«Mentiu-nos. Fez o contrário do que nos disse: interessa-se pelos outros e diverte-se connosco. Não se pode compreender o seu humor desigual: devia haver uma rotação nas visitas. Dentro em pouco será o segredo do Polichinelo, e causará desgostos a alguns. André foi expulso, por minha causa; tu estás em risco de o seres, juntamente com Alexandre. Mas *ad patres* com o padre de Trennes? Os filhos e não os pais!

Findo o recreio, Georges penteou-se ao pé da fonte. Nem precisava de loção: já não era para Alexandre. Em todo o caso não estava descontente por se ter posto elegante nessa manhã. O cuidado que tivera para a entrevista valia-lhe uma pública satisfação de vaidade.

Contava ler tão bem como na festa da «Mi-Carême». E pensava nos leitores infelizes que eram brindados com uma campainhada do Superior, acompanhada de uma observação imperiosa: «Alto de mais!», ou «Mais alto!», ou mesmo, se a frase ou uma expressão eram mal pontuadas: «Contra-senso!» ou até: «Tente compreender!»

Quando Georges subiu ao púlpito, a turma dos pequenos já se encontrava no lugar, de costas para ele, esperando a recitação do benedícite. A seguir, enquanto se sentavam, o Superior fez sinal a Georges para ir buscar

o livro. Até esse momento, nada tinha chamado a atenção de Alexandre para o leitor dessa noite. Georges desceu no meio do ruído de gavetas que se abriam e de talheres que tilintavam contra o mármore. Ao contornar as filas dos pequenos, deu um ligeiro toque em Alexandre, quando lhe passou por detrás. Ao aparecer no púlpito, pôde sentir a satisfação da surpresa que acabara de provocar. O olhar do garoto transbordava de alegria mal contida, mas o dele guardava o máximo de discrição e gravidade: é que, à mesa dos professores, do lado dos grandes, estavam sentados o padre Lauzon e o padre de Trennes.

*A vida dos Santos.* A página designada tinha este título: «S. Bernardino de Sienne. Festa, a 20 de Maio.» O dia 20 de Maio era só daí a dois dias; estavam adiantados. Georges lembrou-se da citação do padre de Trennes, tirada da vida deste santo e relativa à castidade. Mesmo aqui o perseguiam com a castidade.

Lucien trouxe-lhe, segundo o costume, o copo cheio. Georges pousou-o na prateleira interior, entre o martirológio e a *Imitação.* O martirológio lia-se ao meio-dia, e a *Imitação* à noite: a página estava indicada no livro por um cartão perfumado — os leitores também tinham os seus requintes —; uma unhada sublinhava o versículo da véspera.

O Superior era condescendente: deixava ao novo anagnosta o tempo de se preparar, de percorrer os textos. Georges aproveitava esse tempo para olhar furtivamente para Alexandre. Ainda o via melhor que no outro dia, do alto dos degraus do altar. O garoto servia-se da terrina, e este simples gesto continha todo o seu encanto. Depois fixou os olhos em Georges e, ao aproximar a colher da boca, enviou-lhe um beijo.

Pelo menos, o padre de Trennes não podia ver Alexandre. Assim, a sua atenção não perturbaria a felicidade do garoto, mesmo que perturbasse a de Georges. E Georges parecia elevado no púlpito para os olhares deste garoto e deste padre. Estava entre o espírito da luz e o espírito

das trevas, entre Ormuzd e Ahriman, como o sectário de Mithra de que ele falara às primas.

Enfim, a campainha. O Superior decidia-se. Georges começou a leitura:

*S. Bernardino de Sena, frade menor da Observância, apóstolo da Itália, festejado a 20 de Maio. Bernardino nasceu a 8 de Setembro de 1380, dia da Santíssima Virgem, em Sena, na Toscana, e não, como foi escrito, em Massa Carrara...*

Seguiam-se os pormenores acerca da família, infância, estudos (aos treze anos completara o curso de Filosofia). O Superior riscara estas duas frases: *Guardara intacta a castidade, apesar dos perigos a que o expunha a rara beleza dos seus traços. Os condiscípulos não ousavam manter, na sua presença, conversas dissolutas, e quando o viam aproximar, diziam: «Não falemos mais, vem aí o Bernardino.»* Os rapazes de Saint-Claude não teriam todavia ficado muito admirados se soubessem que os do século XIV tinham conversas repreensíveis: já sabiam, pela anedota de Santo Edmundo, contada no retiro, que no século XII as conversas dos garotos também nem sempre eram recatadas.

A passagem que o padre de Trennes citara fora também riscada: este padre sabia escolher as citações; tirava-as das edições completas. Mas o Superior deixara, sem dúvida a título de exemplo, a história que Georges declamava agora cheio de compunção e que o padre de Trennes talvez tivesse suprimido:

*Um homem de alto nascimento fizera uma proposta desonesta no meio de diversos estudantes, e Bernardino, a criança meiga e amável, tomada por uma santa cólera, fechou-lhe a boca com um soco tão violento que se ouviu em todo o recinto. O nobre libertino, alvo do riso dos espectadores, retirou-se confuso, mas a humilhação levou-o*

*a regenerar-se. Daí em diante procurava todas as ocasiões de ouvir pregar S. Bernardino e debulhava-se em lágrimas durante os seus sermões.*

A cada pausa, e às vezes mesmo durante a leitura, Georges, como no princípio, olhava um instante para Alexandre. Por cima dos professores e dos alunos, a despeito do padre Lauzon e do padre de Trennes, estabelecia um contacto subtil com este garoto que inundava com o som da sua voz: Alexandre só escutava a voz e não a leitura. Georges também se sentia recompensado: descobria aspectos novos do pequeno que, todavia, conhecia tão bem. Retivera já imagens de Alexandre na capela, no estudo, nos corredores, no recreio, no comboio que o levava para férias, no terraço e na estufa. Doravante reteria as de Alexandre partindo o pão com as duas mãos, ou com uma só colocando o bocado sobre a mesa; bebendo pelo copo até à última gota, deixando ver o pescoço claro, ou pegando-lhe na beira, como um pássaro; limpando os lábios, ora furtivamente, ora com cerimónia; comendo o suplemento de carne (serviam-se sempre de bocados iguais); comendo cerejas, cuja cor se confundia com a da boca.

A refeição terminara. Ao sinal, Georges levantou-se e leu os versículos da *Imitação* — a conclusão do capítulo sobre os «Efeitos admiráveis do amor de Deus». Era preciso o amor de Deus para coroar a reunião.

*O amor é circunspecto, humilde e íntegro. Não é cobarde, nem leviano, nem se ocupa de coisas vãs, mas sóbrio, casto, firme, tranquilo, atento aos sentidos... Aquele que não está decidido a tudo sofrer para seguir a vontade do seu Bem-Amado, não sabe o que é amar...*

Georges esperou, antes de descer, que o refeitório ficasse vazio. Seguia Alexandre com o olhar. À saída, o garoto não se pôde voltar, porque o prefeito da turma vigiava

o desfile, mas levantou a mão direita, última saudação dirigida ao amigo.

Georges sentou-se à mesa, e, na grande sala deserta, com as luzes reduzidas, serviram-lhe a refeição dos professores. Dava uma importância a esta deferência de que os leitores faziam tanto caso! Faltara-lhe o rosto que contemplara. E a ideia de ser privado dele aqui, pela primeira vez, fazia-o achar quase odioso este isolamento. Aos seus olhos representava-se o dormitório onde Alexandre, enquanto se deitava, pensava sem dúvida nas palavras da *Imitação*.

O criado retirara-se, pedindo-lhe que apagasse as luzes quando acabasse. Georges estava agora completamente só. As cerejas da sobremesa eram magníficas, muito maiores do que as que davam aos alunos, e em dose reforçada. Pôs algumas na gaveta de Alexandre.

O perfume dos lilases enchia o pátio interior. Georges lembrou-se de que o padre de Trennes dissera que esse perfume perturbava o sono dos alunos. Mesmo de dia perturbava Georges, porque lhe falava de Alexandre: muitas vezes, com efeito, quando estava a estudar, contemplava, pela janela aberta, os lilases carregados de flores, e afigurava-se-lhe que o seu perfume lhe trazia o hálito do garoto.

O padre de Trennes encontrava-se na antecâmara, à entrada do dormitório. Fez parar Georges ao passar.

— Muito bem! — disse em voz baixa. — Creio que teve tudo o que desejava: encontro secreto e olhadelas em público...

— Que encontro? — volveu Georges em tom brusco. Queria deter os cães imediatamente, para fazer saber que proibia a caça nas suas terras. Mas antes de o dizer abertamente, tentava fazê-lo compreender pelo sistema da recusa. E era possível, pois, a bem dizer, nada tinha confessado. Só o preocupava que, para olhos prevenidos, a sua atitude no refeitório pudesse depor contra ele. Não

tinha que se justificar do que quer que fosse diante de um padre de Trennes; não tinha contas a dar-lhe.

O padre prosseguiu suavemente, sem parecer ofendido:

— No último recreio, o senhor vigilante dos pequenos veio conversar comigo. Eu pedira-lhe que tomasse nota das saídas dos alunos, classificadas segundo os motivos, para uma estatística comparada — eu gosto de estatísticas. Foi um jogo da minha parte fazer-lhe dizer que o beneficiado de uma visita ao padre Lauzon se chamava Alexandre Motier. Ora essa visita coincide com a sua ausência: é a prova do que eu suspeitava. Deveria compreender, desde a primeira noite, que comigo não devia armar em esperto. Serei seu amigo ou seu inimigo: escolha.

«Durante a vossa entrevista de hoje, certamente criticaram uma proposta que eu lhe fiz para o vosso bem comum. Queria levá-lo a ser meu penitente: isso devia tranquilizá-lo pois a alma dele, à falta da sua, ficaria sob minha orientação. Apesar da recusa dele e da sua desconfiança, proporcionei aos dois uma satisfação inesperada: a de se prodigalizarem um ao outro durante a refeição desta noite. Imaginava assim inspirar-vos tardiamente um pouco de amizade ou de gratidão. Infelizmente, enganei-me, e o tom em que me falou obriga-me a mudar o meu: já não faço sugestões, ordeno.

«Amanhã durante o recreio de uma hora, vai buscar o pequeno Motier, cujo vigilante já terei prevenido, e irão os dois ao meu quarto. Hão-de fazer-me uma espécie de confissão recíproca. Isso compensará a confissão individual a que vocês se furtaram. O perdão será o prémio da vossa sinceridade.

Georges não esperava adormecer ràpidamente, mas não pensava sequer em chorar, mesmo de raiva. Friamente, acabava de decidir a perda deste homem, como tinha decidido a de André. O projecto não lhe inspirava o menor escrúpulo.

Todavia, não era sensível à ideia de praticar uma boa obra, desembaraçando o colégio de um tal homem, depois de o ter desembaraçado de um tal rapaz. Não se preocupava com o interesse geral; era o seu que estava em causa. Ainda hesitara a respeito de André, que nada lhe fizera; não tinha que hesitar quanto ao padre que lhe queria mal. Este soubera, às vezes, mostrar-se amável, e aparentava sempre interesse, mas era ainda mais falso, ainda mais pérfido: o pacto tácito estava desfeito.

No dia seguinte, logo de manhã, Georges veria com Lucien o que havia a fazer. Não ficaria este encantado por vingar André em detrimento de um dos seus mestres? Evidentemente, a empresa era cheia de riscos. O padre tinha na mão todos os cúmplices, que se acusavam tornando-se acusadores. O seu prestígio, o seu tacto, a confiança do Superior protegiam-no. Seria preciso reconhecer definitivamente que era ele o mais forte e submeter-se às suas vontades? A ideia atormentava Georges como um pesadelo. Para chamar o sono, ficou imóvel, de costas.

Ouviu o padre que entrava no dormitório. Como de costume, o terço roçava contra a sotaina. Rezava este homem, verdadeiramente, ou fingia? Calculava ele as indulgências, como outrora Lucien? Se era membro da Confraria do Rosário, isso concedia-lhe dois mil e vinte e cinco dias por cada conta. Ou calcularia ele as vitórias, como Carlos V? As vitórias sobre o pecado ou as vitórias do pecado? Podia calcular muitas coisas, pois gostava de estatísticas: o número das suas citações, o número dos eleitos, o número dos sobrinhos.

Georges teve o pressentimento de que o padre se dirigia para ele, talvez com o fim de reatar a conversação. Fingiu que dormia. O padre parou um momento junto da cama, depois aproximou-se da cabeceira. Georges sentiu um hálito perfumado na cara. Estava comovido ao máximo, mas conseguia conservar as aparências do repouso. Nunca tinha vivido desta maneira, fingindo dormir, uma cena que lhe dissesse respeito. Haveria o jogo da rosa ou da pilha

eléctrica? Só esperava isso para dar a impressão de ter acordado e pedir ao padre que o deixasse tranquilo.

Mas este afastou-se e deu duas ou três voltas ao dormitório. Deteve-se em frente de uma outra cama e aproximou-se do ocupante: era a cama de Maurice. Georges avançou a cabeça até à beira do travesseiro e pôde observar melhor. O padre sentara-se na mesa-de-cabeceira e inclinara-se. Contemplava sem dúvida a tal revista de caras, de que tinha falado. Mas Maurice levantou a cabeça: é que havia conversa. Não se ouvia sequer o murmúrio das vozes; não admirava que estas conversas não chamassem a atenção de ninguém. O vigilante entrou no quarto. Pouco depois, Maurice levantava-se, arranjava os cobertores com precaução e afastava-se discretamente. A porta do quarto do padre de Trennes abriu-se diante dele.

Georges, palpitante, ficou com os olhos fixos no quadro de sombra da porta, e nessa janela interior não menos escura mas atrás da qual a cortina tinha sido muito bem puxada. Isso não o impedia de ver o quarto tão bem como se lá estivesse — os biscoitos e a garrafa de licor, o genuflexório, os frascos de *toilette*, a bacia de banho, de borracha — e no meio, sòzinho, Maurice.

Como uma flecha, lembrou-se de que chegara a ocasião de pôr termo àquilo. O milagre deparava-se-lhe de novo como no tempo longínquo de André. Não sabia a quem agradecer, se aos deuses, se aos santos. A sorte do padre estava decidida, sem dúvida. O simples facto de receber um aluno no quarto, àquela hora insólita, condená-lo-ia sem apelo. Georges lamentava que fosse precisamente Maurice o comprometido. Mas não podia fazer nada. Era-lhe indispensável agir imediatamente. No dia seguinte expirava o ultimato que recebera acerca de Alexandre, e esta noite o provocador estava à sua mercê. Tinham sido precisas muitas coisas para inverter as posições. Voltaria a apresentar-se-lhe uma tal oportunidade? Georges podia escolher entre vencer ou ser vencido, entre matar o Diabo ou deixar-se matar por ele. Esta reflexão fê-lo reprimir o

movimento de simpatia em favor de Maurice. De resto, não fora este mesmo Maurice encarregado de o vigiar durante as férias? O padre Lauzon ia ver quem era o seu vigilante, e o Superior também. E não fora o próprio Maurice quem tentara interessar Alexandre por este mesmo padre de Trennes e levá-lo ao seu quarto? Ia pagar tanto de cinismo como de ingenuidade. Seria sacrificado para salvar este irmão mais novo que quisera corromper. Era muito edificante.

Georges lembrou-se de acordar o companheiro a fim de deliberar com ele. Tinha a certeza de que o padre não escutava atrás da cortina. Mas disse para consigo que Lucien, avesso à denúncia, não estaria de acordo e julgá-lo-ia por este acto. Georges sabia bem o que havia de fazer: defender Alexandre e defender-se a si próprio. Não tinha nada que pôr Lucien ao corrente do seu procedimento para com o padre de Trennes. Sòzinho, responderia ao acusador com a acusação.

Levantou-se, calçou as pantufas, pôs o casaco pelos ombros, por cima do pijama, e arranjou a cama a fim de dissimular a sua ausência, como o padre lhe ensinara. Depois, ajoelhando-se, arrancou do seu pequeno bloco uma folha que pôs em cima da mesa-de-cabeceira, e, à claridade difusa da lamparina, escreveu em letras maiúsculas: QUEIRA IR JÁ AO QUARTO DO PADRE DE TRENNES. Contou pelos dedos; era um alexandrino — um alexandrino que ia salvar Alexandre. O Superior ficaria encantado. Sentiria que toda a malícia estava neste *já*. Acorreria, medindo o verso, curioso de saber que comentário ia ouvir ao admirável sermão que o padre pregara no domingo.

Georges lembrou-se que a orla do seu bloco era doirada, pormenor que podia descobri-lo se o vigilante visse esta folha. Meteu-a na algibeira e arrancou uma página de um caderno que encontrou na gaveta. Tornou a escrever e releu. A mão que tinha sido tão firme a escrever, tremia agora segurando o papel. Era um bom trabalho, ainda

melhor que o de André. Não se tratava de denúncia ou ostracismo; este verso de doze pés era uma carta anónima. A vergonha de uma tal infâmia subjugou Georges um instante. Invocaria de novo as leis da cavalaria? «Não há cavaleiro sem façanha»: não lhe chegava só uma? Mas mais do que conseguira em Outubro a imagem de Lucien, a de Alexandre ordenava-lhe que fosse impiedoso.

Dobrou o papel, apertou-o numa das mãos e, com a pilha na outra, avançou cautelosamente. Em frente da porta do quarto do padre cheirou-lhe a fumo. Deviam ser os cigarros egípcios.

O corredor estava mergulhado em trevas. Georges acendeu a pilha. Parecia-lhe que ele próprio era um ladrão. Comparando, segundo o seu hábito, o presente com o passado, lembrou-se da precedente saída nocturna, depois da apreensão do bilhete de Alexandre. Nessa noite arriscara-se pelo garoto que fora punido por causa dele. Agora ia entregar um mestre e um condiscípulo, mas era ainda pelo mesmo garoto.

Nenhuma luz se adivinhava no gabinete do Superior. Desta vez estava deitado. Georges desdobrou o papel e introduziu-o por baixo da porta, com o lado escrito voltado para cima. Depois deu com o punho na porta. Ah! ia-se acordar o senhor padre Superior! Não houve resposta. O Superior teria um sono de chumbo, à sombra das asas da «Águia de Meaux»? Georges perguntou isto a si próprio mas não se inquietou por aí além: conseguiria fazer-se ouvir. Não receava que o seu bilhete parecesse uma mistificação: temia sòmente que o destinatário chegasse tarde. Se não fosse em flagrante delito, como provar alguma coisa contra o padre de Trennes? A visita de Maurice durava já uns bons cinco minutos e Georges calculava que passado um quarto de hora a oportunidade estava perdida. Furioso à ideia de um possível fracasso, bateu com mais força. Enfim, a voz que ele conhecia respondeu de dentro. Bateu ainda uma vez a confirmar que estava ali alguém, e retrocedeu. Correu ao longo do corredor,

tacteando a parede para se guiar. Apalpou a porta do dormitório. Chegara sem acender a pilha. Parou, horrorizado, à ideia de que o padre o esperasse como antes de se deitar. E o Superior que ia chegar! O traidor iria ser posto entre dois fogos? Reunindo três fidalgos a cena devia ser intensamente espirituosa.

Georges tirou as pantufas e, descalço, deslizou diante do quarto do vigilante. Baixou-se ao passar na coxia. Junto da cama, retirou à pressa o casaco; pô-lo no lugar, a fim de que nenhuma mudança fosse visível, e deslizou entre os lençóis. Sentia uma impressão muito diferente da que sentira na noite em que esperava a catástrofe de André. Já não temia o desenrolar dos acontecimentos. Sem dúvida estivera emocionado pela corrida; já o estivera quando o padre se aproximara da cama e quando vira Maurice sair da sua, mas depois de tanta agitação sentia-se calmo. Só estava impaciente por contemplar o espectáculo que organizara e do qual seria o único espectador. Era uma espécie de obra literária, que, além disso, preservaria a sua felicidade e exerceria a sua vingança.

Alguém acabava de entrar no dormitório e batia à porta do padre. Georges soergueu-se ligeiramente. Perscrutava essa antecâmara escura, onde adivinhava uma silhueta. De repente a sua emoção foi intensa: compreendeu o que tinha feito. Um breve diálogo se travara, as vozes baixas; depois, a do Superior disse mais alto: «Abra, ordeno-lhe!» Era a vez de o vigilante ouvir aquelas palavras.

Uma onda de luz jorrou: o padre de Trennes e o Superior estavam frente a frente. Georges, com o coração em tumulto, já nem podia escutar. A seguir apareceu Maurice e alcançou a cama, abafando os soluços. A porta do quarto ficara escancarada: o padre de Trennes tomou um ar de desafio, durante um instante; depois, sem que o seu visitante, que o olhava fixamente, tivesse dito uma palavra, inclinou a cabeça pouco a pouco e caiu de joelhos. A porta fechou-se sobre os dois homens.

Georges olhava para as camas dos condiscípulos. Ninguém se mexia. Só ele assistira ao desenlace. Ninguém saberia, pois, que o padre de Trennes, apesar do seu orgulho, da sua ciência, da sua ironia, das suas perfídias, tivera de se humilhar diante do padre Superior, que já não era mais o seu amigo mas o juiz e o representante da sua Ordem. O sono do dormitório não fora mais perturbado por esta catástrofe do que pelas lágrimas de Maurice. Aqui só velavam as duas testemunhas da última visita que o padre recebera.

No meio do silêncio e próximo de tanta borrasca, Georges sentia-se, na cama, envolvido em doçura. Os remorsos cediam pouco a pouco ao prazer de ter conseguido os seus fins. Sem dúvida, tinha pena de Maurice; a mágoa dele lembrava-lhe a de Lucien na noite do castigo de André. Sem dúvida, tinha mesmo pena do padre de Trennes que ia sofrer mil afrontas entre os confrades. Mas apesar de tudo possuíam, um e outro, o que haviam procurado. Só lhes restava converterem-se, como fizera Lucien. Georges reconduzira-os ao bom caminho do Céu. Na verdade, que conversor ele era! As suas amizades lembravam as Dragonadas![1] Trabalhariam tantos pela sua salvação que não precisava de pensar mais nisso.

Entretanto, estava livre de embaraços sobre a terra. Livre. Tornava a ser senhor do seu destino. Para além da autoridade e do regulamento restaurados pelo Superior, ele continuava a triunfar. Mais uma vez, e à custa daquele a quem devia a fórmula, era o triunfador secreto. Fizera levantar o padre Superior, fizera ajoelhar o vigilante, todavia não passava de um rapaz de catorze anos e dez meses, em cuja versão latina, entregue nesse dia, o professor anotara: *Podia ter feito melhor.* O que tinha feito esta noite não estava mal. A cena que provocara talvez

---

[1] Perseguição religiosa movida por Luís XIV contra os Protestantes, em que se empregou a cavalaria dos dragões. *(N. do T.)*

fosse mais sugestiva para um pintor do que para um escritor. Merecia ser proposta como tema de concurso, não à Academia dos Palinods, mas à Academia das Belas-Artes. Era no género dos grandes quadros dos museus: «Teodósio implorando a Santo Ambrósio sob o pórtico da Catedral de Milão», «Luís o Bom fazendo penitência diante dos bispos em Atigny», «O imperador Henrique IV aos pés de Gregório VII em Canossa» — por outras palavras: «Uma mão lava a outra e ambas o rosto.»

Havia probabilidades de que, neste momento, os dois heróis da presente história, dos quais um pelo menos estava bastante aborrecido, se encontrassem de joelhos lado a lado orando à porfia. Mas seguramente os seus pensamentos estavam ausentes, como os dos alunos durante as orações. Saberia o padre de Trennes como é que o Superior se encontrava ali? Este último, que não explicara a André a descoberta do poema, explicaria ao padre a ideia da sua visita? E o padre julgar-se-ia vítima do acaso, de um confrade ou de um aluno? Se suspeitasse de Georges, perdoar-lhe-ia o soco com a mesma submissão com que o fidalgo de Sena perdoara a S. Bernardino? Bem via que tinha exasperado o rapaz. Abusara dos direitos que lhe conferiam a antiguidade e a vida dos santos. Os seus apelos em favor da pureza tornavam-se fervorosos de mais, as suas citações demasiado insistentes, e no entanto esquecera-se desta, que era de Musset e falava dos eleitos:

*Exigis que os vossos eleitos sejam demasiado puros*

Por seu lado, o Superior devia estar bastante intrigado pela maneira como tinha sido prevenido. Compreendia, evidentemente, que o fora por alguém do dormitório. Ele, que em tempos repreendera Georges por sair de lá sem licença, estava inclinado a dizer que desta vez não se podia proceder de outro modo, e que havia até muito boas coisas que se podiam fazer sem autorização. De toda a maneira, veria nisso uma prova de virtude que o tranqui-

lizava acerca dos seus pupilos, mesmo que se mostrasse tão inexorável com Maurice como fora com André.

Fosse qual fosse a solução, Georges não chegava a alarmar-se com o caso. Expulso Maurice, certamente que Alexandre o acompanharia no próximo ano, para outro colégio, e Georges iria também, como tinha prometido —e Lucien também, porque não? Uma vez lá, Georges havia de empenhar-se em reparar o mal que fizera a Maurice, tal como acontecera com Lucien. Maurice não perderia com a troca. Arranjar-lhe-iam um amigo, de primeira água. André juntar-se-lhes-ia. Os seis não teriam então a recear que os acusassem de terem amizades particulares. Era desta vez que a sua associação se chamaria *Collegium Tarsicii.*

Aliás, Georges, Alexandre, Lucien, e ainda outros não seriam constrangidos a deixar Saint-Claude a título de sanção? Bastava que o vigilante, por escrúpulo ou por vindicta, contasse os pequenos segredos da casa. Neste caso a proscrição seria quase geral. Mas por isto seria impossível. O padre Superior, em primeiro lugar, recusar-se-ia a acreditar que Saint-Claude fosse um tal fulcro de abominações.

Os próprios acusados, se quisessem, podiam reagir. Tinham com que responder à maledicência do padre de Trennes. Georges lembrava-se da ameaça feita por Alexandre de escrever ao Papa, quando o seu confessor quisera privá-lo da comunhão. Neste caso, ameaçariam escrever ao Governo. Seria um caso desenfreado.

Entretanto, o padre de Trennes mudaria de casa. Para onde iria? Certamente não ia para outro colégio, como os rapazes. Conservaria o acesso aos sobrinhos; cultivaria em paz o favoritismo. Se realmente se convertesse, entraria num convento. Aí podia meditar longamente no sermão clássico a propósito do pequeno número de eleitos e adaptá-lo melhor a si. A menos que se contentasse em mudar de Ordem, no caso de isso ser possível. Neste ponto os conhecimentos de Georges falhavam: tinham

fixado sòmente que havia cerca de cento e cinquenta ordens masculinas. Por consequência, na medida do possível, o padre de Trennes não teria senão o embaraço da escolha. Mas era provável que ele se consolasse antes com a arqueologia. Tornaria a ir para o Próximo Oriente, voltaria à Grécia. Os templos antigos iriam servir-lhe de asilo, se bem que as máximas dos Templários não lhe tivessem servido de salvaguarda.

«Boa viagem, senhor padre! — diria Georges. — Desculpe-me por o ter escorraçado das muralhas da cidade. Talvez nos encontremos um dia na pátria de Teógnis.

«E vós, senhor padre Superior, que orais nesse quarto onde eu e Lucien também orámos, desculpai-me também por vos fazer seguir à letra o «Orai e velai!» Todavia, seria do vosso interesse, daqui para o futuro, orar um pouco menos e velar mais.»

O quê? Maurice tinha outra crise de lágrimas! Vamos, caro confrade! Tu que és um homem com as mulheres, serás apenas uma criança com os homens?

Georges deitou-se de lado e levantou o lençol de modo a tapar a orelha, para não ouvir mais.

Ao acordar, todos os olhares se dirigiram para o prefeito, que rezava a oração: «Meus Deus, é por efeito da Vossa bondade...» A maioria dos alunos devia supor que o padre de Trennes estava doente. Maurice parecia à vontade, nessa manhã. Guardava os seus segredos com a mesma indiferença de Georges. Ou se resignava com a sorte, ou, tendo reflectido, adquirira a certeza de ser poupado.

Desceram em seguida para a meditação. O Superior tinha o rosto marcado pela fadiga. Adivinhava-se que não dormira. Não estava barbeado. Georges lembrou-se da frase do padre de Trennes sobre o «rosto digno do homem». Poderia ele não se lembrar também dessa reunião de uma noite de Outubro, em que a expulsão de André fora anun-

ciada oficialmente? Perguntava a si próprio quais seriam as novidades desta manhã primaveril, mas tranquilizava-se antecipadamente quanto ao essencial: sabia que a sua sorte estava ligada à dos amigos.

O Superior leu, com voz surda, um texto relativo aos mistérios dolorosos do rosário, cujos frutos deviam ser nomeadamente o arrependimento, a mortificação e a salvação das almas. Para aqueles que fossem capazes de compreender, isto tinha bem o ar de uma alusão. Era como a conferência do pregador, no dia em que, na pessoa de André, tinha sido condenada a libertinagem do espírito. Entretanto, Georges admirava-se que o Superior nada mais dissesse: o desaparecimento do mais notável dos seus vigilantes merecia ser explicado. Estaria constrangido, o padre Superior, à ideia de que um aluno, de quem revia os traços, havia sido surpreendido por ele no quarto do dito vigilante, e que um outro aluno, que ficaria desconhecido, denunciara este escândalo? Tratava-se, com efeito, de um escândalo que ele hesitava talvez em dar a conhecer de novo: a comunicação era mais delicada desta vez do que a respeitante a André. O padre Superior orava pela ordem e pelo colégio. Mas teria podido lembrar-se do provérbio que, «pela culpa de um padre, não se culpa a abadia».

Quando a sineta tocou, o Superior fechou o livro sobre os mistérios e olhou toda a assembleia. Georges, contra vontade, estremeceu um pouco: chegara o momento. Lentamente, num tom grave como nunca se lhe tinha ouvido, o Superior disse estas palavras:

— Peço-vos que ofereçais as vossas orações e comunhões desta manhã ao senhor de Trennes, que vos deixou.

A oração fúnebre do padre de Trennes seria mais curta que a de Nicolau Cornet.

Que cena de teatro na turma! Quase todos tinham uma razão para se comover: os mais novos porque o padre de Trennes se interessava por eles, os outros porque ele os interessava. Muitos ficaram com ar grave: perguntavam a si próprios, sem dúvida, se o acontecimento não

teria para eles aborrecidas consequências. Como Lucien pressentira, havia coisa grossa. Em tão poucas semanas o padre de Trennes tinha feito tantos estragos? O ano fechava-se sobre um caso ainda mais apaixonante que o da abertura. No trajecto para a capela, André foi lembrado através das filas. Principalmente por aqueles que procuravam tranquilizar-se, dizendo que não fora indicado, entre eles, nenhuma ovelha ronhosa. Apesar de tudo, não teriam razão? Não era preciso alarmarem-se por aí além. Desta vez a espuma não tinha sido feita do lado dos rapazes; os padres lavavam as mãos entre si.

Durante o ofício Lucien perguntou a Georges as suas impressões pessoais:

— Foi Maurice que caiu no anzol — respondeu Georges. — Acho-lhe um ar esquisito.

Lucien voltou-se e deitou uma olhadela ao irmão de Alexandre.

— Está mergulhado na leitura. Estão todos mergulhados na leitura. O padre de Trennes ficará contente. Começou por solicitar as tuas e as minhas orações, e agora, a turma inteira reza por ele, ou pelo menos faz de conta.

Georges podia ter dito a Lucien que o padre de Trennes já tivera nessa noite as orações do Superior. Podia também lembrar-lhe que André tinha sido igualmente recomendado às orações da turma. Aqui tudo começava e acabava por orações. Durante três meses, Lucien rezara por Georges; por pouco que fosse, Georges fizera-o também por Lucien. De toda a maneira, em Saint-Claude, como nos versos de Fresen, os corações estavam em oração quando as almas não oravam.

Maurice dirigiu-se à mesa da comunhão com um fervor acentuado — o mesmo de Lucien de outrora, em estado de graça iluminante e purificante. Nem uma abstenção entre os grandes: foi uma comunhão unânime. Isso devia-se ao Superior, se não ao padre de Trennes.

Ao pequeno-almoço, facto extraordinário, o *Deo Gratias* não foi rezado. Tanto melhor: terminava-se mais cedo, o

recreio seria maior. Georges recebera o sorriso de Alexandre: o garoto, bem longe destas revoluções de que era a causa, tinha encontrado, debaixo do guardanapo, as cerejas do jantar.

No pátio rodearam o vigilante de outrora, que retomara as antigas funções. Perguntaram-lhe porque é que o Superior havia dito «o senhor de Trennes» e não «o padre de Trennes», se isso significava que o padre deixara o sacerdócio para se consagrar aos trabalhos científicos. Mas o vigilante respondeu que aquele que era padre sê-lo-ia para sempre: «*Tu es sacerdos in aeternum*». Fizeram de conta que a expressão do Superior fora um lapso. Esta partida devia ter razões mais simples: segundo uns, o padre tinha um doente na família; segundo outros, recebera uma herança. O vigilante desembaraçou-se destes gracejadores, obrigando-os a jogar — era preciso retomar o costume, mas, nesse dia, ainda pediram as licenças que o padre de Trennes costumava dar.

Um grupo numeroso, constituído por elementos de todas as classes, dissertava a um canto. Georges e Lucien aproximaram-se, ao verem que Maurice estava lá. Tratava-se, não de troçar do actual vigilante, de procurar a verdade sobre o antigo. A verdade? Era força de expressão: os oradores pareciam querer encobri-la uns aos outros, usando dos recursos do equívoco, tão apreciados por aquele de quem falavam. Maurice sugeriu que o padre estivesse comprometido por alguma ligação feminina fora do colégio. Mas seria isso possível na aldeia onde só havia guardadoras de perus, e na vila vizinha que distava dali uma hora de bicicleta? Um jovem espertalhão do quarto ano apresentou, como mais verosímil, a hipótese de alguma intriga com um dos seus colegas, para quem o padre tivera amabilidades. Perguntaram-lhe quais, mas o interpelado recusou-se a nomeá-los. Lucien lembrou que se isso fosse verdade os infelizes já lá não estariam. Um outro voltou à carga e não escondeu que sempre suspeitara de qualquer coisa no dormitório: uma noite em que tinha acordado,

vira o padre de Trennes contemplar alguns alunos com uma pilha eléctrica. Mas Georges interrompeu os comentários, afirmando que o padre de Trennes lhe havia confiado que rezava o terço por aqueles que dormiam mal.

Um dos grandes declarou que a essas histórias faltava senso comum. Achava que o padre de Trennes não se preocupava mais com as guardadoras de perus do que com os alunos ou com o terço. Era, declarou, um sábio, um espírito largo, um céptico; muito popular, tinha a simpatia dos grandes. Nada mais era preciso, para tornar ciumentos os professores que tivessem feito qualquer intriga contra ele. O golpe era obra desses senhores.

Um finalista aprovou esta maneira de ver, julgando que o caso vinha de mais alto. O padre de Trennes aparava a cólera, não dos professores de Saint-Claude, uma vez que não fora chamado para ficar entre eles, mas de outros membros da sua ordem, aos quais sem dúvida fazia sombra. Ia ter que dar contas, Deus sabia de quê! Censuravam-no talvez por reconstituir templos pagãos. O finalista lembrou as diferentes divisas das ordens religiosas: «*Ad majorem Dei gloriam*», «*Ut in omnibus glorificetur Deus*», etc. Todas estas perseguições entre padres se faziam em nome de Deus. Outrora, teriam metido o padre num *in pace*[1], a pão e água. Felizmente que, pelo menos, a Inquisição já não existia. Voltaire e os Direitos do Homem tinham beneficiado o próprio clero.

Durante o estudo das dez horas, o prefeito veio procurar Maurice. Lucien acotovelou Georges, como para o felicitar de não se ter enganado. Segundo os olhares que se trocaram, a opinião geral foi idêntica. Os discursos do recreio davam lugar às realidades. Depressa se esquecera o perigo, mas ele existia. Os alunos iam agora ter a prova. A dizimação começava. Seria Maurice subtraído, à ma-

---

[1] Prisão subterrânea nos conventos, destinada a encerrar até à morte os culpados de certas faltas escandalosas. *(N. do T.)*

neira de André? Lucien não estava um pouco inquieto? Georges, debruçado sobre a versão grega, revia o padre de Trennes, esse padre que gostava tanto de grego e que, antes de partir, tinha decidido o seu destino. Enfim, a porta reabriu-se, e todos levantaram a cabeça: Maurice voltava. E afectava um ar trocista. Daí a momentos, como mais nenhum foi chamado, o estudo pareceu aliviado de um peso. Revivia-se.

Passado o exercício a limpo, Georges foi à biblioteca buscar um pequeno tratado de direito eclesiástico. Tranquilo a respeito de si próprio, estava preocupado com o que poderia acontecer ao padre de Trennes, em virtude da sua condição. A ideia do *in pace* não lhe passava. Verificou que o «delito» do padre não pertencia ao número dos «casos reservados», e escapava por consequência às «penas medicinais», ou, por outras palavras, «penas disciplinares»: a excomunhão, o interdito e a suspensão. Quanto às «penas de punição ou de satisfação», não podiam atingir o padre senão «a título temporário» e não «perpétuo». Havia ainda as «sanções disciplinares»: jejuns especiais, esmolas, trabalhos de penitência, exercícios espirituais numa casa religiosa. Por todo o lado e sempre, os exercícios do padre de Trennes seriam espirituais.

Depois do almoço, quando chegaram ao recreio, Georges foi avisado pelo vigilante de que o Superior queria falar-lhe. Mostravam-se mais discretos para ele do que para Maurice, mas talvez isto fosse ainda pior.

— Agora é que é — disse a Lucien. — *Ave, morituros te salutat.*

O Superior não estava mal inspirado, experimentando à vez o cúmplice do padre e o denunciador. Quando, antes do almoço, o prefeito dissera a Georges que não faria a leitura, teve um primeiro pressentimento. Desembaraçavam-se dele bem depressa. A honra concedida fora bastante indevida, mas tinha estado à altura: podiam tê-lo

deixado ler a vida de mais um santo. Sabia, agora, as razões por que fora riscado para sempre da lista dos leitores e inscrito numa outra.

Aliás, divertia-se com isso. As suas veleidades combativas da última noite tinham-se apaziguado. Considerava inútil toda a defesa, e de resto estava farto de se defender. Não daria a mínima resposta, escutaria, impassível, o aviso da sua exclusão, assegurando-se apenas de que Alexandre também seria excluído. Todavia, antes de sair do gabinete, estenderia ao Superior o original da misteriosa mensagem que fora metida por baixo da porta: o Superior ficaria bem embaraçado.

Georges entrou tão tranquilamente como se fosse no Palácio de Rambouillet. O Superior estava sentado à contraluz, perto da janela aberta, que deixava penetrar o perfume dos lilases. Podia ele imaginar que esse odor lembrava ao seu visitante as palavras do padre de Trennes e a imagem do pequeno Motier, isto é, as duas personagens por causa de quem, sem dúvida, era convocado? O Superior indicou-lhe uma cadeira.

— Notei — começou — que as suas notas de redacção são mais baixas depois das férias da Páscoa.

Curvou-se sobre a secretária a fim de pegar num papel que consultou:

— Foi o quarto em Inglês, em vez de segundo como no trimestre precedente, e já tinha sido o primeiro. Foi o terceiro em versão latina, depois de ter sido, por duas vezes, o primeiro. Em Grego, ficara uma vez em terceiro, outra vez em segundo, e, no domingo, saberá que o último resultado é menos satisfatório. Em conclusão, salvo em Grego, baixou em todos os pontos que houve até aqui. A que se deve isto, meu filho?

Georges respondeu, sorrindo, que devia ser sem dúvida pouca sorte, porque tinha consciência de fazer os mesmos esforços neste trimestre, incitado, além disso, pela perspectiva da próxima distribuição dos prémios. Entretanto, nas disciplinas em que fraquejara, contava com o último

ponto — o «ponto secreto», aquele cujos resultados não eram publicados — para recuperar o terreno perdido.

— Temia — volveu o Superior — que o distraíssem no seu trabalho, nos seus pensamentos.

— Se me distraíssem, teria também baixado em Grego.

Se pensara em não responder era porque se vira oprimido, mas os acontecimentos tomavam um caminho mais favorável, o que não deixava de o divertir.

— É verdade que conheço a sua frequência aos sacramentos, a sua piedade. Soube mesmo que tinha um culto particular por S. Bernardino de Sena, e felicito-o.

Georges tomou um ar modesto, como no dia em que o tinham felicitado por se interessar por S. Tarsício. Estava bastante orgulhoso, pelo contrário, por adivinhar o artifício por que o haviam designado na noite anterior.

O Superior inclinou-se e pegou-lhe na mão.

— Meu filho, olhe-me bem de frente. Está em plena luz, e eu leio-lhe nos olhos como se lesse na sua alma.

Depois de uma pausa, disse lentamente:

— Esteve sob a influência do senhor de Trennes.

Georges fingiu-se admirado:

— Eu? Absolutamente nada, senhor padre Superior!

— Quem é que interveio então para que lesse as orações do refeitório?

— O padre de Trennes gostava de proporcionar um prazer sem que nada lhe pedissem.

Georges empregara, embora num tom diferente, o mesmo pretexto que empregara com Alexandre acerca da missa de S. Pancrácio. O Superior não precisava de evocar estoutra circunstância, de uma honorabilidade incontestável.

— A sua resposta sensibiliza-me pelos sentimentos que me ligavam ao senhor de Trennes, mas a minha legítima curiosidade deve ir mais longe. Trata-se de um assunto extremamente grave, que me obriga a falar-lhe com toda a clareza. Pelo menos, neste caso, como no outro que já o conduziu junto de mim (comparação não é razão), feli-

cito-me, de qualquer maneira, por encontrar um rapaz de carácter, de honra e de dever como você. As circunstâncias elegeram-no para me esclarecer, se não para me tranquilizar. De resto, dirigir-me-ei só a si. Não duvido que compreenda o alcance do meu interrogatório e ao mesmo tempo a necessidade de guardar de terceiros um religioso silêncio sobre tudo isto. Acrescento que o seu depoimento será ignorado pelo principal interessado, e que não terá consequências para ninguém nesta casa. Mas não se esqueça que empenha a sua responsabilidade — fora do plano sobrenatural — primeiro para comigo, e em seguida para com as crianças que, como padre, o senhor de Trennes pôde ter ocasião de abordar. Pense nas palavras divinas: «Infeliz do homem que escandaliza uma criança!»

«O senhor de Trennes tem o dom de inspirar confiança e, segundo o que me disse, muitos alunos lhe pediam conselhos. Mas o que me importa saber é se houve, debaixo desta capa, imprudências deploráveis. Por isso, limitar-me-ei a fazer-lhe duas perguntas: foi alguma vez de noite ao quarto do senhor de Trennes? E observou que outros lá fossem? Não peço pormenores nem nomes, mas um *sim* ou um *não*: isso me bastará.

De novo Georges pareceu admirado da primeira pergunta. Depois quis parecer que reflectia na segunda. Estava emocionado por se ver juiz daquele a quem havia traído. Esse homem tinha tentado arrancar-lhe segredos contra si, e agora pretendiam arrancar-lhe segredos contra ele. Mas não! Depois de se livrar das suas ciladas, Georges ia livrá-lo do castigo. Ia restituir-lhe o futuro, que temia ter comprometido. O padre de Trennes ficava livre de permanecer o que era, como André tinha ficado, como, aqui, cada um ficava.

O argumento da responsabilidade não o comovia absolutamente nada. Era primeiro ao padre de Trennes que devia uma reparação: compensaria pela mentira o mal que lhe fizera revelando as suas mentiras. Quanto aos garotos de quem era preciso preservar a inocência, saíssem-se

como pudessem. O Superior que lesse Santo Agostinho, segundo as referências do senhor de Trennes. Aprenderia mais a este respeito com o bispo de Hipona do que com o bispo de Meaux, e acrescentaria, talvez, esta paráfrase à maldição pronunciada contra os homens que escandalizam as crianças:

«Mas quantas crianças escandalizariam os homens!»

Entretanto, o Superior devia já estar meio satisfeito pela atitude de Georges, uma vez que repetiu simplesmente a última pergunta:

— Vamos lá! Não notou nada?

Georges olhou-o de frente, nos olhos, e respondeu com calma:

— Não: é tão certo eu não ter visto ninguém no quarto do padre de Trennes como não ter lá ido. Parece-me igualmente que, se alguém lá fosse, teria ouvido dizer.

Ao sair, rasgou a folha de orla doirada que levava na algibeira, e introduziu os bocados hàbilmente sob a peanha de S. Tarsício. Fazia com este documento o que não tivera tempo de fazer com o poema de André. S. Tarsício não tinha protegido o amigo de Lucien, mas protegera Lucien e Maurice: protegeria bem o padre de Trennes. Em todo o caso, Georges estava contente por ter enganado o Superior mais uma vez, de se ter vingado daquele que era o executor das suas vinganças. Votava-lhe aversão porque o Superior representava regulamentos absurdos, um poder cego. Estranho Superior, cujas introduções oratórias eram tão dissimuladas como as do padre de Trennes! Aquele discurso hipócrita sobre os pontos, aquelas alusões à piedade de Georges eram dignas das piedosas velhacarias que urdira a respeito de Alexandre. Podia ele lamentar-se se, reclamando a verdade, desafiava apenas a contra-verdade, como os curas de *Polyeucte* desafiavam a contra-manifestação?

O padre de Trennes não se tinha defendido mal: tudo evidenciava que fizera acreditar que a visita dessa noite

fora uma excepção. André também fora uma excepção: cada um era uma excepção, uma vez que cada um permanecia o que era. E Georges também permanecia para o Superior o que havia sido para o padre de Trennes: se um e outro, segundo as suas palavras, o tinham escolhido (*Que vos fiz eu para ser escolhido?* dizia-lhes de longe), não confirmara nenhuma dessas escolhas: nem a da cara, nem a da alma. A escolha do Superior pareceu-lhe a menos lisonjeira, e irritou-o mesmo: tinham então imaginado que ele, Georges de Sarre, era um hipócrita? Era o mesmo que pensarem que ele fora o mensageiro da noite anterior. Por quem o tomavam?

Como o estudo já começara, escreveu um resumo da sua entrevista, enfeitado com alguns períodos do Superior, e passou o papel ao vizinho. Depois da aula, os dois amigos partilharam uma merenda triunfal. Lucien tinha, por seu turno, um relato bastante curioso a fazer.

— Enquanto fazias ao Superior falsas confidências, Maurice contou pùblicamente sabes o quê? a sua aventura com o padre de Trennes! Alguns colegas começaram a importuná-lo com a saída desta manhã, perguntando-lhe se ele continuava convencido de que o padre era acusado de uma ligação feminina fora do colégio — tinham-no deixado tranquilo à mesa, porque não houve *Deo Gratias* ao meio-dia. Primeiro resistiu um pouco, depois decidiu confessar, e fez-nos torcer de riso.

«Dormia a sono solto, quando apareceu o padre de Trennes, que o acordou (já sabemos disso) e, depois de lhe ter falado na vida eterna, o convidou a ir tomar um copinho ao seu quarto — Maurice afirmou que era a primeira vez. Quando ficaram a sós, o padre começou um sermão sobre S. Venâncio, martirizado aos quinze anos, o santo de ontem, como tu sabes — em suma, a reedição de S. Pancrácio, mártir aos catorze anos, de S. Nicolau Tolentino, e de outros. Se o padre tivesse ficado mais tempo, cada aluno teria tido o seu serãozinho com santinho de catorze ou quinze anos.

«Entretanto, estes senhores bebiam bem e fumavam melhor, quando de repente «truz truz» à porta. O padre disse a Maurice:

«— Não se mexa, deve ser um dos seus colegas que está doente, a menos que me chamem para algum ofício.

«Reflectiu um segundo e acrescentou:

«— Todavia, não há nocturnos nestes últimos tempos.

«Em vez de nocturnos de Chopin, foi a voz do Superior que se fez ouvir, murmurando:

«— Chamaram-me ao seu quarto.

«A graça era boa, mas o padre achou-a, decerto, má. Impeliu Maurice para o genuflexório e fez o gesto de pôr a sobrepeliz, mas o Superior impacientava-se. O padre só teve tempo de abrir antes que o outro arrombasse a porta. Maurice contou que tinha sido impagável, mas suponho que ele não foi tão valente quando ouviu a pequena conversa que lhe dizia respeito — os hissopes cruzavam-se como floretes:

«— Que faz este aluno no seu quarto?

«— Veio pedir-me para o confessar.

«— A esta hora? Mas é contrário ao direito canónico.

«Parecia que o padre fazia saltar o direito canónico. Mas salvara-o, sem dúvida, a desculpa de ter tido piedade de um pecador que não podia dormir perturbado pela consciência.

«Ai! três vezes ai! O Superior, que Maurice observava pelo canto do olho, descobriu sobre a mesa a garrafa, os copos em meio e os cigarros que acabavam de arder no cinzeiro. Mudou de expressão e olhou os dois cúmplices com o olhar da Águia de Meaux comparando o facto ao Cisne de Cambraia e M.me Guyon — cena quase mitológica. Depois disse secamente a Maurice:

«— Ninguém se confessa em pijama. Volte para a cama. Amanhã de manhã mando chamá-lo.

«E Maurice saiu. O padre parecia, não Madame Guyron, mas Mérope quando declama: *Bárbaro, ele é meu filho!*

«Hoje o Superior interrogou o nosso penitente da meia-noite, mas sem insistir muito: nem consultou qualquer dicionário como para o senhor de Fersen. Provàvelmente também o padre Lauzon passou por lá, com a dedicação que tu lhe conheces pela família. Maurice, além disso, entrincheirou-se atrás das santas partículas, falando da sua comunhão diária, assim como nós fizemos com o padre de Trennes. Disse que a esta resposta, o Superior apertou a cabeça entre as mãos e ficou assim um momento, perguntando a si próprio onde estava. Efectivamente, como queres tu que ele o saiba, o pobre diabo? Defendem-se dele com as suas próprias armas, mascaram-se com os seus próprios fatos. Aos olhos dele, tu estavas protegido pela capa de S. Bernardino de Sena, com que acabavas de lhe ser apresentado. Em suma, no que diz respeito a Maurice, o nosso homem teve de concluir que a comunhão era uma coisa que não se discutia, e mandou-o embora, aconselhando-o a comungar mais do que nunca, e a nada dizer, bem entendido — a mesma recomendação que te fez. *Motus* geral pelo padre de Trennes. Maurice tinha recomendado igualmente a Alexandre o silêncio do túmulo. Seja como for salvou, como tu, o padre de Trennes e troçou do Superior.

«Uma coisa continua obscura: por que meio o Superior foi arrancado da cama? Nestas histórias há sempre um mistério. Nós nunca soubemos onde tinha sido desencantado o poema de André. Vou acabar por acreditar nos anjos da guarda.

Georges encontrava no tom ligeiro dos outros uma espécie de bálsamo para os remorsos que lhe restavam. Ao mesmo tempo, apertava-se-lhe o coração ao ver a tragédia transformar-se numa farsa. O próprio Maurice mudara-lhe o aspecto! Para os mestres, ela terminara felizmente fazendo ressoar, como *Polyeucte*, o «nome de Deus».

Agora, podia-se falar no dormitório. Lucien inclinou-se para Georges:

— Vou dizer-te um segredo: o padre de Trennes não se converteu. Não teve sequer um movimento de conversão como eu tive às dez horas e trinta e cinco minutos, da noite de seis de Outubro.

— Como sabes?

— Se tivesse renunciado a Satanás, teria renunciado aos nossos pijamas e tinha-os deixado debaixo dos nossos travesseiros, antes de partir.

— Talvez não tivesse tido tempo. Mas depô-los-á aos pés de Hermes de Olímpia.

— Além disso não disse a verdade ao Superior.

— Sim, mas foi por causa de Maurice e de todos nós.

— Há alguns que têm pena dos biscoitos e dos licores.

— Eu tenho pena é de não ter feito mais perguntas ao bom-serás sobre a Antiguidade, a Idade Média e os tempos modernos. Tinha uma cultura interessante. Era qualquer coisa, isto de ser acordado a meio da noite para ouvir falar incongruentemente da beleza...

— ...e impuramente da pureza.

Nesta manhã de segunda-feira realizava-se, antes da missa, a primeira procissão das Rogações. Em duas filas, os pequenos passavam primeiro, os grandes a seguir. Alexandre e Georges lembraram-se da oportunidade perdida na procissão dos Ramos, porque um arranjou maneira de ser o último da sua divisão, e o outro de se colocar imediatamente atrás.

Depois do incidente do mês de Março, nunca mais tinham estado tão próximos numa cerimónia religiosa. Também nunca tinham estado juntos tão cedo ao ar livre.

Os campos brilhavam ao sol. As flores das valas ainda conservavam o perfume da noite. Até aqui, Georges não conhecia as Rogações senão pelo *Génio do Cristianismo*, e era ao génio do Cristianismo que de boa vontade fazia a honra desta procissão poética. Abriu o missal para seguir a ladainha dos santos, e verificou que nem S. Georges, nem Santo Alexandre, nem S. Lucien figuravam na lista. As ladainhas do Santo Nome de Deus trouxeram-lhe, pelo menos à ideia, as férias pascais ao Belo Nome de Alexandre. Em compensação, soube que estava a alcançar trinta anos e trinta quarentenas de indulgências.

Em seguida leu a nota histórica relativa às Rogações: dizia que na antiga Roma havia, na mesma época, procissões em honra dos deuses campestres. No mesmo instante, essas palavras mudaram o curso das suas ideias.

Compreendeu por que razão era sensível ao encanto desta pompa cristã. A sua alma pagã não devia nada a Chateaubriand. Fechou o missal como se tivesse fechado *O Génio do Cristianismo*, e deu livre curso à imaginação. Ia viver a procissão dos Romanos. Os hinos que ouvia eram os da religião de outrora. Os santos que invocavam eram as divindades que ele amava. Os pássaros que voavam nos ares traçavam augúrios. Os ramos de carvalho que tinham posto na cruz das encruzilhadas eram outra vez consagrados a Júpiter. Quando nas estações o padre, vestido de capa roxa, aspergia de água benta os quatro pontos cardeais, Georges admirava Arvale pedindo para a futura colheita a protecção de Ceres.

Alexandre, que ia à frente, juntava ao sonho a realidade. Levava ao pescoço a corrente de oiro dos jovens patrícios, mas o seu fatinho *beige* substituía com vantagem a túnica pretexta.

Na última bênção, o ponto da estrada onde se encontravam os dois amigos fazia uma curva, e um muro escondia-os. Estavam ajoelhados lado a lado sobre os livros de missa, parecendo calcar um símbolo. Georges deixou pender a mão do lado do garoto: ali na erva, tinha o prazer de lhe tocar na perna.

Na segunda procissão tomaram os mesmos lugares. O percurso foi diferente do da véspera.

Georges decidiu imaginar que, desta vez, o espectáculo se desenrolava nos belos dias da Grécia, uma Grécia onde não havia o padre de Trennes. A sua fantasia já lhe mostrara, em ocasiões precedentes, Alexandre em pijama durante as férias, Alexandre, grande senhor no Palácio de Rambouillet, Alexandre, Papa, na capela e, na véspera, jovem romano. Pensava nessas festas da antiga Atenas, nas quais participavam rapazes como estes do colégio, como Alexandre, se pudesse haver algum semelhante a ele. Na frisa do Pártenon, de que tinha visto as fotografias,

avançavam efebos, muitos deles velados pela clâmide, e alguns mesmo sem clâmide. Nas «Gymnopedias» em honra de Apolo e de Jacinto dispensavam também a clâmide. Não era o sol da Eucaristia que Georges via levantar-se sobre os campos, era Apolo que vinha acordar Jacinto, cobri-lo com os seus raios melhor que uma clâmide. O garoto, outrora uma flor, voltara hoje a ser garoto, mas o perfume das flores continuava a impregná-lo. Exalava o perfume da alfazema, mais suave que o do jacinto ao nascer do sol.

Neste terceiro e último passeio na limpidez da manhã, Georges e Alexandre iam separados. A vigilância tinha sido exacta, não fora possível mudar a ordem dos lugares. Não era já através da história, mas através da *Bela Helena* que Georges presentemente evocava o Olimpo. Tinha visto esta opereta e lembrou-se do coro, tão alegre como o de S. Pancrácio:

*Oia Képhalé! Képhalé! Oh! la! la!*
*Oia Képhalé! Képhalé! Oia!*

Cantarolou estas palavras durante um instante, mas o acompanhamento das ladainhas e o andamento da procissão transformavam-lhe o ritmo em marcha fúnebre. Aliás, a *Bela Helena* interessava-o tão pouco como o teria interessado a esta hora as Ambarvais e as «Gymnopedias». Nada lhe parecia melhor do que ser do seu tempo e do seu país. Abandonava-se à carícia do ar e aos odores da terra. Apetecia-lhe pegar na mão de Alexandre, e correr com ele através dos campos.

De tarde houve sessão de barbeiro. Era a primeira vez desde o regresso ao colégio, depois da Páscoa. Georges, que esperava a vez, perguntava a si próprio por que razão este homem nunca dizia nada, e se não o teriam escolhido mudo como outrora os barbeiros das prisões. É verdade

que não tinha nada a perguntar nem a responder. A operação não comportava fricção, nem loção, nem «champô». Só havia aqui as tesouras e a máquina de cortar o cabelo. Cada um contentava-se, ao sentar-se, em dar uma breve indicação sobre o género do corte desejado. E, silenciosamente, o homem deitava-se ao trabalho. Seria assim tão aborrecido por achar que o économo não lhe pagava o suficiente, ou porque não gostava mais dos rapazes do que dos curas? Talvez estivesse sempre calado porque havia lá permanentemente um cura. Temia-se que ele fizesse recados — podia levar cartas, trazer tabaco — ou que dissertasse contra «a fé e os costumes», o que era proibido pelo regulamento. Em suma, confiava-se menos no barbeiro do que na professora de piano, que vinha de fora como ele mas trabalhava sem testemunhas. É verdade que ela ultrapassara há muito a idade canónica e fazia parte da Ordem Terceira de S. Francisco.

«Bastante compridos», disse Georges sentando-se: sem dúvida não era medìocremente vaidoso dos belos cabelos com que a natureza o havia dotado e que penteava cuidadosamente todas as manhãs. O rilhar da máquina de cortar cabelo acompanhava o ruído dos passos do vigilante e o leve tilintar das suas medalhas. O terço do padre de Trennes tilintava do mesmo modo através do dormitório. O padre agora presente também possuiria a Nossa Senhora dos Eremitas, que tinha constituído o principal ornamento da camisola de Lucien? Havia pessoas que usavam medalhas alguns meses, e havia outras que as usavam toda a vida. Quanto ao terço, no Oriente só serve para refrescar os dedos.

Georges baixou os olhos para o penteador: a madeixa loura, inteiramente cortada, acabava de tombar. Sentiu um baque no coração. O barbeiro de Saint-Claude tinha destruído a obra do cabeleireiro das férias. Por que motivo e com que direito sacrificara os seus cabelos? Seria por maldade ou por negligência, fora uma fraude ou um acidente? De toda a maneira, se não fosse a presença do

vigilante, Georges teria injuriado este barbeiro de má raça. Recolheu a mecha na mão fechada, como se fosse o caracol de Alexandre. E lembrou-se do padre de Trennes, que fizera expulsar do colégio para defender o segredo daqueles cabelos louros.

Na estufa, o garoto notou, acima da testa do amigo, o pequeno sítio branco, parecido com uma cicatriz, que o barbeiro tinha feito. Georges pensara bem em descolorar outra madeixa, mas receou que isso o traísse e não queria tornar-se ridículo.

— Aqui está uma homenagem que eu te devia — disse a Alexandre estendendo-lhe a madeixa cortada.

O garoto contemplou os cabelos claros aos quais estavam misturados cabelos castanhos, a cor natural dos cabelos de Georges.

— És tu e eu — explicou.

Perguntou-lhe, em seguida, o que tinha provocado a partida do padre de Trennes. Este acontecimento restituíra aos pequenos o vigilante de outrora — o mesmo sucedendo com os grandes —, mas Alexandre não tinha razão de queixa, tendo obtido sem dificuldade licença para sair. Georges contou que, segundo se supunha, o padre de Trennes fizera as malas depois de se ter zangado com o Superior.

— Agora estou mais tranquilo a teu respeito — disse Alexandre. — Por mim, nada temia.

Georges começou a rir.

— Devias primeiro estar mais tranquilo pelo teu irmão: ele tinha bastantes coisas a temer.

O garoto encostou a cabeça ao ombro de Georges, sentado junto dele:

— Foi ao meu irmão que eu escrevi: «Penso em ti a toda a hora»?

As efemérides assinalavam que o retiro da primeira comunhão começava nessa semana. Só se tratava, evidentemente, de alguns alunos da turma dos pequenos, a quem fora aconselhada pelo prefeito. Georges pensava em Alexandre. O garoto estaria enternecido pela lembrança da sua primeira comunhão? Dizia-se em Saint-Claude que esse dia era o mais belo da vida; o padre de Trennes pretendia, igualmente, que a comunhão do dia de S. Pancrácio era também a mais bela de todas.

Enquanto se preparavam os pequenos para receber o sacramento, avançava-se entre os grandes com os ensaios dos *Plaideurs*[1]. Na querela do século XVII relativa ao teatro, o Superior não seguia os trâmites de Bossuet, uma vez que achava conciliáveis a comédia e a fé. No fundo, admitia as contradições mais surpreendentes, tais como esta: a leitura pública de *Tartarin de Tarascon* e a de *A Vida dos Santos*, a «Mi-Carême» e a oração fúnebre, a expulsão do padre de Trennes e a permanência de Maurice.

Na sessão académica desse último domingo de Maio, tinha-se comemorado o aniversário do antigo aluno, que fora membro da Academia das Ciências, secção de zoologia. O Superior leu, nessa ocasião, a lista das suas obras completas, onde se viam conciliadas também as grandes coisas e as pequenas — havia, ao lado dos trabalhos mais importantes: *Um caso de manha da toupeira.*

Junho começava às mil maravilhas. Quinta-feira, primeiro dia do mês e primeiro encontro do mês. Georges ofereceu a Alexandre um dos cigarros do padre de Trennes (disse-lhe que era um presente de Lucien). Até aqui hesitara em fumá-los, por uma espécie de pudor. Parecia-lhe igual-

---

[1] *Os Litigantes* de Racine — graciosa comédia de crítica aos costumes judiciários no século XVII. *(N. do T.)*

mente que podiam trazer-lhe azar. Mas, censurando-se por ser supersticioso, tinha-se decidido agora. Desejou então associar o garoto a este acto: apesar de tudo, seria dar prazer ao padre de Trennes.

Alexandre deixou arder o fósforo entre os dedos, tanto tempo quanto pôde aguentá-lo.

— Vês? — disse. — É bom sinal quando o fósforo arde até ao fim sem se partir.

Parecia que tinha adivinhado o que Georges pensara e que queria distraí-lo com um presságio. Tinha ficado contente por fumar, mas a seguir não gostou. Tossiu. O cigarro do padre de Trennes foi arremessado ao tronco de uma laranjeira. Georges lembrava-se de ter sentido o odor deste tabaco, uma noite, ao passar pela porta do quarto do padre, porta que se abrira para o irmão de Alexandre e devia abrir-se em seguida para o Superior. A sua filosofia não o impediu de achar desagradáveis estas recordações. Se não temesse parecer um rapazinho, teria imitado Alexandre, arremessando também o cigarro. Era-lhe preciso pensar noutra coisa: retirou da carteira a estampa de Téspis e apresentou-a ao pequeno, que ainda não a tinha visto. Este contemplou-a longamente, encostou-a à cara, deu-lhe um beijo. Colocou-a a seguir na laranjeira junto da qual se consumia o cigarro. O fumo do egipto subia para o amor como um incenso.

Era um domingo interessante por várias razões: assinalavam-no o Pentecostes, a comunhão solene e a saída do mês. E também por ser o primeiro domingo em que os ornamentos eram vermelhos. Tal como na missa do primeiro dia do colégio em Outubro, a cor que triunfava não era a do martírio, mas a do Espírito Santo. Georges, desde essa época, divertia-se a ver nisso um símbolo diferente, e, de agora em diante, podia dizer para consigo que não se tinha enganado.

Na missa solene, viu os pais no segundo banco da nave. Ficou satisfeito por os ver tão bem colocados e de os comparar a outros. Sabia que os pais de Alexandre estavam presentes, mas não os conhecia. Os seus dias de saída passava-os na cidade vizinha, onde o levavam a almoçar, e só voltava no carro depois da partida das pessoas que vinham de comboio. Desta vez ficaria fora menos tempo, porque era obrigado a assistir às Vésperas.

Procurava, em vão, uma semelhança com Alexandre nas fisionomias dos assistentes. Qual daqueles homens teria o aspecto de um médico — pois o pai de Alexandre exercia a medicina? Ao diabo os pais, espirituais ou temporais! Alexandre bastava-se a si próprio. *Ele era,* como o deus em honra de quem tinham gravado sobre o templo de Delfos: *É.*

O oficiante do dia era um bispo *in partibus,* bispo de Pérgamo. O nome da cidade dos Átalos e dos Euménios evocava até aqui, no espírito de Georges, não um bispo, mas um efebo, ao qual um livro da biblioteca paterna fazia alusão.

O bispo de Pérgamo era uma personagem majestosa e gorda, tanto como o cardeal era simples e magro. Tinha feito os seus estudos em Saint-Claude, depois fora aí professor. Sentia-se feliz, sem dúvida, por pontificar nesta casa. Com que orgulho usava a mitra! Não a usava pela glória de Deus, oferecia-a à admiração dos confrades e dos alunos. Entretanto, quando ficava com a cabeça descoberta, era com um ar cheio de bonomia que acariciava o crânio calvo, talvez com o fim de enternecer os confrades e os antigos alunos.

Terminada a missa, Georges foi ao locutório onde os pais de Lucien e os seus conversavam. Olhou em torno da vasta sala cheia de gente, a ver se Alexandre lá estava. Viu-o com o irmão, perto de um senhor e de uma senhora que lhe pareceram muito distintos. Perturbou-se ao ver essas pessoas a quem açambarcara o filho. A mãe tinha pousado uma das mãos no pescoço de Alexandre, à vista

pela abertura da camisa, e brincava com o fio que Georges beijara na primeira entrevista.

Fiasco lamentável nas Vésperas. O pregador do bispo de Pérgamo não tinha estudado retórica na cidade dos Átalos e dos Euménios. Pobre cónego-deão, que agitava, nos seus impulsos piedosos, a bela sobrepeliz de renda, a cruz peitoral, o laço amarelo e branco e a murça debruada de arminho! Deixou cair as lunetas mas apanhou-as no ar. Em certa passagem, gritou tão alto: «Ó Maria!», que os próprios comungantes perderam a compostura. A propósito do Espírito Santo, citou S. Bernardo que havia dito: «O Espírito Santo é o beijo de Deus.» Este beijo era para juntar aos beijos santos do padre Lauzon.

Enfim, em contraste com as celestes doçuras deste dia, o cónego-deão embrenhou-se numa discussão pavorosa do pecado e do Inferno. Fazia lembrar a prelecção do retiro inspirada nos infortúnios de André e ilustrada pelos do homem de Balme. «Fogo em frente, fogo atrás, fogo por cima, fogo por baixo, fogo à direita, fogo à esquerda, fogo por todos os lados, é isto o Inferno! — gritou o orador. — E desse braseiro terrível, aquele que morrer em pecado mortal não sairá jamais, jamais, jamais!»

— Atenção aos sarmentos do teu brasão — disse Lucien a Georges —, não lhes vá atear o fogo!

O Superior parecia consternado: estava-se longe de Bossuet, isto parecia uma receita de *soufflé* com tanto fogo por todos os lados, é isto o Inferno! — gritou o oratranhos. Quem sabe se não lastimava, com o risco de mais algumas noites, que o padre de Trennes não tivesse ficado para pregar neste momento? Teria esquecido que a escolha de um bom pregador é tão difícil como a escolha de um amigo?

No dia seguinte, segunda-feira de Pentecostes, havia passeio. Um passeio cheio de encanto: iam banhar-se ao rio.

Três alunos do primeiro ano, os melhores da turma, estavam atrás de Georges, de Lucien e de Maurice — porque, no passeio, marchavam a três e três. Alguns finalistas falavam de namoricos e de diversões. Um deles, que acabava de dizer: «Não vivo senão para a dança», ensinava a outro a arte de dançar num salão.

— Foste parvo, na Páscoa, ao dançares toda a noite com o mesmo par. Não me admiro nada que vocês se deixem apanhar pelos vossos pais. É preciso dançar com diversas raparigas, e, de tempos a tempos, com as mães.

Ao ouvir isto, Georges e Lucien riram-se.

— Pois aqui — disse Maurice — preferem-se os padres para valsar.

E fez rodopiar em volta do braço o cinto, a que tinha atado, como em submissão ao padre de Trennes, o fato de banho e a toalha.

Naquele sítio do estreito vale, o rio, até ali quase uma torrente, alargava-se pelos prados e fazia uma espécie de lago contornado por salgueiros. Admiraram os gladíolos, que nas margens elevavam flores vermelhas ou brancas.

— Temos que levar uns ramos para o altar de Nossa Senhora — disse o vigilante. — Façam-nos com os gladíolos brancos. O mês de Maria já acabou, mas as flores de todo o ano são uma homenagem àquela que é não só a rainha do Céu mas a rainha das flores: a «Rosa mística».

Estas últimas palavras reuniam nos lábios do vigilante a linguagem do padre Lauzon e a do padre de Trennes.

Os alunos dispersaram-se por detrás das árvores para se despirem. Daí a pouco apareceram, um após outro, em calções de banho. Georges olhava-os com surpresa. Mal os reconhecia, nunca os tendo visto assim, pois os duches eram tomados em cabinas individuais e o traje era bastante recatado no dormitório. Aqui, mesmo os enfezados, não eram desprovidos de graça: parecia que queriam tornar-se garbosos, para honrar o sol e os seus belos companheiros. Este, de ar apatetado, tinha-se transfigurado; aquele, de ordinário tão desajeitado dentro dos fatos, pisava com

elegância a erva áspera. E todos corriam, felizes por terem deixado as roupas, livres, orgulhosos, insolentes. Parecia que retardavam com prazer o momento em que o banho ia tapá-los. Saltavam, batiam com os pés, faziam piruetas, cabriolas, davam cambalhotas, rolavam. Por fim, de um salto, atiraram-se todos à água ao mesmo tempo: fizeram uma nuvem de espuma. Lucien fora com eles, mas Georges sentou-se na margem com as pernas cruzadas: tal o escriba que ia tomar nota dos jogos. Eis as «Gymnopedias».

O vigilante, sem dúvida, também não reconhecia já os seus alunos: julgava-se privado de autoridade sobre estes seres nus e desenfreados. Colhia flores e fazia de conta que nada via. Depois instalou-se ao pé de uma árvore, encomendando-se a Deus. Persignou-se, leu as suas orações, como um santo arrastado pelos demónios para o meio de uma bacanal.

O que se passava era todavia um rito, imutável, como as procissões da semana anterior: o rito do banho. Não já com o fim de solicitar os frutos da terra, mas de expor os frutos do corpo. Estes rapazes tinham regressado ao seu elemento, a natureza.

Os mergulhadores, reunidos sobre um rochedo, levantavam os braços para uma evocação e tombavam religiosamente, um de cada vez. Uns nadavam de costas, outros faziam uma corrida. Alguns deslizavam e às vezes surgiam os seus traseiros reluzentes, ou deixavam-se afundar, e bruscamente reapareciam, jovens tritões lançando água pela boca. Outros, para zombar do abade que não tinha já mais olhos que ouvidos, tiravam os calções um instante e gritavam que os tinham perdido. Lucien, tomado da loucura colectiva, esperneava dentro de água, chapinhava, rebolava-se, galhofava, embriagado por existir. Hoje, até Georges amava o colégio que tinha tais horas.

Não sabia nadar muito bem e não queria que troçassem dele, mesmo fazendo admirar os seus calções castanhos com belas iniciais. Lembrava-se do provérbio latino: «O cúmulo da ignorância é não saber nem ler nem nadar.»

Sentia-se analfabeto. Agora era ele o último da classe. Afastou-se para se banhar mais discretamente. Depois de repetir bastante as lições aprendidas na piscina durante as férias, ficou deitado na água, com a cabeça contra a margem, sob os ramos carregados de amentilhos. Não o descobriam de longe nem de frente. Que agradável refúgio! Era pena estar ali sòzinho.

À esquerda, na outra margem, aproximou-se um barulho tumultuoso: era a turma dos pequenos que chegava. O vigilante dos grandes deixou a leitura e dirigiu as suas «tropas» para a parte superior do espelho de água. Com o breviário numa das mãos, o ramo para a Santíssima Virgem na outra, o chapéu às três pancadas, fazia grandes gestos, sentindo-se talvez feliz por ter um pretexto para retomar um pouco de autoridade.

Georges não se mexia. Em vão se pôs à espreita, procurando distinguir Alexandre. Não lhe restava senão esperar: o pequeno viria ao pé dele, como ao pé do génio escondido do rio.

Com que entusiasmo, apressado pela vista dos grandes, se despiam os novos banhistas! Os primeiros acorriam já, mas o seu ardor fraquejou: tremiam com a brisa, experimentavam a água com o bico do pé, baixavam-se para molhar as mãos, depois os braços e o busto. Vieram outros mais ousados, e mergulharam sem hesitar, salpicando os tímidos. Como aos mais velhos, uma espécie de delírio apoderou-se de todos em pouco tempo. As suas folias afastaram-nos.

Georges não se surpreendeu menos com este espectáculo do que com o precedente. Imaginaria ele alguma vez que em cada um destes definhados internos a vida emanava com tal doçura e tal força? Mas sentia também o que esta nudez revelava de mentira. Estes rapazes, pequenos ou grandes, não tinham levantado ainda todos os seus véus. Os corpos que eles exibiam impudentemente conservavam todo o seu mistério. Neste colégio, onde os padres falavam sem cessar de Deus, cada um era o seu próprio padre, se

não o seu próprio Deus, para a sua religião, digno continuador desses sacerdócios que os Gregos confiavam às crianças.

De repente, não houve mais espectáculo, nem mais pensamentos: só houve uma personagem. No prado, entre os salgueiros, Alexandre avançava vestido com um calçãozinho azul. Tinha colhido um gladíolo escarlate, e divertia-se, conservando-o direito na palma da mão, a andar. O delgado fio de oiro dançava-lhe no pescoço. Os raios de sol levavam-no, a erva mal se dobrava debaixo dos seus passos. Jamais Georges imaginara tão deliciosa visão. «Lembrar-me-ei toda a vida que vi isto, que isto aconteceu.»

Alexandre estava só e aproximou-se das árvores, daquelas que abrigavam Georges. Parecia que tinham escolhido aquele sítio para se encontrar. Os seus caminhos já não podiam conduzi-los senão um para o outro. O pequeno fixava o olhar na turma dos grandes, na esperança, sem dúvida, de descobrir o amigo. Mas Georges preferiu não se mostrar ainda a fim de melhor saciar a vista. Inebriava-o a ideia de que, no mesmo instante, a sua imagem estivesse presente naquela cabeça loura e que um tal rapaz desejasse descobri-lo e ser descoberto por ele. A festa de hoje era autêntica. Ela eclipsava a festa imaginária colocada, no segundo dia das Rogações, sob a égide de Jacinto.

Alexandre dirigia agora o olhar para o lado dos seus condiscípulos. Tinha o braço direito levantado, ao longo de uma árvore, a mão espalmada fechando a boca à ninfa dos bosques oculta nesse tronco, a outra deixando pender o gladíolo até aos pés. «No teu esplendor e na tua beleza, vem, triunfa e reina»: o texto litúrgico previra este momento de glória. Mas o que Georges admirava não era sòmente, como nos outros — mil vezes mais do que nos outros —, sedutoras aparências; já não era o Amor de Téspis: era a divina encarnação duma alma divina, um espírito acima da sua idade, um coração cheio de força e de rectidão, cheio de amizade.

O apito do vigilante anunciava à primeira turma o fim do banho. O pequeno, cuja atenção foi chamada por este sinal, olhou de novo para os grandes. Deu alguns passos dentro do rio, uma das mãos abrigando os olhos do sol. Georges gritou-lhe: «Olá! Olá!» Alexandre voltou a cabeça e corou vivamente. Dum salto, mergulhou, parecendo assim punir a admiração indiscreta de que tinha sido alvo. No seu lugar flutuava o gladíolo, que no tempo das fábulas se teria tomado pela sua metamorfose. Surgiu a escorrer, rindo, e atirou com os cabelos para trás. Duas gotas de água pendiam-lhe das orelhas. Lançou o gladíolo ao amigo. O mais belo dos encontros terminara.

Georges partiu, a longa haste da flor repousando-lhe sobre o ombro como um feixe. Era Alexandre agora que devia olhar. Os calções castanhos agradavam-lhe? Ah! o vigilante acabava de aparecer, inesperadamente, ocupado em completar o seu ramo de rapariga: daria uma reprimenda a quem se afastasse ou atrasasse. Uma amabilidade talvez o abrandasse: Georges deu-lhe, para a Virgem, o gladíolo de Alexandre — um pouco de vermelho faria realçar a brancura do resto.

O mês de Junho era um mês de júbilo. As efemérides marcavam em grandes letras: 6, TERÇA-FEIRA: FESTA DE SAINT-CLAUDE.

O bispo ficara, desde domingo, para presidir à cerimónia.

Georges sentira-se orgulhoso quando, ao regressar do banho, o prefeito o incluíra entre os meninos de coro que ajudariam à missa cantada. No dia seguinte, ao dirigir-se à capela, lamentava que os pais não estivessem lá novamente. Lamentava, ainda mais, que Alexandre se encontrasse no último banco. Ter-se-ia exibido diante dele com capa e murça de púrpura, como no dia anterior, em calção de banho.

Ficou impressionado com o perfume das flores, com que acabavam de ornamentar profusamente os altares.

Parecia-lhe entrar numa estufa ainda mais aromática que a de lá de cima. Esta era representada pelas plantas verdes dispostas à volta do coro. As plantas tinham figurado muitas vezes no recinto, mas hoje causavam-lhe uma impressão diferente: parecia-lhe que comparecia a um outro encontro. Abriu a porta da sacristia e viu Alexandre entre os acólitos ocupados em vestirem-se.

André e Lucien tinham-se encontrado junto do altar, devido ao pregador que aparecera na reabertura das aulas. Georges e Alexandre encontrar-se-iam devido ao bispo de Pérgamo. Nem um nem outro transportava o turíbulo, mas parecia a Georges que todas as honras da cerimónia lhes eram dirigidas: a Alexandre mais ainda que no dia do cordeiro, e a ele ainda mais que no domingo da incensação. Era para assinalar essa vitória que o faustoso monsenhor vestia a túnica, a dalmática e a casula doiradas. Já não eram triunfadores secretos, triunfavam pùblicamente. A missa do padre de Trennes em nada se comparava com esta. Antes de sair, Georges teve a ousadia de ajustar ràpidamente o pequeno capelo de Alexandre. Na sacristia não havia ninguém a recear.

Todavia, havia alguém a manejar, pelo menos na capela: o padre Lauzon, que estava sempre em Saint-Claude, era professor de Matemática, director da congregação, confessor de Georges, de Alexandre, de Lucien e *tutti quanti* [1].

Presentemente, que pensaria ele dos dois primeiros? Deplorava a ligação ou estava elucidado quanto ao procedimento? Diria, como o padre de Trennes, que aqui era-se às vezes muito ingénuo e que deviam tê-lo consultado? Ou diria antes que tinham feito bem em escolher, para a maior solenidade do colégio, dois rapazes de tão boa aparência? Talvez lhes confirmasse a promessa de recomeçar a amizade. O sol, atravessando o vitral, coroava-os de pedras preciosas: uma vez mais, as palavras litúrgicas não

---

[1] Todos, sem excepção. Em italiano, no original. *(N. do T.)*

tinham mentido. Aos pés da Virgem havia gladíolos trazidos do passeio. Apenas um era vermelho.

Nas Vésperas, o panegírico de S. Claude foi seguido de uma procissão até à gruta onde se encontrava a estátua. Faziam ressoar o cântico do dia:

*Salve, digno e venerado pai!*
*Sobre os teus filhos, Claude, lança os olhos!...*

O cortejo parou diante da estufa, debaixo da qual estava cavada a gruta. Alexandre, com um olhar, mostrara a Georges as laranjeiras que, lá em cima, ornamentavam o terraço — tinham aproveitado a circunstância para as pôr ao ar. O bispo de Pérgamo avançou com os diáconos, depois, erguendo a cabeça como se olhasse o terraço, benzeu aqueles lugares respeitados. Provàvelmente no ano anterior André e Lucien tinham apreciado o mesmo espectáculo.

Dois dias depois, Georges e Alexandre avistavam-se na estufa. Evocaram os dois últimos encontros fortuitos. O garoto parecia um pouco sonhador. Abriu a mão esquerda e olhou atentamente a palma.

— Acreditas nas linhas da mão? — perguntou a Georges.

— Sim, se anunciam coisas boas.

— Esta tarde, durante um passeio, um colega leu as minhas e previu que eu morria novo.

— Olha o imbecil! Sem dúvida tem ciúmes de ti e quis inquietar-te. Não penses mais nessas idiotices. Tinham profetizado a Voltaire que ele morria cedo e morreu octogenário.

Pegou nas pequenas mãos e, inclinando-se como se fosse examiná-las, beijou-as.

— Pronto — disse. — Esconjurei o destino.

Fora quase assim que Alexandre tinha falado, outro dia, a propósito do fósforo. A alegria voltara-lhe e revelou

a Georges que desempenharia o papel de pajem em *Ricardo Coração de Leão*: era uma peça curta, com cantos, com que a sua turma contribuía para a festa da distribuição de prémios. Felicitaram-se por este novo favor do destino. Isso dava-lhes oportunidade de se encontrarem, por aqui e por ali, durante os ensaios gerais ou nos bastidores. Sentiam-se protegidos pelas suas próprias pessoas. Eram indispensáveis ao decoro da casa. Já não havia festas sem eles. Se o padre Lauzon não fora ainda subornado pela causa deles, sentia-se ultrapassado pelos acontecimentos. Concluiria, aliás, que estando próximas as férias podiam deixá-los reatar alguns laços, porque no começo das aulas encontrar-se-iam de uma maneira definitiva.

Alexandre já tinha visto o traje: gibão encarnado, calções brancos, gorro emplumado. Estava contente com o gibão encarnado. Gostava mais dele que da capa de acólito.

— Usarei a nossa cor — disse —, ou melhor, a tua cor. Sou o teu pajem, visto que és nobre! Olha! Nunca tinha pensado na tua nobreza desde que te conheço, desde que não és para mim «De Sarre», mas «Georges». É bonito ser-se nobre.

— Menos que ser belo, meu belo pajem.

— Tu deves ter brasão, como Ricardo Coração de Leão.

— Oh! O meu é certamente menos assustador: uma pobre fogueira de madeira seca.

Não queria dizer «cepa» com receio de que no espírito do garoto o nome se associasse à ideia de «mentira», ainda que esta graça fosse apenas heráldica.

— Madeira seca! — exclamou Alexandre. — Pois bem! Sou eu quem alimentará a tua fogueira: «Não há fogo senão com lenha verde.»

— Falas do fogo como uma salamandra. Vives no fogo sem o saberes, mas isso é outra história.

— Há ainda outra história de fogo. Ensinaram-no-la outro dia na aula de Grego: é a de um menino de Elêusis, que uma deusa mergulhava no fogo para torná-lo imortal.

Na tarde desse domingo, 11 de Junho — exactamente a um mês de férias —, realizou-se o primeiro ensaio de *Plaideurs*. Como os alunos dos últimos anos estavam absorvidos com a preparação dos exames, foi principalmente entre os alunos do segundo e do terceiro que se recrutaram os actores. Georges era Léandre, e Lucien, Isabelle. A atribuição deste último papel fora uma vitória de Georges. Quanto a si, concordara logo que o sondaram, mas depois ficara inquieto: ainda se não sabia quem fazia de Isabelle. Havia no quarto ano algumas caras bonitas entre as quais hesitava o prefeito, organizador da representação. Georges pedira a Lucien que se propusesse e Lucien fora aceite. Léandre não queria dizer delicadezas, mesmo em nome de Racine, a um travesti de que Alexandre poderia ter ciúmes. Com Lucien, a coisa não tinha consequências. Seria apenas mais uma farsa. O prefeito podia abençoar este par do teatro, se o bispo abençoara o da estufa.

As religiosas tinham vindo para se encarregarem dos últimos retoques e dos diversos enfeites que se experimentavam. Georges estava tão contente com o seu fato branco e doirado como Alexandre o estivera com o gibão encarnado. Escolheu a cabeleira mais loira possível e, contra todas as tradições, fez pôr a Isabelle uma peruca castanha. Pensava no garoto que, durante esse tempo, tomava banho no rio, mas não se queixava por ficar aqui retido. Agora que os duches estavam suspensos, tinha-se decretado, após a confusão da segunda-feira de Pentecostes, que os mais velhos iriam tomar banho às quintas-feiras e os mais pequenos aos domingos. Georges e Alexandre prometeram tomar sempre banho no sítio onde se tinham visto.

No encontro de quinta-feira, falaram das férias. Entendiam que não deviam deixar passar os três meses sem se verem. Sabiam que as respectivas famílias propunham-se

ir para a beira-mar, a partir do fim de Julho, mas ignoravam ainda quais os locais escolhidos. Era preciso informarem-se o mais cedo possível. Georges dizia antecipadamente que faria ir os pais para onde quisesse. Se, no Verão passado, Lucien e André tinham conduzido tão bem um projecto semelhante, eles fariam o mesmo. Poderiam recusar-lhe alguma coisa, com os prémios que teria? Via-se já no meio das ondas junto de Alexandre.

— Então — disse — saberei nadar — tu já sabes — e iremos pelo mar até bastante longe. Depois, ficaremos muito tempo deitados na areia, ao sol.

— Sim — concordou Alexandre com uma voz estranha. — E, trocaremos os nossos fatos de banho.

Esta frase, com que terminara a conversa, chocara Georges. Não a realçara mas pensou nisso, à noite, na cama. Havia aí um ponto de partida, não para o mar amigável, mas para o «mar perigoso» da carta do Terno. Recordava-se do padre de Trennes sugerindo-lhe a troca de pijamas com Lucien. E este miúdo, que não tinha ainda treze anos, concebia uma ideia da mesma ordem! Teriam as recordações do banho agido sobre a sua imaginação e provocado esse pequeno acesso de febre? Ou isso ligava-se à atmosfera verdadeiramente de estufa quente em que se desenvolvia a intriga? O padre Lauzon não se enganava: o que é clandestino corre o risco de tornar-se desagradável.

Na procissão do Corpo de Deus, os dois amigos não eram meninos de coro nem mesmo vizinhos. Tantas procissões! Ao menos esta era enriquecida pelas indulgências, como a das Ladainhas — a de Saint-Claude só tivera os seus próprios méritos.

Atravessaram a aldeia. A estrada estava juncada de flores de giesta e Georges sentia prazer em pensar que Alexandre caminhava sobre esse tapete perfumado. Vários altares tinham sido postos em frente das casas. As portas eram encobertas com ramos de cerejeira ou de fetos, através dos quais se viam pegadas de coelho. À aspersão, alguns aldeãos avançaram a fim de receber, nas mãos, uma

gota de água benta, e beijaram-na piedosamente. Mulheres velhas estavam ajoelhadas sobre os lenços. Um homem gordo, de pé, com as mãos atrás das costas, olhava tudo isto com um ar embrutecido.

No regresso, rebentou a maior algazarra que Georges ouvira até então: o vigilante dos mais pequenos tinha-lhes feito cantar o *Sacris Solemniis*, e no mesmo momento o dos mais velhos dera o sinal para o *Lauda Sion*, enquanto o coro começava o *Pange Lingua*. Após um instante de cacofonia, os pequenos juntaram-se e recomeçaram o *Lauda Sion*, exactamente quando os crescidos acabavam de mudar e os do coro continuavam. Como é natural, todos fizeram durar o equívoco o mais possível: enquanto o mestre-de-capela corria dos pequenos para os crescidos para dar unanimidade ao hino, o coro dividira-se em favor dos outros dois.

Na quinta-feira, como da penúltima vez, o miúdo estava pensativo. Georges perguntou-lhe se ele pensava ainda nas linhas da mão.

— Tenho vergonha do que te disse antes de nos separarmos — respondeu Alexandre. — Em férias, não trocaremos os nossos fatos de banho.

Georges sorriu. Estava encantado por o garoto se ter sabido corrigir.

— Como eu gosto de ti! — exclamou. — Confesso-te que ficara bastante chocado com a tua proposta, mas duvidava que tivesses compreendido o sentido.

Alexandre parecia também muito feliz. Há pouco, a conversa sobre as coisas que não é preciso saber, ou que pelo menos não é preciso fazer, acalmara-o a respeito de Georges, e agora tranquilizara-se a ele próprio. Nada podia obscurecer a amizade deles.

— Pensei numa compensação — recomeçou o garoto —: é que compremos fatos de banho encarnados. Distingui-

remos cada um por um sinal — uma flor bordada, por exemplo, ou por iniciais, como no teu.

— Bravo quanto ao fato de banho encarnado! É o uniforme dos lutadores. Mas admiro-me que tenhas reparado nas iniciais de que falas e que são do mesmo tom.

— Em ti, reparo em tudo. Antes de cada encontro divirto-me a imaginar se trarás a gravata vermelha, uma camisa azul, ou branca, ou uma *beige*, ou cor-de-rosa, ou cinzenta — conheço-as de cor. Prefiro as tuas camisas azuis: são as que te ficam melhor.

— E a ti, igualmente — disse Georges. — Nada te fica tão bem como os teus calções azuis.

Alexandre pôs um dedo sobre os lábios num gesto de silêncio.

— Psiu!

Havia nova acumulação nesse domingo: celebrava-se ao mesmo tempo a festa do Superior e a do Sagrado Coração. Esta ocorrência era o resultado de uma carambola: o Superior chamava-se João, a sua festa era portanto a 24, que calhava a um sábado, mas tinham-na mudado para sexta-feira; por outro lado, haviam transferido para a quinta-feira seguinte o grande passeio, que era a consagração tradicional da festa do Superior. Com o Superior impunha-se um pouco de complicação.

No estudo dos mais velhos, um finalista apresentou-lhe os votos previstos pelo regulamento, como os do novo ano. Respondeu desejando aos alunos a chama e a luz interiores de que a natividade do Precursor é o símbolo. Depois foi ao estudo dos mais pequenos ouvir e dizer possìvelmente as mesmas coisas.

Georges pensava no curso de astronomia religiosa que o Superior fizera na manhã do dia anterior, na festa de S. João pròpriamente dita: essa festa marca o ponto culminante do curso anual do sol que, a partir dessa data, começa a descer; S. João dissera ao falar do Salvador:

«É preciso que Ele cresça e eu diminua.» Na verdade, a Natividade de Jesus, de que a deste santo é o prelúdio, inicia a época em que o sol recomeça a subir.

«O meu sol, o meu salvador — pensava Georges — apareceu no meu horizonte pelo Natal, mas nunca declinará.»

Durante a procissão do Sagrado Coração, leu no livro, entre os versículos da antífona, estas palavras que pertenciam à sua história: «Coloca-me como um selo sobre o teu coração, sobre o teu braço.»

O garoto e ele tinham lacrado um selo inquebrável. Não era o do poema do Bem-Amado: era a pequena ranhura que tinham feito no braço, a fim de trocarem as almas com algumas gotas de sangue.

Tudo parecia fácil a Georges. Já não acreditava em nenhum perigo. A perspectiva das férias e a plenitude do coração tornavam-lhe os obstáculos desprezíveis. Dirigindo-se à academia, passou pela sala de estudo dos mais novos e parou propositadamente em frente de certa janela aberta. Olhava Alexandre, que a presença do vigilante impedia de sorrir, tal como Georges fora impedido, do alto da cadeira, por causa do padre Lauzon e principalmente por causa do padre de Trennes. Um raio de sol atravessava a sala e acariciava-lhe os cabelos loiros. Como estava longe o tempo em que Georges contemplava o garoto às escondidas, por detrás dos vidros embaciados nas tardes de Inverno, e aquele em que, ao acabar de receber o seu primeiro bilhete, descrevera cheio de lirismo, na sua carta semanal, o mesmo raio de luz que atravessava a sala de estudo. Actualmente, mesmo no colégio, achava-se tão livre como em sua própria casa, onde sem se esconder lia os bilhetinhos de Alexandre. Fora o pálido sol de Fevereiro que iluminara, no começo, a amizade deles, que era doirada como um fruto amadurecido pelo primeiro domingo de Verão.

Na congregação não desistiu da sua audácia. Sentia-se ainda mais ardente que após os cinco actos da *Polyeucte*. E a vitória sobre o padre de Trennes fazia-lhe olhar de

alto o padre Lauzon. Em vez de ficar no seu lugar habitual, misturou-se com os congregantes do quarto, imediatamente atrás de Alexandre. Abrindo o livro, enquanto estava ajoelhado, deixou cair um santinho sobre as pernas do garoto. Este voltou-se, mas vendo Georges não ousou apanhá-lo. A coragem mudava de campo. Georges, baixando-se, beliscou a barriga da perna que acariciara nas ladainhas.

O grande passeio era digno deste nome. Durava um dia inteiro, durante o qual as duas turmas estavam juntas. Deixava-se o colégio de manhãzinha, levava-se almoço e merenda e só se regressava ao cair da noite. Tal como no ano anterior, devia ir-se alguns quilómetros para lá de Saint-Claude, a uma propriedade que possuía a família de um aluno do segundo ano, o Dandin de *Plaideurs*. Lucien dizia ter apreciado imenso a hospitalidade que aí recebera, mas não era nem pelo parque nem pelo castelo: era pela cabana do jardineiro, onde permanecera com André durante uma hora. Além disso estivera adoentado, porque fumara demasiado.

— Ali — disse a Georges — a vigilância não é fácil. É a tua vez de aproveitares. Reatarás a tradição da cabana depois de a teres reatado na estufa.

Graúdos e miúdos encontraram-se à saída, mas tomaram estradas diferentes. Georges e Alexandre fizeram um sinal amistoso, que era o anúncio do encontro. Que belo dia! Seria completo. Georges caminhava com alegria. Parecia-lhe que nunca existira ninguém tão feliz como ele.

Os alunos seguiram em fila indiana, por um estreito atalho que subia a montanha. No cimo, donde saltava uma cascata em turbilhões, a poeira da água refrescou-os. Georges nunca viera até estas paragens. Tudo o encantava. Mais longe, muitas lajes, vestígios de uma estrada romana, conduziam ao caminho por onde os miúdos deviam chegar mais singelamente. Georges pensava naqueles que, noutros tempos, tinham percorrido o mesmo caminho, alguém que

se tivesse parecido com ele, um amigo encontrando o amigo que o esperava, como aquele de que Pompeia conservou a inscrição impaciente. Esta via parecia-lhe destinada, desde a antiguidade, a levá-lo junto de Alexandre. Rodeavam-na campos de algodão, uma cultura singular da região, que constituía uma novidade dos donos do castelo para onde se dirigiam. Andava-se sobre flocos empurrados pelo vento.

— Depois de Roma, eis o Egipto — disse Georges a Lucien. — Viajamos muito.

— Não te esqueceste dos teus egípcios?

— Não. Fumarei na cabana, mas sem ficar doente, espero.

Chegaram por fim a uma alameda de carvalhos, na extremidade da qual se erguia o castelo que era o fim do passeio. A vasta construção, na qual Georges não encontrou estilo algum, não lhe lembrava nada o castelo familiar onde ia passar uma parte das férias. «Há castelos e castelos — pensava — como há beijos e beijos, etc.... etc....» Muitas janelas estavam entaipadas; era, dizia-se, para baixar os impostos. A turma, agrupada junto do patamar, assistiu às felicitações do Superior e dos hospedeiros. Junto deles, o filho da casa empertigava-se.

Lucien afastou Georges, para lhe mostrar ao longe, num pinhal, a famosa cabana.

— Lá está ela! — disse.

E o gesto pomposo com que acompanhou esta palavra, fê-los rir.

Alguns minutos depois, chegavam os mais pequenos. Os chefes de turma dos dois grupos, rodeados pelos colegas, juntaram-se imediatamente para estabelecer o programa das competições. Enquanto escutavam o que se dizia sobre as corridas de sacos, corridas de ovos, corridas de tesoura e outras, Georges escapara-se para junto de Alexandre e apertava-lhe suavemente a mão. No tumulto das discussões disse-lhe ao ouvido:

— Não participes em nenhum concurso. Seguir-me-ás à distância, depois do almoço, quando começarem os jogos.

Estava ansioso por que o almoço terminasse e nunca mais acabava. Os donos do castelo tinham tido a delicadeza de mandar distribuir café gelado. Isso obrigá-los-ia, talvez, a tapar outra janela. No meio do grupo, o ecónomo fornecia estatísticas de tudo o que se comera nesse ano em Saint-Claude: tantas toneladas disto e daquilo... Entretanto, arranjavam lugar ao longo de uma grande avenida.

Georges fez sinal a Alexandre. Sem voltar a cabeça, avançou ràpidamente à frente dele, parou e, oculto por uma árvore, olhou com precaução. Quando o garoto se aproximou, gritou-lhe: «Para a cabana!» Recomeçou a fuga de árvore em árvore e penetrou na casita. Alguns instantes depois entrava Alexandre. Georges nem o ouvira chegar; as agulhas de pinho que cobriam o chão tinham amortecido o ruído dos passos.

Examinaram os seus domínios, que uma janelinha sem postigo iluminava. Uma selha virada fazia as vezes de banco; empurraram-na para a parede com os instrumentos de jardinagem e estenderam-se lado a lado sobre uma cama de palha que parecia destinada para os receber. Tiraram os casacos. O garoto, que trazia uma camisa de manga curta, mostrou a Georges a pequena cicatriz da cerimónia de Abril. Ficou muito orgulhoso por conservar esta marca que desaparecera no amigo.

— A ideia das nossas férias preocupa-me — disse Georges. — Para que nos possamos encontrar é preciso que nos possamos corresponder. Tenho pensado muito nisto e só vejo duas maneiras: a primeira é o sistema da posta-restante.

Alexandre perguntou se, na sua idade, era autorizado a receber correio na posta-restante. Georges ignorava-o. O garoto confessou que teria vergonha de ir levantar as cartas. Aquelas coisas não eram vigiadas pela polícia?

— O outro meio é mais seguro — explicou Georges — e permite-nos ficar em família: consiste em fazer entrar

Maurice no jogo, de forma a consentir que eu te escreva sob o nome dele.

«Que queres? A nossa amizade vai deixar de ser secreta. No regresso das férias, será um facto público. Porque não havemos de confiar-nos já a alguém que nos será bastante útil? Acalma-te, eu sei o que devo dizer a Maurice, como sabia o que podia dizer a Lucien. Quanto às minhas cartas, seguirão em sobrescrito duplo e, além disso, pedirei ao teu irmão a sua palavra de honra de que nunca as abrirá. Não pode recusar-me nada. Tenho vantagens sobre ele por causa de pequenas histórias das aulas — oh! nada de grave, mas enfim, tenho-o na mão.

Deixando-se convencer, Alexandre não manifestou nenhuma curiosidade por tais histórias. Georges felicitou-se. Lamentaria ter de evocar aqui outra vez o padre de Trennes, mesmo através de um acontecimento fictício.

Os projectos de férias dos pais, tal como os dois amigos os tinham feito determinar na última carta, infelizmente não correspondiam: a família de Alexandre escolhia a Côte d'Azur e a de Georges a costa basca. Mas Georges não se inquietava muito.

— Farei trinta por uma linha para mudar de costa — disse. — Maurice ser-nos-á precioso, mais do que nunca. Direi que preciso de encontrar-me com ele e com outros colegas e que é uma reunião patrocinada pelo colégio.

«Saberás, sem dúvida, no dia da distribuição dos prémios, a que estância balnear os teus pais decidiram ir. Se, por acaso, ainda não tivessem escolhido, informavas-me por carta o mais cedo possível, e eu manteria os meus em suspenso até lá. Aliás, não interessa: onde quer que eu esteja e tu te encontres, juntar-me-ei a ti.

— Terei certamente alguma coisa a dizer-te na véspera do dia 16 de Julho. Adivinhas porquê?

— És muito gentil por pensares já no meu aniversário. Eu também não esquecerei o dia 11 de Setembro, festa de S. Jacinto. Tu, ao menos, nasceste bem. Eu vim ao mundo vinte e quatro horas mais cedo. A 16 de Julho,

tenho a escolher, segundo os diversos calendários sagrados ou profanos, entre S. Hélier, S. Hilarião, S. Alão, Sta. Estela, Sta. Reinelde, Sta. Maria Madalena Postel e a comemoração de Nossa Senhora do Monte Carmelo — como vês estudei bem o meu caso. E com tantos santos esqueci-me de S. Aleixo que é no dia seguinte. Que pena! Aleixo e Jacinto não foram feitos para se entenderem?

O pequeno pediu a Georges que repetisse o primeiro do aranzel de nomes que citara e depois disse-lhe:

— Julgo não te ensinar dizendo que, segundo a etnologia, Hélier é o Sol. E tu ensinaste-me que o sol era amigo de Jacinto.

Calaram-se um momento. Georges saboreava com delícia a presença desse garoto deitado junto dele e que não via. Tinham ficado de costas, voltados para a janela que projectava o sol. Os ramos de pinho teciam a sua rede delicada num pedaço de azul. Os gritos dos jogos oficiais, que se ouviam ao longe, pareciam tornar mais agradável esta solidão. A voz de Alexandre elevou-se novamente, fluida e suave:

— À noite, na cama, vejo as estrelas através da janela aberta. Falo-lhes de ti.

Georges demorava a responder, querendo prolongar a ressonância dessas palavras. Por fim disse:

— Não irei para férias sem ter conhecido o teu lugar no dormitório: deve fazer parte das minhas recordações deste ano.

Alexandre indicou a fila, o tipo das toalhas, a cor da colcha.

— Já pensaste — continuou Georges — que no próximo ano teremos o mesmo dormitório? Não há possibilidade nenhuma de sermos vizinhos, porque se fica por anos, mas ver-te-ei deitar. Sorriremos um para o outro antes de se apagar a luz. Quando acordares, com o cabelo em desalinho, os teus olhos procurar-me-ão imediatamente. Na sala de estudo, como és do quarto ano, ficarás à minha frente. Iluminarás o meu trabalho. Para que a tua caligrafia se

confunda com a minha, dar-me-ás os mata-borrões que usares.

«Os recreios não nos permitirão falar muito — devemos ser amigos discretos —, mas teremos assim uma correspondência diária. Mando-te um bilhetinho de manhã e tu envias-me um à tardinha. Na capela, não ficaremos muito afastados se agruparem as vozes. No refeitório, bastará fazeres-me um sinal quando quiseres que eu te guarde a sobremesa, mesmo que não seja a dos professores. Dar-te-ei da minha merenda.

«Nesta estação, banhar-nos-emos juntos nos dias de passeio, logo que terminem as férias. O colégio será, para nós, férias perpétuas. Será o paraíso dos teus treze anos e dos meus quinze.

Alexandre disse num murmúrio:

— Amo-te mais que a própria vida.

Julgaria ainda esta criança falar apenas a linguagem da amizade? Georges voltou-se para ele. O garoto, que fechara os olhos, abriu-os muito, como se tivesse acordado de um sonho e endireitou-se.

— Vamos fumar um cigarro — disse.

— Queres acabar de me embebedar?

— Quero embebedar-me.

Georges tirou da algibeira do casaco o maço egípcio. Acendeu os dois cigarros e, alguns momentos depois, propôs a troca. Alexandre aceitou sorrindo.

— Não é mau! — disse.

Divertiu-se a atirar o fumo sobre Georges que lho devolvia. Cada um procurava evitar o rolo de fumo que o outro lhe atirava. Riam da brincadeira que se travava sobre a palha.

De repente, uma sombra interceptou a luz da janela: era o rosto do padre Lauzon. Alguns segundos depois, empurrava a porta e entrava na cabana. Georges, de um salto, pôs-se de pé. Alexandre levantou-se lentamente.

A fisionomia do sacerdote não denunciava cólera mas dor e desgosto. Tinha na mão o breviário — com um dedo

marcava a página. Contemplava a palha onde os dois corpos tinham deixado marcas. Apagou com um pé os cigarros que fumegavam a um canto — os cigarros do padre de Trennes, iguais aos que o Superior vira no quarto deste, na noite em que Maurice fora seu hóspede. A chegada do padre Lauzon à cabana correspondia à do Superior ao quarto do antigo vigilante.

E agora, iria o padre conduzir Alexandre e Georges à sua frente, vergonhosamente, como dois ladrões empurrados por um polícia? Pô-los-ia de joelhos contra uma árvore, em presença de todo o colégio? Talvez se julgasse autorizado a dar-lhes um sopapo. Mas limitou-se a pronunciar estas palavras com tristeza:

— Que desgraçados rapazes!

Alexandre, indiferente até aqui, sorriu com impertinência. Georges apressou-se a intervir como o fizera no dia em que os tinham posto frente a frente.

— Peço desculpa... — disse.

Com um gesto, o padre interrompeu-o:

— Vamos, juntem-se aos vossos colegas.

Vestiram os casacos. Georges olhou maquinalmente o relógio de pulso: três e meia. Era uma hora de que se recordaria. O maço de cigarros caiu da algibeira. Não ousou apanhá-lo.

O garoto afastou-se num passo rápido, achando conveniente deixar-se distanciar. Deitou uma olhadela a ver se o padre os seguia. Distinguiu-o no vão da porta, fixo, semelhante a uma estátua de sal.

Alexandre esperava Georges não muito longe dos colegas. Com um ar orgulhoso, disse-lhe:

— Para nós, isto não conta.

Mas Georges tinha o pressentimento de que, a partir de agora, necessitava contar com alguém e que os dias de felicidade estavam contados.

Alcançaram os grupos sem se fazerem notar. Lucien perdeu ràpidamente o sorriso malicioso com que recebera

Georges. Escutou-o com um ar acabrunhado, mas refez-se depressa.

— É evidente — murmurou — que o caso está feio. Mas tu e o miúdo têm sorte: a de serem surpreendidos exactamente pelo padre Lauzon, que é o vosso confessor e amigo dos Motier pai e filho. Já vos salvou uma vez; recentemente safou o Maurice que estava numa situação muito mais crítica. Merece a medalha de salvação como nenhum de vós mereceu a da congregação. Repara que não vos infligiu nenhum castigo. Tem maneiras próprias para convosco. Isso resolver-se-á com muitos *mea culpa* na *Adoração do Cordeiro.*

O padre aproximava-se lendo o breviário, provàvelmente a vida dos apóstolos Pedro e Paulo. Georges recordava-se das primeiras palavras que ele lera nessa manhã no ofício destes apóstolos, e não lera muito: «Vós experimentaste-me, Senhor, e conheceis-me. Sabei o que eu sou, sentado ou de pé.»

Regresso triste do grande passeio. Georges via nele uma ironia amarga: o grande passeio tinha sido o mais funesto de todos os passeios da sua vida.

Tinham trocado os itinerários. Era a vez de Alexandre seguir pela estrada romana através dos campos de algodão. As filas não iam rigorosamente alinhadas; talvez fosse só, entregue aos seus pensamentos, uma vez que não tinha confidente com quem tentar distrair-se, e talvez compreendesse por fim que o acontecimento era grave. A amizade que ele e Georges tinham julgado eterna, como Roma ou Atenas, tornava-se joguete dos ventos, simples tufo de algodão.

Atrás de Georges e Lucien, Maurice divertia-se em alegre companhia. Tinha ao mesmo tempo maiores e menores razões que ele não pensava para estar contente: aquele que fizera falhar o projecto de o mandarem embora com o padre de Trennes, encontrava-se também na iminência de ser expulso, mas com o seu irmão. Não imagi-

nando sequer tais problemas, Maurice repetia num trejeito de valsa:

*Loira sonhadora,*
*Doce encantadora,*
*Fazes flutuar*
*O perfume de um beijo...*

Quando decorou bem todas as palavras e a maneira própria de as dizer, exclamou:

— E dizer que nos fazem saber de cor imbecilidades quando existem coisas tão bonitas! É menos belo que Richepin, mas tem música. Este Verão vou ter lições de valsa. Serão os meus exercícios de férias.

— Recordas-te — disse Georges a Lucien — do que ele afirmou outro dia sobre os padres que fazem dançar? Eu também entro na dança.

— Meu caro Sardinet — disse afectuosamente Lucien — estou cheio de remorsos para contigo. Se eu não te tivesse indicado essa maldita cabana, nenhuma desgraça teria acontecido.

— Deixa-te disso! A culpa é do jardineiro que não varreu as agulhas do pinho. Além disso, devo-te igualmente a ideia dos encontros na estufa, que nunca foram descobertos.

Não podia dizer a Lucien que os seus escrúpulos eram supérfluos, visto que fora ele a causa da desgraça de André. Estavam quites.

Perto de Saint-Claude, Georges reparou nos ramos cortados que estavam à beira do caminho, recordação da festa do Corpo de Deus. Já tinham passado por ali de manhã mas não os vira: levava os olhos erguidos para a montanha.

Voltava vencido à casa que deixara triunfante. Parecia-lhe que tudo se alterara, que a vida deixara de existir, que só havia pedras. O colégio cessara de ser um jardim encantado e nunca seria o Paraíso que prometera a Alexandre. Gostaria de ter visto estas paredes em ruínas

como desejara que os cigarros tivessem deitado fogo à cabana.

O jantar foi animado. Até o Superior, com a cabeleira em desordem, possuía um ar vivo! Georges tinha ainda menos fome que na véspera da expulsão de André. Devia ser, com Alexandre, o único a quem o grande passeio não abrira o apetite.

Olhava, numa das mesas vizinha, o aluno cuja propriedade servira de quadro a esse dia e que era seu par em *Les Plaideurs*. Aquele regressara engrandecido por torres, bosques, café gelado e campos de algodão. E na cabana do jardineiro dele, a amizade mais bela do colégio estivera em perigo.

No dormitório, Lucien procurou novamente reconfortar Georges.

— Pergunto a mim mesmo — dizia — como podes inquietar-te. Esqueces quem és? Pensa que daqui a doze dias recebes o prémio do aluno mais distinto, mais aplicado, e outras coisas mais. Os padres estão encantados por terem um nome como o teu à cabeça da classificação. Durante o ano, viram-te brilhar em todo o lado: na academia, na congregação, no coro da festa de Saint-Claude, na cátedra[1] do refeitório e em osso no teatro. Não querem senão conservar-te, deixar fazer-te o que quiseres. Mas é a ti que cabe saberes aproveitar-te, tirar partido das tuas vantagens. Pensas que vão expulsar-te. No teu lugar, pelo contrário, eu punha as minhas condições para ficar.

«Quanto a Alexandre, o padre Lauzon deve fazer por conservá-lo também preciosamente. É mesmo obrigado a isso, depois de ter respondido por ele ao Superior, há cerca de três meses. Por outro lado, não arranjara as coisas junto da família durante as últimas férias? Pois bem! Aqui também não pode fazer nada, meu caro. Seria con-

---

[1] Há aqui um jogo de palavras entre *chaire* (cátedra) e *chair* (carne). *(N. do T.)*

fessar que é um lorpa. Admitamos que ele não receia desdizer-se aos olhos do Superior e receber uma sanção: os pais nunca compreenderiam que ele tivesse arranjado as coisas na Páscoa e estragado tudo na festa da Santíssima Trindade.

«Não, repito-te, a história de hoje, à imagem e semelhança da anterior, dará origem apenas a conversas. Tu e Alexandre serão embranquecidos num banho de água benta. A partida será mais difícil no próximo ano mas será para vosso bem. A vossa amizade adormeceria nas delícias de Cápua. Sereis obrigados a estar constantemente atentos. Julgar-vos-ei sempre no começo. A minha separação e a de André teve o mesmo efeito: o Céu quis preservar-nos a todos da facilidade.

O padre Lauzon indicou a Georges um banco em frente dele. Mostrava ainda deferências, mas desta vez Alexandre não fora convocado. O padre estava sentado numa cadeira. Geralmente ficava no cadeirão.

Guardou alguns momentos de silêncio. Evocaria o dia em que, após o primeiro escândalo, Georges e o anjo do colégio tinham comparecido perante ele?

— Não sei — começou por fim — se o que o domina é a depravação ou a inconsciência. A brincadeira que eu ontem interrompi não me preparara para vê-lo, esta manhã, tomar a comunhão. Agradeço à Providência por me ter permitido surpreender esse sacrilégio, e espero que não se repita, percebeu?

A voz era forte e tornara-se imperiosa. Olhava Georges fixamente, com a cabeça direita. As palavras do começo e o tom altivo do final deram-lhe, por um momento, o desejo de se mostrar insolente. Mas acalmou o amor-próprio, menos inflamável que o de Alexandre: colocava-o para além dos sentimentos de um padre Lauzon. Repetira para si, cingindo-se à citação: «Enganar, enganar sempre, melhor do que um sonso.» Recordou-se da resposta com

que se furtara às manobras do padre de Trennes, a mesma que desviara Maurice do inquérito do Superior, a resposta da casa:

— Comungo diàriamente e nunca comunguei sem estar em estado de graça. Não é por simples aparência que se deve duvidar de mim!

— Agora já não duvido de si. Infelizmente sei de fonte segura que as coisas sagradas nunca tiveram sentido para si. A sua piedade é que foi apenas uma simples aparência. «Em estado de graça!», ousa dizer. Deixe-se de profanar semelhantes expressões. A vida secreta que tem levado é uma negação da fé.

— Juro-lhe — disse Georges num tom firme — que era ontem o primeiro encontro deste trimestre com Alexandre Motier.

— É pena que Alexandre Motier me tenha dito há pouco que você e ele sabiam encontrar-se sem mim, como sempre tinham feito. O único meio que lhe resta de evitar falsos juramentos é não fazer nenhum, como o de respeitar os sacramentos é abster-se deles a partir de hoje, depois de os ter odiosamente praticado.

«Ficará dispensado de se apresentar no meu confessionário. Esse subterfúgio criminoso foi mal sucedido. Devolvo-lhe a direcção da sua consciência, se é que alguma vez a teve. Acredite que é com tristeza que o abandono a um destino que me aterroriza, mas a mim só me enganam uma vez. Entregando-o nas mãos de Deus, continuarei a pedir-Lhe que o ilumine e o salve pelas vias que Ele escolheu.

«Quanto ao resto, não se apoquente, temporàriamente, com qualquer outra medida: não direi nada nem ao Sr. Superior nem a ninguém. Mas ver-me-ei obrigado a prevenir as vossas famílias se Motier e você tentarem, seja de que maneira for, recomeçar as relações. E posto isto, só lhe peço uma coisa: não volte para aqui no próximo ano.

Apesar das reflexões de Lucien, Georges previa um embargo tão grande que lhe parecia impossível vencer. O caso era da mesma natureza que o do padre de Trennes. O Superior não escutara a sua amizade por alguém que abusava da sua confiança e infligia os princípios. O padre Lauzon já não teria piedade: também ele se vingava e vingava Deus. Sem o saber, vingava por acréscimo o padre de Trennes.

Agora, Georges era apenas um rapaz que se expulsa da escola: uma coisa era tê-lo imaginado e outra estar perante o facto. Admirava-se de não chorar. Mas a sua lucidez não se diminuía pela inquietação: inspirou-lhe a ideia de uma suprema tentativa de comoção. Tirou o lenço, que perfumara de manhã, e com ostentação tapou os olhos.

— Peço-lhe — disse o padre — que não represente a comédia das lágrimas; são falsas como as suas palavras. A única coisa verdadeira que há em si é o perfume. Lá em cima, abriu-me uma janela sobre o seu coração. Só vejo orgulho, hipocrisia e um vício ainda mais grave. Pobre futuro Marquês de Sarre!

Georges fingiu enxugar-se, depois, friamente, guardou o lenço no bolso. O padre prosseguiu:

— Falta-me indicar-lhe as disposições que adoptei para estes últimos dias. No fim do último trimestre já as tomara para com o seu respeitável companheiro; é inútil dizer-lhe que a aplicação destas será mais exacta. Resumo-as assim: nunca se ausentará. Durante os recreios não irá tocar piano — pode muito bem fazer o sacrifício de alguns minutos de harmonia. Durante o estudo, nada de visitas aos professores: se tiver alguma coisa a perguntar-lhes, fá-lo depois das aulas. Nos ensaios de *Plaideurs* não deixará os seus colegas.

«O seu vigilante recebeu instruções para nunca o deixar sair sòzinho. A fim de poupar o seu amor-próprio e um pouco do meu, disse-lhe que você me tinha pedido que lhe impusesse esta regra como penitência. Peço-lhe desculpa, a si e a ele, pelo escárnio desta palavra, digna da que há

pouco censurei em si, mas acrescentei que era no desejo de vos impedir de fumar, o que é uma meia verdade, não é assim?

«Pareceu-me ter-lhe dito que, além da sua expulsão, não lhe infligiria castigos. No entanto, há um de que não posso dispensá-lo; de certa maneira, é de natureza moral. Não falo, naturalmente, da que consiste em irradiá-lo da congregação, onde espero que tenha o pudor de nunca mais aparecer. Tocá-lo-á muito mais: diz respeito a um dos seus prémios. Há um dos louros que eu não consentirei em que receba: o da instrução religiosa, a que, segundo me disseram, pretendia ter direito. Confesso que o gracejo seria um pouco forte. Mais ainda: seria um sacrilégio e eu devo evitar isso, igualmente. Acontece que a composição secreta de instrução religiosa se realiza depois de amanhã. Isso vai proporcionar-nos pôr as coisas em ordem, sem misturar terceiros nesta triste história: basta-lhe fazer um trabalho medíocre — sem demasiada afectação — de maneira a não ter o prémio. Se tiver uma distinção, já não é a mesma coisa: será a recompensa da sua memória, da sua fantasia, da sua ironia — não voltarei a dizer da sua penitência.

«Verificarei a maneira como cumprirá. Caso me tenha desobedecido, ver-me-ei obrigado a recorrer ao Sr. Superior: seria, imediatamente, excluído do colégio e tirado do quadro de honra. Escolha entre perder um prémio e perder todos. Ou antes, evite provocar um novo escândalo. Evite também desafiar-me voltando ao colégio: seria uma deslocação inútil. Invente qualquer pretexto honroso aos seus pais. Não preciso acrescentar que me encontro à disposição deles, se se julga incapaz de voltar a mentir. Mas prefiro acreditar que tenha sido esta a nossa última conversa. Dissemos tudo quanto tínhamos a dizer um ao outro.

«Ainda uma palavra. Divertiu-se, no passado, a pedir-me alguns conselhos de leituras. Recomendo-lhe um pequeno tratado de Hamon intitulado *Os vinte e três motivos para ser humilde.*

O padre levantou-se, e, dirigindo-se para a porta, abriu-a diante do seu visitante.

Georges sabia agora o que as suas antigas vítimas tinham sentido, quando semelhante condenação lhes fora indicada, mesmo sem conselhos de leitura. O infortúnio de André perturbara-o mas fora porque Lucien e ele próprio tinham corrido o risco de serem atingidos. Não se preocupara com o que sentira o principal interessado, e muito menos, depois, com o que tinham sentido Maurice e o padre de Trennes. E eis que se juntava a todos. Era o pequeno Robespierre de Saint-Claude: começara por mandar executar o seu rival, depois os cúmplices, e chegara a sua própria execução.

Alcançou o dormitório deserto e deitou-se na cama. Nada lhe perturbava os pensamentos; o colégio estava silencioso. O último momento de liberdade de que aproveitava antes de conhecer os seus entraves, servia-lhe apenas para medir o desastre.

O padre Lauzon não dissera nada sobre o destino que reservava a Alexandre. Tendo de fazer uma escolha, não pudera hesitar. Como dissera Lucien, guardaria o seu antigo protegido — guardá-lo-ia para o reconciliar com Deus. Vencera, ao separar irremediàvelmente os dois amigos. Acreditando que o sol se erguia aos sábados em honra da Virgem, vira finalmente tão claro como o padre de Trennes no dédalo das suas velhacarias. O laureado da Academia dos Palinods acabava de encerrar um poema vivo e maravilhoso, o de Georges e Alexandre. A sua energia e a sua autoridade tinham-se revelado de maneira diferente do facto de começar por um *Eu* os parágrafos das cartas. Este padre de olhos cândidos, este abençoado confessor reagira como um homem que se vê manobrado por crianças, como um padre que se vê ridicularizado por ímpios.

As férias, que tinham sido tão ricas em promessas, seriam solitárias. Na abertura das aulas, o garoto não veria Georges neste dormitório onde deveriam encontrar-se.

Que importavam a saída da congregação, a perda de um prémio, as razões a dar a seus pais para não regressar ao colégio? Parecia-lhe que tudo deixara de existir. À maior felicidade do mundo faltara apenas um pouco de sorte.

Georges sentiu-se dominado pelo desespero e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Agora, não simulava: era a hora da verdade. Chorava quando a sua amizade fora ameaçada pelo padre de Trennes. Podia muito bem chorar, agora que estava aniquilada. Estava só e, no entanto, sustinha os soluços, como se o dormitório estivesse cheio de gente: fora assim que Lucien e Maurice tinham chorado. Pegou no lenço, mas deitou-o fora, irritado com o cheiro de alfazema.

Vinte minutos antes do fim do estudo, decidiu-se a descer. Encontrou imediatamente o olhar de Lucien. Isso fez-lhe bem. Observou depois que o vigilante lhe sorria com gentileza. Certamente o clérigo pensava nas mortificações deste aluno-modelo que a partir de hoje se proibia a ele mesmo de sair da sala de estudo, privando-se do prazer inocente de fumar. Georges sentiu-se também reconfortado com o sorriso: ainda havia quem se iludisse. Pensava no padre de Trennes que impunha igualmente mentiras, à laia de penitência, nas histórias de pijamas.

Lucien passou-lhe o exercício para que o copiasse ràpidamente. Era a primeira vez que o melhor da turma ia copiar uma versão latina. Mas tendo sido chamado no começo do estudo, nunca teria tempo de o traduzir no quarto de hora que faltava. Escreveu à pressa, alterando algumas palavras numa ou noutra frase. Lucien passara sem o seu auxílio: o texto da *Eneida,* donde fora tirada esta versão, encontrava-se traduzido entre linhas, num livro que André lhe dera. Na noite em que Georges se preparava para trair este último, copiara o exercício de Matemática por Lucien. Agora que pagara essa vilania, era-lhe permitido copiar pelo próprio André.

A sineta tocou antes de ter escondido os versos com que devia terminar o trabalho. Recebiam as folhas. Georges

escreveu no cabeçalho: *Estive retido fora da sala de estudo pelo meu director espiritual e não pude fazer a escaução.*

Lucien ficou indignado com o que Georges lhe contou no dormitório. Não podia admitir que se deixasse expulsar pelo padre Lauzon. Era preciso denunciar-se outra vez ao Superior para ver o que aconteceria. Em todo o caso, sòmente àquele competia uma decisão radical. E quem sabe o que ele diria, se Georges lhe pedisse notícias do padre de Trennes? Talvez se acalmasse pelo que diz respeito ao padre Lauzon. Chegara o momento de invocar esta protecção especial, que seria talvez mais eficaz à distância do que o fora de perto.

— É pena que o padre de Trennes não tenha estado aqui no mês de Outubro — disse Lucien. — Juro-te que André estaria ainda entre nós. Um professor muito amigo de gregos é a Providência de um colégio, quero dizer: dos alunos. Basta estar no segredo para que os seus distintos confrades não possam fazer nada. O nosso Maurice prova-o. André contou-me uma história deste género, que aconteceu não sei onde.

«O essencial é não se deixar desencorajar por um deslize, intimidar-se por ameaças. Nunca se deve abandonar a luta. Lembra-te desta frase da nossa última versão de Heródoto: «Só à força de tentativas se consegue vencer.» Foi à força de querer que conquistaste a amizade de Alexandre, como André conquistou a minha. Quando se tem um amigo verdadeiro, pode-se enfrentar não importa quem, não importa o quê. Pode-se ser expulso do colégio. Pode-se esperar um ano inteiro, e mesmo mais, o momento de se encontrar. Nas férias da Páscoa, André mandou-me uma poesia.

Georges estava reconhecido a Lucien por lutar contra a evidência, mas a sua convicção estava formada. Os receios da noite anterior tinham-se verificado hoje. O garoto, no refeitório, tivera um olhar tão radioso como de costume, mas foi com o coração oprimido que Georges lhe respon-

dera com um sorriso idêntico: não restavam dúvidas que tudo acabara entre eles.

Se se julgava mais perspicaz que Alexandre, julgava-se também mais inteligente que Lucien. Os conselhos amigáveis deste não valiam os conselhos de leitura do padre Lauzon: os motivos de ser optimista eram menos numerosos que os de ser humilde. Em primeiro lugar, Georges não estava indicado para falar do padre de Trennes com o Superior. Depois de ter sido a favor do antigo vigilante, podia, seguidamente, depor contra ele? Que favor esperar de tantas contradições, tantas perfídias, tantas falsidades? Não era uma chantagem que restabeleceria as coisas.

Além disso, Georges não via nenhuma comparação entre a sua situação e a de Alexandre e a de Lucien e André. Fora do colégio, André e Lucien eram livres de se verem, visto que as famílias se conheciam e já tinham passado juntos um ano escolar e umas férias. Enfim, a partida de André não acabara com as suas relações.

Georges e Lucien estavam comprometidos. Separados, não teriam nenhum intermediário. Apesar das suas cambalhotas, Maurice estava sob o poder do padre Lauzon. Desde a sua estadia nocturna no quarto do padre de Trennes, era certamente muito suspeito, dissesse o que dissesse. A correspondência dele seria tão visada como a do irmão. As medidas que acabavam de ser prescritas mostravam que nada fora de improviso. Georges encontrara finalmente algo mais forte do que ele.

«1 de Julho — Festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Festa de segunda classe. Paramentos vermelhos.» Um sangue muito precioso correra e passara igualmente em Georges, que em troca dera sangue seu. Ficar-lhe-ia a recordação dessa união mística, como da procissão do Sagrado Coração que já evocara, e a da Confraria do Precioso Sangue em que Alexandre o inscrevera.

Mais adiante, encontrou esta frase: «O sangue do Cordeiro servir-vos-á de sinal.» Novas recordações lhe vieram ao espírito: a da oração que falava do sangue do Cordeiro,

e que o padre de Trennes dissera, vestindo os paramentos, e a da imagem que havia no quarto do padre Lauzon, a do Cordeiro do Natal.

No altar, por cima de Alexandre e frente a Georges, o cavaleiro andante dos oprimidos estava em oração. Acabara a missa mais cedo do que o costume: verificava, sem dúvida, se o seu ex-penitente ousaria aproximar-se da Santa Mesa. Georges não se mexeu; Alexandre devia ter recebido as mesmas instruções porque também não se moveu. Pensaria ainda em escrever ao Papa a fim de protestar? Segundo ele, nada disto contava.

Durante o último estudo, como todos os sábados, Georges dirigiu-se para a confissão. Decidira há pouco tentar a sua sorte, tentar Deus. Explorar ousadamente a ideia que Lucien lhe sugerira após o incidente da cabana. Lucien convertera-se a 6 de Outubro, às dez horas e trinta e cinco da noite; Georges converter-se-ia a 29 de Junho, às três horas e trinta da tarde. O próprio Alexandre não contara ao padre Lauzon, num dia de férias da Páscoa, que a graça acabara sùbitamente de o iluminar? Todos tinham a sua vez de passar pelo iluminante e pelo purgativo. Se não se estava em estado de graça, ia-se ficar. Georges desdizer-se-ia ao homem dos Palinods. Num terreno que lhe era interdito, medir-se-ia uma última vez com o padre. A amizade que estabelecera com Alexandre, graças às comunhões, dependia irrevogàvelmente de uma confissão: os sacramentos vinham em auxílio das crianças perseguidas.

Georges estava muito comovido ao ajoelhar-se no confessionário. Disse com uma voz compenetrada: «Meu padre, escute-me, peço-lhe.»

A atitude pesarosa indicava que não se tratava de uma fanfarronada. Disse que desejava reparar omissões voluntárias das confissões antigas.

Começou por confissões que não repetira desde o primeiro dia. Ultrapassando-se, apresentou-se como o ser mais corrompido. Mas a infelicidade revelara-lhe a vergonha que nunca fizera partilhar a outrem — falava do mesmo modo que André falara ao Superior. O que pedira à amizade era exactamente poder fazer-lhe esquecer a sua baixeza, era pureza e luz. O remorso que testemunhava por estes pecados imaginários, sobre os quais se alongou, provava que no futuro era incapaz de mentir.

Em suma, fazia ao padre Lauzon a confissão que esperara o padre de Trennes. Não lhe era consentido passar por sincero senão confessando-se culpado. Tanto pior se esta comédia era indigna; não fora ele que a quisera. Mas não a lamentava: sentia uma alegria cínica em obrigar este homem a escutá-lo, em obrigá-lo a comover-se na sua alma de padre, em inspirar-lhe uma piedade de que não era merecedor. Achava-se aliviado, como um verdadeiro penitente, pela nova velhacaria: tinha a impressão de subir a encosta no fundo da qual se vira precipitado. Divertia-se a sujar-se a fim de salvar a sua amizade pura; baixava-se a fim de se elevar: era o preceito evangélico. O seu orgulho, que parecia humilhar, nunca fora tão triunfador.

Esperava uma exortação patética com advertências minuciosas. Mas o padre contentou-se em dizer-lhe lentamente:

— Como penitência, meditará um quarto de hora nesta frase: «Acredito na vida eterna.»

Em seguida, fez-lhe o sinal da absolvição.

No outro dia, na aula de Instrução Religiosa, o professor ditou o assunto da redacção: «O paraíso terrestre». Veria, disse sorrindo, se os alunos tinham seguido as lições do início. Devia pensar que lhes pregara uma boa partida. Mostrava-se encantado, esfregava as mãos. Mas toda a gente sorria igualmente, porque todos se recordavam pelo menos da história da bananeira de grandes frutos.

Georges estava furioso por não poder tratar um assunto tão agradável, que conhecia às mil maravilhas, independentemente da bananeira. Que impertinência tê-lo obrigado a fazer de cábula. Impunham-lhe um castigo sem relação com a sua falta. Se era indigno de estar em Saint-Claude, que o expulsassem; se não, que lhe deixassem a sua obrigação dos estudos. Pensava no que lhe dissera um dia Alexandre: «Estes homens a quem pagamos...» Pagava para ser instruído e para ser recompensado pelo seu trabalho, quer o sucesso fosse da memória, da ironia ou do Santo Expedito. O professor metia-se onde não lhe dizia respeito. Abusava do seu papel. Julgar-se-ia no tempo dos padres La Chaise e Daubenton, que mandavam nos reis? Os alunos de Filosofia tinham razão em defender o Sr. de Trennes. Exagerava-se fazendo tudo em nome de Deus. Os antigos Judeus possuíam isto de bom: proibiam que se pronunciasse, fora do templo, o nome de Jeová.

Diante da folha branca, Georges pensava, a cabeça entre as mãos. Fora expulso deste paraíso terrestre, depois de o ter sido do seu. As imagens do jardim bíblico misturavam-se-lhe na memória com as de uma cabana de jardineiro. O professor devia espantar-se por vê-lo imóvel, desconcertado, o único que não escrevera ainda nada. O colega que, na vez anterior, ficara em segundo lugar, alegrava-se provàvelmente.

Num ímpeto de revolta, Georges resolveu fazer uma boa redacção, apesar do que fora exigido. Seria o primeiro nesta, que era a última do ano, tal como o fora na primeira. Aceitaria a aposta que fizera com Lucien e desafiaria até aqui o padre Lauzon: ou teria esse prémio de Instrução Religiosa ou não teria nenhum. Pôs no cimo da composição dois versos de Anatole France, sob a forma de epigrama anónimo:

*Feliz aquele que, como Adão entre os quatro rios,*
*Soube chamar pelo seu nome as coisas que pôde ver!*

Feito isto, parou de escrever e reflectiu novamente. Era-lhe necessário precisar bem, antes de ir mais longe, se lutava por um prémio ou por Alexandre. A vitória que desejava alcançar seria apenas de um dia e comprometeria, irremediàvelmente, o futuro. Sacrificava nisso a vantagem que a confissão da véspera obtivera. Nessa manhã, o seu comportamento na capela fora exemplar e comungara sem escandalizar ninguém. Aqui, nesta folha, no preto sobre o branco, a humildade não podia ser fingida, mas era talvez a condição do perdão definitivo. Aliás, Georges encontrava uma espécie de vingança nesta infâmia: acusando-o de falsidade, tinham-lhe ordenado que cometesse uma fraude.

Pois bem! Uma vez condenado a ser medíocre, ultrapassaria todas as esperanças. Com alegria, sàbiamente, selvàticamente, ia revolver o paraíso de alto a baixo e refazer, como Garo, a obra de Deus.

Deixou à cabeça a citação e acrescentou por baixo: «Le Franc de Pompignan» — o autor das *Poésies sacrées* substituiria o dos *Poèmes dorés*. Quanto aos rios, pensava falar, pelo menos, no Tigre e no Eufrates, que faziam parte da história de Alexandre o Grande e ao mesmo tempo da geografia do paraíso terrestre. Mas isto sugeriu-lhe pôr nomes apenas nesta história. Lembrando-se de que alguns comentadores identificavam o Nilo e o Ganges com os dois outros rios designados pela Bíblia, tomou semelhante liberdade em relação aos quatro: escolheu o Granico, o Hidaspes[1], o Oxo[2] e o Indo. O professor, chocado com o equívoco, seria obrigado a pensar em Alexandre, a dizer o nome ilustre e encantador que era o segredo desta farsa.

Em seguida, Georges fez do paraíso terrestre a região

---

[1] Hoje, o rio Jelam.

[2] Nome antigo do Amudária ou Geum, que desaguava no mar Cáspio.

onde se encontra oiro, incenso e mirra, e não aquela «onde se encontra oiro, rubis e ónix». Situou-o no Ocidente e não no Oriente. A propósito de várias localizações, citou o deserto de Gobi [1] em vez do planalto de Pamir, o Japão em vez da China, Madagáscar em vez de Ceilão, a Abissínia em vez de Mesopotâmia, o México em vez do Peru. Sem esquecer que um astrónomo alemão optava, a este respeito, pelo Pólo Norte, fê-lo optar pelo Pólo Sul. Por fim atribuiu a S. Pedro o texto de S. Paulo onde se inspiram os padres da Igreja que vêem no paraíso terrestre uma simples alegoria, considerou opinião de Philippe-Egalité a memória do seu erudito avô respeitante ao conjunto da questão. Breve, não omitiu nada, mas pôs tudo ao contrário.

Faltava a árvore da ciência do Bem e do Mal. Na sebenta, Georges entretinha-se a traçar: «Musa Paradisíaca.» Fez uma grande chaveta e escreveu, uns por baixo dos outros, os nomes das árvores mais ou menos esquisitas de que tinha conhecimento: árvore-do-sebo, árvore-do-pão, árvore-de-manteiga, árvore-da-cera, árvore-da-renda, couve-palmeira, o querco, sassafrás, o coqueiro, que era uma árvore de grandes frutos — frutos com uma casca, um pouco dura para que Adão a tivesse comido. Georges desenhou um coqueiro onde se enrolava uma serpente. Gostaria de ter feito daquela árvore a árvore da sedução, mas a brincadeira pareceu-lhe arriscada. Deixando as espécies exóticas, pensou, durante um momento, escolher a nespereira. Renunciou também: as nêsperas não são frutos grandes, e, além disso, só amadurecem em cima da palha. Não falou de nenhuma árvore: seria melhor ainda.

Agora tinha a certeza de apanhar um zero e tal classificação alegrava-o antecipadamente, quase tanto como se tivesse a nota mais alta. Lamentava que os resultados da composição não fossem ditos. Teria tido prazer em ouvir concederem-lhe o último lugar, em terminar o ano, pùbli-

---

[1] Também denominado Chamo.

camente, com esse desastre. Gostaria também que lessem a sua redacção na aula; isso divertiria a assistência.

Desejava menos que o padre Lauzon lho comunicasse: este não consideraria que havia nos seus enganos demasiada afectação? Pronto, aconteceria o que tinha de acontecer. Mas era pouco provável que o padre pedisse para ler o exercício — bastava-lhe saber que estava errado — e que, se o lesse, encontrasse o sal que Georges lhe deitara. Não conhecia inteiramente a história de Georges e Alexandre. As alusões a Alexandre o Grande nada lhe diriam sobre o outro Alexandre. Atravessaria o Granico a seco.

Durante o recreio, Georges contou aos colegas que fizera propositadamente um exercício absurdo, porque o prémio de Instrução Religiosa o aborrecia. Era bom para um futuro seminarista; os amigos do liceu troçariam dele perdidamente se voltasse enfeitado com semelhante coroa; não era uma coroa, era uma tonsura. Aliás, teria muitos prémios mesmo sem aquele. À maneira do rei-sol suprimia os monos da sua colecção. Admiraram-no. O próprio Lucien o considerou muito forte.

— Eis-te glorificado aos olhos dos outros — disse. — É como a proibição de sair da sala de estudo, que edifica o vigilante. Em suma, o padre Lauzon e tu devem ter os mesmos signos de horóscopo na Casa dos Amigos.

— Infelizmente não os temos na cabana dos amigos. Em todo o caso, visto que não fui posto fora do confessionário como um anátema, inclino-me a pensar que tinhas razão. Como é bom ser readmitido! E porque é que Alexandre não seguiu a minha táctica? Como continua a abster-se da comunhão, quer dizer que se recusa a passar pela confissão. Provàvelmente também não quer, desta vez, acusar-se de pecados que não cometeu. Se fosse menos escrupuloso tudo estaria, talvez, já resolvido. Mas quem sabe? A sua resistência torna o caso mais interessante. Na parábola que representamos há dois filhos pródigos e até aqui só um voltou.

A academia realizara nesse dia a última sessão. (Na verdade, no dia seguinte, antevéspera das férias, o curto retiro do fim do ano devia começar à noite, pregado pelo Superior.) Os alunos do último ano faziam o exame final, recomendados pelas orações da comunidade. Graças à ausência deles, Georges arrogara-se a honra suprema de um cadeirão de molas. O Superior declarou que reservava uma surpresa: versos de Bossuet consagrados à comunhão, porque Bossuet fora poeta, como ele próprio o era, graças a Deus. Propunha-se citar alguns extractos de uma comunicação que preparava para o Congresso Eucarístico Internacional, que se realizaria durante as férias. Nesta ocasião exortou os académicos a cumprir, melhor do que ninguém, os deveres eucarísticos até ao começo das aulas.

As palavras *férias* e *começo das aulas* pareciam a Georges singulares: não sabia ainda que significariam para ele. Esperava que, tocado pelo seu arrependimento, o padre Lauzon lhe reservasse igualmente uma surpresa. Lamentaria despedir-se da Academia de Saint-Claude, no primeiro dia em que estava bem sentado. Reteve uma estância de Bossuet perguntando-se se ela figuraria na comunicação do Superior:

*Do seu casto beijo, meus lábios inflamados,*
*Consumidos por um fogo belo,*
*Levam-me ràpidamente ao coração ferido*
*O sinal do Bem-Amado...*

Era também uma surpresa ver o Bem-Amado no meio desta oratória. Quando o padre Lauzon veio buscar os congreganistas, fez sinal a Georges para os seguir. Este sentiu um verdadeiro transporte. Esquecia os seus receios. Mas, ao chegar à capela, percebeu, à primeira olhadela, que o garoto não se encontrava ali.

O padre Lauzon expôs aos congreganistas quais eram os seus deveres durante as férias. Sempre deveres, como para os académicos. Georges fixava os olhos no padre,

que parecia evitar olhá-lo. Apesar do perdão que recebera, detestava aquele homem. Mesmo se os dois amigos reaparecessem no próximo ano em Saint-Claude, que dificuldades não anunciavam os rigores destes últimos tempos! O único obstáculo a uma vida de delícias era aquele homem. Georges gostaria de vê-lo ser engolido por um abismo: tal prodígio teria sido certamente mais útil do que aquele que imaginara durante a missa do padre de Trennes. Alexandre e ele ficariam livres. Este padre teria levado o segredo. E tudo se resolveria da melhor maneira: iria para o seu paraíso celeste e deixá-los-ia no paraíso terrestre. Mas ele estava bem vivo, bem instalado, anjo de sobrepeliz de esguelha, empunhando o lenço à maneira de espada de fogo. Georges achava-lhe o rosto vulgar, a voz enfadonha, e até a simplicidade dos gestos artificial. A sua eloquência só brilhava nas conversas com outra pessoa; em público era a de Calino, a dos Palinods. O padre de Trennes tinha um tom mais firme, um rosto mais distinto.

No dia seguinte, durante o estudo da noite, Georges foi chamado pelo padre Lauzon.

— Outro dia — disse-lhe ele — fui extremamente duro para si: em primeiro lugar, merecia-o; em seguida, era preciso submetê-lo a uma prova. A sua confissão foi acabrunhante para o seu amor-próprio, mas, ao mesmo tempo, de que peso a sua alma se aliviou! Não me provou demasiado que as minhas censuras eram excessivas. Pelo menos, obrigando-o a reconhecê-lo, tenho a felicidade de o corrigir.

«Fiquei edificado com o zelo com que continuou as suas práticas religiosas, apesar do aviso da sua expulsão. Não podia acreditar em si senão no dia em que, não tendo mais nada para inventar, não tivesse interesse em mentir-me. Se o mal tivesse sido irreparável, teria mostrado o rosto do fanfarrão do sacrilégio, perdendo a máscara da hipocrisia. Deus quis que, nesta primeira tempestade de paixões, não fosse dos que se perdem.

— É também a si que o devo, meu padre — disse Georges.

— Apesar das aparências, parecia-me impossível que uma alma como a sua fosse completamente prevertida, e que não houvesse mais leviandade que malvadez nos seus diversos comportamentos. A fé é, apesar do que se diga, uma questão de inteligência: portanto, não podia tê-la perdido. Se eu fingi estar desesperado consigo é porque tinha ainda alguma esperança. Conheço-o melhor a si do que você próprio.

Georges achou o momento propício para declarar que se rendera, não sem combater, à ordem de errar conscientemente a composição do dia anterior.

— O castigo que recebeu — tornou o padre — será a única recordação do passado. Como veio inteiramente à resipiscência, considero como arrumadas as questões que nos separavam. Tiro, por consequência, a decisão que tomara sobre o seu regresso a Saint-Claude. Mas, se o desejar muito, deixarei contudo continuar, na semana que nos resta, as ordens dadas ao vigilante: será a justificação dos motivos louváveis que lhe foram alegados. Brevemente será aqui o melhor aluno do segundo ano, depois de ter sido o melhor do terceiro.

Georges agradeceu. A alegria enervava-o. Tinha decerto mais fundamentos para saber-se reintegrado na congregação: sabia que podia voltar e nunca duvidara que Alexandre não voltasse. Este devia ter capitulado permitindo concluir a paz geral. Bastava apenas ouvir as condições.

— Tenho outra coisa a dizer-lhe — continuou o padre. — Aquele que o seguiu no pecado não o acompanhou no arrependimento. Recomendo-o às suas fervorosas orações, tal como eu lhe consagro as minhas. Aflige-me a ideia de que esta criança saia do colégio, onde nunca mais voltará, tão diferente do que era quando aqui entrou.

Georges sentiu uma pancada no coração. No entanto apelou para todo o sangue-frio e perguntou:

— Meu padre, não terei de me censurar por o meu colega ser afastado por uma falta que me pertence?

— Sou sensível aos seus escrúpulos, mas que eles não escondam a menor pena! Não deve lamentar semelhante camarada. A resistência que ele opõe à salvação poderia metê-lo também a si em perigo. Eis por que não hesito em sacrificá-lo. Entre vocês os dois, a amizade já não é possível. Era já demasiado viva e exigia grandes precauções. As circunstâncias em que as mantiveram desnaturaram-no para sempre. Deixe os despojos no fundo do precipício de que conseguiu escapar.

Para indicar, aparentemente, que a entrevista terminara, o padre Lauzon levantou-se, mas Georges continuava sentado, calado, abatido. O padre quis desculpar-lhe a dor ou purificá-la? Inclinou-se e beijou-lhe os cabelos. Era um beijo de paz e de perdão, digno daquele que encerrara o caso dos bilhetinhos. O encerramento final teria tido também um beijo santo.

Ao jantar, Georges encontrou na gaveta uma longa carta do miúdo. Estava ansioso por se encontrar no dormitório para lê-la com a pilha eléctrica. Seria a primeira vez, neste trimestre, que leria assim. Por fim, escondido debaixo dos lençóis, regalou-se com as linhas seguintes:

*Georges*

*É como nas férias da Páscoa; jurei escrever-te e escrevi-te. Mas não é fácil. Estamos tão vigiados!*

*De uma maneira ou de outra, é preciso resistir até ao fim. Tu imitaste novamente o caniço — aliás admiro-te, eu nunca conseguiria fazer o que tu fazes —, mas podes ficar certo que resistirei melhor que o carvalho. Lauzon pensa fazer-me dobrar, dizendo-me que não voltarei a Saint-Claude por causa de uma história que aconteceu a Maurice — sem dúvida aquela de que querias falar — e, além disso, tirou-me o papel de pajem na peça. Brevemente, representar-lhe-emos a nossa peça que o libertará das nossas histórias. Ele sabe muitas coisas — mas não*

*sabe que fizemos o juramento de nunca nos separarmos. Chegou a hora de ensinar-lho. Visto que resolveram separar-nos, vamos fugir e juntar-nos para sempre. Como é belo: para sempre! Para sempre, longe de toda esta gente. Unidos para sempre pelo nosso sangue. Para sempre te dizer:*

*Sempre.*

*Alexandre*

*P. S. — Será mais fácil fugirmos de nossas casas que daqui.*

Georges estava deslumbrado. Agora, não tinha que duvidar da sua felicidade. Beijou o bilhete mais ardentemente do que beijara o primeiro, depois de o ter lido no livro de Virgilio. Saiu do esconderijo.

Lamentava que Lucien tivesse adormecido: como o vigilante se demorara nas paragens, o seu querido vizinho deixara-se vencer pelo sono. Georges queria dar-lhe a boa nova. Era com efeito a boa nova, o evangelho da sua religião revivificada. Aquele que, uma vez mais, era o seu salvador, gritava-lhe a palavra de salvação: «É preciso deixar tudo para me seguir.» Não era o preceito que Georges lera na cátedra do refeitório: sofrer tudo a fim de agradar ao Bem-Amado? E Lucien não dissera, igualmente, que com um verdadeiro amigo se podia enfrentar tudo?

Desde o dia em que, por causa de André, pensara em fugir, Georges não voltara a ter semelhante ideia, e nessa altura tratava-se de fugir para casa e não de casa. Reconhecia que a decisão era grave, mas não se lhe impunha a escolha dessa solução, assim como a Alexandre? Com esta carta, muito mais do que com a confissão, sentia-se aliviado de um grande peso. Já não se encontrava só perante o desconhecido, o futuro sorria-lhe. Estava com Alexandre. Aderia calorosamente à sua decisão. As dificuldades materiais pareciam-lhe secundárias. Retomando

a iniciativa, o garoto chamava a sorte em seu favor. Aquela decisão anulava a do padre. O homem que pretendera, antigamente, conhecer bem Alexandre e, nessa tarde, Georges, recebia a digna recompensa da sua perspicácia.

Era antes a sua duplicidade que merecia esta recompensa: os seus discursos tinham segundos sentidos. Praticava a restrição mental e, no fim de contas, não era mais franco que o Superior. Sim, fora sincero quando pedira a Georges que não voltasse ao colégio, e depois quando parecera mostrar-lhe o sacrifício do regresso de Alexandre? Sabia bem que Alexandre se iria embora, se o irmão fosse expulso. Mas a fim de impedir a reunião dos dois amigos num novo colégio, procurava reter Georges neste. Teria inventado qualquer outro meio de os separar, se um dos rebeldes não se tivesse rendido. Seguira os seus planos tão metòdicamente como o padre de Trennes. O despeito devia inflamá-lo, ao mesmo tempo que o zelo. Constrangido por se privar do garoto que lhe agradava, queria ter um companheiro de infortúnio. Alexandre julgara-o bem, ao dizer que ele era ciumento. André repetiria a fábula da «raposa que tinha o rabo cortado».

A medida que condenava Maurice não deixava de espantar Georges. Via nela uma manifestação dos princípios hábeis, mas implacáveis, que guiavam os interesses desta casa. Tinham perdoado ao cúmplice do padre de Trennes apenas a título provisório, a fim de diminuir o escândalo e comprar-lhe o silêncio, e, na verdade, talvez não tivesse dito a ninguém toda a verdade. Não deixava de ser também posto fora mas com demora. Havia sistemas de expulsão. Que prazer recalcitrar!

O entusiasmo de Georges não diminuiu no dia seguinte e, desde o primeiro recreio, tentou fazê-lo compartilhar a Lucien. Olhava, através dos ramos, a janela do

padre Lauzon. Que pensaria desta fuga o ilustre director? Morreria, se tivesse lógica. Lucien escutara em silêncio; depois tomou um ar sério.

— Por acaso — disse — não estás «maluco»? Quando acabarás de deixar determinar a tua conduta pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo? Se esse garoto te pedisse para te ires enforcar com ele, tu ias? Olha! Fazes-me gostar do padre Lauzon. O homenzinho não se engana ao dizer que vos conhece, e compreendo que esteja inquieto. Metê-lo-ei no número dos padres da Igreja, flagelos da heresia.

Depois, prosseguiu num tom mais alegre que mereceu esta observação:

— Aliás, o que acabas de me contar são coisas que se imaginam, mas que não se fazem. Há coisas para que se não nasceu. A minha conversão ensinou-me isso.

«Supõe, no entanto, que vocês tinham êxito na fuga, quero dizer, que não eram apanhados no dia seguinte pela polícia. Que fariam, quando não tivessem dinheiro, além de vender gravatas vermelhas e um fio de oiro com medalha? Esquecia-me que vocês dispunham de outros recursos: empregarem-se numa quinta ou acompanhar uma carroça cantando o refrão:

*Nós somos os dois amigos*
*Que sempre se amarão.*

«Meu pobre Georges, cultivaste até aqui o género nobre. Tem cuidado, agora que cais no melodrama.

O colégio inteiro parecia apoiar esta linguagem. Nunca haviam estado tão alegres. Mas Georges, reagindo, ancorava-se na resolução contrária, decidindo guardá-la no íntimo. Julgava-se já junto de Alexandre, e ficar assim para sempre, conforme as palavras do miúdo e da canção. Não ia sacrificá-lo a argumentos ou gracejos. Georges achava Lucien caseiro, terra a terra, burguês. Alexandre

pensara nobremente. Não era Georges quem o seduzia. Respondeu:

— Tens razão, vou escrever-lhe um bilhetinho para o acalmar.

Quando o professor estava contente com o trabalho feito durante o ano, substituía as lições da última aula por uma leitura recreativa. Nesta quarta-feira, era a última aula de História.

Perguntaram ao padre pelo exercício de Instrução Religiosa, mas este respondeu que não podia estar em todo o lado, e que só vira ainda alguns exercícios bastante satisfatórios. Falaria no domingo, com certo cuidado, dado que se tratava de uma composição secreta: agora tratava-se apenas de se divertirem.

— Escolhi um texto — disse — que poderá inspirar-vos o gosto pelas distracções sãs durante as férias: um *Estudo sobre os costumes dos lagartos* por Quatrefages.

Este nome, ligado aos costumes dos lagartos, e que Georges já sabia estreitamente unido aos bichos-da-seda, deu alegria aos alunos. Adivinhavam qualquer coisa como a história da bananeira. Os lagartos faziam parte do paraíso terrestre.

Georges perguntou se os *Casos de manha nas toupeiras* não era mais interessante. Devia, na qualidade de académico, lembrar uma obra que procurara em vão na biblioteca do colégio, e cujo autor era uma das glórias do colégio. Mas o padre respondeu que o caso de astúcia se relacionava com mistérios da natureza que não se podiam evocar aqui. Onde é que a astúcia se alojava?

Quatrefages ia triunfar. Um sorriso cheio de subtileza encheu o rosto do velho padre. Ajustou o lornhão, que pendia da orelha por um fio. Mas em vez de ler, atirou a cabeça para trás, feliz por impor ainda uma última demora. Imaginava horizontes diferentes dos desta aula. Estava já em férias, no meio do campo, o rato branco

numa gaiola — era assim que o transportava. Os lagartos deleitavam-se. Com as duas mãos pôs sobre a mesa um livro grande com encadernação romântica e levantou-o tão orgulhosamente, como o bispo de Pérgamo tirava a mitra. Por fim, pousou o livro, procurou a página e começou, num silêncio absoluto:

«Os antigos naturalistas, perturbados com as mudanças que a idade fazia às cores dos lagartos, tinham multiplicado muito para além da verdade as espécies indígenas deste género de répteis.»

Após esta frase, o padre parou e olhou a assistência, como para julgar o efeito; depois voltou à leitura, comentando-a na ocasião. Aprendeu-se que, em França, só existiam os lagartos das seguintes espécies: o ocelado (*Lacerta ocellata*), o verde (*Viridis*), o veloz (*Velox*), o das paredes (*Muralis*) e o das cepas (*Stirpium*).

As observações de Quatrefages recaíam principalmente sobre um lagarto verde que tivera oito meses em seu poder. De dia guardava-o na camisa e à noite embrulhava-o em algodão.

«O meu *Viridis* — escreve — gostava sobretudo de mel, de compotas e de leite, mas deixava tudo por uma mosca. Gostava de ouvir música. Quando eu entrava numa sala onde se tocava qualquer instrumento, agitava-se imediatamente e vinha mostrar a cabeça por cima da minha gravata. Se eu o pusesse no chão dirigia-se para o canto de onde vinha o som. A flauta e o pífaro pareciam agradar-lhe. O barulho dos pratos, o toque das campainhas, faziam-no agitar-se, mas ficava insensível ao som do bombo...»

As esperanças da classe realizavam-se. Podiam não agradar os pormenores que o padre dizia omitir por discrição como se se tratasse das toupeiras. O *Viridis* entrou bruscamente no mistério: os risos, que se contraíam desde o início, tinham acabado por rebentar. Haviam feito esforços durante todo o ano para não rir na Instrução Religiosa, mas era permitido rir dos costumes dos lagartos

na aula de História, em véspera de férias. O padre soube compreender, sem dúvida, e, quando se acalmaram, continuou plàcidamente a leitura. Mas sempre que aparecia a palavra *Viridis*, dava uma olhadela por cima das lunetas e parava à maneira de aviso. Sentia-se que estava triste por não tomarem mais a sério as distracções sãs.

O estudo livre de quinta-feira de manhã devia ser dedicado ao ensaio de *Plaideurs*. Georges esperava que esta saída lhe permitisse colocar um bilhete na gaveta de Alexandre. Dizendo a Lucien que ia acalmar o garoto com argumentos pessoais, escreveu estas palavras:

*Alexandre*

*Gosto de ti mais do que nunca. A tua coragem restituiu-me a minha. Renuncio a tudo por ti, como tu renuncias a tudo por mim. Logo que estejamos em férias, indicar-me-ás o dia da nossa partida. Teremòs perdido alguns dias, mas ganharemos a vida inteira.*

*Georges*

Com este bilhete, indicava a sua adesão espontânea, fortalecia a vontade de Alexandre. Pousada a caneta, perguntou a si próprio se tão belos projectos não passariam de quimeras. Um pouco de reflexão obrigara-o a reconhecer que Lucien não o julgara mal. Contudo, a sua imaginação tinha sempre com que se deleitar. Tal como antigamente um jovem partindo de casa à aventura, seguiria pelo mundo com aquele que se dissera seu pajem. Além disso, estava envaidecido no seu amor-próprio por ter inspirado uma paixão tão exclusiva a um ser tão belo. Teria alguma vez melhor ocasião para mostrar que possuía, como os Gregos, o culto da beleza?

Num entreacto eclipsou-se — o padre Lauzon não vigiava pessoalmente a execução das suas ordens. O acaso quis que nenhum criado se encontrasse no refeitório. Ao pôr

o bilhete debaixo do copo de Alexandre, pensava no que já colocara nesta gaveta: um frasco de alfazema, cerejas, dois bilhetes. A amizade deles fora feita por coisas tão simples, que tinham tomado por crimes, e era o que os forçava, como criminosos, a exilarem-se da sociedade.

Durante o banho da tarde, Georges dirigiu-se sòzinho para o mesmo lugar da primeira vez que lá estivera. Quando saiu da água, estendeu-se ao sol. A erva tapava algumas pedrinhas que se enterravam na pele, mas esta sensação não era desagradável: mistura de picante e de doçura, semelhante às recordações que levaria do colégio.

Era o último passeio, porque no domingo seguinte o ensaio realizava-se nesta altura. Imaginava ver Alexandre em calção azul. Onde é que tomariam banho juntos, no futuro? Em que mares, em que rios? Os rios do paraíso terrestre e os do Império da Macedónia, o mar e os rios do Terno, tudo isso ficaria nos livros e nos papéis do colégio. Georges levantou os braços, parecendo chamar a bênção do sol para o seu corpo e o de Alexandre que evocava, depois baixou-os num movimento rítmico e apoiou-os nos ombros. Ficou assim vários minutos com os olhos fechados, oferecendo-se ao futuro.

Sùbitamente, um apito indicou o fim dos divertimentos náuticos e dos sonhos campestres. Georges olhou demoradamente a outra margem. Ao dirigir-se para os colegas, esmagou os gladíolos que encontrou no caminho. Nenhuma flor devia nascer ali no próximo ano.

Sábado: «Reunião dos antigos alunos. Missa em memória dos membros defuntos da Associação.» O bispo careca não viera: tinha sido demasiado pródigo. O Superior pronunciou o sermão de circunstância: *Ecce quam bonum...* como é bom... *et quam jucundum...* e agradável... *habitare fratres in unum!...* viver com os seus irmãos!... Seria em memória do padre de Trennes que citava — certamente num sentido louvável — a máxima dos Templários?

Esta piedosa reunião, disse o orador, oferecia um espectáculo reconfortante no meio da agitação febril do século: marcava o que fica, ao lado do que passa. Em seguida fez o elogio dos antigos alunos desaparecidos — a transição era um pouco brusca — mas depressa voltou à felicidade dos que estavam presentes.

— Lembrai-vos — disse — do lugar da capela onde rezaste, onde vos acolheste depois das vossas comunhões. Lembrai-vos do vosso lugar na sala de estudo, onde, sob o olhar dos vigilantes que, por vezes, julgastes severos, vivestes horas tão fecundas. Lembrai-vos do pátio do recreio, onde se conduzia com jogos harmoniosos a vossa exuberância ou a vossa indolência. Lembrai-vos das amizades leais e cândidas, primeiros entusiasmos dos vossos corações generosos. Lembrai-vos, finalmente, das visitas aos vossos professores, e aos vossos directores espirituais, pais das vossas almas jovens e dos vossos espíritos jovens, que, com calma e segurança, esclareciam as vossas virtudes e os vossos trabalhos.

— Tantos «vossos» — disse Lucien.

Georges evocava o ano, passado no colégio. Revia o que tinham sido a capela, a sala de estudo, os recreios, o director, os vigilantes. Nem ele nem Alexandre voltariam na qualidade de antigos alunos, tal como o padre de Trennes não voltaria na qualidade de antigo vigilante. Para Georges também fora agradável habitar com o irmão, e era porque queriam impedi-lo disso que, tal como ele, se iria embora.

Olhava os homens reunidos na nave. Pensariam, uns e outros, que o Superior tinha razão? Na verdade, mesmo que nada de cândido as assinalasse, as amizades tinham voltado, visto que se encontravam ali. No entanto, alguns deviam ter conhecido, sem dúvida, as mesmas alegrias que Georges, afastadas do mal e inspiradas pelo belo. E hoje, nos seus rostos, lia-se apenas um contentamento beato, interesses sórdidos, uma vaidade de bobo, glória por serem

condecorados, uma condescendência desdenhosa para com as novas gerações.

Estes homens só tinham um testemunho a seu favor e, provàvelmente, tinham-no esquecido: eram as fotografias de outrora, emolduradas no corredor do primeiro andar. Georges recordava-se de uma cabeça esgrouviada metida num colarinho voltado; de um rosto, muito simpático, muito delicado; doutro, pelo contrário, muito descarado; e dum outro que tinha um olhar misterioso.

Estes rapazes já não existiam. Os rostos deles tinham sido substituídos por caras de homens, sobre as quais a vida, a fealdade, a uniformidade, a navalha de barba haviam passado. Georges compreendia agora o que o padre de Trennes dissera do rosto do homem e sentia-se apaixonado pelo seu próprio rosto, pelos rostos de todos os colegas, que o rodeavam na sua integridade, na sua pureza. Amava-os por não serem ainda rostos de homens. Amava-os como os reflexos do rosto de Alexandre.

Na aula de Instrução Religiosa, o padre declarou que um dos exercícios de domingo passado lhe reservara uma desagradável surpresa.

— Sim, meus caros — disse. — Um de vós cumprirá o provérbio: entrar papa no conclave e sair cardeal.

Olhou Georges ao proferir esta sentença, e contentou-se a acrescentar que se explicaria com o interessado, depois da aula.

Alguns reclamaram a leitura do exercício, esperando que fosse tão divertida como a dos lagartos. Georges, que de início a desejara, agradeceu ao padre por tê-lo declarado abrangido pelo segredo. No primeiro trimestre também ficara contente por o Tatu não os ter feito rir por causa do «Retrato de um amigo». Nesse tempo, era porque receava que reconhecessem Lucien. Desta vez, os colegas não teriam atingido a maior parte das suas delicadezas

requintadas e, à falta da chave do enigma, julgariam que ele troçara de toda a gente.

À saída, o padre chamou Georges. Os curiosos fizeram círculo à volta da cadeira do professor, mas ele afastou-os. Perguntou a Georges o que lhe passara pela cabeça ao fazer o exercício.

— Não estava bem disposto, nessa manhã — respondeu o rapaz.

— Devia estar mesmo muito mal, porque a sua redacção é um chorrilho de asneiras. Dir-se-ia uma aposta.

Georges ficou admirado com a palavra: todos os padres tinham o seu momento de lucidez. Primeiro pensara dizer que fizera mal o exercício propositadamente, por mortificação — a mortificação era aqui «a torta recheada». Imaginava o homenzinho enternecido com tanta virtude como se estivesse diante de um rato branco. A comédia oferecia um certo perigo: uma resposta tão edificante corria o perigo de chegar ao Superior e de parecer duvidosa ao padre Lauzon. Era preciso deixar a mortificação com o coqueiro e a nespereira. O professor continuou:

— Começou brilhantemente por uma citação, aliás, mais ou menos de circunstância, mas com a continuação tornou-a demasiado irónica ao seu ponto de vista. Na verdade, quase nunca «chamou as coisas pelo seu nome», como diz o seu poeta. Não só teve lapsos inexplicáveis como, por um fenómeno curioso, tudo o que escreveu é uma espécie de transposição da verdade. Imitou aqueles religiosos cujo regulamento dizia que se vestiriam de preto e escreveram na margem: «Isto é, de branco.»

— Estou muito confuso, padre. Não sei como fiz aquilo.

— Não estudou, simplesmente, as primeiras lições. Eu tinha previsto que apanharia algum, mas nunca pensei que fosse você.

«Não esconderei que sofrerá as consequências: terá um prémio a menos. Lamento-o, tanto como o seu confessor, com quem falei. Mas, vamos consultar o Sr. Superior e talvez salvemos uma folha dos seus louros.

À tarde, o último ensaio de *Plaideurs* devia ser com os fatos da peça. Foram vestir-se à rouparia. O grupo de *Ricardo Coração de Leão* saía, enchendo o austero corredor de pajens e guerreiros. Os pajens usavam todos um traje diferente e Georges reconheceu num deles o que Alexandre lhe descrevera. Alegrou-se por o sucessor do garoto se mostrar muito desajeitado no gibão encarnado e calções brancos.

O colégio teria o pajem que merecia.

As irmãs ajustavam os fatos. Isto divertia-as. Tinham risos discretos, troçando dos actores. A um canto, o próprio prefeito acolchoava a gola de Lucien e dizia um verso de La Fontaine:

*No colégio até um rapaz faz de menina.*

Perto dele, a condessa de Pimbêche, com o corpete entreaberto, esperava a sua vez.

Quando o ensaio terminou e todos vestiram os seus fatos habituais, Lucien interrogou o prefeito a propósito de Champmeslé. Georges aproveitou para dar um salto até ao dormitório de Alexandre. Ria ao lembrar-se de que estivera quase para lá ir vestido de brocado e de cabeleira loura e sapatos encarnados.

Não havia ninguém. Georges avançou para a cama indicada. Novas imagens lhe vinham à memória. A cama, a mesa, a caixa e o tapete pareciam-se com os outros mas não podiam ser de mais ninguém. Estavam marcadas com um sinal, tal como as duas toalhas estendidas na barra da cama tinham um número. À cabeceira havia um pijama cor-de-rosa, dobrado. Hoje era Georges que tinha as ideias do padre de Trennes: gostaria de levar este pijama encantador mas limitou-se a beijá-lo.

Os actores haviam sido convidados a comer no refeitório. Ao juntarem-se aos colegas, souberam que acabavam de reunir as duas turmas para a fotografia colectiva do

ano. Tinham esquecido o grupo que, aliás, tinha direito a uma fotografia especial no dia da representação. Assim, por causa de *Plaideurs*, Georges não ficaria na mesma fotografia que Alexandre. O padre Lauzon teria pelo menos essa satisfação, ou antes, não teria a de os queimar em efígie.

Georges não voltara à sala dos mais pequenos, desde a curta reunião de Janeiro. Este retiro de fim de ano, que aí o levava nesta noite, era para ele um retiro de fim de estudos.

Conforme o costume, os mais pequenos tinham sido agrupados nas primeiras filas, mas Alexandre, que se encontrava na extremidade da quarta, não abandonara o lugar. Fora ali que o miúdo escrevera a Georges o primeiro bilhetinho cercado de grinaldas, e o último, sinal da revolta e da partida. Naquele púlpito, do alto do qual o Superior falava das virtudes cardeais, obtivera autorização para os encontros. As paredes da sala de estudo estavam cobertas com a imagem de Georges. E agora, para lá deste horizonte, aparecia o mundo; para lá das virtudes cardeais, a vida.

Georges pensava no retiro do começo do ano, que ouvira pregar ali mesmo. Nesse tempo estava ocupado com Lucien; agora, sacrificava esse Lucien a alguém que lhe pediria ainda sacrifícios maiores. A primeira conferência do ano, em que se falara das amizades particulares, tinha dado os seus frutos. E todavia, o pregador teria de que se lamentar? Alexandre escrevera, indubitàvelmente, outro nome, além dos jovens mártires, no frontão desta sala; Georges seguira, sem dúvida, um caminho diferente do de S. Plácido, e o benjamim dos seus corações não fora o da *Imitação*. Mas de Lucien a Alexandre, as amizades de Georges tinham-se elevado: tal como dissera ao padre Lauzon, subira para a pureza em direcção à luz. Além disso, o padre Lauzon e ele próprio não faziam ali nada.

Durante a manhã do dia seguinte, houve novamente «instrução em comum», na sala dos mais pequenos. Não era a instrução do retiro de Outubro, que se fazia separadamente em cada turma: o Superior não tinha o dom da ubiquidade. Iria falar das virtudes teologais, das virtudes cívicas, de «com a breca», ou de «irra»?[1], «dos Tronos, das Virtudes e das Autoridades»? A fim de inspirar, também, o gosto pelas distracções sãs durante as férias, poderia ter falado das virtudes das plantas, evitando no entanto dizer: «virtudes dos simples» com receio que se prestasse a confusões.

O Superior falara bastante sobre a virtude. Guardara de reserva uma peça já anunciada aos académicos: o relatório a apresentar no Congresso Eucarístico.

— Espero — disse — que esta apreciação, cujo assunto foi fornecido por vós, vos dê o desejo de continuardes nas vossas piedosas disposições. Eis o título e o preâmbulo:

*Relatório sobre o regime de comunhão diária no Colégio livre de Saint-Claude (...França), durante o ano escolar de 19...-19...*

*No momento em que o mundo católico reunido presta homenagem a Jesus-Eucaristia, pareceu digno de interesse mostrar o que foi o regime de comunhão diária num colégio livre de França, a fim de levar os directores de outras casas de educação a espalhar princípios tão ricos em graças de toda a espécie para a comunidade.*

Deteve-se e com os olhos percorreu a sala, como fizera o professor de História depois da primeira frase relativa aos costumes dos lagartos. Dava a reflectir o tema ou a forma? Queria ver se os rapazes estariam espantados por serem propostos à admiração do mundo católico, ou se

---

[1] Há um jogo de palavras entre *vertu* (virtude e *vertubleu* e *vertuchou*, que significam respectivamente *com a breca* e *irra*. *(N. do T.)*

consideravam o Superior digno da Águia de Meaux pela eloquência e pela inspiração?

Acabando de ler, continuou mais familiarmente:

— Tenho razão, meus filhos, para me felicitar e vos felicitar. Houve este ano em Saint-Claude, até esta manhã, inclusive, quarenta e três mil novecentos e setenta e três comunhões. Eis o que, sem ofender os nossos laureados, conta infinitamente mais que as vãs coroas de amanhã.

Pegou nas folhas a fim de completar os números:

— De 4 de Outubro a 21 de Dezembro, a média das comunhões foi de cento e setenta e cinco em cento e noventa e oito alunos e setenta e nove dias de presença; no segundo trimestre, de cento e oitenta e um — número *record* — em cento e noventa e três alunos e noventa e cito dias de presença; no terceiro, finalmente, de cento e setenta em cento e noventa e dois alunos e setenta e três dias de presença, diminuição que é aparente pois provém, principalmente, do facto de, nestes últimos dias, os mais velhos estarem ausentes. O fervor deles é bem conhecido.

Levantou a cabeça com ar triunfador. Adivinhava-se que ele próprio se sentia honrado, tanto pelos cálculos como pelo facto de ter distribuído a maior parte dessas comunhões.

— Não sei — continuou — se há muitos estabelecimentos escolares que possam orgulhar-se — ouso empregar este vocábulo — de semelhante resultado. Uma intensa vida espiritual não deixou de reinar nesta casa. A congregação e a confraria tiveram novos membros. As obras de caridade recolheram quotizações mais elevadas. A conduta geral foi excelente, excepto alguns desvios ràpidamente reprimidos, e a virtude de um de vós assinalou-se anònimamente por um impulso de zelo meritório.

Georges lamentou não poder saudar pùblicamente, como no anúncio da eleição académica.

— Fina alusão ao padre de Trennes — murmurou Lucien. — E eu que julgava que o seu desaire se devia a manobras dos anjos! Vivam os papa-hóstias!

— Tu sabes bem — observou Georges — que os anjos e o Demónio são a mesma coisa.

— Vejamos, a propósito — dizia o Superior —, como aqueles de quem eu evocava a piedade fizeram os exames (os resultados foram-me comunicados hoje mesmo): dos quinze candidatos às duas partes do exame final, doze foram admitidos, dos quais um — o vosso colega X... — com a classificação «Muito Bom». Não duvidem, este sucesso foi favorecido pela atmosfera moral devida ao estado de graça permanente da comunhão diária.

«Espero muito destas divinas sementes: a alegria de ver nascer entre vós numerosas vocações. Mas isto é um ponto muito delicado para que eu possa permitir-me outra coisa senão entreabrir a vossa consciência para o apelo do Céu.

Com voz abafada fez um longo comentário à sua preterição.

Georges, insensível a este ronrom, pensava nas estatísticas que Lucien assinalara tocando-lhe com o pé, como André tocara em Lucien quando se falara das amizades particulares. De um ano escolar que começara com André Ferron, e acabara por Maurice e o padre de Trennes, do ano de Georges e Alexandre, só havia oficialmente uma estatística de comunhão quotidiana. No entanto, o Superior não esquecera estas personagens, visto ter falado dos seus desvios. Mas considerava, sem dúvida, que era uma coisa sem importância em relação a tanta gente. Dado que só alguns tinham sido apanhados, concluía pela inocência de todos os outros, tão bem guardadas graças a um impulso de zelo a que quisera prestar homenagem. Talvez não acreditasse na virtude senão pelo desejo de contar as comunhões. Talvez, ainda, estivesse persuadido de que a prática dos sacramentos é uma virtude em si, e suficientemente grande para dispensar o resto: admirava-o com a mesma confiança que os discursos apócrifos ou as poesias autênticas da Águia de Meaux. Talvez, por fim, acabasse verificando que não se produzira nenhuma das

desgraças descritas pelo pregador na abertura das aulas: nem hóstias em chamas, nem mortes súbitas, em cerca de 200 alunos e 44 000 comunhões.

Em Saint-Claude tinham-se feito outras estatísticas: Lucien no princípio do ano, acumulando medalhas, santos e indulgências; o ecónomo falando dos gastos da cozinha no dia do grande passeio; o padre de Trennes aumentando as saídas da sala de estudo, a fim de descobrir, sem escândalo, o segredo de Georges. E o próprio Georges imaginando, para uso deste padre, diversas estatísticas. Era a altura de apresentar a sua — não a das comunhões e das confrarias, nem a dos primeiros lugares e dos exercícios de classificação excepcional, mas a dos bilhetes e dos encontros. Era menos pretensioso que Catulo na dos beijos.

O padre Lauzon ouvira o Superior um pouco distraído. Devia pensar que, por sua culpa, a abstenção de Alexandre, há mais de dez dias, diminuíra consideràvelmente o número das comunhões. Mas devia recordar-se da conversa que Alexandre e Georges tinham tido no mês de Março, na sua presença, no decorrer da qual falaram das comunhões diárias duma maneira que o impressionara.

No fundo, o Superior tinha inteiramente razão. O que dizia eram factos inegáveis e deixava a cada um explicar-se a si mesmo. Pensava como esse autor de almanaque do século XVIII que fazendo uma estatística — a das casas de Paris — dizia que havia tantos milhares, «sem contar as mais afastadas». O Superior não se importava com tudo que sucedia. Salvo o pouco que soubera, que poderia saber mais? Aqui, cada um desempenhava vários papéis: qual era o verdadeiro? Alguns, que apregoavam a libertinagem, talvez não a praticassem. Outros expiavam-na, talvez por remorsos cruéis ou por receio, como dissera Marc, de cair bruscamente — de comprometer a saúde e os estudos. Não contentes com as orações que rezavam em sua intenção no colégio, os finalistas que tinham navegado em águas turvas certamente rezavam antes de enfrentar os examinadores. Nas aulas de Instrução Religiosa

tinham falado desses grandes chefes da franco-maçonaria, que comungam pela Páscoa, às escondidas.

Na verdade, era muito difícil apreciar o valor de um acto, tanto como o de uma intenção. As indulgências de Lucien eram mais cómodas: a intenção era indicada, uma pessoa só tinha que se conformar e estava tudo dito. Mas, em Saint-Claude, como encontrar-se entre tantos interesses adversos? Os próprios mestres, com a sua casuística, tornavam a tarefa difícil. O Superior não representara o papel da direcção de intenção, e o padre Lauzon o da restrição mental, assim como o padre de Trennes representara o do equívoco? Além disso o resultado dos actos estivera por vezes em oposição com as intenções: quando Georges quisera seduzir Lucien, convertera-o! Alexandre, seduzido, salvara a pureza de Georges, e Maurice ajudara-o com a sua impureza.

Tudo era verdadeiro e falso, ao mesmo tempo, tudo era sim e não, como o «Carymary-Carymara» de Panurgo [1]. Cada ser tinha um duplo que se não parecia, cada coisa implicava uma contradição ou escondia um mistério. Segundo o pregador, havia os filhos da luz e os das trevas que ele não estava disposto a reconhecer. A estátua de Tarsício, o mártir da Eucaristia, fora dada pelos pais de Lucien, no tempo em que este combinava perfeitamente com André as tristezas de amor e as comunhões diárias. E sob o pedestal, um bilhete rasgado e destinado ao Superior continha, escrito por Georges, o nome do padre de Trennes. Das *Éclogas* de Virgílio, Georges sabia de cor a de Alexis e o padre Lauzon a da Virgem Santa. O padre de Trennes, orador particular, já não era o padre de Trennes orador sagrado. A sua mala continha provàvelmente, com o fornecimento de terços, os pijamas de Georges e de Lucien.

Houvera também comunhões sem equívocos, orações

---

[1] Panurgo — personagem do *Pantagruel* de Rebelais. *(N. do T.)*

fervorosas, actos de uma pureza incontestável; Georges não comungara nos primeiros dias porque não se confessara. Lucien e Alexandre, durante muito tempo, tinham estado juntos nos ofícios divinos e na comunhão diária. André Ferron fora resgatado por Marc de Blajan. Os monólogos do padre de Trennes haviam sido substituídos pelos do padre Lauzon — os triunfos secretos deste tinham ultrapassado os do outro.

Outro tanto se passava nos estudos: o finalista que acabara o curso com a classificação «Muito Bom» era o mesmo que dissera não viver senão para dançar. Sem dúvida tinha estudado mais do que dançado. E quanto a Georges, só pensara em Lucien ou em Alexandre, mas isso não o impedira de ser o primeiro da turma, tanto quanto pudera.

O mal era, definitivamente, compensado pelo bem. O Congresso Eucarístico tinha o direito de se edificar. Os alunos de Saint-Claude haviam enganado o Superior mas ele não enganava os congressistas. Todos receberiam a sua recompensa.

Depois do recreio de uma hora foram, em grupos, buscar as malas ao sótão. Alguns sopravam-nas por cima para lhes tirar o pó e avançava-se através duma nuvem. Georges evocava os momentos longínquos do começo das aulas, em que a irmã-enfermeira se ocupara das suas bagagens, que não retomariam mais o caminho de Saint-Claude. Aqui, teria apenas um começo de aulas. Tal como o padre Lauzon dissera de Alexandre, Georges estava diferente do que era ao chegar ao colégio. As mudanças que descobrira em si nas férias da Páscoa levaram-no mais longe do que então imaginara. O baú e a mala pareciam-lhe, não os despojos da sua amizade, como afirmara o padre Lauzon, mas os da sua antiga existência.

As bagagens deviam ficar junto das camas; os criados carregá-las-iam, no dia seguinte, para a estação. Para as

dos alunos que seguiam de automóvel, tinham arranjado letreiros que colavam orgulhosamente no tampo: *Não levar.*

Georges, na esperança de viajar com Alexandre, convencera os pais a virem buscá-lo de comboio. Era provável que o padre Lauzon quisesse evitar o embaraço desse dia: julgar-se-ia representando suficientemente os pais junto do seu pupilo.

Quais seriam os preparativos de Georges?

Seria necessário levar todas as coisas, inclusive o pijama novo que lhe dera o padre de Trennes e o descorante para alourar uma nova madeixa? Para não chamar a atenção de Lucien, decidiu fazer como se voltasse no ano seguinte. Ao fundo, junto da cama que Georges agora já conhecia, Alexandre pensava, sem dúvida, ao arrumar este ou aquele objecto no interior da mala: «Quando partir com o Georges porei isto no saco de viagem e isto não.»

A última aula de estudo do ano começou com a recitação do rosário. O vigilante enunciava os mistérios de cada dezena, depois designava, fila por fila, o aluno que começava a oração a que todos respondiam. Georges foi contemplado com um dos mistérios gloriosos. Esta honra estava bem indicada para um aluno que se distinguia nas vias da mortificação — um aluno por causa do qual a imagem do padre de Trennes acompanhara, noutras circunstâncias, uma leitura relativa aos mistérios dolorosos do rosário.

Georges olhou em seguida os livros. Deixava-os, naturalmente. Na carta que escreveria a Lucien antes da fuga, dir-lhe-ia que lhos dava. Dos trabalhos, guardaria ùnicamente o que fizera só para si: o segundo «Retrato de um amigo».

Recordou-se, ao ver o seu Virgílio, do que lera de comovente nesta obra, apesar da irritação que lhe causara o fim de *Alexis*. Fora aí que abrira o primeiro bilhete de Alexandre. Pensou nas sinas virgilianas, sobre as quais o Tatu glosara recentemente, a propósito da versão tirada da *Eneida*. Ocorreu-lhe perguntar-lhes, nesse dia, o que é

que o futuro lhe reservava. Abriu o livro ao acaso: o título da página mostrou-lhe que estava ainda nas *Éclogas* — Écloga V. Pareceu-lhe que o destino devia ler-se à esquerda ao alto:

*Extinctum Nymphae crudeli funere Daphnim*
*Flebant...*

Parou e olhou os dois primeiros versos à direita, que traduziu assim:

«Muitas vezes nos campos em que semeámos a bela cevada, dominam o joio triste e as ervas estéreis.»

A verdade é que no fim, Dafne, depois de morta, tornava-se um deus e falava-se já de festejos em sua memória. Terminava em perigo de vida, mas mais decentemente que a de Alexis.

As sinas virgilianas eram boas para juntar aos oráculos da Sibila de Panzoust. As ninfas e o semeador de cevada podiam chorar quanto quisessem. Para Georges e Alexandre não era questão de morte nem de más colheitas. As boas «sementeiras» não eram as das almas, figura de eloquência do Superior, mas as que tinham fornecido o assunto do melhor exercício de Francês redigido por Alexandre; e a morte de Dafne não valia a «morte de Heitor», composição onde obtivera a melhor nota. Alexandre e Georges deixavam esta casa para viver e não para morrer. Protegia-os o mesmo deus, deus de Téspis e do Universo, deus mais verdadeiro que Virgílio.

Nesse momento, o padre Lauzon abriu a porta e fez-lhe sinal para o seguir. Não se incomodava assim desde a noite em que o seu primeiro penitente, como o designara, pedira para o ver. Que anunciava o sussurro desta sotaina na escada? Georges ia saber, talvez, que o prémio de Instrução Religiosa lhe fora atribuído? Não se perturbava, seguro de que doravante nada podiam contra ele e Alexandre. Logo que chegou ao quarto, observou o rosto do hospedeiro e notou certa inquietação.

— Georges — disse-lhe o padre, que nunca o tratara pelo nome próprio —, já sabe muito bem do que quero

falar-lhe. Tenho necessidade não só das suas orações mas também dos seus actos. Uma vontade satânica anima esse garoto. Segundo ele, o que seria uma blasfémia se fosse verdade, é para me dar prazer que se abstém de comungar, e para me aborrecer que recusa confessar-se. Nunca se viu, num ser tão jovem, semelhante insolência! O que é a pureza sem a humildade? O orgulho foi o bastante para perder os anjos. Fez um bonito serviço o anjo do colégio!

«Lamentava que ele preferisse seguir uma atitude totalmente diferente da sua, e não conseguia adivinhar as razões de tal resistência, que ele acabou por desvendar. Sim, vou espantá-lo, Georges: o que o sustém é a convicção de que os seus sentimentos para com ele não mudaram. Na conversa que tivemos esta manhã, teve o descaramento de dizer que você o encontraria este Verão, por uma promessa que acaba de renovar por escrito. Agora estou seguro de si para não acreditar nas palavras dele no que diz respeito ao futuro, e ainda menos ao presente, mas quero mostrar-lhe de uma maneira indubitável que o passado está bem morto entre os dois. É uma obra necessária, a fim de evitar uma cabeçada da parte dele. E esta obra não se cumprirá senão quando eu puder entregar-lhe, em seu nome, todos os bilhetinhos e todas as cartas que tem dele.

Georges via-se no espelho suspenso junto da janela: tornara-se pálido. O padre notou a sua emoção, mais visível ainda que a do outro dia, porque acrescentou:

— Compreendo que esta decisão seja difícil para a sua delicadeza, mas a importância dos interesses em causa deve ditá-la. Evitando-a, deixava-lhe a si a responsabilidade pior. Pode-se pôr na balança a eternidade e as vãs recordações? Este sacrifício, a que uma alma deverá sem dúvida a salvação, acabará aliás por purificar a sua. Recorde-se de S. Jerónimo que levara para o deserto as obras do seu querido Cícero, e uma voz dizia-lhe quando dormia: «Tu não és cristão, és ciceroniano.» Destruiu os vestígios

dessas paixões acabadas. Mais tarde também S. Filipe de Néri destruiu os versos profanos que escrevera na juventude. Inspire-se nos mesmos exemplos. Na sua idade, não se escolhem tão elevados e certamente não esqueceu os que dava o pregador no dia seguinte ao da entrada no colégio. Consentirá portanto, sem qualquer pena, no que lhe peço. Apresso-me a acrescentar que não lerei a sua correspondência — há muitos anos que já não leio romances.

— Não tenho nenhum desses bilhetes aqui — respondeu Georges com voz sumida. — Datam todos do segundo trimestre, e deixei-os em casa na Páscoa.

— Ah! julgava que eram deste trimestre, pois, antes da Páscoa, afirmou ao Sr. Superior nunca ter recebido bilhetes.

Olhou Georges durante uns momentos, dando-lhe a entender que, de futuro, as mentiras eram supérfluas: Alexandre e ele, cada um à sua maneira, tinham dito por fim a verdade.

— Não importa — acrescentou o padre. — Não voltemos ao passado. Acredito na sua palavra e não cometerei a injustiça de pedir para ver a sua carteira. Logo que entre em férias, enviar-me-á todos esses bilhetes para S..., por carta registada. É essencial que eu actue imediatamente: um dia de atraso poderá ser fatal. Assim, mostrar-me-ei rigoroso com aquele de quem dependem os remédios. Contemos exactamente, se faz favor, como quando se tratava da sua entrada para a congregação. Hoje são dez. Parte a onze. Se eu não tiver esses bilhetes a treze, irei a Saint-Claude, no dia seguinte, pedir a sua expulsão. Seria empregar mal o dia da festa nacional.

«Desculpe a pouca elegância que ponho nesta advertência, tão séria como a primeira. O espírito maldito que vos habitava foi reforçar o do seu antigo cúmplice; conserva os seus traços e devemos apagá-los. É aí que é preciso dar o grande golpe. Tenho o direito de exigir a sua colaboração. Trata-se duma criança que eu considerava

como meu filho espiritual, e que, por sua culpa, hoje já não é filho de ninguém. Não o arrancou só ao seu director e aos pais, roubou-o a Deus. Tem a obrigação de lhos restituir, pertenceu-vos demasiado. Que digo? A amizade que lhe tinha obriga-o a ter para com ele uma inteira reparação. Agradecer-me-á um dia por lhe ter imposto esta prova, quando puder verificar o bem que ela produzirá. E essa criança agradecer-lhe-á, também, porque saberá, então, que você gostou dela verdadeiramente.

O som da sineta que indicava a hora da merenda e, pouco depois, os gritos dos alunos no pátio, tinham servido de eco às últimas palavras do padre Lauzon. Georges, ao sair, não desejava juntar-se de maneira alguma aos colegas. Como no dia seguinte ao do grande passeio, dirigiu-se para o dormitório, a fim de se recolher com a sua mágoa. Os ruídos do exterior pareciam-lhe vir dum mundo desconhecido. No meio do silêncio, sentia-se mais só do que na última vez. Via-se num deserto, frente ao vácuo. Hoje as lágrimas ter-lhe-iam parecido irrisórias.

Uma outra coisa lhe parecia também agora irrisória: o projecto de fuga. A segurança inflexível do padre revelava-lhe quanto a sua própria posição era frágil. O homem que tinham enganado durante tanto tempo sabia tudo e, por conseguinte, tudo preveria. Já não servia de nada lutar. Estavam irrevogàvelmente vencidos.

A vigilância exercida à volta de Alexandre durante as férias da Páscoa garantia as precauções que nestas seriam tomadas. Georges e ele não tornariam a ver-se quando se separassem. Bastava o padre dizer uma palavra para que não tolerassem a sua reunião. Eram prisioneiros da ordem estabelecida. Queriam arrancá-los mesmo às suas recordações. Georges sacrificaria as suas? Recusar-se seria levar o drama à família e sem qualquer utilidade. Submeter-se seria acrescentar a vergonha a todas as suas infelicidades. Mas permitir-lhe-iam não se submeter? A intimação do padre Lauzon lembrava, de algum modo, a do padre de Trennes. Georges estivera em condições de se defender

vitoriosamente de uma delas; estava desarmado para a outra. De novo, e numa circunstância capital, o digno padre obteria o que o padre suspeito desejara? Ao adversário restava apenas a satisfação de ter podido evitar uma terceira busca à sua carteira.

Que ingenuidade a sua ao dizer que possuía ainda os bilhetes! Respondera como se acreditasse realmente nessa responsabilidade de que falava o padre Lauzon. Soubera não ligar importância àquela de que lhe falara o Superior a propósito do padre de Trennes. Acusava-se, sem dúvida, mas acusava também Alexandre por ter sido o principal obreiro desta catástrofe, por ter tornado inúteis os esforços do irmão mais velho, por ter agido, na verdade, como uma criança. No incidente de Março, Alexandre cometera uma falha: deixara adivinhar ao padre Lauzon que as relações com Georges eram mais íntimas do que ele supunha, mas estava-se no capítulo da comunhão diária. Desta vez deleitara-se em irritar o homem cuja afeição o incomodava. Pensara que esse padre se contentaria sempre em dizer orações? Julgava desencorajá-lo mostrando-se corajoso? Ou imaginara que tanta franqueza não seria tomada a sério, e que juntaria, ao prazer de confessar, o de enganar? A sua bazófia tornara impossível o que talvez não tivesse sido. Metade por tédio, metade por leviandade, Georges fizera o resto. Os dois amigos haviam destruído esta amizade condenada. Não teriam podido salvá-la senão por meio de prodigiosas habilidades, com esforços pacientes, com um plano bem amadurecido. Tinham-se deixado apanhar de maneira diferente pelos rodeios do interrogatório, como se tinham deixado apanhar lado a lado na cabana. Faltavam-lhes os meios, tanto para se revoltarem como para se justificarem. A aventura que tinham projectado não passaria dum sonho.

Quando a sineta indicou o fim da merenda, pareceu a Georges que soava a finados no vazio do seu coração. Desceu maquinalmente.

Última conferência do retiro. O Superior comunicou que se ocuparia das férias. Era o assunto com que começara o ano nos mais velhos, e acabava-o de modo igual para todos.

— Férias — disse. — Que palavra mágica! Não sei se haverá alguma que vos agrade tanto como esta. Todavia, as férias, que sempre esperais tão impacientemente, são uma coisa grave, a mais grave do ano inteiro. Aqui, os sacramentos, o trabalho, a disciplina, concorrem para vos manter no bom caminho, e estabelece-se naturalmente, entre alunos educados nos mesmos princípios, este estímulo do bem, de que ontem me felicitava diante de vós. Em férias, estais desocupados, sois mestres de vós próprios, podeis desleixar os sacramentos. Um santo padre disse: «Há um demónio que espreita, debaixo de cada folha, o estudante no campo; no campo debaixo de cada folha, e na cidade sob cada pavimento; na montanha debaixo de cada pedra e de cada silvado; no mar sob cada onda e cada grão de areia.»

«As férias são o paraíso dos estudantes; mas, em todo o paraíso há uma serpente escondida e frutos proibidos. Distinguirei cinco categorias de férias, ou pelo menos dar-lhes-ei cinco designações, como para os estudos: há férias *Óptimas*, férias *Boas*, férias *Sofríveis*, as *Medíocres* e as *Más*.

Deteve-se e tomou um ar severo separando bem as palavras:

— Só consinto as boas, ou antes, quero acreditar que ireis até às excelentes.

Pelas boas, Maurice recebera uma joelhada debaixo da carteira: com chalaça inconsciente, o Superior incitava-o a continuar o seu caminho.

— A fim de ajudar o vosso firme propósito — continuou —, mandar-lhes-ei, juntamente com os exercícios, um regulamento para as férias, de que vos vou fazer uma leitura. Assim, depois de ter assegurado a continuação da vossa vida intelectual, velaremos pela vossa vida

moral. Este pequeno catecismo é completado, além disso, por um calendário das festas litúrgicas — a vida religiosa continua igualmente fora do colégio, não é preciso repeti-lo.

O Superior previa portanto existirem perigos. Era mais perspicaz em férias do que em Saint-Claude. O seu regulamento ia compensar os sonetos e as estatísticas.

Georges olhava os camaradas. O ar sério que continuavam a adoptar era ligeiramente irónico; a atitude testemunhava já uma certa independência. Decididamente, recebiam ao contrário o regulamento que lhes liam com tanto cuidado; no íntimo troçavam do que ouviam.

«— ...A preguiça em levantar-se da cama compromete a energia do carácter: sem serem tão madrugadores como aqui, estejam a pé entre as sete e as oito horas, o mais tardar.

«Pelo menos três vezes por semana assistam à missa, e, se possível, comunguem. Não faltem, claro, a nenhum destes deveres aos domingos e dias de festas, depois de se terem confessado na véspera (nesses dias, assistam às Vésperas).

«Depois, trabalhem durante umas duas horas, consagradas principalmente aos trabalhos de férias e a leituras instrutivas ou edificantes, nunca a leituras sem interesse.

«Às refeições, não se esqueçam do benedícite, que rezarão sempre em voz alta e em nome de todos. No fim, a oração de graças.

«À tarde, um passeio com a família, ou com colegas do colégio, ou ainda com amigos seguros e virtuosos. Uma rápida visita a uma igreja, onde levarão os que vos acompanharem.

«É indispensável que tenham relações com os párocos e seus coadjutores. Mas não deixem, por isso, de escrever regularmente ao vosso director espiritual.

«Depois do jantar deitem-se cedo. Façam as vossas orações de joelhos (ao deitar e ao levantar), em cima ou ao lado da cama — mas não dentro dela, se faz favor...

Alexandre, ao fundo, com os braços cruzados, parecia escutar o Superior com um ar muito convencido. Dir-se-ia que não podia ter outras férias senão as que ele indicava, divididas em três: vida religiosa, vida intelectual e vida moral, com passeios em família, cartas ao director espiritual, a visita a uma igreja, a oração em cima ou junto à cama. Mas Alexandre pensava, sem dúvida, nas férias que combinara com Georges, férias eternas longe de tudo isto — férias que nunca se realizariam.

À noite, o vigilante retirou-se muito cedo, deixando reinar a liberdade. Queria que conservassem dele uma boa recordação. Sabia, além disso, que a sua autoridade terminara nesse dia. Fazia como no banho, quando preferia parecer distraído. Poder-se-ia ouvir o que cada um dizia, se o ruído geral das vozes o tivesse permitido. Alguns circulavam, tomando o fresco. Por um pouco, julgar-se-ia estar no recreio.

Lucien sentara-se sobre a mesa-de-cabeceira, como o fazia antigamente o padre de Trennes. Apoiava a cabeça no travesseiro do amigo. Georges informara-o das decisões do padre Lauzon, sem acrescentar quanto tinham mudado as suas. Confessara-lhe que se resignava a obedecer. Agora, estavam de acordo. E eram talvez os únicos do dormitório a conversar em voz baixa.

Lucien tentava, mais uma vez, pôr as coisas em ordem.

— O que aconteceu — disse — não impedirá a família Motier de ir para férias, quer seja para a Côte d'Azur, para a Côte d'Argent ou para as costas de Adam. Maurice informar-te-á. Podes escrever-lhe, como tinhas dito ao pequeno. E se, presentemente, receias que o padre Lauzon sonde as cartas depois de ter sondado os corações, resta-te Maurice com a solução que também previras, a da posta-restante: ele não é pessoa para se desorientar.

«Visto a viagem ser fácil, juntar-te-ás a Alexandre sem escândalo e falareis à vontade. O padre Lauzon não o

seguirá constantemente por montes e vales, contra ventos e marés, por campos e praias. E tanto pior se estiver, com o hissope na mão, dando caça aos demónios que se escondem por toda a parte! Tu tens direito a estar lá, uma vez que te tornaste um anjo. Além disso pões-te a salvo seduzindo a família, como André fez por mim. Regressa-se sempre às palavras do outro que dizia: dançai com as mães.

Lucien teve o mérito de fazer sorrir Georges.

— Deixemos as danças — disse. — A decepção de Alexandre será horrível. Nunca me perdoará ter entregado os bilhetes.

— Podias rasgá-los, como Isabel rasga o de Alexandre. Nada conseguirias! Está tranquilo: Alexandre não se matará tão depressa — é apenas um mau momento que tem de passar. Nas suas disputas com o Superior, procedeste quase contra a vontade dele, mas não deixou de compreender que tiveras razão. Compreenderá que era inútil obstinarem-se em não ter razão, isto é, em lutar contra a humanidade inteira.

«É o terceiro da turma em História e não ignora com certeza que os capitães mais destemidos também se deixam bater. Convém apenas retirar-se da guerra com todas as honras, esperando recomeçar. Isto parece o contrário do que o velho Heródoto te dizia outro dia pela minha boca — «Consegue-se vencer à força de tentativas» — mas como vês é a mesma coisa. Cede-se, porque se está seguro de recuperar. Não foi por isso que cedeste, que o Superior cedeu, que o padre Lauzon cedeu? O rapazinho também cedeu, apesar da sua bravura: não ousou comungar, não saiu da sala de estudo, não te escreveu (não respondeu ao bilhete com que me dizias acalmá-lo). Deu-se conta, na verdade, de que a vossa amizade se passava em encontros e bilhetinhos. Por conseguinte, sabe de antemão que poderá passar-se doutro modo: tem documentos mais sérios que os vossos bilhetinhos. Verificaste-o no momento da vossa zanga, eu afirmei-te que o incidente não era

nada. O que importa não é nem a água-de-rosas nem a água benta, é a gota de sangue que se trocou.

— É exactamente essa recordação que me impõe certo respeito: amanhã escreverei a Alexandre um último bilhete para lhe contar toda a história.

— Estupendo! Terá a prova de que gostas dele e voltará imediatamente às suas escapadelas. Adivinhará que no fundo querias fugir, e virá repreender-te, seguido de perto pelo pai médico e pelo padre confessor, que se reunirão em concílio com o pai marquês. Receio que a vossa situação seja então um pouco grotesca. O Superior já te advertiu de que com os garotos se tinha de recear o ridículo. Pior: metê-los-ão numa casa de correcção vigiada — quero dizer: em duas casas diferentes, bem entendido! A sabedoria consiste em conformares-te com o que Lauzon exige: é preciso que, durante algum tempo, Alexandre acredite que já não gostas dele — acreditando contudo que ainda o amas. É muito complicado, muito desagradável, mas muito necessário.

Georges via, pela janela aberta, o céu luminoso de Julho. Talvez naquele momento Alexandre falasse dele às estrelas, sonhasse já com um céu diferente, se despedisse das noites de Saint-Claude. Georges invejava-lhe as ilusões e a confiança. A felicidade deles já não existia para si. Lucien esperava um regresso da felicidade, mas ele esforçava-se em vão por acreditar nisso: deixara de esperar. Tinha sempre a imagem do padre Lauzon diante dos olhos. Ofuscava impiedosamente a de Alexandre, como a do padre de Trennes, neste mesmo lugar, ensombrara algumas vezes. A frase da tradução grega tinha um alcance limitado. Lucien acabava aliás de reconhecer que, se se consegue vencer à força de tentativas, é igualmente à força de tentativas que se falha. Aprovara, em nome do bom senso que o Superior lhe louvava, as medidas tomadas pelo confessor em nome da moral. Em vez duma amizade incomparável, não havia senão moral e bom senso. O que começara na glória, na legenda, na divindade, ter-

minava grosseiramente, tristemente! A obediência deixara de ser uma astúcia para ser uma lei. Impunha-se, no meio de tantos desastres, a fim de evitar um ainda maior. Georges pareceria cobarde a título de supremo castigo. Depois de ter traído Lucien e o padre de Trennes, trairia Alexandre: o final coroava a obra.

Julgava-se vítima da fatalidade. A sua amizade era submetida a uma série de leis preestabelecidas, como a harmonia dos mundos. Podia-se aplicar-lhe o verdadeiro símbolo de S. João: semelhante ao sol, descia, mas não tornaria a subir. Os próprios deuses, que a tinham favorecido, nada podiam contra a Necessidade.

Georges estava reconhecido a Lucien por tê-lo afastado da ideia de escrever a Alexandre. Teria corado por confessar a sua derrota a um ser que, segundo o padre Lauzon, só ele sustinha. Lucien teria achado o caso mais embaraçoso se soubesse que, em vez de acalmar, o bilhete de Georges tinha encorajado. Este não pareceria, voltando as costas, ter esperado a hora da partida para dizer ao garoto que o abandonava? Queria deixar o colégio levando um sorriso de ternura e não um olhar de desprezo. Foi na esperança de viver que pensara abandonar o colégio. O primeiro embate mostrara-lhe o que era verdadeiramente a vida. Via-se obrigado a mentir à sua amizade, como fora obrigado a mentir na última composição do ano. Não necessitava de recear equívocos sobre o seu próprio nome; todas as verdades acabariam na mentira.

As palavras de Lucien voltaram-lhe ao espírito: «Alexandre não se matará.» Na verdade, Georges nunca pensara fazer matar ninguém e muito menos Alexandre. Não vira morrer, de maneira nenhuma, qualquer rapaz da sua idade, e a ideia da morte só lhe lembrava os períodos de Bossuet e as meditações do Superior. Quanto ao suicídio, não passava de um tema escolástico. Pensava na aula de Instrução Religiosa onde se falara deste assunto. A este respeito, também teria feito o melhor trabalho se tivesse obtido autorização. «Os que se matavam deliberadamente»

estavam inscritos com o número quatro, na lista dos sete casos que levavam à «recusa de sepultura eclesiástica». Primeiramente «os pagãos, os judeus, os maometanos e as crianças mortas sem baptismo», «os apóstatas e os mações» e «os excomungados». Depois eram: «os que tinham morrido em duelo», «os que tinham deixado ordem para incinerar o cadáver» e «os pecadores públicos e manifestos».

No dormitório, toda a gente acordara antes da hora. É certo que nessa manhã o despertar era mais tarde. Alguns alunos, debruçados à janela, recebiam os primeiros raios de sol. Outros penteavam-se sentados nas camas. Um, assoando-se, imitava *A Marselhesa*. Outros, ainda, arrumavam as malas. Georges pensava que, sem o saber, fizera a sua como devia ser: era a mala dum colegial que parte para férias e não para sempre. Nenhum motivo devia impedi-lo de regressar a Saint-Claude, visto que não teria possibilidades de encontrar Alexandre noutra parte. A situação estava invertida em relação ao dia seguinte ao do passeio, quando Alexandre era o único que se considerava poder voltar.

Não havia meditação. Foram directamente para a capela. A última missa do ano era vermelha como tinha sido a primeira. Georges lamentava que o cardeal, prestes a chegar, não celebrasse missa no colégio. Isso teria terminado o ano de maneira mais conveniente: haveria mais um pouco de vermelho. «Porque será o de hoje?, pensou. Ontem também os paramentos eram vermelhos.» Georges olhou o missal que quase não lera nestes últimos tempos: «10 de Julho. Os Sete Irmãos Mártires. 11 de Julho, S. Pio.» No ofício dos Sete Irmãos, reparou neste texto: «A nossa alma escapou-se como um pássaro das redes do caçador de pássaros. As redes romperam-se e nós libertámo-nos.»

Miúdos e graúdos apresentaram-se na comunhão: era preciso fechar dignamente a estatística. Sòzinho, Alexandre ficara no seu longínquo lugar — julgava ter-se libertado já

de todas as redes. Depois da bênção do Santíssimo, a missa terminou com um *Te Deum*. Talvez outros alunos, como Georges, agradecessem a Deus por terem intrujado até ao fim os professores.

O salão de festas nunca estivera tão cheio. Georges sentara-se ao lado dos pais. Via o padre Lauzon na primeira fila, não longe do Monsenhor, num dos cadeirões verdes, no lugar onde ele próprio estivera no dia da sessão académica. Evocava o primeiro alerta que conhecera em Alexandre, no dia seguinte ao dessa sessão, e a representação de *Polyeucte* onde o padre de Trennes descobrira a amizade deles. Hoje seria duplamente aplaudido, mas sobre as ruínas dessa amizade a favor da qual tanto lutara.

Já não procurava ver o garoto nem ser visto por ele. Todavia, os seus olhos tinham-se encontrado imediatamente.

O Superior levantou-se com o discurso na mão:

— Eminência, apesar dos absorvimentos infinitos do seu cargo pastoral, quis estar entre nós, e avaliamos bem a honra que nos dá. Ainda estáveis ontem em Lourdes, depondo aos pés de Nossa Senhora a acção de graças da diocese e rezando pela França. Pudéssemos nós imitar a actividade infatigável de uma alma inflamada pelas santas causas da Igreja e da Pátria!

Em seguida fez o elogio da cultura clássica, que ajuda o nosso país, conforme o caso, a obter vitórias e a resgatar-se das derrotas.

— Uma civilização — disse — é uma ocupação das almas. E a força das almas acaba por prevalecer sobre a da matéria.

Declarou-se satisfeito com os trabalhos do ano, lembrou os resultados brilhantes dos finalistas, e, na peroração, dirigiu aos alunos uma homenagem colectiva pelos seus esforços e piedade:

— Assim, meus caros amigos, podemos entregá-los aos vossos pais com a certeza de que merecestes as vossas férias, e mais ainda: a bênção que, antes de vos deixar, Sua Eminência fará descer sobre vós em nome do Divino Mestre: *In nomine Domini.*

— Ámen — disse Lucien que estava atrás de Georges.

O prefeito dos mais velhos fez a leitura do quadro de honra. Aplaudiam as principais classificações, cortadas pelo vaivém dos premiados, que iam buscar os prémios ao pé do estrado. Nunca mais acabava. Por fim chegou a vez do terceiro ano: «Distinção: primeiro prémio, Georges de Sarre.» Mas os primeiros prémios eram em série para Georges de Sarre: aplicação (lições e exercícios), composição francesa, versão latina, versão grega, Inglês; o segundo prémio em História, em tema latino e em tema grego. Apesar de todos os seus desgostos, isto dava-lhe prazer: estava pago da sua infelicidade.

Na distribuição, encontrou-se com Lucien, que acabava de receber um livro representando ao mesmo tempo o segundo prémio de Matemática e o de Inglês. Tinham-se inclinado ambos diante do Cardeal, que fizera um sinal a Georges, acompanhando-o destas palavras: «Muito bem, muito bem. Felicitarei os seus pais.» O laureado, ao voltar ao lugar, não olhou para Alexandre.

O garoto só teve dois prémios, em Francês e em Botânica. Georges gostaria de levantar-se, chamá-lo e dizer-lhe: «Foi por ti que eu tanto desejei estes prémios, ofereço-tos.» Mas, como alguns instantes antes, nem sequer ousava levantar a cabeça. A desonra era o seu verdadeiro prémio, o seu único prémio. O colégio não lhe teria poupado esta última oposição entre a realidade e as aparências.

Folheou os livros. Na capa, numa etiqueta com as armas de Saint-Claude, estava o nome dele reforçado com as palavras: «Nove vezes coroado, dez vezes citado.» No fim de contas, não tinha nove volumes tal como Lucien não tivera dois, porque os padres sabiam agrupar os prémios.

Tinha quatro: *Racine* — hipotèticamente, alusão ao actor Leandro; *Obras Escolhidas* de Henri de Bornier — teria preferido Henri de Régnier; *Cícero e os amigos* — «Georges e os amigos»; por fim, como prémio de Grego, *Praxíteles* — na verdade só faltava o Amor de Téspis. Esta obra era ilustrada, tal como a primeira. Georges leu o índice dos assuntos de *Praxíteles*. Estava impaciente por saber se, no número das reproduções, existia a que lhe interessava: seria uma atenção do Superior. A gravura não se encontrava lá.

Era um dia importante para as irmãs cozinheiras. Tratar de tanta gente, inclusive de um cardeal! Mas havia também a promessa de receber uma boa gorjeta de todos os pais. Os de Georges, tendo chegado de comboio, não podiam ir almoçar onde costumavam fazê-lo. Estavam com os pais de Lucien, na grande sala de jantar, divertidos por passarem o dia no colégio. Estariam melhor que lá fora, debaixo do alpendre, onde também foram colocadas mesas. Georges e Lucien, muito elogiados, tinham subido ao dormitório para juntarem os prémios à bagagem.

Lucien sentia-se feliz. Tudo lhe sorria: o ano passado só obtive algumas distinções, como Alexandre desta vez; dentro de alguns dias, ia encontrar André nas montanhas. Atirava o livro ao ar e apanhava-o depois de ter batido as mãos atrás das costas, imitando as meninas que jogam à bola. Era tratar com muito pouco respeito *O Génio do Cristianismo*, segundo prémio de Inglês e de Matemática (provàvelmente, o padre Lauzon tinha querido recompensar mais o congregante do que o matemático, e com igual subtileza o professor de Inglês escolhera uma obra escrita em Inglaterra). O prémio acabou por cair no soalho. Abrira-se, apresentando duas páginas à meditação do laureado. Émulo de Virgílio, Chateaubriand fazia profecias? Lucien começou a rir diante do título do capítulo: «Costumes dos pássaros aquáticos. Bondade da Providência». O Sr. de Quatrefages não dissera nada sobre a Providência a propósito dos lagartos.

O Cardeal dignava-se presidir à refeição. Em breves palavras, o Superior agradeceu a Sua Eminência. Depois, baixando o tom, como se fosse entre os alunos e ele, disse:

— Rapazes, moderem a vossa alegria, de maneira a não incomodarem Monsenhor.

Responderam todos com uma voz vibrante: «Viva Monsenhor!» As conversas continuaram baixinho. O contraste com a gritaria anterior era tão cómico que Monsenhor pareceu divertido. Viu-se nisso a autorização de se constrangerem um pouco menos. Estabeleceu-se um meio termo.

Alexandre voltava-se muitas vezes para Georges e sorria-lhe. Havia tanta exuberância que, certamente, o padre Lauzon não podia aperceber-se de nada. O pano caía entre os rapazes e os professores. O próprio Monsenhor devia falar das férias. Georges era, com certeza, o único a pensar no recomeço das aulas. Sofria ao pensar que estaria novamente neste refeitório e Alexandre não.

Levantando-se da mesa, Georges perguntou a Maurice se sabia onde iriam passar as férias.

— Receio que não sejam famosas — respondeu. — Houve uma zanga entre o meu irmão e o padre Lauzon, por causa duma embrulhada qualquer; se calhar ficaremos todo este Verão em S... Anuncio-te, além disso, que não nos tornaremos a ver em Saint-Claude. Ficou decidido esta manhã com os meus pais. O ar daqui não nos fazia bem.

Acrescentou num tom divertido:

— Vamos retomar a vida de família. Sabes o que isso significa para mim.

Georges nunca se sentira tão acanhado. Falar do garoto depois de uma tal evocação! Era cometer o mesmo crime que fizera Maurice quando falara dele, depois das confidências do mesmo género e ainda mais minuciosas. Mas não havia que reflectir nem hesitar. Baixando os olhos, disse:

— Tenho um favor a pedir-te.

— Queres que te deixe os versos de Richepin?

— Não se trata disso. Lembras-te do dia em que o teu irmão veio ao pátio? Pois bem! Em seguida, tornámo-nos amigos. Ficaria contente se pudesse escrever-lhe por teu intermédio, sem o conhecimento do padre Lauzon.

Maurice ficou de boca aberta. Depois de um silêncio, que Georges achou muito grande, começou a rir.

— Ah! coa breca! — exclamou. — Então, a «crise», o «marreco», a «embrulhada», eras tu!

Olhou o urso da turma com um ar que o fez corar, menos inocentemente que quando da observação sobre as gravatas.

— Às suas ordens, senhor conde.

Dir-se-ia que pretendia, com estas palavras, dar-lhe um pouco de calma e confessar-se lisonjeado por servir uma intriga de alto nível, e talvez por ver o irmão mais novo envolvido nela. Georges olhou-o nos olhos como Alexandre olhara o padre Lauzon fazendo uma pergunta injuriosa.

— A minha amizade com o teu irmão não é o que tu pensas. Dou-te a minha palavra de honra, e por conseguinte peço-te que não o atormentes a esse respeito.

— Que a vossa amizade seja o que quiseres. Interessa-me tanto como o Papa.

— Preocupa-te antes com o padre Lauzon.

— Não te apoquentes: o Superior apanhou-me, mas o outro não o conseguirá. Até o padre de Trennes perdia o seu grego e o seu latim. Desafio a confraria inteira.

Os Rouvère tinham de fazer uma visita ao Tatu. Enquanto esperavam pela apresentação, Georges propôs aos pais um passeio. Nada o apressava: a sessão começava com *Ricardo Coração de Leão*. Queria-lhes mostrar a vista que se tinha do terraço. A fim de encurtar caminho, segundo disse, fê-los passar pelo atalho e não pela estrada. A mãe admirou as belas laranjeiras. Entrou na estufa.

Perto dos degraus, encontrou a ponta de um cigarro que fumara com o garoto. Esmagou-a com o pé, como pisara os gladíolos, como o padre Lauzon pisara os cigarros na cabana.

Julgou sonhar quando se voltou: no alto do atalho acabava de aparecer o seu guia invisível. Alexandre surgia ligeiro, miraculoso, tal como aparecera no primeiro encontro, parecendo ter adivinhado este último encontro tácito. Oferecia-se a Georges, no teatro dos seus antigos triunfos, no dia que marcava o fim. Lentamente, pôs os dedos sobre os lábios a imaginar um beijo, tão discreto como o que enviara durante a leitura no refeitório. Maurice, que o seguia, fez um sinal de entendimento. O sorriso de Georges desapareceu: com os pais dos dois irmãos, vinha o padre Lauzon. Este parou de falar. Estaria impressionado com o encontro? Se o itinerário do passeio se devia a Alexandre, não adivinharia que era uma peregrinação através das recordações comuns a ele e a Georges? No momento de os separar, apercebia-se do que a estufa do colégio tinha sido para eles. Este dia, depois do grande passeio, concluía a sua instrução. Os dois amigos confessavam, por efeito do acaso, os encontros que tinham tido aqui mesmo, por vezes ao sair do seu confessionário. Alguns minutos antes, teria visto nisso uma prova convincente; agora era supérflua.

Georges, em breve, ia entrar em cena. Pensava em errar propositadamente o papel, esquecendo-se e estropiando os versos: seria a contrapartida da sua composição religiosa, obrigatòriamente errada. Que alegria, se fizesse da peça um fiasco! *Les Plaideurs* pagariam pela substituição do pajem em *Ricardo Coração de Leão*. Leandro ia embaraçar Dandin, espantar o Cardeal, desolar o Superior — mais do que o fizera o cónego-deão de Pentecostes —, afligir o prefeito, troçar dos professores de quem recebera tantos prémios, mas que não os tinham dado a Alexandre.

Gostaria de humilhar o colégio que perdia o seu mais belo ornamento.

Sabia bem que eram apenas ideias: tal como outras que tivera, não as cumpriria. Pensara em representar mal e representaria o melhor possível. Estava contra Dandin, mas tinha obrigações para com Isabelle. Obrigações sobretudo para com Alexandre. Não lhe prestaria uma homenagem tão estranha e que não seria compreendida. O garoto sentir-se-ia diminuído com este ridículo. Era preciso seduzi-lo até ao fim, deixar-lhe mais uma imagem feliz, representar *Les Plaideurs* em sua intenção, ainda melhor do que lera o discurso sobre o Palácio de Rambouillet e a vida de S. Bernardino.

Era também em intenção do padre Lauzon que Georges decidia representar bem. O homem que previra tudo, não previra isto. que um dos dois amigos brilharia perigosamente em frente do outro, em vez de se fazer esquecer. Privara Alexandre do seu papel, mas não reflectira que o papel de Georges era alguma coisa para Alexandre. Aprovaria os confrades do senhor Hamon por terem vituperado a comédia.

Alguns curas da vizinhança, atraídos por *Polyeucte* ou pela presença do Cardeal, vieram assistir aos *Plaideurs*. Mas Racine pareceu interessá-los menos que Corneille. Talvez a presença de Monsenhor os fizesse conservar mais reservados e não dar aplausos. Aliás, que teriam podido aplaudir com a mesma confiança? Um: «Prouvera a Deus!» e um: «Meu Deus!» da condessa, um «Ah! grande Deus!» de Leandro, dois ou três: «Deus sabe se...» e o verso de Chicaneau:

*No receio de Deus, senhor, e dos esbirros*

Os curas deviam estar incomodados por ouvirem: «Que o diabo me leve?», «Vai para o diabo!» e expressões desta natureza.

A representação foi perfeita. Os actores fizeram maravilhas. Mas Leandro achou que as suas últimas palavras eram pouco próprias da estação:

*...Falemos apenas de alegria:*
*Perdão! Perdão! meu pai...*

No fim, tirou-se a fotografia que tinha sido prometida.

— Estou ansioso por recebê-la — disse Lucien ao amigo. — Até lá, André nunca acreditará que eu tenha feito de Isabelle. Sabe que não é o meu género. Mas que é que não se faria por ti?

Georges e Lucien dirigiam-se agora para a estação. Tinham decidido que, logo que estivessem no comboio, se escapavam dos pais e iriam de carruagem em carruagem, como na Páscoa, à procura de Alexandre. Apesar do acordo com Maurice no capítulo epistolar, Georges procurava a possibilidade de ter uma explicação verbal com o miúdo. Prometera a Lucien que não se tratava do projecto de fuga. Estava comovido ao chegar à estação.

Na gare, o padre Lauzon, com o saco de viagem na mão, via-se no meio do grupo como no terraço. O destino ditara a última palavra.

O olhar de Alexandre cruzou com o do amigo. Georges gostaria de ter morrido diante dele, neste momento em que não o tinha desmerecido ainda. Mas já o comboio os separava: subiram cada um para uma carruagem diferente, para uma classe diferente. Em breve a vida levantaria entre eles uma barreira, mais segura que a das turmas do colégio.

De pé, no corredor, Georges estava silencioso junto de Lucien. Pensava em Alexandre. Contemplava os fios telegráficos que se estendiam e inchavam alternadamente, semelhantes à meada que a Parca lhes desenrolava, ao garoto e a ele, misturando e tornando a misturar os seus destinos, elevando-os para o Céu e precipitando-os sùbitamente no chão. O irremediável cumprira-se entre eles,

e Alexandre ignorava-o, como André o ignorara até à chegada do prefeito, o padre de Trennes até à chegada do Superior. O garoto consolava-se, sem dúvida, da presença do padre Lauzon, recordando-se do olhar trocado com Georges, e que, sem ele saber, era um adeus.

A estação de S... aproximava-se. O comboio deslizava. Se tivesse podido descarrilar! Alexandre afastava-se, o impermeável no braço e levando na mão uma mala pequena, que talvez tivesse pedido propositadamente para a sua próxima viagem. Pensava, com certeza, em muitas coisas que nem sequer suspeitara, a primeira vez que Georges o vira descer aqui. Parecia, contudo, tão alegre como então. Estava mais belo do que nunca, mais fresco, mais vivo.

Antes da saída, voltou-se, mas, no mesmo instante, uma nuvem de vapor espalhou-se no cais, envolvendo os passageiros. Quando o fumo se dissipou, como o dum sacrifício, o rapazito tinha desaparecido.

Sòzinho, enfim, no quarto, Georges, antes de se deitar, arrumava as suas coisas. Acabava de vestir o pijama e despejara em cima da mesa as algibeiras do casaco. Tinha a carteira, um canhenho, um caracol da peruca de Leandro, a tesoura das unhas, a última carta dos pais, o sobrescrito dos quadros de honra e o regulamento de férias.

Tirou da mala os livros dos prémios. A vista não lhe foi muito agradável. Achava sórdido este salário de trabalho. Já não estava impressionado por ser o seu, e desprezava-se tanto como desprezava antigamente os alunos do quinto ano, mais bem classificados que Alexandre em composição. Imaginava prémios, não para o Grego, o Latim e o resto, mas para a amizade, a qualidade de prémios para as caras, para os lábios, os olhos, prémios para o que não tem preço.

Ocorreu-lhe uma ideia: ia sacrificar a Alexandre os prémios do colégio, de uma maneira diferente da que desejara durante a leitura do quadro de honra. Queimá-los-ia na chaminé, em holocausto. E se lhos pedissem? Não admitiriam que os tinha esquecido, porque sabiam que os trouxera. Novamente seriam necessárias explicações. Além disso, não devia ser cómodo queimar quatro volumes. Uma simples página de cada um deles representaria uma homenagem equivalente, mas era preciso que fosse a mais importante.

Que escolher nas *Obras Escolhidas* do senhor de Bornier? Georges teria queimado de bom grado as obras completas deste autor, embora tivesse sido membro da Academia Francesa. Mas *A Filha de Rolan* lembrou-lhe um texto de valentia aprendido em Saint-Claude: «A canção das espadas». Seria um tributo da sua turma. Procurou a página e cortou-a com a tesoura, pondo no trabalho um grande cuidado: a supressão não devia ser visível a ninguém.

Depois percorreu *Cícero e os amigos*. O capítulo intitulado «Célio ou a juventude no tempo de César» pareceu-lhe ser o mais interessante. Reparou na tradução de um poema de Catulo a Lésbia:

*...Dá-me mil beijos, depois cem, depois mil,*
*Depois mais cem, mais mil, e novamente cem...*

«Um pouco ousado para um prémio do terceiro ano, senhor Tatu.» Isto, lembrava os versos do mesmo Catulo que Georges recitara ao garoto, onde se falava de beijos destinados a Juvêncio (este Catulo pegava-se a toda a gente). Os beijos foram juntar-se às espadas.

No livro de *Racine*, escolheu o fac-símile do testamento autógrafo do escritor:

*...Desejo que depois da minha morte, o meu corpo seja conduzido a Port-Royal des Champs e enterrado no cemitério, junto da campa de Hamon, em recordação da excelente educação que recebi nessa casa, e dos grandes exemplos de piedade e de penitência que aí vi, e de que não fui senão um estéril admirador...*

Não era impressionante que o autor mais ilustre do seu século tivesse escolhido os lugares da sua infância como supremo asilo, e um dos mestres como supremo companheiro? Dava importância, sem dúvida, ao tratado

que este escrevera e cuja leitura o padre Lauzon recomendara a Georges: *Os vinte e três motivos para ser humilde.*

Os «grandes exemplos de piedade e de penitência», que haviam impressionado Racine em Port-Royal, não tinham impedido esta casa de ser destruída pelo grande rei, senão pelo fogo do céu. E Georges, que recordação guardaria da educação recebida em Saint-Claude, dessa «educação essencialmente cristã» de que falava o regulamento do colégio e que o regulamento das férias tendia a consolidar? Na carreira literária que queria abraçar, seria primeiramente excomungado pelas suas obras, e acabaria escrevendo cânticos espirituais? Pediria para ser enterrado aos pés do padre Lauzon, ou aos pés do padre de Trennes? O testamento de Racine juntou-se à canção guerreira e aos versos amorosos.

*Praxiteles.* Qual era a mais bonita das gravuras, na falta do Amor de Téspis? A posição dum jovem fauno tinha uma certa semelhança com a de Alexandre apoiando-se a uma árvore, no dia do banho. Eis o que convinha. Era pena, contudo, estragar um livro tão bonito.

Georges acendeu, na chapa da chaminé, as quatro folhas da sua fogueira. A chama iluminou-o. Olhava as convulsões das folhas que pareciam levantar voo, brilhantes, e se desfaziam em poeira. Baixou o cortinado, menos sobre as cinzas que sobre o ano do colégio.

A mesa estava enfeitada com um ramo de rosas vermelhas, uma gentileza da mãe. Respirou-as voluptuosamente, como Alexandre respirava as laranjeiras. O perfume das flores, que o padre de Trennes chamava místicas, era um pouco forte para um quarto, mas Georges dormia sempre com a janela entreaberta.

Embora se tivesse deitado tarde e muito fatigado, acordou cedo, julgando ouvir a sineta do colégio. Tinha o dia ocupado. Pegou no cofre onde guardara com tanto

amor os bilhetinhos e a carta de Alexandre. Uma ligeira camada de pó cobria a tampa, embora o tivesse guardado. Soprou-o, imitando os colegas que sopravam as malas no sótão de Saint-Claude. Abriu-o: apareceram a carta e os bilhetes. Retirou-os e viu, no fundo, a correspondência de Lucien: era o que ficaria.

Sentou-se no canapé, a fim de reler as palavras do garoto. As flores, que nas férias da Páscoa metera num sobrescrito, caíram, ressequidas. Atrás das linhas traçadas pela mais querida das caligrafias, via as que ia traçar para um outro destinatário. Preparava uma estranha resposta para a mais terna das cartas. Recusou-se a sacrificar a única carta. Não podia, também, enviar todos os bilhetes. Guardaria, pelo menos, o primeiro onde o seu nome tivesse sido escrito por Alexandre, e o que acompanhara a madeixa de cabelos, porque queria guardar a madeixa. Evitaria igualmente mostrar o cântico cortado, que corria o risco, tal como a carta, de chocar o padre, se este não mantivesse a sua promessa de discrição. Guardaria ainda, é claro, o bilhete recebido depois do grande passeio, visto que não revelara nenhum deste mês. No fim de contas, abandonava apenas, com o bilhete-postal, as duas mensagens do princípio (o «Sou feliz», que não era muito comprometedor, e o bilhete do incensamento, que cheirava a sacristia). Reflectindo, Georges lamentou este bilhete onde soava, na sua breve eloquência, o grito de reunião que Alexandre evocara na última mensagem: «Sempre.» Decidiu conservá-lo também.

Ao arranjar-se, depois do pequeno-almoço, pensava na sua expedição de há pouco. Não tardou a reconhecê-lo: o sacrifício de dois bilhetes não serviria de nada. O garoto veria que Georges, uma vez mais, enganara o padre, fingindo obedecer, e, como dissera Lucien, confirmá-lo-ia na sua resolução. Ora, urgia que ele abandonasse toda a ideia da aventura, e o único meio de o obrigar era o que o padre Lauzon imaginara e Lucien tinha aprovado. Georges regressava constantemente ao mesmo dilema: submeter

Alexandre a uma crise passageira ou deixá-lo perder-se em inextricáveis incidentes.

Para salvar o essencial, Georges devia, mais do que na noite em que se fora denunciar ao Superior, sacrificar o supérfluo — esse supérfluo tão precioso que salvara naquela noite. Enviaria todos os bilhetes, inclusive o último.

Desceu ao escritório à procura de papel de carta e voltou ao quarto; aí, estaria tranquilo. Fechou a porta à chave e sentou-se. Começou por copiar, para um caderno, os bilhetes, a carta e o cântico. Depois escreveu algumas linhas:

*M..., 12 de Julho de 19...*

*Meu padre*

*Segundo as suas instruções, envio-vos, junto, o que possuo de Alexandre Motier.*

*Receba os meus respeitosos cumprimentos.*

*G. de Sarre*

Ao escrever a direcção, assaltou-o uma espécie de raiva. Chamava-se Georges de Sarre, estava em férias, e, de longe, um padreca acabava de o reduzir a isto!

Teve vontade de rasgar o sobrescrito e tudo o que continha. Não teria sido um gesto de prudência nem de manha, como em Isabelle, nem como Lucien lhe propusera agradàvelmente: teria sido um gesto de homem livre. Queimaria em seguida os papéis, da mesma maneira que queimara quatro folhas dos prémios. Escreveria ao padre explicando a razão do seu procedimento. Jurar-lhe-ia, sobre o seu nome, que já não existia nenhuma destas relíquias, e pedir-lhe-ia que mostrasse a carta a Alexandre. O garoto renunciaria ao seu projecto, mas ele não podia menosprezar o amigo: a honra da sua amizade seria salva.

Georges levantou a tampa do fogão de sala: as cinzas da noite anterior levantaram-se. Não seria um crime destruir assim um tesouro que, depois desta prova, podia um dia ser-lhe devolvido? Ficou um momento perplexo e por fim pensou numa solução intermédia: a de não entregar tudo ao inimigo. Tirou do sobrescrito o primeiro bilhete, a madeixa loura e a carta da Páscoa com a mensagem deste mês.

Nos correios, preencheu o impresso de carta registada. Leu a inscrição: *Valor declarado*. Não declararia o valor do despacho, o mais importante que faria na vida. O empregado respondeu, ao ter-lhe perguntado, que a carta chegaria sem dúvida a partir do dia seguinte. Este homem, ao dar três carimbadas no sobrescrito, não fora menos odioso que o barbeiro das férias da Páscoa ao pegar na madeixa de cabelos.

Na véspera, ao jantar, Georges não fizera nenhuma pergunta relativa às férias; tão-pouco lhe interessava agora o assunto. Durante o almoço, os pais admiraram-se da sua indiferença a este respeito. Declarou não ter esquecido que iam para a costa basca.

— Reservámos-te uma surpresa — disse-lhe o pai. — Os Rouvère deram-nos a ideia de ir antes para os Pirenéus, o que te permitiria encontrar o teu inseparável Lucien. Resta saber se teremos quartos.

As surpresas de casa valiam ainda mais que as do colégio. Era o cúmulo. Georges já não receava nada do destino depois deste último acontecimento. Encontraria Lucien, que André também reencontrava. Estas férias, longe de Alexandre, fá-lo-iam contemplar os dois verdadeiros inseparáveis, que julgara separar e cuja felicidade sobrevivia à sua.

A ideia desesperou-o: via-os já a condoerem-se hipòcritamente dele, depois escaparem-se a pouco e pouco, como tinha feito Lucien após as primeiras confidências, e organizarem, sem ele, as suas vigílias ao luar, como aquela que André recordava na carta. Ouvia-os já a falarem do futuro

para o encorajar, semelhantes aos padres que falam do paraíso a um moribundo.

Claro que podia contar com a piedade deles e até com a simpatia, mas teria preferido a sua admiração. Estivera ao seu alcance conservá-la. Lucien não lhe dissera que o admirava por ter conduzido tão bem a conquista de Alexandre? Tê-lo-ia admirado ainda mais por se ter mantido digno. Georges lamentava a carta que escrevera, como lamentara, por causa de André, o pedido para falar com o Superior. Estava admirado por ter sido tão fraco, tão condescendente, tão medroso. Criticara severamente Lucien, a primeira vez que este lhe dissera para ceder, e tinha acabado por ceder. Não podia ter feito doutra maneira e não se podia perdoar por tê-lo feito. Detestou tudo o que o rodeava, a decoração luxuosa a que parecia ter sacrificado a sua ternura, as recordações de família que lhe tinham muitas vezes causado orgulho. Acolheu, como um bálsamo, a proposta que a mãe lhe fez para irem fazer uma visita. Isto mudar-lhe-ia um pouco os pensamentos.

À noite, ao encontrar no quarto as coisas do colégio, tornou a encontrar a amargura. Pegou no quadro de honra a fim de tornar a ver o nome de Alexandre. Não estava impresso em letras maiúsculas — uma honra reservada aos titulares dos prémios. Mas, para Georges, era maior que o do Cardeal, que se exibia na luxuosa capa. Eclipsava a glória e os segredos de todos os outros. Pelo menos, as raras menções feitas, foram escolhidas com esmero. A distinção em Francês era uma fraca homenagem ao estilo dos bilhetes, que o Superior caluniara segundo os cânones do grande século. A distinção em Botânica comemorava esse raminho campestre que Alexandre trouxera de um passeio. Georges, cujo nome abundava na página, de todas as suas coroas só gostava da mais modesta — a que recebera em Instrução Religiosa e que dissera aos colegas desprezar profundamente. Em boa verdade, não era a Alexandre que devia as principais recompensas — traba-

lhara muito desde o primeiro trimestre. Mas esta distinção recordava-lhe o prémio que perdera por causa de Alexandre. Se a infelicidade existia, a felicidade tinha existido.

13 de Julho. A carta de Georges chegaria portanto a um dia 13. Este número é favorável a uns, desfavorável a outros: podia-se esperar ficar do lado bom.

Chegando a carta neste dia, o padre Lauzon pôr-se-ia a trabalhar imediatamente. Antes desta noite desenrolar-se-ia «o grande golpe». Como o receberia Alexandre? Como é que, depois de uma tão cruel ferida, julgaria os olhares, as palavras, os beijos, os bilhetinhos de tantos meses? Tornaria a dizer que é bom ser-se nobre, e que era preciso sê-lo, sem dúvida, para ousar uma tal ignomínia? Com que desgosto daria ao padre Lauzon os bilhetes de Georges, em troca dos seus! E o autor desta dupla humilhação apreciaria as vítimas pelo seu justo valor? O futuro marquês do colégio corria o risco de parecer-lhe menos estimável que o anjo do colégio.

Georges gostaria de escrever uma carta a Alexandre: isso parecia-lhe reparar o efeito que uma outra carta produziria dentro de algumas horas. Mas sentia-se muito mal disposto, muito enervado. A refeição do meio-dia fora odiosa. Os Pirenéus constituíram o assunto da conversa dos pais. Tinham telegrafado a fim de marcar quartos para quinta-feira próxima. Se tivessem prazer, arranjavam os que estavam marcados para outros. Georges teria preferido ficar sem férias, tal como Alexandre. Desejara não ter o direito de falar à mesa como quando era pequeno. Depois do almoço, recusou o cigarro que o pai lhe oferecia excepcionalmente. Tivera vontade de dizer que não fumava senão egípcios. Hoje não iria com a mão fazer visitas. Precisava de passear sòzinho, a pé. Não voltaria à hora da merenda. Ao sair, bateu com a pesada porta.

Sentia-se mais estranho do que nunca para com os pais. O seu mundo era o que, com a ajuda dos professores,

colocara em posição crítica a sua amizade. Alexandre bem o dissera: não lhes era permitido amarem-se, por serem ainda uns garotos.

Na rua, Georges voltou os olhos para não ver o padre com que cruzava, com o ar adocicado, as mãos na manga da sotaina. Nem os homens o interessavam: as pessoas crescidas pareciam-lhe sempre sem mistério e sem beleza. Decidiu não olhar, durante o passeio, senão as crianças. Faria dos seus rostos uma espécie de grinalda à volta do de Alexandre. Seria, em sua honra, uma coroa viva, depois da coroa poética da Páscoa.

Não faltavam rapazes, nestes dias de férias. Mas, apesar do que Georges dissera, as suas fisionomias não conseguiram atraí-lo. O ser com que sonhava eclipsava tudo ao recordá-lo, como eclipsara todas as coisas ao aparecer na tarde do banho. Em compensação, Georges estudou as atitudes e os gestos. Notava este rapaz ágil que, andando, apanhava uma mosca em pleno voo; estoutro, à volta de um lago, que com as mãos devolvia a água ao chafariz; aquele, sentado num banco e que cantava para os anjos; ou o pequeno ciclista, as faces cor de púrpura, o olhar luminoso, orgulhoso da sua velocidade, da rosa que tinha na boca.

Saía uma turma daquele externato. Portanto, não tinham tido ainda a distribuição de prémios! Conservavam os estudantes até à festa nacional. Georges deleitava-se a ver o que os distinguia uns dos outros, a maneira como levavam as malas, com mais fantasia que os efebos do Pártenon levavam as ânforas: nos ombros, na nuca, nas costas, no traseiro, debaixo do braço, pela pega, por baixo, umas inclinadas para a frente, outras para o lado, fazendo contrapeso com a massa dos livros. Os rapazes não levantavam os olhos para ninguém, excepto, como Georges, para outros rapazes. As vezes murmuravam qualquer coisa ao ouvido uns dos outros. Faziam longas paragens em frente das montras discutindo a propósito de todos os objectos. Olhavam um automóvel a passar.

Num quiosque, vários compraram jornais ilustrados. A febre de ler tomou-os sùbitamente. Um parara, flanqueado por dois colegas que se apoiavam nele; a mala entre as pernas, segurava o jornal aberto, e os três leitores riam, juntos, da história. Um quarto tirara da pasta um volume da Biblioteca Rosa; chegado diante da porta, terminava, antes de a abrir, a leitura de uma página que o fazia igualmente rir. Todos estes rapazes, rindo simultâneamente de coisas diferentes, pareciam a Georges os mesmos, depois de lhe terem parecido todos diferentes. Crianças inocentes da Biblioteca Rosa, eram, sem dúvida, aquelas de cuja inocência Santo Agostinho e o padre de Trennes suspeitavam muito.

Georges passou defronte do seu antigo liceu. Perguntou a si próprio se lhe teria valido mais nunca ter ido a Saint-Claude, mas afastou este pensamento que uma só imagem bastava para tornar sacrílego. Independentemente de Alexandre, o ano de internato religioso enriquecera-o mais que os numerosos anos de externato no liceu. Não era, como teria afirmado o Superior, por causa da comunhão quotidiana. Era por causa da mistura contínua do sagrado e do profano, que dava às menores coisas um reflexo particular; por causa dessa luta entre alunos e padres, digna da do cristão no mundo. A «vida espiritual intensa», que ali se levava pùblicamente, alimentava uma outra vida, tanto mais intensa quanto se devia ocultar.

Georges estava reconhecido aos pais por o terem afastado deles; amava-os por o terem metido nesse colégio onde havia conhecido Alexandre e aprendido a conhecer-se. Voltara inquieto e ferido, mas aguerrido. Lamentara-se por não ser livre e este ano tinha sido o seu primeiro ano de liberdade.

O serão foi bastante alegre. Queria conservar algum optimismo, fruto do passeio. As crianças que encontrara haviam-lhe dado confiança. Alexandre tinha a idade do rapaz da pasta, do miúdo do jornal ilustrado, a idade em que se brinca com a água, em que se ostenta uma

rosa entre os dentes. Esta idade negava a infelicidade, impedia de se acreditar nela. Se as paixões fossem violentas, ficariam tímidas. Alexandre desafiava tudo e não ousava receber cartas na posta-restante. Aliás, como o observara Lucien, inclinara-se, apesar de tudo, perante outras necessidades do seu estado: já no incidente do bilhete e nas férias da Páscoa obedecera, em suma, à regra do colégio e da família. Obedeceria ainda, visto que era Georges agora quem lho pedia. Compreenderia o novo apelo do amigo, como o havia compreendido nos aposentos do padre Lauzon, quando se revoltara à ideia de se desculpar junto do Superior. Seria bastante forte para ceder.

Georges conhecia igualmene a força de Alexandre. Recordava-se de Maurice ter dito que o irmão e ele tinham a cabeça sólida, e Maurice provara-o bem, reagindo contra os próprios infortúnios. Em Março, Alexandre enfrentara o perigo com coragem, só se rendendo depois de uma persistente resistência. Desta vez, não se tinha rendido, mas as coisas arranjaram-se de maneira a que acabasse por se render. Não obstante, não lhe seria possível supor que Georges, dum golpe, o tivesse despojado da sua afeição. Sabia que era preciso admitir os propósitos do director espiritual, e condescender com eles.

Georges procurava um conforto junto do padre: este tinha Alexandre e esforçar-se-ia por vencê-lo pela brandura. Além disso, o garoto encontrava-se num quadro que já não era o do colégio. Libertara-se da atmosfera de claustro e de comunidade, onde as paixões se exacerbam. Obrigá-lo-iam a ir ao padroado, ao Bom Cinema.

Se já lhe tivessem restituído os seus bilhetes e se ele não tivesse restituído os de Georges, teria colocado, ainda, estes últimos debaixo do travesseiro? Mesmo que os tivesse destruído todos, mesmo que tivesse tirado do pescoço o fio que Georges beijara, não podia destruir o que tinham sido um para o outro, não podia retirar do rosto nem das mãos os beijos que recebera.

Despertar com fanfarra: a guarnição militar desfilava. Com o padre de Trennes acordava-se mais suavemente. Georges pensou em Alexandre. O sol acalmava-o.

De repente, teve uma ideia: iria passar um dia em S..., antes da partida na quinta-feira. Encontraria Alexandre, longe do padre Lauzon: era melhor que escrever-lhe. Todavia, deleitava-se à ideia dessa carta, que seria a sua grande explicação. Escrevê-la-ia, e ele próprio a entregaria. Se não fosse possível, entender-se-ia com Maurice. Se Maurice não estivesse lá, recorreria a Blajan que, pelas últimas notícias, devia reaparecer em Saint-Claude em Outubro.

Georges deteve-se um momento diante desta perspectiva. Permitia-lhe medir o caminho que percorrera, desde que Blajan partira. Assim, sem esperar pela reabertura das aulas, iam encontrar-se ambos e recomeçar as confidências. Blajan interessar-se-ia pelas primas? Georges não teria paciência durante muito tempo para responder às perguntas respeitantes à bela Liliane. De facto, veria, este Outono, no campo, a loira rapariga, e até agora nunca mais pensara nisso. Não seria, para ela e para a irmã, um companheiro de férias mais agradável que para André e Lucien. Mas o Outono vinha longe: estava-se em pleno Verão, que se anunciara tão bem e de que Georges falara a Alexandre, a propósito do aniversário de ambos. Este Verão e este Outono dependeriam da visita a S..., o acontecimento mais importante e mais próximo.

Em breve, Georges submeteria o projecto aos pais. A viagem não tinha importância alguma, mas era preciso anunciá-la de uma maneira plausível. O pretexto seria: a festa do padre Lauzon. Georges diria que, nesta ocasião, alguns filhos de Maria faziam uma pequena cerimónia em honra do director, a fim de lhe agradecer as suas atenções. (Utilizava assim a história que imaginara para fazer escolher a mesma estação balneária que os pais de Alexandre — sem imaginar, então, que se juntariam aos de Lucien.) Enquanto estivessem em M..., estas delicadezas

para com o padre Lauzon poderiam renovar-se de vez em quando. O regulamento das férias recomendava que se mantivesse contacto com o confessor. O expediente, que tinha sido tão proveitoso durante o ano escolar, estenderia mais longe os seus benefícios.

Que nome ia ter o padre? Georges examinou o calendário. Pensava no padre Lauzon consultando o dele, na véspera das férias, para indicação das suas ordens. Evidentemente, tinha de excluir o dia seguinte, sábado, por ser demasiado próximo, de domingo, que era o aniversário de Georges, e o de quinta-feira próxima, dia da festa de Santa Margarida. De segunda-feira 17 a quarta-feira 19, figuravam Aleixo, Camilo e Vicente. Georges optou por Aleixo: nome tanto mais apropriado quanto lhe lembrava o de Alexandre, a écloga de Virgílio e a conversa na cabana, a última conversa com o garoto. Que doce vingança baptizar com o nome de Aleixo o terrível Lauzon!

Em baixo, Georges encontrou o pai, que lia os jornais. Não trazia ainda nada sobre a distribuição dos prémios, cuja notícia tinha o privilégio de ser publicada pelo jornal católico da região. Viu um telegrama aberto em cima da mesa — a resposta do hotel. Os quartos estavam reservados. Tinham sorte.

Georges aproveitou para fazer o seu pedido: a história da festa de Santo Aleixo passou muito bem. Partiria segunda-feira de manhã e voltaria à noite. Beijou o pai com a mesma efusão que no dia em que este lhe mostrara a moeda de Alexandre. A ideia da viagem a S... entusiasmava-o. De pé, diante do piano, procurou, só com um dedo, encontrar a música da *Loira sonhadora*.

Em seguida desceu ao jardim, deslizando ao longo da rampa de pedra. Há muito tempo que não fazia de rapaz com sorte, visto que já não era a criança semelhante à que vira, na véspera, brincando com os colegas. Neste momento não teria suportado a presença de nenhum. Um ausente enchia-lhe, sòzinho, o jardim. Quando Georges o evocara neste lugar, numa manhã de férias da Páscoa, a

estufa estava perfumada com as glicínias e os jacintos, e levava na algibeira a carta que recebera dele. Os jacintos e as glicínias tinham desaparecido, como a carta, mas o jardim ostentava outras flores, que lhe falavam ainda de Alexandre.

Os lírios agrupados num cesto pareceram-lhe um novo símbolo. Estas flores eram a oferenda de Virgílio a Aleixo:

*Vem, bela criança: eis que as ninfas te trazem cestos cheios de lírios...*

Georges cortou um dos lírios. Metê-lo-ia no meio das rosas que estavam no seu quarto. O lírio cândido substituiria o gladíolo vermelho que Alexandre lhe atirara no dia do banho e que acabara na capela. As cores do ramo da Santíssima Virgem estavam invertidas.

À tarde, Georges disse que não saía. Tinha muitas cartas para escrever: ia avisar os colegas da sua chegada na segunda-feira, a S..., nomeadamente Marc de Blajan, que ficaria contente por tornar a vê-lo, e Maurice Motier, filho de um médico. Lamentou ter pronunciado o nome Motier diante dos pais — esse nome que devia ter ficado sempre secreto aqui, mesmo acompanhado doutro nome próprio diferente daquele para que fora feito. Depois, querendo evitar qualquer pergunta e misturar o eco das suas palavras, falou abundantemente de Lucien, a quem era preciso também escrever: dir-lhe-ia a resposta do hotel e a hora da sua chegada na quinta-feira.

Fechou-se à chave no quarto, como sempre que aí se reunia com a imagem de Alexandre. Era a ele, com efeito, que ia escrever, e não escreveria senão esta carta. Ainda não sabia se a enviaria no dia seguinte a Maurice, ou se esperaria até segunda-feira. Dependeria das suas intenções dessa manhã. Parecia-lhe cruel deixar o garoto mais alguns dias numa tal incerteza, e não podia esquecer que era indispensável. Estava escrito que nunca teria a escolha dos meios.

Sobre a mesa, apoiou contra o vaso das flores os dois bilhetes do miúdo, perto da madeixa dos cabelos. Aproximou um cadeirão mas achou-se demasiado bem instalado. Lembrou-se das diferenças de emprego do cadeirão e da cadeira nos aposentos do padre Lauzon. Uma carta tão grave exigia a austeridade de uma cadeira. Fechara as janelas, com receio de se distrair com os ruídos do exterior. Recolheu-se um momento, de olhos fechados, ressuscitando o rosto que misturava aos perfumes dos lírios e das rosas, como misturara ao dos lilases. Já não acreditava que a ruptura com Alexandre fosse duradoura. O desespero que o prostrara, depois do primeiro e último veredicto do padre Lauzon, parecia-lhe excessivo. Regressava à convicção de Lucien, de que se tratava de uma prova passageira e que semelhante amizade nunca morreria. E escreveu:

*Para ti, que amo*

*Quero que saibas que te amo. Quero que tenhas a certeza de que foi este sentimento que inspirou os meus actos. Como guia tive apenas a minha ternura, ajudado pela razão.*

*Entreguei os teus bilhetes todos ou quase todos; trai-te e, de certa maneira, reneguei-te, mas foi a fim de conseguir a nossa salvação neste mundo, se não no outro, como te disseram. Acredita que me foi precisa mais coragem para tomar esta decisão e impedir-te assim de te juntares a mim, do que me teria sido preciso para cumprir a minha palavra e partir contigo. Saudara o teu projecto com entusiasmo, mas depois reflecti: desculpa que to diga, mas eu devia reflectir também por ti. Não tínhamos o direito de cometer uma loucura, ainda que fosse bela. Acrescentarei que não tínhamos também a possibilidade de consegui-lo. A nossa fuga tornava-se problemática, agora que já não era um segredo, e caso tivesse tido êxito, qual teria sido a duração, quais teriam sido as consequências? Era-nos permitido ter este sonho, mas*

*não pretender transformá-lo em realidade. Neste momento, dependemos de toda a gente, bem o sabes, e não é mudando de horizontes que estaríamos menos sujeitos.*

*As nossas férias estão perdidas, sem dúvida, mas o futuro está intacto. Assim, posso, sem corar, confirmar-te o meu último bilhete depois de ter guardado o teu. Tem confiança em mim como eu em ti e esperemos pacientemente. O nosso sacrifício não terá sido em vão. Confio no destino. A vitória do nosso inimigo — dos nossos inimigos — é apenas aparente e provisória; somos nós os verdadeiros vencedores, visto que nada perdemos do nosso verdadeiro império e que não deixamos de reinar. Um dia, já ninguém no-lo disputará, porque estaremos reunidos e nunca mais nos deixaremos. Se não foste o amigo de todos os meus anos de colégio, sê-lo-ás de todos os outros anos. Os bens que possuir serão teus. Não os terei senão para ti.*

*Limitar-me-ei a restituir-tos: não sou o primeiro dos meus bens e não me criaste tal como sou? Refizeste-me melhor que o meu pai e a minha mãe me teriam feito. O teu rosto velou os meus estudos. O que li de belo nos poetas ou nas orações da Igreja, o que amei nos Gregos e nos Romanos, foi a ti que o dediquei, foi por causa de ti que o amei. Os minutos em que te via foram a minha eternidade. Porque estiveste lá no teu ano de glória, a perfeição e as delícias estiveram lá também. Foste o grão de mirra secreto que perfumou o colégio, o grão de incenso queimado só para mim, o grão de oiro que me enriqueceu em cada um dos teus sorrisos. As cerimónias de Saint-Claude não foram senão hinos da nossa felicidade. Fizemos provisão de alegrias de forma a encher livros e a encantar séculos. Se, todavia, durante a nossa separação, acharmos a estrada fastidiosa, contentemo-nos com a certeza de que, em breve e até ao fim, continuá-la-emos juntos.*

*Escrevo-te esta carta numa sexta-feira, 14 de Junho, e segunda-feira próxima irei a S..., levar-ta. Estou anteci-*

*padamente perturbado com esta viagem. Verei a tua rua, a tua casa. Espreitarei a tua saída. Parecer-me-á estar ainda em Saint-Claude, quando espiava a tua chegada à entrada da estufa. Ser-me-á preciso, também, dar atenção à chegada de uma outra personagem, a do homem que é a causa de tudo isto, mas que não terá a última palavra.*

*Quase não tenho esperanças de que me recebas bem. Eis porque espero muito destas linhas que devem justificar-me. Escrevo-as com o sangue da minha alma. Este testemunho mudo, mas irrefutável, convencer-te-á. Não se destina a corrigir os que tens, a meu respeito, completa-os. Substituí-los-ás, se a tua cólera já os destruiu, ou se foste obrigado a abandoná-los.*

*Pode acontecer que eu não te veja. Pode acontecer também que não tenhas querido receber directamente esta mnsagem. Então, encarregarei disso o Maurice — que já avisei — ou um dos meus antigos colegas, que conheces sem dúvida, Marc de Blajan. Responde-me o mais depressa possível (para ..., Hotel ...). Estou ansioso por saber que todas as nuvens de dissiparam.*

*A amizade que nos foi tão cara está entre as tuas mãos, depois de ter estado entre as minhas. Mas tu não podes querer destruí-la, tal como eu não teria podido: ela é mais forte que nós. Como o disse do nosso destino, é-nos permitido confiar nela. Ri-se das experiências porque já o provou. Não receia a ausência, porque estará sempre presente nos nossos corações, onde o nosso sangue se misturou; não receia o tempo, porque terá sempre o nosso rosto de Saint-Claude. Faz com que já vivamos juntos, embora separados. Sabe-o, se ainda querias ignorá-lo: a nossa amizade chama-se amor.*

No dia seguinte, acabava Georges o pequeno-almoço quando os pais entraram no quarto.

— Eis-te enfim no jornal, com as cerimónias do 14 de Julho! — disse o pai.

Depois, abraçando-o, a mãe acrescentou:

— O dia dos teus anos é amanhã, mas não queríamos fazer-te esperar mais tempo o nosso presente; os teus sucessos merecem-no bem.

Poisou em cima do jornal, como se fosse uma bandeja, um guarda-jóias aberto que continha um bonito anel. Georges agradeceu, beijou novamente. Contou as pérolas da coroa, os sarmentos das armas: o gravador não se enganara. Pôs o anel no dedo e divertiu-se um momento a ver o efeito, como o filósofo-académico de Saint-Claude. Fá-lo-ia ensaiar a Alexandre, se chegasse a falar-lhe segunda-feira. Melhor, dar-lho-ia. Seria a consagração da sua união mística. O garoto usá-lo-ia à noite ao dormir. Quanto a Georges, diria que o tinha perdido durante a viagem. Tanto pior para ele: passaria sem o anel; o fogo de sarmentos teria sido um fogo de palha.

Uma vez só, estendeu-se alegremente no canapé, para tomar conhecimento do artigo onde o seu nome brilhava, como o anel no dedo.

## *A DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS NO COLÉGIO DE SAINT-CLAUDE*

*Este ano, a distribuição dos prémios em Saint-Claude teve um brilho particular. S. E. o Cardeal-Arcebispo de M... honrou a cerimónia com a sua presença. A leitura do quadro de honra, de que indicamos a seguir os principais laureados, foi precedida de um discurso do Superior e ocupou toda a manhã. A tarde foi consagrada à arte dramática:* Ricardo Coração de Leão, *pequena peça desempenhada com gosto pelos alunos mais novos, e* Les Plaideurs *do grande Racine, onde se distinguiram o espírito e a distinção dos mais velhos. Os numerosos espectadores desta longa festa só lamentaram que fosse tão curta. Parabéns aos garotos, que, acompanhados pelos pais*

*e reconfortados pela bênção de Monsenhor, disseram adeus ao seu querido colégio — um adeus para férias excelentes.*

Georges sorriu ao reconhecer o estilo do Superior: estas *excelentes férias* marcavam o artigo, sem falar do alexandrino que escapara: *Os numerosos espectadores desta longa festa...*

Em seguida, figuravam os resultados dos exames finais, propaganda útil; depois, os grandes prémios do colégio (da Associação dos Antigos Alunos), etc.; por fim, os prémios dos alunos mais distintos e de aproveitamento de cada ano. Georges viu-se duplamente citado. Recortaria a coluna. Era a primeira vez que tinha acesso a este género de publicidade, porque o liceu não imprimia nos jornais os nomes dos alunos. Não podia impedir-se de estar orgulhoso. Mais ainda que em Saint-Claude, sentia-se nascido para as honrarias. Nesta mesma manhã, Alexandre veria a notícia, e embora as conversas da véspera tivessem sido intempestivas, ficaria comovido por ler o nome do amigo, como este ficara por ler o nome que tinha duas distinções no quadro de honra.

Georges nunca se sentira tão feliz ao examinar um jornal. Ele que nunca via nenhum, porque achava as histórias sem interesse, estava reconhecido a este por assinalar a sua e fazê-lo pensar, agora, no garoto que era o herói. Esta pequena crónica resolvia-lhe as coisas.

Tudo lhe pareceu digno de atenção nestas folhas. Debaixo do título leu: «Sábado 15 de Julho, dia de S. Henrique.» Gostaria que o santo deste dia fosse Santo Alexandre, ou S. Georges, S. Lucien ou S. Claude. Mas essas festas tinham passado. Só havia em perspectiva a de S. Aleixo. Georges lançou uma olhadela sobre os artigos das outras páginas, e nas costas daquela onde se encontrava a notícia relativa ao colégio, reparou nos *Factos Diversos*.

Pareceu-lhe que o coração parara de bater. As palavras queimaram-lhe os olhos:

## UMA CRIANÇA ENVENENA-SE ACIDENTALMENTE

*S..., 14 de Julho — Ontem à tarde, Alexandre Motier, de doze anos e meio de idade, absorveu um tóxico violento que tomara por um remédio. O infeliz garoto, vítima do seu erro fatal, não conseguiu sobreviver.*

Georges levantou a cabeça e olhou à sua volta, como se duvidasse da realidade. Os objectos estavam no seu lugar: *O rapaz azul* e *O rapaz vermelho* nos quadros, a cama desfeita, o casaco nas costas do cadeirão, o ramo de flores no meio da mesa, perto do tabuleiro do pequeno-almoço, com a chávena de porcelana franjada de chocolate e a pamplumossa vazia onde estava agora a colher.

Georges levou novamente os olhos ao jornal. O que acabava de ler continuava lá. Era o mais importante dos factos diversos, o que tinham posto em primeiro lugar, em lugar de honra, antes de: «Um banqueiro desonesto» e de «Moto contra automóvel». E de outro lado da página viam-se a distribuição dos prémios, a bênção do Monsenhor, a promessa de férias excelentes, o nome de Georges nos prémios de distinção e de diligências. Alexandre também tinha o nome no jornal. Os dois artigos respondiam um ao outro. Parecia que os tinham feito esperar, para não os separarem. Por detrás dos laureados da festa de Saint-Claude, erguia-se este delgado cipreste. A comédia fora substituída pelo drama.

Georges ergueu-se do canapé, deixando deslizar o jornal para o tapete. Lentamente, dirigiu-se para a porta, que fechou à chave. Fechava-se à chave a fim de ficar só, pela última vez, com Alexandre.

Quando se sentiu a resguardo do mundo, a inimaginável notícia iluminou-se com uma luz estonteante diante do jornal exposto como um cadáver. «Meu Deus! Que estupidez! Que estupidez!», disse soluçando, e caiu sobre um assento, o rosto entre as mãos. Chorou demoradamente,

ele que na véspera das férias achava as lágrimas irrisórias no excesso de infelicidade. Nunca dentro dele descera a um tal abismo. Gostaria de encontrar aí apenas a inconsciência, em vez da consciência que o apunhalava. Pouco a pouco, através da dor, um pensamento se lhe impunha: que Alexandre não se envenenara por acidente e que a sua morte fora voluntária — que morrera por causa dele.

Esta convicção deteve-lhe as lágrimas. «14 de Julho. Ontem à tarde...» Fora portanto a 13, no dia em que chegara a carta, no dia em que o padre Lauzon dera o grande golpe. O garoto também acertara em cheio.

Assim, na teia simples da vida do colégio, com as lições, os exercícios, as orações, os retiros, entre a cerimónia do cordeiro e a história dos lagartos, a carta do Terno e a *Vida do Virtuoso Décalogne*, os versos de Richepin e os versículos da *Imitação*, a academia e a congregação, o padre de Trennes e o bispo de Pérgamo, se preparara lentamente um suicídio. Os encontros na estufa, os bilhetes, os beijos, as esperanças, tinham este desenlace.

«*O infeliz garoto, vítima do seu erro fatal...*» Estas palavras pareceram a Georges de uma trágica ironia. Lembrou-se da apóstrofe «Que desgraçados rapazes!» que o padre Lauzon lhes dirigira ao surpreendê-los na cabana. Mas o engano fatal, fora Georges, Lucien e o padre quem o tinha cometido, e o garoto era uma vítima deles. A água-de-rosas, a água benta, os remédios, tinham-se transformado em veneno.

Georges e o confessor haviam-se posto de acordo de uma maneira definitiva. Alexandre Motier já não existia devido à união dos seus esforços. Assim como fora motivo de questão, assim o tinham entregado juntos a Deus. Mas o garoto, com este acto, deixava-lhes a prova, a um, que desprezava as leis em nome das quais fora perseguido, a outro, que não vivia senão para ele: conforme dizia, amara-o mais que a própria vida.

Durante este tempo, que fizera Georges em honra do miúdo? Sacrificara uma página dos seus prémios, guar-

dara dois bilhetes, colhera um lírio, escrevera uma carta, e no dia em que Alexandre morria pensando num rosto que mentira, passeara pela cidade, a fim de se separar dum rosto que não mentira. Colocara a coroa de rostos sobre um caixão.

Uma vez mais, expulsara alguém do colégio, de modo diferente; aquele que procurara, desde o primeiro dia, na amizade de Lucien, aquele que nunca seria igualado, o ente mais belo que existira no mundo, o mais encantador, o mais inteligente, o mais nobre. Georges de Sarre tinha direito à publicidade. Em rubricas diferentes, o jornal contava-lhe as verdades. Era o triunfador público e o triunfador secreto. Obtivera os primeiros prémios, distinguira-se no seu papel, merecera aplausos e felicitações.

Não devia pagar esta morte com a sua? A morte chamava a morte, como o amor chamava o amor. Alexandre partira só, mas não restava a Georges senão juntar-se-lhe: ninguém seria capaz de impedir Georges de partir desta maneira. O laço que os unira não estava ainda completamente desfeito. Georges podia dar-lhe o último nó. Depois de ter fornecido as palavras, faltava-lhe fornecer um acto. Todas as suas palavras, todos os seus actos, se apagavam diante desta resposta muda. Depois das férias da Páscoa, trouxera um poema e tinham-lhe estendido um braço ensanguentado. Hoje, Alexandre dava-lhe novamente o exemplo. Mostrava-lhe que, se o amor era apenas um jogo, a morte também não passava de um jogo.

Georges deitou-se sobre a cama, aterrado por ver-se lúcido e ter tomado sùbitamente a decisão de se matar.

Gostaria de saber que veneno Alexandre usara, porque escolheria o mesmo. Era sem dúvida um produto raro que talvez não dispensassem senão aos médicos. Georges não se lembrava de que houvesse, na minúscula farmácia da casa de banho, qualquer tubo ou frasco de rótulo sinistro. Se queria acabar nessa manhã, era preciso pensar

noutra coisa. Afastou a hipótese do recurso ao revólver por ignorar o manejo dessa arma, que se encontrava fechada numa gaveta do escritório. Além disso, uma morte violenta parecia-lhe demasiado cruel e não lhe era proibido morrer suavemente. Era já muito morrer.

Abriria os pulsos na banheira. Segundo lera, nenhuma forma de suicídio era mais agradável. Olhara a catástrofe do padre de Trennes como uma cena histórica: consumiria agora a sua própria catástrofe com uma cena não menos histórica e digna da querida antiguidade. Ultrapassaria o simples ostracismo para imitar o Petrónio do *Quo Vadis*? Seria a apoteose da cor vermelha, que começara na gravata e acompanhara a sua amizade. Vira nisso o símbolo do amor, mas era primeiramente o do sangue, deste sangue de que só vertera as primícias e que acabaria de correr. O sangue do Cordeiro seria até ao fim a marca de Georges e de Alexandre. Os seus pecados não tinham sido da cor carmezim, mas a expiação de Georges sê-lo-ia bastante. O garoto dissera, a propósito de Jacinto e de S. Jacinto, que vertia o sangue nas duas religiões. Georges derramaria o seu segundo as leis duma terceira — a religião deste amor de que a sua carta lhe falava, e que, por sua vez, lhe iria enfim provar. Se escrevera esta carta com o sangue da alma, a sua última mensagem representaria o sangue do seu corpo.

Comprazia-se nesta visão do seu fim próximo, que ia aproximá-lo de Alexandre. Morreriam um pelo outro, à maneira de Niso e de Euríalo, e dos efebos nas batalhas. O garoto cumprira a sua promessa. Georges cumpriria o seu juramento.

O que lhe restava de Alexandre — a madeixa, os bilhetes — teria o cuidado de fazer desaparecer. Nas palavras de despedida que deixaria à família, não daria nenhuma explicação. Não tinha testamento a fazer, como Racine. Os pais atribuiriam o suicídio à neurastenia, ao crescimento, ao excesso de trabalho, ao internato. Mas fariam disso um simples acidente para que lhe fizessem

o funeral religioso. Com certeza nada se opusera a que Alexandre tivesse semelhantes exéquias.

O segredo do seu coração seria preservado. Se os pais tivessem encontrado os bilhetes, que relação poderiam estabelecer entre a sua morte e as frases que constituíam apelos à vida? E se tivessem sido informados do seu projecto de fuga, podiam acreditar que tivesse querido morrer antes de tentar executá-lo? Mesmo Maurice não sabia o suficiente para reconstituir todo o drama; além disso as suas preocupações nunca o levariam para aí. A partir de agora os seus amores com as criadas não teriam obstáculos. Esqueceria depressa o irmão. Apenas Lucien e o padre Lauzon conheceriam inteiramente a verdade. Georges ia escrever-lhes para certificá-la, em nome de Alexandre, de quem já não duvidava, e em seu próprio nome.

Lucien sabia que não era um gesto vão fazer um ligeiro corte no braço e trocar um pouco de sangue com outro. Fora o primeiro a dizer a Georges que era algo de importante — algo que não julgara tão importante. Nos últimos dias chamara a atenção de Georges, mas declarara-lhe anteriormente que era possível enfrentar o que quer que fosse, quando se tinha um verdadeiro amigo. Teria de falar de dois amigos que haviam sabido enfrentar as coisas menos mal. Propagava o seu testemunho. Far-se-ia seu abonador, o intérprete da história, o apóstolo da fé. Seria a maneira de expiar a sua leviandade, encontrando, a favor desta causa fraterna, o zelo de neófito que tivera para com as confrarias. Pediria uma recordação de luto aos pais do antigo vizinho. Mas não seria ùnicamente uma peça de colecção, como a que lhe fora dada no ano passado.

Quanto ao promotor do drama, recordar-lhe-iam as suas palavras, que bastariam para o seu embaraço. O que fizera, foi aprender prudentemente a vida? Talvez este drama fosse simplesmente uma dessas coincidências que se deleitava em admirar: se Marc de Blajan adoecera, após ter recusado entrar para a congregação, Alexandre morrera

depois de ter saído, e Georges depois de troçar dela. Far-lhe-iam observar, de resto, que os dois penitentes, segundo a doutrina da Igreja, estavam condenados — resultado incómodo para um director espiritual e que acrescentava um vigésimo quarto motivo de humildade aos vinte e três de Hamon. Quem sabe se ele não fecharia o cortejo, matando-se por remorsos e despeito? Mas um padre, quando tem princípios, não se mata. Viveria para expiar a sua pena.

Em seguida Georges pensou na maneira como a sua morte e a de Alexandre seriam apresentadas aos professores e colegas de Saint-Claude.

Se as julgassem naturais, constituiriam uma fonte de ternura. O Superior atribuiria agora um sentido elevado ao bilhete de que conhecera o texto: veria nele a inspiração do *Cântico dos Cânticos* e não a de um romance de cordel. Durante estas férias excelentes, faria o elogio fúnebre do académico e um soneto elegíaco em louvor daquele que pegara no cordeiro. Falaria deles na meditação, na leitura espiritual. Deus quisera chamar a atenção de todo o colégio para a ideia da morte, chamando a Si um dos alunos mais brilhantes da turma dos mais velhos, e um dos mais amáveis da turma dos pequenos. Seriam postas em destaque a assiduidade aos sacramentos, a frequência com que comungavam. Esperava-se que os méritos destes actos os tivessem mantido nos últimos instantes: o pão dos fortes tinha-os alimentado. Seriam quase santos, como os do padre de Trennes, «crianças-incensórias», como as do pregador. Até para além do túmulo, Georges converteria os outros, a menos que não pervertesse alguns: a ideia da morte era também um encorajamento para aproveitar a vida.

O padre de Trennes se tivesse conhecimento do sucedido não ficaria elucidado. Mas, mesmo que não duvidasse que fora Georges o seu delator, reconheceria que a justiça do Céu ia um pouco longe de mais. Pelo menos, Maurice e ele estavam vivos para mostrar o triunfo de

uma maneira mais animadora. A que santo o padre consagraria Georges e Alexandre? Citá-los-ia aos sobrinhos. Interrogaria o céu puro da Grécia sobre a sua castidade. Desfolharia uma rosa em recordação dos seus rostos, leria alguns versos de Teógnis, fumaria um cigarro egípcio. Poria um fumo nos seus pijamas, dedicado não a Hermes Olímpio, mas a Hermes Psicopompa.

O padre Lauzon seria o verdadeiro cúmplice daqueles que teria matado. Se se julgasse, por sua vez, condenado a mentir, seria obrigado a recomendá-los nas orações da congregação, mas, no seu íntimo, rezaria provàvelmente com mais fervor. Aatribuiria a Georges e a Alexandre os frutos das suas missas. Além disso, pouco depois do recomeço das aulas, haveria não só uma missa em sua intenção, mas, na véspera das férias grandes seguintes, também não os esqueceriam, durante a missa da Associação dos Antigos Alunos. Nas circunstâncias em que os apanhara a cerimónia deste ano, nem um nem outro pareciam estar em condições de vir a fazer parte desta Associação, e de hoje em diante figurariam nela a título perpétuo: ficariam no número dos antigos alunos defuntos.

Que pensariam aqueles a quem Lucien tivesse contado o segredo? E ele próprio, que pensaria? Não ficaria aterrado ao pensar que, durante um ano, estivera em contacto com tal infelicidade, com uma dupla infelicidade? Ou não sorriria antes ao ver angelizar os dois amigos? Participaria, de tão longe como o padre Lauzon, nas orações públicas feitas em memória deles, mas seria, talvez, o único a rezar, houvesse o que houvesse, se ninguém rezasse.

Com efeito, se o padre, recusando-se a consentir este novo sacrilégio, proclamasse a verdade, a sua recordação seria maldita. Blajan pensaria que eles deviam ter sido impuros, visto terem caído tão bruscamente. Louvar-se-ia por ter evitado ligações tão perniciosas. Sem ir ao ponto de imitar o digno Maurice, gostaria ainda mais da prima.

As amizades particulares forneceriam o tema de conferências profundas durante o retiro. Não haveria necessidade de procurar histórias pavorosas nos episódios de terror ou na vida dos santos. O Superior falaria dos avisos pessoais que fizera aos tristes heróis destas férias, e recordaria os conselhos que o pregador do ano passado dera a toda a gente. Decidiria, também, falar menos e menos deixar falar do amor divino, do espírito do amor, do amor do Bem-Amado, e vigiaria, depois das leituras do refeitório, a colecção de cânticos. Perguntaria a si próprio se não era preciso ser mais moderado nas suas expressões, se não incitavam os jovens a traduzir na linguagem dos sentidos o que se destinava à sua alma, se, com receio de os escandalizar, não se corria o risco de fazer deles objecto de escândalo. Passaria a rever as suas estatísticas com outros olhos e apreciá-las-ia de modo diferente. No próximo Congresso Eucarístico, sugiria dar a comunhão às crianças, por prudência, sob espécies não consagradas. Assim, para não ser causa de perjúrio, Robert le Pieux faria prestar juramento sobre um relicário sem relíquias.

O professor de Instrução Religiosa salientaria que o suicídio exclui da sepultura eclesiástica, embora, por tolerância ou fraude, os dois ímpios a tivessem recebido. Na lista dos casos de proibição, punha-se este à cabeça, do mesmo modo que o jornal imprimira, à cabeça dos factos diversos, a notícia do pretendido acidente. Disputariam a Alexandre e a Georges a última morada, como tinham feito outrora a Molière e a Voltaire. Seriam irradiados da congregação.

Não teriam em Saint-Claude nenhuma missa especial, depois de tantas missas seguidas em comum. Seriam oficialmente banidos dessa capela, onde começara a sua amizade e que tinham perfumado com alfazema. Mas nada os impediria de aí voltar, à sua vontade. Assistiriam lado a lado, e não já frente a frente, às missas que quisessem. Mesmo se não assistissem, seriam todas para eles. Teriam missas negras, porque morreriam para o mundo

e por causa de um padre. Teriam missas de branco, porque tinham ficado puros; missas de vermelho, cor do seu amor e do seu sangue; missas de roxo, como aquela em que Alexandre incensara Georges; missas doiradas, como haviam sido a cabeleira dum, alguns cabelos doutro. Haveria ainda missas de verde, porque tinham tido esperança. Não se podiam ter suicidado por desespero.

Neste instante, à luz dos próprios sentimentos, Georges tinha a certeza de que Alexandre não o rejeitara: o garoto vira-se privado dele pela força das coisas, pela desumanidade dos homens, e morrera para o encontrar, como Georges ia morrer para se juntar ao garoto.

Exploravam ambos o futuro e o passado. Transportar-se-iam ao tempo em que Jacinto tinha padres; isso mudá-los-ia mas, a partir de agora e com a continuação dos anos, encontrar-se-iam em lugares e corações desconhecidos. Os limites da sua história não eram os do colégio, das residências, dos nomes. Existiriam com outros nomes e noutros colégios, noutras casas; existiriam enquanto houvesse rapazes na terra, enquanto existisse a beleza.

A medida que Georges deixava divagar a imaginação, via crescer paralelamente uma ideia: que se oferecia a si mesmo como espectáculo e não se mataria. A sua aceitação não fora menos espontânea que o projecto de fuga, mas os enfeites da razão tinham-no escamoteado. Resolvera sinceramente morrer, mas havia sem dúvida, por detrás desta resolução, a certeza de que não passava duma intenção do espírito. Como dissera Lucien, há coisas que se podem fazer e coisas que não se podem fazer. Georges dava-se conta que não faria o que Alexandre tinha feito.

Já não julgava o valor do acto executado, julgava os resultados: em vão o miúdo fora tão sublime. Depois de o ter admirado, Georges queria-lhe mal por se ter arrancado à vida, ter destruído todos os seus dons, todas as suas perfeições por causa de uma ideia falsa, assim como o censuraria, quando o seu desafio revelara o plano deles

ao padre Lauzon. A amizade que os unira pertencia-lhes em comum, e nenhum deles tinha o direito de arruinar para sempre a felicidade do outro.

Mas depressa estes pensamentos pareceram a Georges tão indecentes como supérfluos. Deu ao desastre uma explicação que pressentira durante a sua última noite no colégio, nessa mesma noite em que lhe viera a ideia do suicídio de Alexandre: o garoto e ele, cada um à sua maneira, tinham sofrido a lei da necessidade. Limitaram-se a seguir o seu destino. As decisões e os actos tinham-lhes escapado. Estava escrito que Alexandre devia morrer, como se fosse demasiado belo para continuar a viver. As alegrias que Georges prometera a si próprio não eram da condição do homem. Lera ou ouvira dizer estas coisas, mas julgara-as fábulas. Fora-lhe reservado verificá-las.

A memória mostrava-lhe sinais anunciadores, que retivera inconscientemente sem os compreender. Pensava nos mais recentes: a história das linhas da mão, a madeixa loura que o cabeleireiro cortara, a cicatriz apagada; depois, na véspera e mesmo no dia das férias, as sinas virgilianas de mau augúrio, e a nuvem de fumo que cobrira Alexandre ao afastar-se. Tudo isto era irrisório, mas tudo isto tivera um sentido.

---

Georges levantou-se. Pegou no lírio do ramo e pô-lo de parte. Colhera esta flor vendo nela o símbolo de Alexandre, e, nesse momento, Alexandre já estava morto. A imagem de Lucien dissera-o: o garoto passara como um lírio e deixara apenas um perfume.

Tão cuidadosamente como fizera aos livros dos prémios, Georges recortou a página do jornal que trazia nas duas faces — as duas faces de uma mesma mortalha — o nome de Alexandre e o seu. Pôs o folha no armário e reparou nos documentos que este continha: o canhenho para onde passara os bilhetes, o caderno onde estava o «Retrato de

um amigo», a carta que escrevera ontem a Alexandre — a única que lhe escrevera, a carta que teria advertido esta infelicidade e que o garoto leria no outro mundo. Georges esperara encontrá-lo segunda-feira, e iria ao seu túmulo. Eis um monumento que se parecia pouco com o que sonhara nas férias anteriores. As flores que aí colocaria já não seriam flores de retórica, a flor azul de que falara Lucien. Seriam flores vermelhas.

As badaladas do relógio fizeram notar a Georges que já era tarde. Devia arranjar-se, tomar banho — um banho de água tépida, e não de sangue. Retirou o anel, que tivera intenção de oferecer a Alexandre, e fechou-o no guarda-jóias. Nunca mais o poria: ao tocar no jornal, tocaria na morte. Durante uns momentos, pensou em ir naquele dia mesmo a S...; o funeral ainda não se realizara, com certeza; chegaria antes que Alexandre tivesse desaparecido completamente. Mas para que proceder assim, porque não se mostrar senão para dissimular ou espantar?

Quando se penteou, Georges pegou maquinalmente no frasco de loção de alfazema e perfumou os cabelos. Envergonhou-se por ter tal preocupação, mas este perfume não fora apreciado por Alexandre? A ideia guiou o resto da sua *toilette*. Escolheu uma camisa azul, em honra do garoto, que preferia as camisas azuis. Em vez de um fato vulgar, vestiu o de domingo, o de Saint-Claude. Hesitou quanto à gravata. Parecia-lhe conveniente uma preta, mas era preciso tirá-la ao pai e renunciou a isso: deveria explicar o luto. A ideia de ser interrogado repugnava-lhe. De agora em diante só ganhava em ser discreto. Além disso, o que queria comemorar, mesmo nas menores coisas, era não a morte de Alexandre mas a vida. Pôs a gravata vermelha — o vermelho não era a cor do luto pelo Papa? Colocou igualmente o anel. Oferecia a si próprio estas ilusões, deleitava-se nestas fantasias, mas a alma estava mergulhada na angústia.

À mesa mal tocou na comida e teve de reconhecer estar fatigado. Os pais fizeram reflexões sobre a necessidade das

férias e a feliz escolha dos Pirenéus. Inquietaram-se perguntando a si próprios se os suplementos teriam sido suficientemente abundantes durante o último trimestre.

No meio da refeição, chegou um telegrama. Seria ainda do hotel? Mas a direcção vinha em nome de Georges: o primeiro telegrama que ele recebia. Sentia-se incomodado por ter de lê-lo em público, sabendo de antemão que o telegrama dizia respeito a Alexandre. Abriu-o muito comovido, compondo o rosto. Era talvez do padre Lauzon, que poderia ter mostrado mais solicitude, ou dos pais de Alexandre, que tinham encontrado os bilhetes.

Era de Lucien:

ESTOU CONTIGO DE TODO O CORAÇÃO.
PERDOA-ME.

Era ainda preciso fingir, brincar com as palavras, representar sempre a comédia.

— São as felicitações de Rouvère — disse Georges, depois de ter lido em voz alta.

— As felicitações?

— Sim, pelo jornal e pelo meu aniversário. Os meus amigos têm as mesmas delicadezas que os meus pais.

— E o perdão?

— É, suponho, por causa de uma aposta que dera lugar, no comboio, a uma discussão — uma aposta por causa de *Plaideurs*, em resumo. Lucien algumas vezes tem ideias esquisitas.

Lamentava-se por dizer estes disparates, e ao mesmo tempo tinha pena de não poder acreditar neles.

Enfim, que alívio estar só! Os pais saíam juntos esta tarde. Quanto a ele, não sabia para onde ir, onde ficar. O quarto, a casa, metiam-lhe medo.

Desceu ao jardim. Viu no meio dos lírios a haste que cortara. Sentou-se debaixo do caramanchão. O desejo de se encontrar aqui com o garoto terminara. Perto da estufa onde florira a carta de Alexandre, pensava na mensagem

que acabava de receber. Lucien não duvidaria, ao ler os *factos diversos* do jornal dos prémios, que a morte do miúdo fosse um suicídio. Censurar-se-ia pelos conselhos que dera a Georges, como se censuraria por lhe ter indicado a cabana. Dissera que Alexandre não se mataria — «um mau momeno que há-de passar, eis tudo». Hoje devia ter repetido este: «Eis tudo.»

Georges incriminara já Lucien, cuja responsabilidade lhe parecia diminuir a sua. Mas este, ao aconselhá-lo, fizera outra coisa senão traduzir as suas últimas intenções, as que escondiam as suas primeiras intenções? Agira apenas por amizade e defendera a causa a pensar no futuro e na vida.

O verdadeiro culpado era este padre que fora o instrumento da morte. Fora ele quem, em nome do bem, fizera tanto mal. Georges pensava, com uma alegria feroz, na carta que lhe escreveria dentro de momentos. Por mais diferente que fosse da que imaginara nessa manhã, não deixaria de ser menos severa. Anunciaria não já que ia morrer, mas que viveria, a fim de vingar Alexandre. O confessor não inspirava o menor receio ao penitente: tinham trocado os papéis.

Avisaram Georges de que um dos seus professores de Saint-Claude o esperava no salão. Não precisava que lhe dissessem o nome. Este homem vinha pois em pessoa juntar-se ao seu sofrimento! Vinha, ainda antes do ultraje, e merecia que Georges fizesse uma excepção ao seu desejo de solidão. No entanto, não sentia senão repulsa por tal visita. Receava não ousar dizer tanto quanto teria escrito. Hesitava em entrar na sala, tinha vontade de mandar dizer que não estava. Talvez o garoto tivesse confiado alguma coisa, para ele, à personagem que a infelicidade ligara aos seus passos até ao fim. Decidido por esta consideração, Georges abriu lentamente a porta e os seus olhos encontraram os do padre Lauzon.

O padre dirigiu-se-lhe, com as mãos estendidas. Mas Georges não podia apertar aquelas mãos. Deixou-se cair num cadeirão, acabrunhado por esta presença, como ficara, nessa manhã, com a leitura do jornal.

As suas ideias de vingança desvaneciam-se. Tudo lhe parecia insignificante, comparado com o que teria de vingar. A morte de Alexandre podia ser paga? Era ainda a sua imagem viva que Georges evocava. O silêncio que persistia entre o padre e ele, a penumbra da sala de cortinas corridas, estavam cheios de coisas que pareciam ouvir e contemplar. Novamente Georges sentiu lágrimas nos olhos. Já chorara muito. Mas não estava ainda aliviado. A emoção a que cedia, os requintes estranhos com que a enfeitara, não serviam de nada. Um despeito atroz acalmou-o. Tinha vergonha das suas lágrimas, diante de alguém que outrora procurara enganar por meio de lágrimas. Envergonhava-se da sua gravata vermelha, do seu anel novo. Sentia vergonha de si próprio.

O hóspede, que se colocara perto dele, aproveitou este momento para lhe dizer:

— Por mais que sofra, não sofrerá tanto como eu. Gostava mais deste rapaz que você.

Georges ficou impressionado com a gravidade do tom e com as palavras. Os sentimentos do padre não podiam, de certa maneira, merecer os seus? Paralelamente, compensavam-se as acusações recíprocas: para Georges, Alexandre morrera porque existira este padre, e para o padre, porque existira Georges. O padre não era, além disso, como ele o declarara, o mandatário de uma família e de uma religião às quais, de bom ou mau grado, Alexandre pertencera? Tinha o direito de pedir contas. Enganara-se, porque o haviam enganado. O que acontecera condenava as suas medidas, mas justificava as suas apreensões.

Adivinhando que Georges estava mais disposto a ouvi-lo, recomeçou numa voz tão baixa como a do padre de Trennes no dormitório:

— Foi anteontem. Marcáramos um encontro às três horas. Entreguei-lhe o que você enviara. Ficou imóvel, com os papéis na mão, depois, friamente, abriu a carteira donde tirou outros bilhetes, e reconheci a sua caligrafia. Estendeu-mos, com os que lhe tinha dado, e deixou-me sem ter pronunciado uma só palavra.

«Desejando confortá-lo e saber igualmente aonde ia, porque a cena se passara nos meus aposentos, segui-o e vi-o entrar em casa. Fechou-se à chave no quarto. Ao fim de alguns momentos retirei-me, tendo esperado em vão. Recomendei que não o deixassem sair, com o pretexto de que tinha necessidade de repouso, e pedi a Deus que o ajudasse a vencer esta prova, que você já vencera. Duas horas depois, vieram procurar-me a toda a pressa: tinham-no encontrado estendido no gabinete do pai. Fora fulminado por um veneno.

O padre parou alguns instantes, como por respeito para com a morte.

— Oxalá — continuou — o infeliz tenha sido vítima de um engano, como se disse! Naturalmente não procurava senão atordoar-se, e se se matou voluntàriamente, pelos motivos que você e eu temos para presumir, deixemos o julgamento do seu acto à misericórdia divina. O garoto de tantas lágrimas, de tantas orações, não saberia perder-se. No último minuto deve ter visto a verdadeira luz e certamente foi perdoado.

Depois de uma nova pausa, o padre acrescentou:

— O enterro religioso celebrou-se esta manhã. Não podia ser amanhã, domingo. As circunstâncias precipitaram uma cerimónia para que havia, aliás, muitas razões para manter discreta. Não o avisei, porque a sua vinda teria provocado comentários. Tive de desviar a atenção de Maurice, que me confiou estar, há pouco tempo, ao corrente da vossa intriga. Mas nem ele nem os pais puderam supor a verdade, fica entre Deus e nós. Poderei dizer que o representei no funeral, se a minha própria dor não me tivesse bastado. Hoje, posso dizer-lhe: esperava

levar este rapaz ao santo ministério. Fora feito para tornar sensíveis as belezas eternas. O seu gesto, ai de mim!, tornou sensível de outra maneira a eternidade.

«Visto que a infelicidade ultrapassa as previsões humanas, devemos procurar na nossa alma consolações mais profundas: a morte do seu amigo, por mais condenável que seja, arrancou-o ao pior dos pecados. Todos os acessos estavam já ocupados, mas o que havia de verdadeiramente angélico continuara ileso. A sua garantia está na palavra do apóstolo: «Os que são puros verão Deus.» Fui implacável, porque defendia a sua pureza, que estava numa idade crítica. O demónio da manhã é mais temível que o demónio do meio-dia. Foi ele o autor deste drama, mas foi Deus quem triunfou.

Estes discursos causavam a Georges uma espécie de tranquilidade. Não acreditava no bálsamo mas sentia a doçura. Encontrava nesta linguagem alguns dos seus pensamentos, e alguns do padre de Trennes. Não lhe desgostava, nomeadamente, que Alexandre tivesse sido puro. Mas do mesmo modo que o zelo do padre de Trennes respeitante à pureza não excluía, parecia, outras preocupações, Georges gostara de Alexandre ainda mais que da sua pureza.

O padre estendeu-lhe dois sobrescritos:

— Estão aqui os bilhetes que você escreveu e os que recebeu. Como prometera, não li nada. Se me abalanço a restituí-los, é porque agora sabe o que tudo isto custou.

Georges pegou nos sobrescritos, em que os segredos da sua amizade lhe voltavam intactos, mas do outro mundo. Em seguida, o padre entregou-lhe uma fotografia pequena.

— Dou-lhe também isto — disse muito simplesmente.

A fotografia mostrava Alexandre a dormir numa cadeira de repouso, mais gracioso ainda do que quando dormia no comboio, nas férias da Páscoa. Distinguia-se a linha dos olhos, as sobrancelhas quase direitas, a borda da boca, as orelhas de nácar e os caracóis que pareciam uma dança imóvel e alegre em honra da sua beleza. As

mãos mostravam as palmas brilhantes, como se esperassem outras mãos, e as pernas nuas pediam carícias invisíveis.

Georges voltou os olhos para o padre Lauzon. Tinha agora a prova de que este homem amara verdadeiramente Alexandre.

— Diverti-me a tirar-lhe esta fotografia durante as férias do Natal — disse o padre. — Não lhe passara ainda nada, nem pelos olhos nem pelo coração, para o perturbar. Estava tal como no dia da sua primeira comunhão. Ajudara-me à missa da meia-noite. Tinha apenas a firmeza do bem. Será desse garoto que guardará memória. Os seus olhos fechados hão-de recordar-lhe a oração da noite no colégio: «O sono é a imagem da morte...» Lembrar-se-á também de que foi ao despertar para as paixões da vida que ele morreu.

O padre levantou-se: tinha de visitar uns colegas e partia nessa noite depois de jantar. Ao atravessar o salão, parou em frente de um incensório colocado sobre um móvel e tocou-o com a ponta dos dedos. Dir-se-ia que, por meio deste objecto e com este gesto, restituía ao verdadeiro culto tudo o que aí tinha sido desviado.

Georges ficou contente por o padre não desejar encontrar-se com os pais dele. Receava que se falasse da viagem de segunda-feira: embora, neste momento, a questão não tivesse nada de insólito. Desejava estar só nesse dia: encontrar-se-ia com Alexandre sem testemunhas, como se fosse na estufa.

Ao jantar falou-se do padre Lauzon. Lamentavam que Georges não o tivesse retido. Disseram um gracejo a propósito da festa de S. Aleixo, mas já não se admiravam que os alunos do padre lhe estivessem tão ligados, visto ele mostrar-lhes tantas atenções. Divagaram sobre o lado bom do internato religioso, onde os mestres seguem de perto os rapazes, para os dotar de princípios que farão a sua felicidade na vida.

O padre Lauzon pedira a Georges que o acompanhasse à estação. O cónego-deão, em casa de quem jantava, era

o que pregara em Saint-Claude no dia de Pentecostes, com grandes gestos e grandes gritos. Toda a gente sorrira da sua descrição do Inferno, esses lugares donde nunca mais se volta, nunca mais, nunca mais.

A residência do deão era junto da catedral. Perto da porta, Georges leu esta inscrição: *Campainha nocturna para os sacramentos*. Também ele vinha pelos sacramentos.

O deão felicitou-o por o seu nome vir em bom lugar no jornal. Georges teve de aceitar, para não o desolar, um cálice de licor. «Isto dá forças, ajuda a ser um bom cristão», dizia o deão. Era um homem alegre. Mas o padre Lauzon tinha o bom gosto de apressar as coísas.

— Nós desejávamos, eu e o meu aluno, determo-nos um momento na sua igreja.

Uma porta secreta dava para a grande nave escura. O deão acendeu uma lâmpada por cima da entrada e ajoelhou-se em plena luz. O padre, seguido de Georges, afastou-se para o meio da igreja, que estava às escuras.

Fizeram o sinal da cruz e o padre começou o salmo dos defuntos. Georges pensava ter-se esquecido das palavras, mas vieram-lhe à memória fàcilmente. Lembrou-se do *De profundis* que havia no ofício divino da Septuagésima, dia em que, pela primeira vez, obtivera os olhares do pequeno na capela do colégio. Agora, privado para sempre desses olhares, estava numa catedral — fazia uma dessas visitas piedosas que recomendava o regulamento das férias. Evocou uma visita semelhante, de que fora indirectamente o motivo: a que, durante a Páscoa, o padre Lauzon fizera a uma igreja de S..., para dizer uma oração na companhia de Alexandre, que troçava dele. A oração desta noite era a conclusão de todas as orações.

O padre rezou a oração que segue o salmo: «*Absolve, quaesumus, Domine, animam famuli tui, Alexandri...*» Georges ficou perturbado por ouvir pronunciar em latim, num texto desta espécie, o nome que substituíra pelo de Juvêncio num outro texto: estava-se tão longe de Catulo como do Bem-Amado. Estava igualmente comovido com

as trevas, a solidão. Pensava no tempo em que vinha a esta igreja preparar a sua comunhão, não menos inocente do que Alexandre na época de que lhe falara o padre Lauzon. Deparava-se-lhe a fé da sua infância. Depois de ter acreditado nos signos, ia um pouco mais alto.

O padre prosseguia sòzinho as suas orações em silêncio, mas Georges tivera de súbito o pressentimento de estar mais presente nelas do que com a ponta dos lábios. O eco fazia-se ouvir no fundo do coração. Aos seus olhos, as coisas tomavam um novo aspecto.

Via a origem do que acontecera, mais longe do que a intervenção de um homem ou do destino. Lembrava-se do que lhe diziam da justiça imanente, durante as aulas de Instrução Religiosa. Alexandre e ele haviam sofrido o castigo dos seus pecados. Não porque cometessem aqueles de que Georges se acusara falsamente, aqueles de que o padre Lauzon sabia muito bem que Alexandre não era o culpado, mas tinham cometido outros. Tinham profanado os sacramentos, os lugares santos, a liturgia. O Deus que eles tinham desconhecido vingara-se. Georges teria tomado a sério a protecção dos deuses antigos? Chegara a sua vez de dizer ao Galileu: «Venceste.» A tragédia de Alexandre teria sido uma tragédia cristã, como *Polyeucte*, como a do padre de Trennes. E como os discursos familiares deste, ou como essa peça tão aplaudida pelos curas do campo, terminaria igualmente pela primeira: *Deus*. O padre Lauzon teria a última palavra?

Georges recusou-se a admiti-lo. Repeliu tais ideias, como já o fizera no passado. O garoto não pudera comparecer perante o tribunal de S. Tarsício e S. Pancrácio. O Céu do virtuoso Décalogne e de Nicolau Cornet não era o seu. A morte não o restituíra a Deus. Juntara-o, num outro Céu, aos que o brilho da juventude arrancara à terra e transformara em deuses. Jacinto e Dafne tinham um novo companheiro. Era em sua glória que ardia, perto do altar, a pequena lâmpada vermelha — a lâmpada de fogo e chama, a lâmpada do amor que é forte

como a morte. A cor que não teria sido a do sangue nem a do pecado, retomava o seu primeiro símbolo.

Havia pouca gente nas ruas. De algumas janelas caíam ecos de música. Ao canto da ponte, uns garotos, deitados no parapeito, trauteavam a canção de Lucien:

*Nós somos os dois garotos*
*Que sempre se amarão.*

Os pais chamavam-nos para casa. Georges recordou-se de um canto que não era próprio para as ruas, o cântico da Paixão, que lhe dera Alexandre. Aí também se falava de amor, de um amor que Alexandre não quisera que lhe falassem.

O padre Lauzon e Georges chegaram à estação sem terem trocado uma palavra. Os últimos instantes da entrevista não seriam menos silenciosos que os primeiros.

— Coragem — disse o padre apertando a mão do companheiro. — Escreva-me quando estiver triste. No próximo ano teremos muito que falar. É preciso que seja um ano santo.

— Talvez — replicou Georges. — Vejo que dissemos tudo quanto tínhamos a dizer.

Agora que voltava só, estava pronto a seguir Alexandre. Não teria ouvido nem os conselhos nem as ordens. Escutaria aquele que falava uma linguagem que nem Lucien nem o padre Lauzon podiam compreender e que ele próprio compreendera demasiado tarde. Mas o garoto não levara tudo. Georges ficava e cumpriria um sonho: a sua vida seria a de Alexandre; Georges de Sarre seria na alma Alexandre Motier. Esta aliança dos nomes já não era a brincadeira de botânica sobre Jacinto; como tantas coisas que haviam dito, o acontecimento tê-la-ia executado.

Ao longe, o apito de um comboio fez-se ouvir. Georges pensou na sua partida de Janeiro, quando era ainda um desconhecido para esse garoto a que se juntara, já tão apaixonado e ansioso. Pensou em seguida na partida de

segunda-feira próxima. A viagem pareceu-lhe uma última etapa entre o passado e o futuro, uma última escolha que lhe era oferecida entre todos os seus projectos sucessivos. Há pessoas que se matam junto de um túmulo. Que inspiraria a Georges o de Alexandre? Ser-lhe-ia pelo menos um bom motivo de meditação. Seria, se ele o quisesse, o seu próprio túmulo. Evocava o que o teria levado até ali com este garoto: os obstáculos, as ilusões, o excesso de razão, o excesso de contra-senso.

Deteve-se um momento na ponte e olhou o rio. Era o sítio, agora deserto, onde há pouco se cantara a sua canção. Numa tarde de Junho, margens mais felizes tinham-lhe mostrado Alexandre vindo banhar-se. O sol, a água pura, o campo em flor, haviam dado lugar às trevas, a estas águas sujas, a estes cais solitários. O rio, no entanto, seduzia Georges, chamava-o, dizia-lhe que o seu abraço era também um bom meio de dar cabo dele, um meio imediato e clássico. Georges teve uma espécie de vertigem. As ideias dessa manhã retomavam força, embelezadas pelo poder da noite? Tocou, como se fosse um talismã, na carteira que continha a mais cara de todas as heranças: os bilhetes que tinham sido guardados junto do coração do garoto ou escritos pelo seu punho, a fotografia cujos olhos se abririam para sorrir e perdoar, a gravura grega que recebera o seu beijo. Não era possível que isto não tivesse produzido senão o nada. Cabia a Georges prová-lo. O futuro, iluminado pelo passado, seria a sua desforra. Entretanto, à maneira de sacrifício propiciatório, tirou o anel e lançou-o por cima do parapeito. Um clarão dançava à superfície da água, como as chamas desse brasão que tinham devorado Alexandre. Mas, semelhante ao filho de Elêusis, as chamas tinham-no purificado e entregavam-no a um destino maior e mais misterioso. Recomeçando a andar, Georges levantou os olhos para contemplar as estrelas. Havia tantas como no céu de 10 de Julho que vira do dormitório, mas essas anunciavam-lhe uma manhã luminosa. Fora a elas que Alexandre falara

dele, e foi a elas que Georges se dirigiu, falando a Alexandre:

«Não és o rapaz das orações e das lágrimas, mas o garoto do meu amor, das minhas esperanças, da minha certeza. Não estás morto, passaste apenas durante uns momentos para a outra margem. Não és um deus, és o rapaz que eu sou, respiras em mim, o meu sangue é o teu. O que eu tenho, és tu que o possuis verdadeiramente. Tal como o tínhamos desejado, a partir de agora estaremos sempre juntos, e cabe-me a mim dizer: Como é belo: *Sempre!*»

Aproximava-se de casa. Ia entrar com um hóspede escondido que nunca mais o deixaria. Começava para eles uma nova existência. O luto de hoje pertencia ao passado. Amanhã era o aniversário de Georges, o primeiro aniversário de Georges e de Alexandre. Amanhã fariam quinze anos.

FIM

EMPRESA TIPOGRÁFICA
CASA PORTUGUESA
RUA DAS GÁVEAS, 109
L I S B O A